"Fiercely truthful, this book twisted my heart around and handed it to me. This is one you definitely don't want to miss."
—COURTNEY COLE, NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR OF IF YOU STAY
a novel
ONE TINY LIE
K.A. TUCKER
AUTHOR OF TEN TINY BREATHS

Livie sempre foi a mais estável das irmãs Cleary, lidando com a morte trágica de seus pais e a fase auto-destrutiva da sua irmã Kacey com força e maturidade. Mas embaixo dessa pose forte, há uma menininha. Se segurando nas últimas palavras que seu pai lhe disse: "Me deixe orgulhoso!" - ele disse.

Ela prometeu que iria... e ela fez o seu melhor nos últimos sete anos, com cada escolha, com cada palavra, com cada ação.

Livie, entrou em Princenton com um plano concreto, e ela está determinada em conquistá-lo: Arrebentar nas aulas, entrar na Faculdade de Medicina, e conhecer um cara bom e respeitável, com quem ela iria um dia se casar. O que não era parte do seu plano: Jelly-Shots, uma companheira de quarto adorável e festeira, a quem ela não podia dizer "não" e Ashton, o deslumbrante capitão do time masculino de remo. Definitivamente ele. Ele é um idiota arrogante, que faz o temperamento normalmente não existente de Livie ferver, e é tudo que ela não quer num cara. Pior, ele é o melhor amigo e companheiro de quarto de Connor, que acontece de se encaixar nos critérios de Livie perfeitamente. Então por que ela continua pensando em Ashton?

Enquanto Livie se encontra enfrentando notas medíocres, planos de carreira que ela não acha que pode mais lidar, e sentimentos por Ashton que ela não deveria ter, ela é forçada a abandonar a promessa que fez para seu pai, e com isso, a única identidade que ela conhece.

Eu vou embora.

Eu ando longe das vozes, dos gritos, da decepção.

Afasto-me de minhas decepções, meus erros, meus arrependimentos.

Afasto-me de tudo o que eu deveria ser e tudo o que eu não posso ser.

Pois tudo isso é uma mentira.

Capítulo 01

Muito Perfeita

Junho

— Livie, eu acho que você está completamente fodida.

Pedaços de cheesecake voam para fora da minha boca e espirram contra o painel de vidro da varanda quando eu engasgo no garfo. Minha irmã tem um senso de humor distorcido. Eu atribuo automaticamente sua declaração a isso.

— Isso não é engraçado, Kacey.

— Você está certa. Não é.

O jeito que ela diz – seu tom calmo, suave - envia uma ondulação estranha através do meu estômago. Limpando o resto de cheesecake do meu lábio inferior, me viro procurando no seu rosto,

alguma dica - algo para expor seu jogo. Eu não vejo nenhuma. — Você não está falando sério, não é?

— Como um ataque cardíaco.

Uma bolha de pânico sobe na minha garganta. — Você está usando drogas de novo?

Ela responde com um olhar plano.

Eu não tomo isso como verdade, no entanto. Eu me inclino para frente e estudo o seu rosto, procurando por sinais - pupilas dilatadas, olhos vermelhos - traços de um usuário que comecei a reconhecer quando eu tinha doze anos. Nada. Nada além de olhos azuis cristalinos olhando para mim. Permito-me um pequeno suspiro de alívio. Pelo menos não estamos voltando por esse caminho.

Com uma risadinha nervosa e sem ideia de como responder, eu espero o meu tempo com outra garfada de bolo. Só que agora o sabor caramelo doce ficou amargo e a textura é áspera. Eu forço para baixo com um engolir em seco.

— Você é muito perfeita, Lívia. Tudo que você faz, tudo que você diz. Você não pode fazer nada errado. Se alguém lhe der um tapa no rosto, você se desculpa com ele. Eu não posso acreditar que você não me confronta por algumas das coisas que *eu* digo. É como se você não fosse capaz de ficar com raiva. Você pode ser a criança amada de Madre Teresa e Gandhi. Você é... — Kacey faz uma pausa como se estivesse procurando a palavra certa. Ela resolve ir com — Muito fodidamente perfeita!

Eu tremo. Kacey lança F-bombas como algumas pessoas lançam moedas de um centavo. Eu me acostumei com isso anos atrás, e, no entanto, cada uma delas ainda sinto como um soco no nariz agora.

— Um dia desses, eu acho que você vai estourar e virar Amélia Dyer[1] para cima de mim.

— Quem? — Eu franzo a testa enquanto a minha língua trabalha nos últimos pedaços de bolo farinhento do céu da minha boca.

Ela acena com a mão indiferente para mim. — Oh, a mulher em Londres que matou centenas de bebês...

— Kacey! — Eu olho para ela.

Com um rolar de olho, ela murmura, — Enfim, isso não é o ponto. O ponto é que Stayner concordou em falar com você.

Isso está ficando mais ridículo a cada segundo. — O quê? Mas... Eu... mas... Dr. Stayner? — Eu cuspo. *O terapeuta de estress pós-traumático dela*? Minhas mãos começam a tremer. Eu coloco meu prato sobre uma mesa lateral, antes de soltá-lo. Quando Kacey chegou para mim e sugeriu em assistir o pôr do sol da praia de Miami do nosso deck, eu pensei que ela estava sendo doce. Agora eu vejo que ela estava planejando uma intervenção louca que eu não preciso. — Eu não estou sofrendo de estress pós-traumático, Kacey.

— Eu não disse que você esta.

[1] Amélia Dyer é uma das serial killers mais famosas do mundo.

— Bem, então, de onde tudo isso está vindo?

Ela não me dá uma razão. Ela me dá o olhar padrão de culpa de todas as mães. — Você me deve, Livie, — diz ela em um tom uniforme. — Quando você me pediu para ir para a terapia de internação há três anos, eu fiz isso. Para você. Eu não queria, mas...

— Você *precisava*! Você era uma bagunça! — Isso é colocá-la em ânimo leve. O acidente dirigindo bêbada que matou nossos pais há sete anos enviou Kacey em um espiral para baixo em uma névoa de drogas no fundo do poço, casos de uma noite, e violência. Então, há três anos, mesmo o fundo do poço caiu debaixo dela. Eu tinha certeza que eu a tinha perdido.

Mas o Dr. Stayner a trouxe de volta para mim.

— Eu precisava, — admite ela, franzindo os lábios. — E eu não estou pedindo para você se comprometer a terapia hospitalar. Eu estou pedindo para você atender ao telefone quando Stayner chamar. Isto é tudo. Por mim, Livie.

Isto é completamente irracional - totalmente insano - e ainda posso ver pela maneira como os punhos de Kacey estão enrolados ao seu lado e ela morde o lábio inferior que ela não está brincando. Ela está genuinamente preocupada comigo. Eu mordo minha língua e me viro para olhar para fora no último raio de sol poente dançando sobre a água. E eu considero.

O que na terra Dr. Stayner poderia me dizer? Eu sou uma estudante nota “A” a caminho de Princeton e, depois disso, escola de medicina. Eu amo crianças e animais e idosos. Eu nunca tive o desejo

de puxar asas de insetos ou fritá-los com uma lupa. Claro, eu não gosto muito de atenção. E eu tendo a suar profusamente em torno de caras atraentes. E eu provavelmente vou arruinar o meu primeiro encontro. Se eu não derreter em uma poça de suor antes que alguém tenha a chance de me convidar para sair.

Tudo o que dificilmente significa que estou a dois passos de me tornar a próxima psicopata assassina em série. Ainda assim, eu gosto e respeito o Dr. Stayner, apesar de suas peculiaridades. Falar com ele não seria desagradável. Seria uma conversa rápida...

— Eu suponho que um telefonema não vai doer, — murmuro, acrescentando: — e então temos de falar sobre esse curso de psicologia que você está fazendo. Se você vê bandeiras vermelhas acenando ao redor da minha cabeça, então eu estou começando a duvidar de sua carreira de sucesso em longo prazo.

Os ombros de Kacey cedem com alívio quando ela resolve voltar contra sua poltrona, com um sorriso satisfeito tocando seus lábios.

E eu sei que fiz a escolha certa.

* * *

Setembro

Às vezes na vida você toma uma decisão e se encontra questionando-a. Muito. Você não se arrepende, exatamente. Você sabe que *provavelmente* fez a escolha certa e que é *provavelmente*

melhor para você. Mas você não gasta muito tempo se perguntando o que diabos você estava pensando.

Eu ainda me pergunto por que eu concordei com aquele telefonema. Pergunto-me diariamente. Eu definitivamente estou me perguntando isso agora.

— Eu não estou sugerindo que você estrele um vídeo *Girls Gone Wild*[2], Livie. — Ele já está ligando esse tom suave, autoritário que ele usa para repressão.

— Como eu poderia saber? Três meses atrás, você me sugeriu ter uma conversa com um orangotango. — É uma história verídica.

— Já faz três meses? Como o velho Jimmy está indo?

Eu mordo minha língua e respiro fundo antes de dizer algo arrogante. — Agora não é uma boa hora, Dr. Stayner. — E não é. Verdadeiramente. O sol está brilhando, o ar é quente, e eu estou no carro com minha mala rosa e um cacto através de um cenário pitoresco para meu dormitório, juntamente com milhares de outros alunos confusos e pais afobados. É o dia da mudança e eu ainda posso vomitar por causa da viagem de avião. Uma das chamadas de guerrilheiro-tático do Dr. Stayner definitivamente não é o que eu quero agora.

E, no entanto, aqui estamos nós.

— Não, Livie. Provavelmente não. Talvez você devesse ter remarcado a sessão de terapia comigo, sabendo que você estaria em

[2] Vídeo da Cantora Madonna, tradução literal – Garotas Ficam Selvagens.

um avião para Nova Jersey, esta manhã. Mas você não fez, — aponta Dr. Stayner calmamente.

Olhando da esquerda para a direita, para garantir que ninguém ouve a conversa, os meus ombros curvam e minha voz cai quando eu sussurro: — Não há nada para reagendar porque eu não estou em terapia.

Okay. Então, isso não é inteiramente verdade.

Não é totalmente verdade, desde a agradável noite de junho, quando a minha irmã me emboscou com cheesecake. Dr. Stayner me telefonou na manhã seguinte. Na forma típica Stayner, suas primeiras palavras para mim não eram — Olá, — ou — Bom falar com você de novo. — Ele simplesmente disse: — Então, ouvi dizer que é uma bomba-relógio.

O resto da conversa tinha ido bem. Nós conversamos sobre a minha carreira acadêmica impecável, a minha falta de vida amorosa, minhas esperanças e sonhos, meus planos para o futuro. Passamos um pouco de tempo falando de meus pais, mas ele não se debruçou nisso.

Depois que eu desliguei, eu me lembro de sorrir, certo de que ele diria a Kacey que eu estava bem e bem ajustada e que ela poderia continuar sua caça às bruxas dos instáveis mentalmente em outro lugar.

Quando esse mesmo número de Chicago apareceu no meu telefone na manhã do sábado seguinte, às dez horas em ponto, eu estava mais do que surpresa. Mas eu atendi. E eu fui atendendo

todos os sábados às dez horas desde então. Eu nunca vi um projeto de lei ou um registro de paciente ou o interior do consultório de um psiquiatra. Nós dois dançamos em torno da palavra “terapia”, mas nunca usamos antes desta conversa. Talvez por isso eu me recuse a reconhecer Dr. Stayner para o que ele é.

Meu terapeuta.

— Tudo bem, Livie. Eu vou deixar você ir. Vamos retomar a nossa *conversa* no próximo sábado.

Eu reviro os olhos, mas não digo nada. Não há nenhum ponto. Eu iria mais longe arrastando uma mula através de um campo de feno.

— Certifique-se de tomar uma dose de tequila. Dance. O que quer que os jovens façam hoje em dia durante a semana de calouros. Vai ser bom para você.

— Você está recomendando vício e movimentos de dança com risco de vida para o meu bem-estar? — Era bastante óbvio no segundo telefonema que Dr. Stayner decidiu assumir a tarefa de — tratar— a minha timidez estranha com um curso semanal de tarefas absurdas, muitas vezes constrangedoras, mas no final inofensivas. Ele nunca admitiu que ele estava fazendo, nunca se explicou. Ele só esperava que eu obedecesse.

E eu sempre obedeço.

Talvez por isso que eu estava em terapia.

A coisa surpreendente é que tem *funcionado.* Três meses de tarefas descuidadas tem realmente ajudado a acalmar meus nervos em torno de multidões, liberado meus pensamentos interiores, e me armado com confiança o suficiente para que o suor não instantaneamente saia dos meus poros quando um homem atraente entra na sala.

— Eu sugeri tequila, Livie. Não cocaína... E não, eu não estou *recomendando* tequila porque você tem apenas dezoito anos e eu sou um médico. Isso seria altamente anti-profissional. Eu estou recomendando que você vá e *divirta-se*!

Eu dou um suspiro de resignação, mas sorrio quando eu digo, — Você sabe, eu *era* normal. Eu acho que *você* me transformou em um caso mental.

Meu ouvido recebe uma explosão de gargalhadas. — 'Normal' é chato. Tequila, Livie. Transforma lagartas em borboletas. Talvez você até encontre, — ele suspira para um dramático efeito — um menino!

— Eu realmente tenho que ir, — eu disse, sentindo meu rosto corar enquanto eu subo os degraus de concreto para o salão deslumbrante da minha residência em estilo Hogwarts.

— Vá! Faça memórias. Este é um dia feliz para você. Uma vitória. — A voz do Dr. Stayner perde essa cadência lúdica, de repente fica rouca. — Você deve se orgulhar.

Eu sorrio para o telefone, feliz pelo momento de seriedade. — Eu estou, Dr. Stayner. Mas... obrigado. — Ele não diz as palavras, mas eu ouvi. *Seu pai ficaria orgulhoso.*

— E lembre-se: — A melodia está de volta.

Eu rolo os olhos para o telefone. — Eu entendi. ‘Garotas se divertem razoavelmente’. Eu vou fazer o meu melhor. — Eu posso o ouvir rindo enquanto eu pressiono “fim” na chamada.

Capítulo 02

Tiros de Gelatina

Devia ser assim que a Cinderela se sentia.

Se, em vez de deslizar graciosamente ao redor da pista de dança do baile real, ela fosse esmagada contra uma parede em uma festa da faculdade, sendo empurrada por bêbados de todos os lados.

E, em vez de um deslumbrante vestido de baile glamouroso, ela estivesse em uma furtiva túnica, que tem que puxar para garantir que todas as partes vitais do seu corpo fossem cobertas.

E, em vez de uma fada madrinha concedendo-lhe todos os desejos, ela tivesse uma irmã mais velha detestável forçando tiros de gelatina em sua garganta.

Eu sou apenas como Cinderela.

— Acordo é acordo! — Kacey grita sobre o DJ e me entrega um pequeno copo. Eu aceito sem dizer uma palavra e derrubo minha cabeça para trás, deixando a substância laranja escorregadia deslizar na minha garganta. Estou gostando dessa coisa. Muito. Claro, eu não vou admitir para minha irmã. Eu ainda estou amarga que ela me chantageou para fazer a minha primeira noite na faculdade também minha primeira noite para ficar bêbada. Sempre. Era isso ou tê-la entrando no meu dormitório vestindo uma camiseta com a minha cara nela e um slogan dizendo: — Libere a libido da Livie. — Ela estava falando sério. Ela realmente tinha a maldita coisa impressa.

— Pare de ser tão rabugenta, Livie. Você tem que admitir, é divertido, — Kacey grita, entregando-me mais dois tiros. — Mesmo que nós estamos usando lençóis. Quero dizer, sério. Quem ainda faz festa de túnica?

Ela continua falando, mas eu desligo, sugando os tiros de volta em rápida sucessão. Será que foram muitos na última hora? Estou me sentindo muito bem agora. Descontraída, mesmo. Mas eu nunca tinha bebido antes, então o que eu sei? Estes não podem ser muito potentes. Não é como se fosse tequila.

Droga de Stayner! Eu deveria saber que ele iria arrastar Kacey para fazer seu trabalho sujo. Ele vem fazendo isso durante todo o verão. Claro, eu não tenho nenhuma prova sólida para escapada de hoje. Mas se Kacey sacar uma garrafa de Patrón[3], eu tenho a minha resposta.

[3] - Marca de Tequila

Com um suspiro, eu me inclino contra a parede fria e deixo meu olhar derivar sobre o mar de cabeças. Eu não sei exatamente onde estamos só que é uma festa em uma casa bem ao lado do campus. Uma festa bem planejada, também, completa com um DJ improvisado para uma multidão de pessoas, - alguns dançando, mais tropeçando - no centro do um grande espaço aberto. Luzes comuns foram substituídas por luzes coloridas, piscante e um estroboscópio tornando o local mais parecido com um clube do que uma casa. Eu suponho que os proprietários normalmente têm móveis aqui. Hoje à noite, cada peça desapareceu. Todas, exceto um grupo de bancadas que revestem o perímetro, fornecendo copos de plástico vermelho para os barris de cerveja escondidos embaixo e segurando bandejas desses deliciosos tiros que eu não consigo parar de beber. Deve haver centenas de pessoas. Milhares. Milhões!

Okay. Eu talvez eu esteja bêbada.

Um pequeno corpo curvilíneo vem passando por mim vibrando com a música, me fazendo instantaneamente sorrir. Essa é Reagan, minha nova colega de quarto, e a única pessoa aqui além de minha irmã com quem eu conversei. A cada ano, os alunos são inseridos em um sorteio de dormitórios. Os calouros obtém o bônus de companheiros casuais. Mesmo que nos conhecemos hoje, eu tenho certeza que eu vou amar Reagan. Ela é borbulhante e extrovertida e fala a mil por hora. Ela também é muito artística. Depois que mudamos nossas coisas em nosso quarto, ela fez uma placa para a porta com os nossos nomes em caligrafia, cercado por corações e flores, beijos e abraços. Eu acho que ficou realmente doce. Kacey pensa que grita “casal de lésbicas”.

No segundo que atravessamos as portas, Reagan tinha ido embora, conversando com um grupo de rapazes. Considerando que ela é uma caloura, ela parece conhecer um monte de gente. A maioria do sexo masculino. Foi ela quem sugeriu vir esta noite, caso contrário, teríamos terminado em um dos muitos eventos organizados do campus que eu tinha toda a intenção de ir até Kacey acabar com meus planos. Aparentemente, alunos de Princeton que vivem fora do campus são raros e, portanto, estas festas em casa nunca devem ser desperdiçadas.

— Tudo bem, Princesa. Beba isso, — diz Kacey, pegando uma garrafa de água do ar, ela acrescenta: — Eu não quero você vomitando esta noite.

Eu levo a garrafa e deixo o líquido frio despejar em minha boca. E imagino o projétil de vômito do meu jantar em Kacey. Seria bem feito para ela.

— Oh, vamos lá, Livie! Pare de ficar com raiva de mim. — A voz de Kacey consegue um sotaque choroso, um sinal de que ela está sinceramente se sentindo culpada. E então eu começo a me sentir culpada por fazê-la se sentir culpada...

Eu suspiro. — Eu não estou brava. Eu só não entendo por que você está em uma missão para me embebedar. — Foi um motorista bêbado que matou nossos pais. Eu acho que é uma das principais razões pelas quais eu tenho evitado tudo que tenha álcool até agora. Kacey mal toca nessas coisas também. Embora ela parecesse estar fazendo esta noite.

— Eu estou em uma missão para me certificar que você se divirta e conheça pessoas. É a semana de caloura do seu primeiro ano de faculdade. É uma coisa de uma — vez-na-vida. — Deve envolver grandes quantidades de álcool e pelo menos uma manhã com a cabeça no vaso sanitário. — Eu respondo com um rolar de olhos, mas não discuto. Virando-se para me encarar, ela joga os braços sobre meus ombros. — Livie. Você é minha irmã e eu te amo. Nada sobre a sua vida tem sido normal nos últimos sete anos. Hoje à noite, você vai viver como uma normal e irresponsável garota de dezoito anos de idade.

Lambendo meus lábios, eu a corto dizendo — É ilegal para uma garota de dezoito anos de idade beber. — Eu sei que o meu argumento é inútil contra minha irmã, mas eu não me importo.

— Ah sim. Você está certa. — Deslizando uma mão sob sua túnica para chegar ao bolso de sua bermuda, ela pega o que parece ser uma carteira de motorista. — E é por isso que você tem vinte e um anos de idade, Patrícia de Oklahoma, se a polícia aparecer.

Eu deveria saber que a minha irmã teria todas as suas bases cobertas.

A música começa a pegar ritmo, e meus joelhos se movem junto com a batida. — Você vai dançar comigo em breve! — Kacey grita quando ela me dá mais dois tiros. Quantos são agora? Eu já perdi a conta, mas a minha língua parece engraçada. Envolvendo o braço em volta do meu pescoço, minha irmã me puxa para baixo, então estamos cara a cara. — Ok, pronto? — Diz ela, segurando o telefone

na frente de nós. Eu ouço: — Sorria! — quando o flash apaga-se. — Para Stayner.

Aha! Prova!

— Saúde! — Kacey bate seu copinho para o meu e, em seguida, inclina a cabeça e chupa de volta, rapidamente seguido por outro. — Oh, os azuis! Eu volto em um segundo! — Como um golden retriever perseguindo um esquilo, Kacey segue um cara equilibrando uma bandeja grande em volta do seu ombro, ignorando as cabeças girando quando ela passa. Entre seu cabelo feroz vermelho, rosto marcante, e as curvas musculares, minha irmã *sempre* vira as cabeças. Duvido que ela sequer perceba isso. Ela definitivamente não é desconfortável sobre isso.

Eu suspiro quando eu a vejo. Eu sei o que ela está fazendo. Além de me embebedar, é claro. Ela está tentando me distrair da parte triste de hoje. Que meu pai não está aqui no único dia em que ele deveria estar. No dia em que eu começo em Princeton. Este foi sempre o seu sonho, depois de tudo. Ele era um graduado orgulhoso e ele queria tanto que suas garotas fossem para lá. As notas de Kacey caíram após o acidente, o que não permitiu essa possibilidade, deixando para mim. Então, eu estou vivendo o seu sonho e meu sonho, também, e ele não está aqui para me ver fazer isso.

Eu tomo uma respiração profunda e silenciosamente aceito o que quer o destino - e por destino que quero dizer tiros de gelatina-, tem reservado para mim esta noite. Eu certamente estou menos nervosa do que eu estava quando eu passei por aquelas portas. E a atmosfera vibrante é muito legal. Estou na minha primeira festa da

faculdade. Não há nada de errado com isso ou comigo por estar aqui e gostando, eu me lembro.

Com um lance de tiro em minha mão, eu fecho meus olhos e deixo meu corpo sentir a batida pulsante da música. Solte-se, divirta-se. Isso é o que Stayner sempre me diz. Eu jogo minha cabeça para trás, eu espremo o fundo do copo e levo aos lábios, deslizando minha língua para fora para limpar a bagunça em minha boca. Sinto-me como uma profissional.

Com exceção de um erro amador - eu nunca deveria ter fechado os meus olhos.

Se eu não tivesse, eu não teria parecido como um pintinho bêbado fácil. E eu teria o visto chegando.

O sabor picante de laranja apenas tocou meu paladar quando um braço forte prende em volta da minha cintura pela frente e me puxa para longe da segurança da minha parede. Meus olhos se abrem largos quando me sinto pressionada de volta contra o peito de alguém, um braço musculoso serpenteando ao redor do meu corpo. No próximo batimento cardíaco, e não o meu, porque o meu parou de bater por completo, uma mão agarra tanto o meu queixo e o copo contra meus lábios e inclina a cabeça para trás, por isso é voltado para cima em um ângulo. Eu sinto um cheiro almiscarado de colônia numa fração de segundo antes do cara se inclinar e sua língua deslizar contra a minha, girando ao redor e persuadindo um pouco antes de tirar a gelatina da minha boca. Tudo acontece tão rápido que eu não tenho nenhuma chance de pensar ou reagir ou colocar a língua na minha boca. Ou morder a língua invasora fora.

É tudo em um segundo, me deixando trêmula, sem fôlego, e segurando a parede enquanto os meus joelhos tremem. Demoro alguns segundos para recuperar a compostura, e quando eu faço, meu cérebro processa o rugido alto de aprovação atrás de mim. Eu giro ao redor para encontrar um grupo de altos e musculosos rapazes, todos em túnicas estrategicamente envoltas para mostrar os bem definidos músculos, aplaudindo e batendo o cara na parte de trás, como se ele acabasse de ganhar uma corrida. Eu não posso ver seu rosto. Tudo o que eu posso ver é um cabelo ondulado castanho escuro, quase preto e as cristas sólidas de suas costas.

Eu não sei quanto tempo eu estou lá com a minha boca aberta, olhando, mas um dos rapazes do grupo finalmente percebe. Ele lança um olhar furtivo para o ladrão de gelatina, projetando a cabeça em minha direção.

Que diabos que eu vou dizer? Sem ser muito óbvia, eu freneticamente olha na sala procurando o cabelo vermelho-fogo da minha irmã. Onde ela está? Ela saiu, me deixando aqui para lidar com eles... Minha respiração para quando eu assisto o ladrão de gelatina virar lentamente para me encarar.

A língua desse cara estava na minha boca? Esse cara... Este Adônis alto, gigante, com cabelos escuros ondulados, pele bronzeada e um corpo para seduzir uma freira cega... Colocou a língua na minha boca.

Oh Deus. O suor está de volta! Todas essas semanas de terapia para nada! Eu sinto o suor escorrer para baixo entre as minhas omoplatas enquanto seus olhos cor de café fazem uma verificação

rápida para baixo e para cima do meu corpo antes de parar em meu rosto. E então, um lado de sua boca se curva para cima e ele me oferece um sorriso arrogante. — Nada mal.

Eu ainda não sei quais minhas primeiras palavras teriam sido. Mas então ele tinha que ir e dizer essas duas pequenas palavras com aquele sorriso arrogante...

Então eu puxo para trás e soco ele na mandíbula.

Eu só soquei uma outra pessoa antes. O namorado da minha irmã, Trent, e isso foi porque ele quebrou o coração de Kacey. Levou semanas para que minha mão curasse. Desde então, Trent me ensinou como dar um soco, com o polegar em volta do lado de fora de meus dedos e meu pulso inclinado para baixo.

Eu realmente amo Trent agora.

Eu ouço as gargalhadas em torno de nos quando o ladrão de gelatina esfrega o queixo, fazendo uma careta e ajustando-o desta forma para testá-lo. É assim que eu sei que doeu. Se eu não estivesse tão abalada com o fato de que esse cara tinha apenas me segurado a força e me beijado, eu provavelmente teria um sorriso gigante no meu rosto. Ele mereceu. Ele não apenas roubou o meu tiro, ele roubou o meu primeiro beijo.

Ele dá um passo em minha direção e eu instintivamente recuo, apenas para descobrir minhas costas pressionadas contra a parede mais uma vez. Um sorriso malicioso se arrasta sobre a sua boca, como se soubesse que eu estou encurralada e ele está satisfeito com isso. Fechando a distância, com os braços esticados, suas mãos

pressionando contra a parede em cada lado do meu rosto, seu largo corpo, sua altura elevada, toda a sua presença de forma eficaz me mantendo dentro e de repente eu não consigo respirar. Isso é sufocante. Tento olhar ao seu redor, olhando para a minha irmã, mas eu não consigo ver nada além de carne e músculo. E eu não sei para onde olhar, porque não importa onde eu olhe, ele está lá. Finalmente, eu arrisco um olhar para cima. Olhos aquecidos, escuros como a noite na minha cara. Eu engoli, meu estômago fazendo várias cambalhotas completas.

— Isso é um inferno de um soco para alguém assim tão... — Ele se move de um lado para baixo e mais perto do meu braço. Eu sinto um polegar passar ao longo do meu bíceps. “Feminino”. Eu tremo responsavelmente e uns flashes visuais passam pela minha mente, um coelho tremendo encurralado por um lobo. Ele inclina a cabeça e eu pego um traço de curiosidade passando. — Então você é tímida... Mas não muito tímida para me dar um soco na cara. — Há uma pausa, e então ele me oferece outro sorriso torto misturado com arrogância. — Sinto muito, eu não pude evitar. Você parecia estar gostando dos tiros. Eu tinha que provar por mim mesmo.

Engolindo em seco, eu consigo puxar meus braços para cima sobre o meu peito em uma tentativa de forçar uma barreira entre o seu peito e o meu. Minha voz decididamente instável, eu digo: — E daí?

O sorriso se alarga, os olhos param e olham para a minha boca por tanto tempo que eu não acho que eu vou conseguir uma resposta dele. Mas eu finalmente consigo. E vem após ele lamber o lábio inferior. — E eu poderia ir para outro. Você lança?

Meu corpo instintivamente pressiona contra a parede, quando eu tento me fundir nela, para fugir de um cara e qualquer intenção lasciva que ele tem.

— Tudo bem, já chega! — Uma onda de alívio derrama sobre mim quando uma delicada mão desliza entre nós, caindo contra o peito nu do ladrão de gelatina o empurrando de volta. Ele recua lentamente, braços levantados como se estivesse se rendendo. Ele se vira para reunir a seus amigos.

— Um caminho para começar, Livie. Eu acho que isso deve manter Stayner fora suas costas por um tempo, — diz Kacey, apenas capaz de obter as palavras através de seu riso. Ela está rindo!

— Não é engraçado, Kacey! — Eu assobio. — Esse cara me *forçou*!

Ela revira os olhos, mas então, depois de uma longa pausa, suspira. — Sim, você está certa. — Chegando mais, ela aperta o braço do cara sem hesitação. — Ei, amigo!

Ele se vira para trás em direção a nós com uma carranca, murmurando — porra— quando ele esfrega seu braço. A carranca dura apenas um segundo antes de ele ver o olhar de Kacey. Ou melhor, seu rosto e seu corpo. E então aquele sorriso estúpido está de volta. Surpresa enorme.

— Se você fizer isso com ela de novo, eu vou esgueirar-se em seu quarto e rasgar suas bolas, enquanto você dorme. Capisce?[4], —

[4] Capisce: palavra italiana que significa entende.

Avisa com um dedo apontado. Na maioria das vezes as ameaças da minha irmã envolvem a mutilação dos testículos.

O ladrão de gelatina não responde em primeiro lugar. Ele simplesmente olha para ela e para mim com o seu próprio olhar, completamente imperturbável. Mas então seu olhar lampeja para trás e para frente entre nós duas. — Vocês são irmãs? Vocês são parecidas. — Isso acontece sempre, então eu não estou surpresa, mas eu não vejo isso. Nós duas temos os mesmos olhos azuis e pele pálida. Mas meu cabelo é preto escorrido e eu sou mais alta do que Kacey.

— Bonito e inteligente. Você tem um verdadeiro vencedor em suas mãos, Livie! — Kacey grita extremamente alto para nós dois ouvirmos.

Ele encolhe os ombros e o sorriso arrogante está de volta. — Eu nunca tive duas irmãs... — Ele começa com uma sobrancelha arqueada sugestiva.

Oh. Meu. Deus.

— E você nunca terá. Não estas duas irmãs, de qualquer maneira. —

Ele encolhe os ombros. — Não ao mesmo tempo, talvez. — — Não se preocupe. Quando minha irmã bebê for transar, pela primeira vez, não vai ser com você.

— Kacey! — Eu suspiro, meus olhos correndo para o seu rosto, orando para que a música alta abafasse suas palavras. Pelo lampejo de surpresa que eu detecto lá, eu sei que isso não aconteceu.

Eu agarro o seu braço e puxo-a para longe. Ela já está pulverizando desculpas catódicas. — Nossa Livie. Sinto muito. Eu acho que eu estou bêbada. Boca aberta.

— Sabe o que você acabou de fazer?

— Pintei um grande 'VIRGEM' nas suas costas? — Kacey confirma com o rosto enrugando.

Com um olhar cauteloso sobre o meu ombro, eu encontro ele de volta com um grupo de rapazes, rindo enquanto ele toma goles de sua cerveja. Mas aqueles olhos penetrantes ficam em mim. Quando ele me pega olhando, ele pega um dos copos do amigo. Ele segura, fazendo um show de sua língua deslizando por cima antes arqueando as sobrancelhas e murmurando, — Sua vez?

Minha cabeça chicoteia de volta e esclareço para a minha irmã. Dizendo: — Eu deveria ter deixado você usar a maldita camiseta! — Eu posso ser inexperiente e ingênua em algumas maneiras, mas eu sei muito bem que para um cara *deste*, descobrir uma virgem de dezoito anos de idade, é a sua ideia de encontrar o pote ilusório de ouro no final do arco-íris.

— Sinto muito... — Ela encolhe os ombros, olhando para ele. — Tenho que admitir que ele é quente, Livie. Ele se parece com um modelo de cueca Mediterrâneo. Não haveria nenhuma situação a constrangedora na manhã seguinte ali.

Eu suspiro. Eu não sei por que Kacey parece teimar em mudar o meu — cartão V. — Durante anos, ela nunca se importou. Na verdade, ela parecia feliz que eu não namorei na escola. Mas ultimamente ela tem sido impulsionada por essa noção de que eu estou sexualmente reprimida. Eu juro que eu estou começando a odiar a sua escolha em cursar psicologia.

— Basta olhar para ele!

— Não, — eu me recuso obstinadamente.

— Tudo bem, — ela murmura, pegando quatro tiros de fora de um prato que um sujeito com uma saia de escocês, - saia de escocês, em uma festa de túnica? — Mas, se você estiver pensando em perder a sua virgindade a qualquer hora, eu aposto que *ele* teria uma maneira memorável para fazê-lo. Tenho certeza de que ele pode rapidamente te atualizar em tudo o que você perdeu nos últimos anos.

— Incluindo gonorreia e câncer? — Murmuro, olhando para os dois copos de tiro azuis na minha mão. Eu sou grata pelo escuro quando eu sinto meu rosto corar profundamente. Trazendo um único copo para minha boca como eu tinha feito antes, eu deixo a minha língua fluir na parte de cima dele, revivendo mentalmente os segundos - que eu me recuso a admitir que foi o meu primeiro beijo, - daquela *coisa* que ele fez comigo.

— Virando! — Kacey suga de volta em rápida sucessão.

Eu sigo sua liderança com o primeiro. Com o segundo em minha boca, eu estupidamente arrisco um olhar de lado, supondo que

ele se mudou para outra vítima inocente. Mas ele não. Ele está lá, cercado por algumas meninas, uma com a mão contra a tatuagem em seu peito. Mas ele ainda está me observando. Ainda sorrindo. Só que agora é este estranho sorriso, escuro, como se ele tivesse um segredo.

Eu acho que ele tem. Meu segredo.

A emoção nervosa dispara através de mim quando o meu copo esta congelado em meus lábios.

— É Ashton Henley! — Alguém grita em meu ouvido. Um começo, eu viro para encontrar Reagan ao meu lado, uma cerveja em uma mão e um tiro na outra. Ela é tão pequena que precisa estar na ponta dos pés para alcançar o meu ouvido.

— Como você sabe quem ele é? — Eu pergunto envergonhada de ser pega admirando.

— Ele é o capitão da equipe de remo pesos pesados de Princeton. Meu pai é o treinador, — explica ela, pronunciando um pouco o seu discurso. Suas mãos giram ao redor da sala em uma grande espiral. — Eu conheço um monte desses caras. — Isso explica a facilidade social, eu acho. — E eu acho que você já chamou a atenção, colega de quarto, — acrescenta ela com uma piscadela maliciosa.

Eu dou de ombros e dou lhe um sorriso tenso, querendo mudar de assunto, antes de dar-lhe a satisfação de descobrir que estamos falando dele. Mas quando eu olho ao redor da sala para as pequenas quantidades de fêmeas e vejo os olhares em sua direção, alguns

furtivos, algumas francamente óbvias, tenho certeza de que não há nenhuma falta de atenção sobre esse cara, Ashton.

Reagan confirma um segundo depois. — E ele é muito bonito, o cara mais gostoso da faculdade. — Ela toma um gole de cerveja. — E também, um idiota sem tamanho.

— Isso eu já tinha percebido, — murmuro, mais para mim do que para ela. Eu chupo de volta o meu tiro, intencionalmente, virando as costas para ele, esperando que ele vá redirecionar seu olhar predatório para um destinatário disposto.

— É um tipo de homem prostituto.

Isso está ficando cada vez melhor e melhor. — Tenho certeza que ele não terá nenhuma dificuldade em encontrar alguém... Disposta. — Alguém que não seja eu.

Eu não tenho certeza se estou oficialmente bêbada ou Kacey é um mágico, mas ela faz um giro e mais dois tiros aparecem na minha mão. A música pegou ritmo e volume, e agora eu sinto vibrar através de todo o meu corpo, fazendo meus quadris balançarem de acordo com a batida.

— É divertido aqui, não é? — Reagan grita, o cabelo loiro-mel lança em torno quando ela pula, jogando os braços para o ar e gritando, — Wooh! — Ela tem uma tonelada de energia. Como um

daqueles garotos que tomam Ritalina[5]. — Todas essas pessoas, a emoção, a música. Eu amo isso!

Eu sorrio e aceno com a cabeça, quando eu olho em volta novamente. E eu tenho que admitir, isso é divertido. — Estou feliz por ter vindo! — Eu grito, batendo os ombros com Kacey. — Mantenha-me longe de mais problemas esta noite, no entanto. Por favor. — Eu advirto quando eu chupo os dois tiros.

Kacey responde com uma risada, enganchando o braço ao redor do meu e jogando o outro braço em torno de Reagan, que felizmente se junta à folia. — Claro, irmã bebê. Hoje à noite, Princeton está indo para a festa estilo Cleary.

Eu rio, da bobagem da minha irmã empurrando temporariamente tudo fora. — Eu nem sei o que isso significa.

Com um dos notórios sorrisos maldosos de minha irmã, ela diz: — Você está prestes a descobrir.

[5] Ritalina: Ansiolitico da família das Anfetaminas. É um metilfenidato usado para tratar o TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade).

Capítulo 03

A fera

Há cerca de cinco segundos de ignorância calma e feliz antes de eu abrir meus olhos. Cinco segundos, em que eu olho para o teto branco, não muito longe do meu rosto, enquanto meus olhos se ajustam à luz fraca, quando meu cérebro só se senta à toa, à espera que os neurônios comecem a disparar.

E então vem uma avalanche de confusão.

Onde eu estou?

Como eu vim parar aqui?

O que diabos aconteceu?

Eu rolo minha cabeça e encontro o rosto da minha irmã apenas alguns centímetros de distância. — Kacey? — Eu sussurro.

Ela geme, e minhas narinas se recuperam do bafo. Eu tremo e viro. Muito rapidamente, pelo que parece, quando uma afiada dor aguda perfura meu cérebro. Eu tremo uma segunda vez.

Estamos em meu dormitório. Isso, eu posso deduzir rapidamente pelo espaço apertado e alguns pertences pessoais. Mas eu não me lembro de voltar para casa.

O que eu me lembro?

Minha mão desliza debilmente para o meu rosto para dar-lhe uma boa massagem enquanto eu pego na minha memória nebulosa, tentando juntar as lembranças da noite... Pedaços de imagens borradas piscam tão fraco que eu não tenho certeza de que elas são reais. Tiro após tiro. Após tiro. Laranja, azul, verde... Kacey e eu fazendo o robô na pista de dança? Eu gemo e estremeço imediatamente com outro pulsar de dor na minha cabeça. Deus, eu espero que não. A partir daí... Nada. Não me lembro de nada. Como não me lembro de *coisa alguma*?

Kacey geme de novo e eu sou assaltada com uma nova onda de impureza. Engoli várias vezes, eu aceito que meu hálito pode não ser muito melhor e que eu mataria por uma garrafa de água. Eu empurro meus lençóis do meu corpo com chutes lentos e descoordenados.

E eu franzo a testa quando eu olho para minha carne exposta. *Porque eu estou... Ah, certo.* Eu estava vestindo uma túnica estúpida na noite passada. Isso não explica por que eu estou em nada, apenas com minha calcinha agora, mas minha cabeça dói muito para pensar nis... *Que seja.* É só a minha irmã. E Reagan, mas ela é uma menina.

Eu me esforço para sentar, gemendo enquanto eu empurro minhas mãos para trás com uma confusão de cabelo amarrado, apertando minhas têmporas para aliviar um pouco a pressão. É por isso que sinto minha cabeça pronta para estourar! Eu acho que se alguém entrasse aqui com um machado, eu esticaria meu pescoço para um corte limpo.

Há um gosto amargo na minha boca quando uma onda de náusea me atinge. Preciso de água. *Agora.* Com os braços e as pernas trêmulas, eu balanço o meu corpo ao redor e para baixo, não perco tempo com a escada e desejo que eu não pise na cabeça de Reagan. Eu só preciso ir ao mini bar e beber uma garrafa de água fria, eu vou me sentir melhor. Eu sei disso...

Um segundo depois, quando meus pés tocaram o tapete de pelúcia felpudo branco de Reagan ao lado da cama, fico com o meu segundo choque da manhã.

Uma bunda. *Uma bunda masculina*. E não é apenas uma bunda. É tudo. Tem um cara muito grande, muito nu esparramado na cama de Reagan, com as pernas e um braço pendurado na borda. Pela confusão de cabelo loiro-mel saindo de debaixo das cobertas no canto, eu posso ver que Reagan está enterrada em algum lugar lá.

Eu não consigo parar de olhar. Estou ali em nada, só em roupas íntimas, a sala está girando, minha boca tem gosto de água de esgoto, e eu estou congelada, focada neste homem nu em minha frente. Em parte, porque ele é a última coisa que eu esperava ver quando eu acordei. Em parte, porque ele é o primeiro homem nu que

eu já vi. Em parte, porque eu estou me perguntando o que diabos ele está fazendo aqui.

E... O que é isso no topo de sua nádega esquerda? Minha curiosidade toma conta de meu choque quando eu passo em frente com cautela, hesito em chegar muito perto. Parece... Uma tatuagem. Está vermelha e inchada. Já vi fotos de tatuagens recentes e isso é o que parece, uma tatuagem muito recente. É uma fonte de rolagem fantasia e se lê "Irlandesa[6]".

Irlandesa? Eu franzo a testa. Por que é que a palavra corre minha memória...?

Os rangidos no chão com meu peso me assustam. Eu abruptamente recuo. O movimento brusco faz o quarto abarrotado girar. *Água. Certo. Agora.* Com as pernas bambas, eu tropeço em direção à geladeira e ao meu roupão que está pendurado em um gancho ao lado da porta. Infelizmente, nossos dormitórios são pequenos e, vou enfrentá-lo, eu sou um touro em um armário quando estou nervosa. Minhas costas batem na cômoda de Reagan, batem com força suficiente para derrubar uma série de seus frascos de perfume de vidro. Prendo a respiração, esperando que o barulho não seja o suficiente para acordar o gigante nu.

Não tive sorte.

Meu coração para de bater, enquanto eu assisto o cara virar a cabeça com a cara mais para fora. Ele abre os olhos.

[6] Irish:no original.

Oh. Meu. Deus.

É o ladrão de gelatina. É Ashton.

Memórias começam a lavar em cima de mim como as ondas violentas.

Elas começam no roubado tiro de gelatina, mas elas não param por aí. Não... Eles vão por diante, cada flashback chocante batendo em mim, enfraquecendo os meus joelhos e apertando meu estômago. Música e luzes estroboscópicas e Ashton, inclinando-se para perto de mim na pista de dança. Eu, gritando com ele, minha mão batendo o sorriso arrogante do seu rosto. Minha mão, batendo no peito dele uma vez, duas vezes... Eu não sei quantas vezes. E então eu não estou mais batendo nele. Minhas mãos estão descansando em seu peito nu, meus dedos traçando as linhas de um sinal Celta do tamanho de um punho e as curvas de seu músculo com curiosidade. Lembro-me de dançar... Rápido, lento... Meus dedos se enroscando em seus cabelos, suas mãos apertando minha cintura com força, puxando-me para ele.

Lembro-me do ar fresco da noite brincando com a minha pele e uma parede de tijolos apoiando minhas costas enquanto Ashton e eu...

Eu suspiro, e minhas mãos voam para a minha boca.

Seus olhos, em primeiro lugar estreitos e lutando contra a luz, ampliam de surpresa quando eles olham sobre todo o meu corpo, descansando no meu peito. Não posso me mover. Eu não posso respirar. Eu sou o coelho assustado de novo, dois segundos antes de

saber que vai ser comido por um lobo. Um coelho em nada mais que uma calcinha floral.

Eu descongelo apenas tempo suficiente para os meus braços envolverem em torno do meu peito, escondendo minha nudez.

O movimento parece quebrar o transe de Ashton porque ele geme, passando a mão pelo cabelo escuro. Ele já está de pé em todas as direções possíveis, mas de alguma forma ele torna ainda mais confuso. Sua cabeça rola para o lado para ver Reagan espiando por debaixo das cobertas, acordada, os estágios de confusão e reconhecimento passam através de seus olhos. — Porra... — Eu o ouço resmungar, comprimindo a ponta de seu nariz, como se sentisse dor.

— Nós não fizemos...? — Eu ouço Ashton perguntar em voz baixa.

Ela balança a cabeça, estranhamente calma. — Não. Você estava bêbado demais para voltar para sua casa. Você deveria ter dormido no chão. — Ela se senta um pouco para tomar seu traje presente, ou a falta dele. — Cara, por que diabos você está nu? — Suas palavras me fazem lembrar que ele ainda está muito nu. Meus olhos caem em toda a sua longa forma de novo, um estranho movimento na minha barriga com a visão dele.

Ele deixa cair à testa no travesseiro. — Oh, graças a Deus, — eu o ouço resmungar, ignorando sua pergunta. Com movimentos surpreendentemente graciosos, ele rola para fora da cama e levanta. Ar sibila por entre os dentes quando eu inalo, mudando meus olhos

arregalados para a janela, mas não sem antes de eu ver um show frontal completo.

Rindo, ele pergunta: — O que está errado, Irlandesa?

Irlandesa.

Minha cabeça se vira de volta. — Do que você me chamou?

Ele sorri, com a mão apoiada no degrau da escada, aparentemente confortável em sua atual falta de cobertura. — Você não se lembra de muito da noite passada, não é?

A maneira como seus olhos escuros intensos encaram meu rosto faz minha barriga deslizar para baixo em minha perna. Eu tenho que cerrar os músculos antes deu perder o controle da bexiga aqui. — Se isso explica porque estamos todos juntos em uma sala e você está nu... Então não. — As palavras voam para fora da minha boca, dois níveis acima do normal e vacilante.

Ele dá um passo adiante e eu imediatamente mudo de volta, tentando espremer o espaço entre a parede e o armário. Eu estou tão tonta, eu tenho certeza que eu vou desmaiar. Ou vomitar. Tudo sobre o peito nu que eu mal me lembro de tatear na noite passada.

Há um lençol branco liso descansando sobre a cômoda ao meu lado. Eu enrolo meu corpo na direção da parede, quando eu chego mais e o agarro, puxando-o para baixo para cobrir a minha frente. Ele dá mais um passo e eu me inclino contra o armário de apoio, desejando que os meus olhos ficassem firmes, mas em pânico o

tempo todo. Se ele se mover mais perto, *essa coisa* pode encostar em mim.

— Não se preocupe. Nós concordamos na noite passada que eu não sou para casar, — ele diz.

Eu aperto o lençol em torno do meu peito e defino meu queixo teimosamente. — Bem, pelo menos eu ainda estava semi-coerente, então. — Eu não consigo tirar o meu foco para longe de seus ricos olhos castanhos. Eles são maçantes na minha cara, mas há algo ilegível por trás deles. Eu me pergunto se ele se lembra de me beijar. Eu me pergunto se ele se arrepende.

Eu sinto ele sobre a borda um pouquinho mais perto. E então eu não posso controlar isso. Eu explodi: — Você pode, por favor, apontar essa coisa para outro lugar!

Jogando a cabeça para trás ele uiva de tanto rir, ele segura as mãos em sinal de rendição e se afasta. — Reagan, não conte a ninguém. Especialmente ao seu pai... — ele grita por cima do ombro.

— Não se preocupe, — murmura Reagan, esfregando o rosto.

— Que porra é essa? — Eu ouço Kacey murmurar quando ela acorda. Ela se senta e olha para a parte de baixo em Ashton - tudo dele, antes do seu olhar jogar dardos para mim ali. Seus olhos se arregalaram momentaneamente. — Oh, não... Por favor, me diga que vocês dois não..., — Diz ela com um gemido.

Eu abraço meu corpo apertado quando eu olho para ela suplicante.

Eu não sei! Eu não sei o que fizemos!

— Não, eles não fizeram! — Reagan chama.

Ar explode para fora dos meus pulmões em relevo, e então eu estremeço. Isso sacudiu minha cabeça latejante.

Eu não sou a única aliviada. A profunda carranca no rosto da minha irmã relaxa. Com isso fora do caminho, ela toma outro olhar para ele, deixando seu olhar baixo. — Você pode cobrir o material, companheiro?

Ele sorri, segurando as mãos. — Eu pensei que você gostasse de mim desse jeito?

Ela responde com um sorriso próprio, seus olhos caindo significativamente para baixo. — Eu tenho coisas melhores me esperando em casa. — Ela treme a mão em direção à porta. Essa é Kacey. Legal e confiante, quando confrontada com um pênis aleatório.

Balançando a cabeça, mas rindo, diz: — Muito bem. — Ele se vira para manter o meu olhar por um longo momento, uma expressão indecifrável no rosto, diante de seus olhos caem para o lençol que eu estou segurando como minha preciosa vida. — Eu acredito que isto é meu, — ele diz, ao mesmo tempo ele puxa fora do meu controle, deixando-me exposta mais uma vez. Meus braços voam para cobrir meu peito enquanto eu o vejo fechar a distância até a porta em quatro passos. Abre ela, ele passa para o corredor.

È exatamente quando um aluno e sua mãe passam com as malas na mão. Ashton não se intimidou por suas bocas enquanto ele

passava por eles, tomando seu tempo envolvendo o lençol em torno de sua metade inferior. — Senhoras, — ele diz com uma meia-saudação. Mas então eu o ouço alto o suficiente para ter certeza que eu e a metade do piso ouvíssemos: — Desculpe, mas eu não tenho casos de uma noite, irlandesa!

Eu fico de pé na porta abraçando meus seios, esperando contra toda a esperança de que um piano vai quebrar do teto, para acabar com o momento mais humilhante da minha vida.

É quando eu sinto o aviso mexer na boca do meu estômago, subindo no meu esôfago. Eu sei o que está prestes a acontecer. E de jeito nenhum eu vou chegar ao banheiro a tempo. Minha mão voa para cobrir minha boca enquanto eu freneticamente verifico o espaço por algo. Qualquer coisa. Até mesmo o vaso dourado e bege,segurando os figos da Reagan. Eu mergulho para ele, bem quando uma noite regada a tiros de gelatina se mostra.

Eu estava errada. *Este* é o momento mais humilhante da minha vida.

— Eu deveria ter deixado você usar aquela camiseta. — Eu lamento, meu braço vai à minha testa. Depois de intoxicar as plantas da minha companheira de quarto com altas doses de ácido estomacal e toxinas, eu rastejo de volta para meu beliche com o Kit de Ressaca de Reagan - Advil de Reagan e um litro de líquidos isotônicos-, onde eu permaneci, à deriva entre a inconsciência e a auto piedade. As poucas horas de sono ajudaram com a dor de cabeça monstruosa. Ter vomitado ajudou com a náusea. Nada ajudou com a vergonha.

Kacey ri.

— Não é engraçado, Kacey! Nada disso é engraçado! Você deveria me manter longe de problemas! — Eu mexo, e o movimento me faz lembrar o desconforto nas costas. — E por que as minhas costas doem?

— Talvez foi a parede de tijolo que Ashton te jogou contra, enquanto ele estava mergulhando para a segunda base? — Kacey murmura com um sorriso diabólico.

— Eu não me lembro de nada! — Eu grito, mas meu rosto cora. Basicamente, tudo o que eu me lembro sobre a noite passada envolve tocar ou inclinar-se contra ou beijar Ashton. — Por que ele? — Eu grito, com as mãos cobrindo o rosto quando uma outra explosão de cores de constrangimento inunda meu rosto.

— Oh... Menina Livie. Quem diria que uma dúzia de tiros de gelatina desencadearia o animal escondido dentro de você?

Menina Livie... Minha testa franze quando outra onda estranha de familiaridade aparece sobre mim. É do que meu pai sempre me chamou, mas por que é que isso me faz lembrar de ontem à noite?

— Aqui... Isso pode ajudar. — Kacey pega seu telefone.

Com a mão trêmula e um estômago afundando, eu começo a folhear o álbum de fotos. — Quem são todas essas pessoas? E *por que* estou *abraçando* eles?

— Oh, eles são seus melhores amigos. Você os ama, — explica com uma sobrancelha levantada. — Pelo menos, é o que você dizia para eles na noite passada.

— Eu não! — Eu suspiro. E então eu aperto os lábios com a mão quando mais memórias nebulosas me invadem. Eu fiz. Lembro-me de dizer essa palavra. Um monte. Por que eu não podia simplesmente perder a minha voz? Ou alguém ter cortado minha língua fora? A ideia de uma língua me traz de volta a Ashton e eu gemo. Será que eu disse a ele que eu o amava muito? É por isso que isto aconteceu?

Volto a folhear as fotos para distrair o blush no meu rosto. Há um close de um cara com uma saia escocesa e uma gaita de foles, com o braço em torno de Kacey. Eu viro para a outra para ver Kacey apontando intencionalmente em sua saia escocesa, arqueio as sobrancelhas interrogativamente. — O que ele está fazendo em uma túnica - — eu começo a perguntar, mas, em seguida, viro para a próxima imagem e suspiro.

— Isso é chamado de 'ir tradicional', — Kacey explica.

Com uma carranca profunda e balançando a cabeça, eu continuo movendo através das imagens e sinto meu rosto perder mais sangue pelo tiro. Kacey e eu estamos abraçadas na maioria delas. Em algumas parece que estamos tentando seduzir a câmera abanando línguas e olhos selvagens. De vez em quando, um grande sorriso de Reagan aparece ao lado de nós.

— Oh, não... — É engraçado como apenas uma foto pode desencadear uma memória. Isso é exatamente o que acontece quando a imagem de mim mesma apontando para uma placa que diz “de tinta” é exibida. — Oh meu deus! — Eu disse isso pelo menos dez vezes esta manhã. — Oh Deus, oh Deus, oh Deus... — Eu murmuro freneticamente quando eu folheio as próximas fotos, esperando que minha mente esteja pregando peças em mim. Não! Com certeza, lá estou eu, ocupando uma cadeira, segurando meu cabelo e empurrando o topo da minha toga para o lado enquanto um homem corpulento, em calças de couro preto e coberto de garras de tinta numa máquina de tatuagem está atrás de mim. Eu fico olhando para a foto, a boca entreaberta. Isso explica por que a minhas costas estão tão doloridas. — Como você pôde deixar isso acontecer, Kacey! — Eu assobio histérica chutando dentro.

— Oh, não, você não vai me culpar... — exclama Kacey, pegando o telefone da minha mão. Ela logo encontra um arquivo de vídeo e bate *play* antes de empurrar a parte de trás do telefone na minha cara. Eu sou só sorrio, embora a minha boca e os meus olhos parecem um pouco caídos. — Eu não vou culpar minha irmã, Kacey Cleary, por meus atos quando eu acordar! — Declaro com clareza retumbante.

Eu ouço a voz animada de Kacey quando ela responde. — Mesmo que eu avise que você não vai ficar feliz com isso na parte da manhã, certo? E que você vai tentar me culpar? — Ela não calunia quando ela está bêbada também.

— Isso mesmo! — Minha mão voa no ar e o artista para por um momento para colocar o meu braço para trás e para baixo e pedir-me

para não me mover. Ele volta a trabalhar e eu digo, — Eu exijo o direito de ter uma tatuagem, porque eu, Olivia Cleary, — eu soco a mim mesma no peito com o polegar como um homem das cavernas, ganhando outra pausa e um olhar irritado do artista, — sou *super foda*.

Minha mão segurando o telefone cai ao lado da cama, eu esfrego os olhos. — Como é que esse cara em boa consciência me tatua? Quero dizer, olhe para mim! — Eu empurrei o telefone na cara dela. — Eu estava bêbada! Isso não é ilegal?

— Eu não sei nada sobre ser ilegal, provavelmente é, mas é definitivamente de se desaprovar, — Kacey admite.

Eu tremo e meu estômago enrola. — Bem, então, como é que...

— Ele é um amigo de Ashton.

Eu jogo minhas mãos para o ar. — Bem, isso é ótimo! Porque *ele* é respeitável. E se eles usaram agulhas sujas? Kacey! — Meus olhos se arregalam. — As pessoas pegam HIV e hepatite desses lugares! Como você pôde deixar.

— É um lugar limpo, legítimo. Não se preocupe, — Kacey murmurou naquele tom calmo, mas irritado que ela usa nas raras ocasiões em que eu fico histérica. — Eu não estava tão bêbada quanto você. Eu sabia o que estava acontecendo.

— Como? Você tinha um tiro na sua cara toda vez que eu olhava para você!

Ela bufa. — Porque a minha tolerância para a bebida é um *pouco maior* que a sua. Prometi para Stayner que eu ficaria lúcida.

— Stayner. — Eu balancei minha cabeça. — Que tipo de psiquiatra inteligente põe sua paciente sendo bombardeada ao ponto de fazer tatuagens e se pegar com um cara aleatório?

— O tipo completamente não ortodoxo e, portanto, brilhante? — Kacey responde com um olhar severo. Sua resposta não me surpreende. Aos olhos da minha irmã, Dr. Stayner pode transformar água em vinho. — E ele não tem nada a ver com isso, Livie. Ele apenas lhe disse para ir se divertir. Você fez tudo isso por conta própria.

— E você sabia que eu ficaria furiosa hoje, — eu disse com um suspiro resignado.

Ela encolhe os ombros. — A tatuagem é bonita. Eu prometo que você vai gostar quando você vê-la.

Eu pretendo estudar uma marca no teto por um momento enquanto eu aperto meu queixo teimosamente. Eu nunca guardei rancor contra a minha irmã. Nunca. Esta pode ser a primeira vez.

— Oh, vamos lá, Livie! Não fique brava. Não finja que você não gostou da noite passada. Você me disse que era a melhor noite de sua vida. Cerca de mil vezes. Além de... ela esfrega seu ombro e eu sei que ela não está mesmo ciente disso, — nós merecemos ter um pouco de diversão inofensivas juntas depois do que nós passamos.

Meus olhos pegam a longa cicatriz cirúrgica, estreita ao longo do braço. Uma cicatriz que coloca tudo isso em perspectiva. — Você está certa, — murmuro meu dedo arrastando a linha branca e fina. — Não é nada. — Há uma longa pausa. — Você disse que era bonita?

Ela folheia o resto das fotos até que ela encontra uma do produto acabado: *Livie Girl*, em uma escrita redonda, delicada entre as minhas omoplatas. Não é mais do que quatro centímetros de largura. Agora que o choque inicial diminuiu, meu coração incha ao ver.

— Bonita, — eu concordo, olhando a fonte de caligrafia bonita, me perguntando se meu pai concordaria.

— Pai iria adorar, — diz Kacey. Às vezes eu juro que minha irmã tem um canal no meu cérebro. E de vez em quando, ela parece saber exatamente o que dizer. Eu sorrio pela primeira vez esta manhã.

— Lavei para você ontem à noite. Você precisa limpá-la algumas vezes todos os dias pelas próximas duas semanas. Há uma garrafa de pomada cicatrizante lá. — Ela acena com a mão preguiçosa em direção a uma mesa. — Usar roupas leves vai ajudar com a cicatrização.

— É por isso que eu acordei praticamente nua?

Ela bufa e acena com a cabeça.

Minha mão se move para esfregar a testa. — Está tudo fazendo sentido agora. — Me sentido idiota. Eu estudo a foto novamente. — É normal ficar vermelho e inchado?

— Sim, havia um pouco de sangue.

Eu gemo com o pensamento, minha mão pressionando contra o meu estômago ainda enjoado.

— Eu acho que há outra planta lá.

Eu gemo novamente. — Eu vou precisar substituir, mais tarde hoje para Reagan.

Nós deitamos em silêncio por um longo momento.

— Como é que você acabou na cama de cima, por sinal? Isso realmente é uma porcaria, — diz ela. Alguns dos dormitórios têm beliches. Alguns quartos são pequenos demais para separar os beliches em duas camas individuais. Acabamos em um desses quartos.

— Reagan tem medo de altura, então eu dei a cama debaixo para ela. Eu não me importo.

— Huh. . . Eu acho que faz sentido. Ela é tão pequena. Quase um anão.

Atiro um olhar fulminante para a minha irmã. Reagan está bem abaixo de nós. Dormindo, mas *logo abaixo de nós*!

Há outra longa pausa antes de Kacey continuar com aquele pequeno sorriso diabólico. — Bem, eu espero que ela não se importe

com sua vida sexual desenfreada. Isso pode ser fatal para ela e não é estável.

Um sorriso súbito nos diz que Reagan esta de fato acordada e ouvindo. — Oh, não se preocupe. Eu sei as regras, — ela grita em voz grogue. — Eu tenho uma meia vermelha para pendurar na maçaneta da porta quando Livie estiver aqui com Ashton.

Eu puxo as cobertas sobre minha cabeça, porque eu sei exatamente onde isso vai dar e minhas bochechas estão corando furiosamente. De alguma forma eu acabei com a mini cópia da minha irmã como companheira de quarto. Infelizmente meus lençóis não são à prova de som, e eu não tenho nenhum problema de audição e continua a provocação de Kacey. — Não há necessidade, Reagan. Livie gosta de testemunhas.

— Eu notei. Pelo que ouvi, o mesmo acontece com Ashton. E eu estou bem com isso porque esse corpo é de morrer! Ele tem o peito mais incrível. Eu poderia correr a minha língua para baixo toda a noite. Assim como Livie fez.

Eu explodo em um riso nervoso, tanto horrorizada como delirante. — Eu não fiz. Pare!

— Não, você até admitiu que gostou de brincar com ele na noite passada.

Eu balancei minha cabeça furiosamente.

— Sua bunda é dura também. Eu já tive um gostinho antes. Não é o aperto de duas mãos que Livie tinha sobre ele, porém... — Reagan continua.

— PARE!

Minha voz alterada apenas alimentou as diversões de Kacey. — Eu não posso esperar pela primeira vez que ela dê um aperto de duas mãos em seu...

— Okay! Eu gostei! Muito mesmo! Parem com essa conversa agora, por favor! Eu não quero nunca mais ver ele de novo.

— Até a próxima vez que você estiver bêbada.

— Eu nunca mais vou beber de novo! — Declaro.

— Oh, Livie... — Kacey rola para aconchegar contra mim.

— Não, eu estou falando sério! Eu sou como Jekyll e Hyde, quando eu bebo.

— Bem, meu pai disse que há sempre um pouco de loucura, mesmo no mais reservado dos irlandeses. Você com certeza provou isso na noite passada.

Irlandesa. Irlandesa.

— Ashton me chamou de 'irlandesa'. Por quê?

— Eu não sei, Livie. Você vai ter que perguntar a ele da próxima vez que vocês se embebedarem e derem uns amassos.

Eu reviro os olhos, mas não me preocupo em responder. Alguma coisa está me incomodando ainda.

Irlandesa.

Irlandesa.

Meus olhos se abrem. Eu puxo a fronha do meu rosto. — Ashton fez uma tatuagem em sua bunda que diz 'Irlandesa.'?

Há uma longa pausa. E então os parafusos de Kacey começam e os olhos arregalados e brilhantes, a boca entreaberta.

— Eu esqueci completamente disso! — Ela e Reagan de repente dão uma gargalhada. — Como eu esqueci disso? — Projetando um dedo na minha cara, ela diz: — *Você* desafiou o bastardo arrogante!

Ela está batendo palmas com um nível de tontura que eu raramente vejo em Kacey. Ou até mesmo numa criança de quatro anos de idade, pulando sobre o açúcar. Ela levanta uma mão para mim e, depois de uma longa pausa, eu dou-lhe uma batida de mão relutante.

— *Você* acha que tem arrependimentos, Livie? Espere até que ele descubra por que a sua bunda está dolorida.

Reagan está rindo tão forte que eu tenho certeza que deve haver lágrimas escorrendo pelo seu rosto, e é contagiante. Logo todo o beliche está tremendo quando nós rimos do magnífico capitão da equipe de remo tendo sua bunda tatuada.

E por mais que eu odeie, por mais difícil que seja para mim, eu tenho que admitir para mim mesma... Sim, ontem à noite foi divertido.

Cada segundo.

Lá pelas três horas da tarde, eu estou me sentindo muito melhor. O suficiente para que o cheiro de café fresco e bolos não virem meu estômago quando pegamos um lanche rápido em um café local pitoresco. Mas agora a ressaca foi substituída pela melancolia.

Eu estou dizendo adeus a minha irmã hoje.

Claro que existem mensagens e telefone, e-mail, e webcam, e eu vou vê-la quando eu voar para o casamento dos nossos amigos Storm e Dan em poucas semanas, mas... Não é o mesmo. Lembro-me dos dois meses longe dela, enquanto ela estava sob os cuidados do Dr. Stayner. Eu me senti como se alguém tivesse arrancado um pedaço do meu coração. Fora essa época, eu vi o rosto dela todos os dias da minha vida.

Cada. Único. Dia.

Mesmo quando ela estava na UTI após o acidente, mesmo quando ela estava desarrumada com álcool e drogas, mesmo quando ela estava trabalhando nessas horas loucas no Penny como garçonete, eu ainda sempre espreitava sobre ela dormindo em sua cama, apenas para ter um vislumbre de seu rosto. Para provar a mim mesma que ela não tinha morrido também.

Saber que esse dia chegaria não tornou mais fácil. Agora, de pé aqui, tenho certeza de que estou perdendo algo. É como se eu estivesse dizendo adeus a uma parte da minha vida que eu nunca vou voltar.

— Bem..., Diz Kacey, olhando para mim com olhos azuis vidrados e um sorriso apertado quando nós estamos ao lado de um táxi. Minha irmã não chora muito. Mesmo depois de tudo que passamos, e quão longe ela chegou, ela normalmente consegue usar humor impróprio para livrar-se de qualquer ameaça de tristeza. Agora, no entanto... Agora eu vejo uma única lágrima escorrer pelo seu rosto. — Irmãzinha, — ela murmura, deslizando as mãos ao redor do meu pescoço para me puxar para baixo assim que nossas testas se encontram. — Você conseguiu Livie.

Eu sorrio. — *Nós* conseguimos. — Teria sido mais fácil para ela se ela tivesse me deixado com tia Darla e tio Raymond há três anos. Isso teria sido o esperado. Ela não teria a carga de mais uma boca para alimentar. Eu acho que um monte de outros irmãos em sua situação teria simplesmente saído pela porta da frente e nunca mais olhado para trás. Não Kacey, no entanto. — Graças a você, — eu começo a dizer. Ela me corta com a testa franzida.

— Oh, não. Não me agradeça Livie. Eu sou o desastre de uma irmã que de alguma forma, milagrosa, não atrapalhou o seu futuro com a minha montanha de merda. — Ela fecha os olhos enquanto ela sussurra: — Sou eu que lhe devo. Tudo. — Ela me puxa apertado com ela em um abraço. — Lembre-se, eu nunca estou longe demais. Avise-me se alguma vez precisar de mim e eu vou estar aqui em um instante. Ok?

— Eu vou ficar bem, Kacey.

— E mesmo quando você não estiver eu ainda estarei aqui. Ok?

Concordo com a cabeça, não confiando em minha voz.

Eu ouço o meu telefone tocando, indicando uma mensagem. Pensando que é Storm porque ela é a única, além de Kacey que me manda mensagem - eu verifico meu telefone.

Diga-me que você fez uma coisa fora do normal na noite passada?

— Você tem que estar brincando comigo! — Eu explodi.

— O que está acontecendo? — Kacey pergunta com uma careta, inclinando-se para espreitar por cima do ombro para a tela.

— Que tipo de médico manda *mensagem de texto* aos seus pacientes? — Quero dizer, não pacientes.

— Você tem cerca de cinco minutos para responder antes que ele te ligue. Você sabe disso, né? — Diz Kacey.

Concordo com a cabeça. Eu aprendi que o Dr. Stayner é um homem muito paciente... A menos que ele queira respostas. — O que devo dizer a ele?

Ela encolhe os ombros e sorri. — Acho que coisas chocantes funcionam melhor com ele.

— Bem, eu definitivamente tenho material suficiente para isso. — Ela espera com os braços cruzados enquanto eu digito:

Eu bebi o suficiente de tiros de gelatina para encher uma pequena piscina, e então comecei cada movimento da dança terrível conhecido pela humanidade. Eu sou agora a orgulhosa proprietária de uma tatuagem e, se eu não tivesse um vídeo para provar o contrário, eu acreditaria que eu tinha feito num beco, com agulhas com hepatite. Satisfeito?

Meu estômago aperta quando eu pressiono — Enviar. — Ele continua me dizendo para aproveitar esse sarcasmo interior, ele sabe que existe na minha cabeça.

Dez segundos depois, o meu telefone toca novamente.

Isso é um bom começo. Falou com um cara?

Eu fico olhando com os olhos arregalados para o meu telefone, processando sua reação - ou não reação a minha noite de cicatrizes e deboche.

Isso dá a Kacey uma chance de pegar meu telefone da minha mão.

— Kacey! o que está fazendo— Eu estou em torno do táxi, batendo com os dedos furiosamente, ela está gargalhando o tempo todo. Eu não sei como ela pode correr e digitar, mas ela faz. Não até que ela bateu “Enviar” ela vem lenta o suficiente para lançar o meu telefone para mim. Eu tateio quando eu pego e verifico rapidamente para ver o que minha irmã fez.

Não só eu falei com um cara, mas até agora eu vi dois pênis, incluindo o anexado ao homem nu no meu quarto esta manhã quando eu acordei. Eu tenho fotos. Gostaria de ver uma?

— Kacey! — Eu grito, batendo-a contra o ombro.

É um momento antes que a resposta vem.

Fico feliz que você está fazendo amigos. Falo com você no sábado.

Há alguns segundos de silêncio, onde o qual o meu choque supera qualquer outra coisa, e então começo a rir, levantando todo o humor deste adeus.

— Ok, eu tenho que ir agora, ou eu vou perder o meu avião, — diz Kacey com outro abraço apertado. — Vá em frente e faça os seus erros.

— Mais do que ontem à noite?

Kacey pisca. — Eu não vi você cometer nenhum erro na noite passada. — Abrindo a porta do táxi, ela acena para mim antes de entrar e ela continua acenando da janela de trás, com o queixo apoiado no encosto de cabeça, enquanto o táxi desaparece ao virar a esquina.

Capítulo 04

Arrependimento

Tenho certeza que a maioria das meninas fazem tudo em seu poder para arrumar um encontro com Ashton Henley, depois de ficarem bêbadas e darem uns amassos com ele em uma esquina aleatória.

Mas eu não sou a maioria das meninas.

E eu tenho toda a intenção de evitá-lo para o resto da minha carreira em Princeton.

Infelizmente para mim, o destino decidiu que 48 horas é tudo que eu tenho.

Depois de ficar na fila da livraria por horas, eu estou correndo de volta para o dormitório para descarregar os livros didáticos antes

que eu possa participar do tour no campus de fim de tarde. Este campus de 250 anos, com hectares de arquitetura de estilo gótico deslumbrante, rico em história que eu quero ver em pessoa. Eu não tenho tempo para diversões.

Claro, esse é o momento perfeito para uma emboscada.

— O que você tem ai, Irlandesa? — Uma mão agarra o papel de registro que está escondido entre meu peito e meus livros. Eu chupo uma respiração e o tremo quando seu dedo roça minha clavícula.

— Nada, — murmuro, mas eu não me incomodo, já que não há mais nenhum ponto. Ele já revirou atentamente minha lista de cursos e está mastigando o lábio inferior preso em muitos pensamentos. Então, eu suspiro e espero em silêncio, tendo a oportunidade de perceber as coisas que eu não podia, quando eu estava bêbada e estava escuro. Ou quando eu estava nua e acuada. Gosto de como o cabelo desgrenhado de Ashton fica sob o sol de fim de tarde, tem mais marrom nele do que preto. E como as sobrancelhas grossas estão bem cuidadas. E como os olhos têm as mais ínfimas manchas verdes dentro do marrom. E como seus impossivelmente longos e escuros cílios enrolam para fora nas extremidades...

— Irlandesa?

— Huh? — Eu estalo dos meus pensamentos para encontrá-lo olhando para mim com aquele sorriso no rosto, o que implica que ele me disse algo e eu perdi porque eu estava muito ocupada babando.

O que eu fiz. Porque eu estava.

Eu limpo minha garganta, meus ouvidos queimando com o resto do meu rosto. Eu quero perguntar a ele porque ele continua me chamando disso, mas tudo o que posso gerenciar é, dizer — Perdão?

Felizmente ele não me provoca. — Como está a tatuagem? — Ele pergunta quando ele lentamente desliza o papel de volta para onde ele pegou, passando o dedo mais uma vez pela minha clavícula. Meu corpo, mais uma vez, treme e fica tenso ao seu toque.

— Oh... ótima. — Eu engulo, abraçando meus livros mais perto do meu peito enquanto eu desvio meu olhar na direção do meu dormitório. Nos grupos de alunos zanzando. Qualquer lugar, menos na lembrança andante da minha noite escandalosa.

— Sério? Porque a minha irrita o inferno fora de mim.

— É, *meio* que coça, — Eu admito, olhando para trás para ver a boca de Ashton esticada em um largo sorriso, mostrando as covinhas que estão bem no meio do seu rosto e são mais profundas do que as de Trent. Profundas o suficiente para fazer a minha respiração engatar agora. Profundas o suficiente para que eu me lembre de admirá-las em minha estupidez bêbada. Eu tenho certeza que eu enfiei meu dedo em uma. E possivelmente, a minha língua.

— Pelo menos a sua coceira é nas costas, — ele diz com um olhar envergonhado. Sua pele é tão bronzeada que é difícil dizer, mas eu tenho certeza que eu vejo um leve rubor em suas bochechas.

Um riso me escapa antes que eu possa segurar. Ele se junta com uma risada suave. E então eu tenho um flash de nós, um de frente para o outro e rindo. Apenas meus dedos estão entrelaçados no

cabelo na nuca de seu pescoço e sua língua está sacudindo uma das minhas orelhas. Eu de repente paro de rir e puxo meu lábio inferior entre os dentes.

— De todas as coisas estúpidas para fazer, — ele murmura, sacudindo a cabeça. — Pelo menos ela é pequena.

Eu ainda estou tentando empurrar a imagem anterior de nós da minha cabeça enquanto eu me ouvi concordar com ele, sem nem pensar. — Sim, eu mal conseguia lê-lo até que eu realmente me inclinei, — Meu estômago atinge o chão como um saco de pedras, levando todo o sangue do meu rosto com ele. Acabei de dizer isso em voz alta? Não, eu não fiz. Eu não faria isso.

Pelo brilho nos olhos, eu sei, sem dúvida, que eu fiz. Eu acho que vou ficar doente. — É... Eu não estava... Eu realmente preciso ir. — Eu começo evitando o seu redor quando uma gota de suor escorre pelas minhas costas.

Pisando comigo e apontando para os meus livros, ele diz: — Você vai fazer um monte de aulas de ciências. — Plano de fuga frustrado. O que ele está fazendo? Por que ele está conversando comigo? Ele está esperando por uma repetição? Eu queria uma?

Meus olhos tremem através de sua aparência. Sim, eu admito. Ele é lindo. Como Reagan apontou, ele pode muito bem ser um dos caras mais quente no campus. Estou aqui há quatro dias. Não tenho nada para comparar, e ainda estou confiante de que isso é verdade. E eu tive muitos flashes de memória nos últimos dias para tentar negar que eu não gostei daquela noite.

Mas... Não, eu não quero que se repita.

Quero dizer, quando eu olho para ele, tudo o que vejo é *errado*.

Ele nem parece um estudante de Princeton. Não que haja um tipo específico de pessoa em Princeton, não há. Pelo que tenho visto, ele tem um corpo descente, maravilhosamente diversificado. Nada como o estereótipo colete-pirralho mimado retratado em inúmeros filmes dos anos oitenta.

Mas Ashton simplesmente não se encaixa na minha imagem mental de Princeton. Eu não sei se é calça jeans desbotada que pende levemente para baixo, ou a fina camisa cinza com mangas empurradas até a metade de seus braços, ou a tatuagem que serpenteia até o antebraço interior, ou a braçadeira de couro desgastado em torno de seu pulso... Eu não sei o que é.

— Irlandesa?

Eu o ouvi chamar meu nome. *Gah*! Não é o meu nome. Meu nome para *ele*. Pelo sorriso torto em seus lábios cheios, ele me pegou olhando novamente e ele está gostando.

Eu limpo minha garganta e de repente forço a saída, — Sim. Todas de ciência. — Todas, exceto uma, uma aula de literatura. É impraticável, inútil para a minha carreira médica, mas vai satisfazer a 'sugestão" do Dr. Stayner escolher uma aula que eu, caso contrário pule por cima no calendário do curso.

— Deixe-me adivinhar. Pré-med?

Concordo com a cabeça, sorrindo. — Pediatria Oncológica. — Ao contrário de muitos estudantes que lutam sobre o que fazer com suas vidas, eu escolhi minha carreira desde o dia em que minha amiga Sara Dawson morreu de leucemia. Eu tinha nove anos. A decisão foi tomada com bastante facilidade. Eu chorei e perguntei ao meu pai o que eu poderia ter feito. Com um sorriso gentil, ele me assegurou que não havia nada que eu pudesse ter feito por Sara, mas que eu era brilhante o suficiente para que eu pudesse crescer e me tornar uma médica e salvar outras crianças. Salvar crianças soou como uma vida nobre. Um objetivo que eu nunca questionei ou vacilei desde então.

Agora, porém quando eu olho para a carranca de Ashton, você pensaria que eu tinha lhe dito que meu sonho era trabalhar em uma estação de tratamento de esgoto. Há uma pausa, e então ele muda de assunto completamente. — Olha, sobre o sábado à noite... Podemos apenas fingir que isso nunca aconteceu? — Pergunta ele, deslizando as mãos nos bolsos.

Minha boca cai por um segundo quando meu cérebro repete essas palavras. As palavras que eu tenho jogado mais e mais na minha cabeça durante os últimos três dias. Posso? Eu gostaria. Seria mais fácil se eu pudesse apertar um botão APAGAR em todas as imagens que ainda brilham na minha cabeça, fazendo com que de repente eu core e perca o foco... de tudo.

— Claro, — eu digo com um sorriso. — Bem... contando que minha irmã e Reagan possam fingir também.

Um braço levanta a esfregar a parte de trás da cabeça, puxando a camisa apertada contra o peito dele, o suficiente para que eu possa ver as curvas. As mesmas que eu passei minhas mãos. — Sim, bem, eu acho que sua irmã não pode causar muito problema, sendo de fora da cidade.

— Não, ela não pode, — eu concordo. *Ela pode apenas aleatoriamente me mandar uma mensagem de texto com imagens de um homem careca gordinho segurando uma arma de tatuagem em sua bunda*, como ela fez ontem. Eu prontamente apaguei, mas eu tenho certeza que não é a última delas.

— E Reagan não vai dizer uma palavra, — Eu ouvi Ashton dizer. Soltando o braço para o lado dele, ele olha ao longe, murmurando mais para si mesmo: — Ela é bem assim.

— Ok, ótimo, também... — Talvez eu possa colocar tudo isso para trás e voltar a ser eu. Livie Cleary. Futura médica. Boa menina.

Ashton olha para o meu rosto, seus olhos caindo para meus lábios por um segundo, provavelmente porque eu estou mastigando tanto a parte inferior que estou prestes a roê-la. Eu sinto como se eu devesse dizer algo mais.

— Eu quase não me lembro,então... — Eu deixei minha voz derivar, quando eu solto essa mentira com um grau de frieza que me surpreende. E me impressiona.

Sua cabeça pende para o lado e ele olha de novo, como se imerso em pensamentos. Em seguida, um sorriso divertido toca seus lábios. — Nunca uma menina me disse isso antes.

Um pequeno sorriso aparece no canto da minha boca quando eu olho para baixo para estudar seus tênis, sentindo-se como se eu tivesse finalmente marcado um ponto.

Livie: um. Conversa Embaraçosa: um milhão. — Eu acho que há uma primeira vez para tudo.

Sua risada baixa e gutural puxa minha atenção de volta para ver seus olhos cintilantes. Ele está balançando a cabeça como se estivesse pensando em uma piada particular.

— O quê?

— Nada. É só... — Há uma pausa, como se ele não tivesse certeza se deveria dizer ou não. No final, ele decide, entregando meu auge da humilhação com um sorriso largo. — Você teve um monte de primeira vez, naquela noite, Irlandesa. Você continua lembrando cada uma delas.

Eu não evito o som abafado que escapa da minha garganta, como se eu estivesse morrendo. O que poderia acontecer, o meu coração parou de bater. Eu não sei se meus braços diminuíram ou eu realmente joguei no ar para cobrir o meu suspiro, mas de alguma forma eu perdi o aperto de morte que eu tinha em meus livros. Eles acabam espalhados por toda a grama. Bem ao lado do último resquício da minha dignidade.

Eu praticamente caio para recolher os meus livros enquanto eu atormento meu cérebro. O problema é que eu não me lembro de falar com Ashton tanto assim. E eu certamente não me lembro de apontar toda a minha-

Esse cofre estúpido abre no meu cérebro, apenas o suficiente para deixar outra memória explícita escapar. Um flash da parede de tijolos contra as minhas costas e Ashton contra a minha frente e as minhas pernas em volta de sua cintura e ele pressionando contra mim. E eu, sussurrando em seu ouvido que eu nunca senti isso antes e como é mais duro do que eu pensava que seria...

— Oh meu Deus, — Eu lamento, apertando meu estômago. Tenho certeza de que vou ficar doente. Eu vou me tornar uma vomitadora exibicionista.

Meu coração voltou a bater - acelerado, na verdade, quando um novo nível além da mortificação bate em mim. Eu soei como a atriz no vídeo horrível do Ben que Kacey me fez assistir durante o verão. Literalmente.

Eu assisti acidentalmente numa noite de filmes esquisitos. Kacey tomou isso como uma oportunidade para fixar-me no sofá, enquanto Trent, Dan, e Ben uivavam de rir com minhas bochechas em chamas e gritos horrorizados.

Minha irmã é o Anticristo. Isso tudo é culpa dela. Dela e de Stayner. E desses idiotas tiros de gelatina.

— Irlandesa!

Minha cabeça se vira ao som da voz de Ashton. Leva um momento para eu perceber que ele está agachado na minha frente, segurando um livro, um olhar curioso sobre o seu rosto. Sua mão segurando meu cotovelo e ele me puxa para os meus pés.

— Você está com muito na cabeça, não é?, — Ele comenta, segurando meu livro.

Eu não tenho certeza de como responder a isso, por isso eu não faço. Eu simplesmente fecho meus lábios por um momento, aceito o meu livro, e digo baixinho: — Considere a noite de sábado esquecida.

— Obrigado Irlandesa. — Ele esfrega a testa com as pontas dos dedos. — Eu não queria essa saída. Eu me arrependo. Quero dizer… — Ele se encolhe quando olha para mim, como se ele esbarrasse em mim e visse se eu estou machucada. Eu o ouço expirar, e então ele dá alguns passos para trás. — Vejo você por aí.

Eu ofereço-lhe um pequeno aceno e um sorriso de boca fechada. Por dentro, eu estou gritando no topo dos meus pulmões: — Nem em uma chance no inferno!

— Droga, — eu murmuro, chego ao local de encontro para o passeio dez minutos atrasada. Eu olho em volta, mas não vejo nada que se assemelhe a um grupo de turistas. Eles se foram, fora não aprender sobre a importância histórica desta faculdade acima de tudo, eu estou presa aqui, repassando toda a conversa com Ashton outra vez. Cada vez, as palavras suspendem em meus pensamentos.

Eu me arrependo.

Ele se arrepende de mim. O homem prostituto se arrepende de brincar comigo. O suficiente para me derrubar e pedir que eu não conte a ninguém. Ele até sente mal quando ele deixou esse fato escapar. Isso é o que foi que se encolheu.

Uma coisa era quando *eu* estava me arrependendo *dele.* Quer dizer, eu fiz uma coisa estúpida e totalmente fora do personagem. Eu dei uma pilha de estreias para um cara que eu nem conheço. Que provavelmente teve uma centena de casos de uma noite, que foram mais longe do que ele fez comigo na outra noite.

Que se arrepende de mim.

Me sento na escada e olho vagamente para as minhas mãos. Cada osso racional em meu corpo está me dizendo para parar de pensar nisso, mas eu não posso. Eu engoli várias vezes, mas a secura na garganta não diminui enquanto corro por todas as razões pelas qual Ashton poderia se arrepender. Será que ele me acha pouco atraente? Acordar no domingo com uma dessas "Coyote Ugly" manhãs que Kacey sempre fala? Eu sei que devo ter um aspecto terrível, com o meu cabelo um ninho de rato selvagem e os olhos injetados de sangue e meu hálito com produtos químicos suficientes para margaridas murcharem.

Talvez fosse o meu — nível de habilidade? — Com certeza eu sei que eu não sou experiente, mas... Eu era *tão* ruim assim?

Estou tão envolvida na tentativa de confortar meu ego que quando eu ouço um homem dizer "desculpe-me" nas proximidades, eu mantenho meu foco no chão, dispensando-o totalmente, esperando que ele esteja falando com outra pessoa. Suas próximas palavras, embora, não tanto as palavras, mas como ele diz faz a minha cabeça levantar, procurando o dono.

— Você está bem?

Eu sei que minha boca está entreaberta quando eu vejo sentar ao meu lado, mas eu não me importo. Eu apenas aceno com a cabeça em reverência, quando eu olho para os olhos verdes profundos e sorriso agradável.

— Você tem certeza? — Ele pergunta com uma risada suave. Sua risada é tão agradável quanto seu sorriso.

— Você é da Irlanda? — Eu digo antes que eu seja capaz de controlar. Fechando meus olhos, eu tento me explicar tropeçando em minhas palavras. — Eu quero dizer... Eu pensei... você tem um sotaque... você soa irlandês.

E você parecer uma idiota, Livie.

— Eu sou Connor, — ele diz. — E eu sou. Sou originalmente de...

— Dublin, — eu interrompo quando uma bolha de excitação cresce dentro de mim.

Ele acena com a cabeça uma vez, sorrindo como se quisesse. — Eu me mudei para os Estados Unidos quando eu tinha doze anos. —

Meu sorriso se alarga. Eu não posso parar. Devo parecer uma idiota.

— E você tem um nome, senhorita? Ou devo apenas chamá-la de Sorridente?

— Oh, sim, certo. — Eu fecho meus lábios para obter o meu rosto sob controle e levanto a minha mão. — Livie Cleary.

Sua sobrancelha atira para cima quando ele aceita minha mão. A sua é quente e forte e... Confortável.

— Meu pai cresceu em Dublin. Seu sotaque... você soa como ele. — Meu pai havia se mudado para os Estados Unidos quando tinha treze anos, então ele tinha perdido a espessura do sotaque, mas ainda estava ali, entrando e saindo de suas palavras graciosamente. Assim como Connor.

— Você quer dizer que seu pai é charmoso e inteligente também?

Eu ri quando eu amplio o meu olhar por um momento, mordendo a minha língua antes de eu acidentalmente corrigi-lo com o verbo no passado. Foi charmoso e inteligente. Dois minutos de conversa não é exatamente o tempo para falar sobre os meus pais mortos.

Há um silêncio fácil entre nós e, em seguida, Connor pergunta: — E por que você está aqui sentada sozinha, Srtª. Cleary?

Eu aceno com a mão desconsiderada no ar. — Oh, eu deveria fazer o passeio histórico, mas eu perdi. Eu me atrasei com... — Meus pensamentos voltam à minha conversa anterior, levando uma parte do meu conforto com ele. — Um idiota— murmuro distraída.

Connor faz uma varredura rápida em torno de nós e pergunta com um sorriso. — Será que o idiota ainda está por aí?

Eu sinto meu rosto ficando vermelho. — Você não deveria ouvir isso. — Desde aquela semana, quando Stayner me fez injetar uma

variedade de palavrões – escolhidos pela minha irmã-, em cada frase que saia da minha boca, eu encontrei meu vocabulário involuntariamente mais colorido. Especialmente quando estou triste ou nervosa, apesar de eu achar que eu estou de repente nenhum dos dois agora. — E, não. Espero que ele esteja bem longe. — No fundo do poço, com uma enorme quantidade de garotas que ele não se arrependa de mantê-lo ocupado.

— Bem, — Connor se levanta e estende a mão — Eu duvido que a minha turnê vai ser tão educacional, mas eu estou aqui por três anos, se você estiver interessada. — Eu nem sequer hesito, aceitando sua mão. Agora, é uma coisa que eu prefiro fazer, uma caminhada em torno do campus de Princeton com Connor de Dublin.

Acontece que Connor de Dublin sabe muito pouco sobre a história de Princeton. Ele, no entanto compensa isso com bastante embaraçosas histórias pessoais. Meus lábios machucam de riso no momento em que chega a um recluso, pátio de aparência medieval do lado de fora do meu dormitório, que eu não sabia que existia e estou feliz que eu descobri porque ele se parece com um lugar perfeito para estudar. — e encontrei o meu companheiro de quarto em nada, mas meias pretas *aqui* na manhã seguinte, — Connor diz, apontando para um banco de madeira, um sorriso fácil no rosto.

Em algum lugar entre o nosso ponto de encontro e agora, eu comecei a apreciar o quão atraente é Connor. Eu realmente não tinha notado isso imediatamente, mas foi provavelmente porque eu ainda estava tão desconcertada depois de ver Ashton. Connor é alto, com cabelo loiro cor de areia – arrumado, mas elegante- e pele macia, bronzeada. Seu corpo é magro, mas eu posso dizer pelo jeito que as

calças cáqui se ajeitando quando ele anda e como a camisa de abotoar se estende por largos ombros que ele está em forma. Basicamente, ele é o cara que eu sempre me imaginei andando em torno deste campus um dia.

Mas eu acho que é o sorriso de Connor que me faz gravitar em torno dele. É grande e genuíno. Não há nada escondido por trás dele, sem decepções.

— Como você passa nas suas aulas? Parece que tudo que você faz é festejar. — eu pergunto quando eu me inclino contra o banco, puxando um joelho em cima da cadeira.

— Não tanto quanto meu companheiro de quarto gostaria. — Só de ouvir sua risada fácil me faz suspirar. — as festas acabam quando as aulas começam. Até depois dos exames semestrais, de qualquer maneira. Cada um na sua, mas eu quero ir para casa com uma excelente educação, e não um fígado falho e uma DST.

Meus olhos brilham para ele com surpresa.

— Sinto muito. — Suas bochechas coram um pouco, mas ele se recupera rapidamente com um sorriso. — Eu ainda estou um pouco irritado com eles. Eles fizeram uma festa de túnica sangrenta no sábado. Nós ainda estamos limpando a casa.

Meu corpo fica tenso instantaneamente. Festa de Túnica? A mesma festa de túnica onde eu estava bêbada e dando amassos com Ashton? Eu engulo antes de eu conseguir e perguntar em um sussurro tenso: — Onde foi que você disse que você vive? — Eu não tenho nenhuma ideia de onde essa festa foi, saber o endereço não faz

diferença. O que faz a diferença é se Connor estava lá para testemunhar o meu espetáculo.

Ele retarda a olhar para mim com uma expressão curiosa. — Logo ali fora do campus, com alguns outros caras.

Logo ali fora do campus.

Isso é o que Reagan disse quando saímos naquela noite. Talvez houvesse mais do que uma festa de túnica naquela noite?

— Ah, é? — Eu tento fazer o som da minha voz relaxado. Em vez disso eu soei como alguém que está sufocando a vida fora de mim. — Eu fui a uma festa de túnica no sábado.

Ele sorri. — Sério? Deve ter sido na minha casa. Não são muitas as pessoas que ainda fazem festas de túnica. — Com um revirar de olhos, ele murmura: — Meu companheiro de quarto, Grant. Ele é brega assim. Você se divertiu?

— Uh. Sim. — Eu olho para ele do canto dos meus olhos — E você?

— Oh, eu estava em Rochester para o casamento do meu primo, — ele confirma, sacudindo a cabeça. — Uma pena que foi no mesmo fim de semana, mas a minha família é grande com esse negócio de... família. Minha mãe teria me matado se eu perdesse. —

Eu soltei o ar dos meus pulmões dolorosamente lento, só por isso não é óbvio como estou aliviada que Connor não estava lá. Embora se ele estivesse ele provavelmente não estaria falando comigo agora.

— Ouvi dizer que ficou muito selvagem, apesar de tudo. Policiais foram chamados.

— Sim, houve algumas pessoas bêbadas lá... — Eu digo lentamente e então, querendo desesperadamente mudar de assunto, eu pergunto. — Qual é o seu curso?

— Políticas. Eu sou pré-advocacia. — Ele me observa atentamente quando ele fala. — Esperando por Yale ou Stanford no próximo ano, se tudo correr bem.

— Bom, — é tudo que eu posso pensar em dizer. E então eu me pego olhando para aqueles olhos verdes amigáveis e sorridentes.

— E você? Tem ideia sobre que você vai se formar?

— Biologia molecular. Esperando para a escola de medicina.

A carranca surgiu sulcos na testa de Connor. — Você sabe que você ainda pode aplicar a faculdade de medicina com humanas, não é?

— Eu sei, mas ciências são fáceis para mim.

— Huh. — Os olhos de Connor me avaliam com curiosidade. — Bonita e inteligente. Uma combinação mortal.

Eu abaixo a minha cabeça com um blush arrastando em meu rosto.

— Bem, aqui estamos nós. — Ele aponta para a minha sala. — Lindo prédio, não é?

Eu tiro a cabeça para trás para apreciar a arquitetura gótica. Normalmente, eu concordaria. Agora, no entanto, encontro-me desapontada, porque isso significa que minha turnê, e meu tempo com o Connor sorrindo, acabou. E eu ainda não estou pronta.

Eu vejo como ele se afasta, deslizando as mãos nos bolsos. — Foi um prazer conhecê-la, Livie de Miami.

— Você também, Connor de Dublin.

Ele chuta uma pedra solta por aí com seu sapato durante alguns segundos constrangedores eu fico assistindo. Em seguida, ele pergunta quase hesitante, — Nós vamos dar uma festinha na nossa casa neste sábado, se você estiver interessada. Traga essa colega de quarto selvagem que você falou, se você quiser.

Com a cabeça inclinada e os meus lábios franzidos, eu digo: — Mas eu pensei que você disse que as festas são mais no início das aulas.

Seus olhos procuram o meu rosto, com um brilho pensativo neles. — A menos que seja uma desculpa para convidar uma menina bonita. — Então seu rosto cora e seu olhar cai no chão.

E eu percebo que, além de ser de boa aparência, Connor é tão encantador quanto parece. Não tenho certeza de como responder, eu simplesmente digo: — Vejo você no sábado.

— Perfeito. Digamos, oito horas. — ele fala um nome da rua e número da casa e com um último sorriso largo, ele decola em uma pequena corrida como se atrasado para alguma coisa. Eu me inclino

contra o banco e o vejo ir, sem saber se ele estava apenas sendo gentil. E então, quando ele está prestes a deslizar atrás de um prédio, ele diminui e se vira para olhar para trás em minha direção. Vendo que eu ainda estou vendo, ele sopra um beijo em meu caminho e desaparece.

E eu tenho que pressionar meus lábios para não sorrir como uma idiota.

Este dia definitivamente esta melhorando.

Capítulo 05

Diagnóstico

Enquanto eu tentava experimentar o maior número de eventos organizados pelo campus de Princeton quanto possível, como uma forma de me mergulhar no espírito e cultura, Reagan decidiu mergulhar nos muitos eventos de cerveja e vodka organizados que existiam. E ela decidiu que eu preciso mergulhar junto com ela. E porque eu quero agradar minha companheira de quarto animada, que eu acabei em festas de dormitório todas as noites esta semana e na cama todas as manhãs com as pálpebras pesadas. E eu também esperava que eu fosse encontrar com Connor novamente. No fundo da minha mente, eu tinha medo de encontrar Ashton, também. No final, a esperança venceu o medo.

Infelizmente, eu nunca vi Connor. Mas eu também não vi Ashton. Eu conheci mais alguns calouros, porém, incluindo uma menina coreana chamada Sun que é tão nova para a cena de festas como eu sou e tipo anexa-se a mim na quinta-feira à noite.

Eu honestamente não sei como Reagan vai sobreviver à pesada carga de trabalho das aulas aqui. Seus livros sentam-se em uma pilha em sua mesa, sem abrir. Nem mesmo uma folheada. Estou começando a acreditar que ela não é uma estudante, que Kacey e Dr. Stayner, de alguma forma plantaram ela aqui. Eu quase posso imaginá-los gargalhando enquanto bolavam este plano. Estudante ou não, no entanto, estou feliz por ter Reagan como companheira de quarto. Exceto quando ela faz olhos de cachorrinho para eu beber com ela.

Uma batida incessante na nossa porta me acorda.

— Me mate agora, — Reagan geme.

— Eu vou, mas você pode atender primeiro? — Murmuro, enterrando minha cabeça em meu travesseiro, empurrando um livro com cantos extremamente afiados por debaixo de mim. Eu tinha conseguido escapar da festa do dormitório dois andares para cima e voltar a ler algo na noite passada. O relógio marcava três horas da última vez que eu tinha verificado. Agora se lê sete. — Tem que ser para você, Reagan. Eu não conheço ninguém no campus, — Eu racionalizo, enrolando meu corpo apertado.

— Shhh... Eles vão embora, — ela sussurra. Mas eles não o fazem. O bater aumenta na força e urgência, e eu estou começando a ficar preocupada que vai acordar metade do andar. Quando eu levanto os cotovelos, pronta para rastejar para fora da minha cama de cima e atender, ouço o gemido derrotado de Reagan e os lençóis farfalhando. Ela faz questão de pisar até a porta. Ela abre com uma maldição calma e alguma coisa sobre Satanás.

— Acorde, dorminhocas!

Eu ergo tão rápido que a sala começa a girar. — O que você está fazendo aqui? — Eu pergunto, com uma voz estridente quando eu volto para ver o homem de aparência distinta, em um terno bem talhado. Eu não vi Dr. Stayner pessoalmente em dois anos e meio. Ele parece basicamente o mesmo, se não fosse por um pouco mais de cinza em seu cabelo, que ele tem um pouco menos, em geral.

Ele encolhe os ombros. — É sábado. Eu lhe disse que falaria com você hoje.

— Sim, mas você está *aqui*. E são *sete horas da manhã*!

Ele olha para o relógio com uma careta. — É realmente cedo? — E então ele dá de ombros e joga os braços no ar, com os olhos brilhando de emoção genuína. — Que dia lindo! — Tão rapidamente como seus braços se ergueram, eles caíram e o seu tom calmo retorna. — Se vista. Eu tenho uma conferência na cidade e eu tenho que voltar ao meio-dia. Eu vou encontrá-la no saguão em trinta minutos.

Antes de sair, ele vê uma Reagan descabelada, mas de aparência curiosa em uma regata amarrotada e calças de pijama cor de rosa. Ele estendeu a mão. — Oi, eu sou o Dr. Stayner.

Ela aceita, com o cenho franzido cansado. — Oi, eu sou Reagan.

— Ah, sim. A companheira de quarto. Eu ouvi muito sobre você.

De quem? Eu não falei com ele desde então...

Eu suspiro. *Minha irmã*. Claro.

— Certifique-se de que Livie se socialize, sim? Ela tem uma tendência a se concentrar demais na escola. Apenas a mantenha longe daqueles tiros de gelatina. — Sem esperar por uma reação, ele sai tão rapidamente como ele entrou, deixando a minha nova colega de quarto me encarando.

— Quem *é* esse?

Por onde eu começo com essa resposta? Balançando a cabeça, enquanto eu balanço as pernas para fora da cama, eu murmuro — Eu não tenho tempo para explicar agora.

— Ok, mas... Ele é um médico? Quero dizer, ele é... — Ela hesita. — *Seu* médico?

— Para melhor ou pior, ao que parece. — Eu não quero nada mais do que puxar as cobertas sobre minha cabeça por mais algumas horas, mas eu sei que se eu não estiver lá em 30 minutos, ele é capaz de marchar até a sala gritando meu nome no topo de seus pulmões.

— Que tipo de médico é ele? Quero dizer... — Ela está enrolando uma mecha de seu cabelo comprido ao redor de seus dedos. Reagan nervosa é uma visão rara.

Eu abri minha boca para responder, mas paro quando uma ideia travessa me vem a cabeça. Eu ainda devo a Reagan pelo tiro de vodka que ela praticamente forçou pela minha garganta na noite passada... Pressionando os lábios para esconder meu sorriso

enquanto eu procuro através do meu armário por um par de jeans e uma camisa, eu digo calmamente: — Oh, seu foco é principalmente a esquizofrenia.

Há uma pausa. Eu não olho, mas eu tenho certeza que a boca está aberta. — Oh... bem, há algo que eu preciso me preocupar?

Pegando minha bolsa de higiene, eu vou até a porta, mas faço questão de parar a minha mão fechada sobre a maçaneta, olhando para cima, como se imersa em pensamentos. — Eu não penso assim. Bem, a menos que eu começar a... — Eu aceno minha mão com desdém. — Oh, não importa. Isso provavelmente não vai acontecer novamente. — Com isso, eu deslizo silenciosamente para fora da porta. Eu faço cerca de quatro metros antes de explodir em risos, alto o suficiente para alguém gemer, — Cale-se! — A partir de uma sala próxima.

— Eu vou pegar você por isso, Livie! — Reagan grita através da porta fechada, seguida por seus uivos de riso.

Às vezes, humor faz com que seja melhor.

— Eu sabia que a mensagem era de Kacey, — Stayner diz quando ele inclina a cabeça para trás para drenar o seu café, é a maior xícara de que eu já vi. Eu, por outro lado, tenho deixado o meu esfriar, mal o tocando enquanto Dr. Stayner me estimula a derramar cada detalhe embaraçoso da minha primeira semana no campus.

Ele é ótimo em falar as coisas. Lembro-me de Kacey amaldiçoando-o por isso no início. Minha irmã estava quebrada na época. Ela se recusou a discutir qualquer coisa, o acidente, a perda,

com o coração despedaçado. Mas, até o final desse programa de internação intenso, Dr. Stayner tinha arrastado para fora todos os detalhes que havia para saber sobre Kacey, ajudando-a no processo de cura.

Ela me alertou sobre ele também, quando as chamadas começaram. *Livie, apenas diga a ele o que ele quer saber. Ele vai descobrir de um jeito ou de outro, para torná-lo mais fácil para si mesma apenas conte. Ele provavelmente já sabe de qualquer maneira. Eu acho que ele usa truque de mentes Jedi.*

Nos três meses de nossas sessões de não terapia, eu nunca tive uma conversa verdadeiramente difícil com Dr. Stayner, nada que eu achei muito doloroso, muito trágico, muito difícil de enfrentar. Na verdade, ele me pediu para fazer coisas que ainda me dão palpitações no coração, como bungee jumping e assistir a uma maratona de back-to-back dos filmes Jogos Mortais, que me deu pesadelos por semanas. Mas nossas conversas reais sobre mamãe e papai, sobre o que eu me lembro da minha infância, até mesmo sobre o meu tio Raymond - e o porquê de nos mudarmos de Michigan- mas nunca foi difícil ou desconfortável. A maioria delas eram agradáveis.

Ainda assim, há duas horas falando sobre a minha sessão bêbada e tudo que se seguiu desde então tem me deixado esgotada e meu rosto em chamas. Eu sabia que provavelmente seria questionada sobre a última noite de sábado. Eu planejava tirar o foco dos momentos mais embaraçosos, mas Dr. Stayner tem um jeito de tirar todos os detalhes.

— Você chegou longe em nossos poucos meses juntos, Livie.

— Não realmente, — Eu resmungo.

— Você tem um encontro com um cara hoje à noite, pelo amor de Deus!

— Não é realmente é um encontro. É mais um.

Sua onda desconsiderada acalma minha objeção. — Três meses atrás, você teria explodido o cara para fora com um livro, sem sequer pensar duas vezes.

— Eu acho que sim. — Eu empurro para trás uma mecha de cabelo que tem soprado no meu rosto com a brisa leve. — Isso ou simplesmente caído no chão, inconsciente.

Dr. Stayner bufa. — Exatamente.

Há uma pausa, e eu lanço um olhar de soslaio. — Isso quer dizer que a minha terapia acabou? Quero dizer, olhe para mim. Eu praticamente me tornei uma exibicionista. E se eu não cortar a festança em breve, você vai ter que me admitir que um programa de abuso de álcool.

Dr. Stayner explode em uma rodada alta de gargalhadas. Quando sua diversão morre, ele passa alguns instantes olhando para seu copo, o dedo indicador que corre ao longo da borda.

E eu começo a ficar nervosa. Dr. Stayner raramente é quieto por tanto tempo.

— Eu vou deixar você viver a sua vida universitária do jeito que você precisa vivê-la, — ele diz em voz baixa. — Você não precisa de

mim para dizer o que fazer ou como se divertir. Você precisa tomar essas decisões por si mesma.

Eu caio para trás contra o banco com um suspiro de alívio, uma estranha calma vem através de mim. Tão rapidamente como Dr. Stayner plantou-se em minha vida, ele está pisando de volta para fora. — Eu acho que Kacey estava errada, — eu digo mais para mim, a declaração me faz tirar um peso dos meus ombros que eu não sabia que estava lá.

Há o riso suave novamente. — Oh, sua irmã... — Ele divaga quando um grupo de ciclistas passa em alta velocidade. — Quando Kacey foi internada pela primeira vez em meus cuidados, eu me perguntava sobre você, Livie. Eu realmente fiz. Eu questionei como você se saiu tão bem, considerando todas as coisas. Mas eu tinha minhas mãos cheias com Kacey e Trent, e você parecia estar correndo ao longo de um caminho claro. Mesmo quando Kacey veio até mim na primavera com suas preocupações, eu estava cético. — Ele tira os óculos para esfregar os olhos. — São as pessoas como sua irmã, os obviamente quebrados - que fazem o meu trabalho mais fácil.

Eu franzo a testa, com suas palavras intrigantes. — Mas eu não sou como ela, né? — Eu pego o vacilo na minha voz.

Balançando a cabeça Dr. Stayner me responde antes que suas palavras. — Oh, não, Livie. Vocês são surpreendentemente semelhantes em muitos aspectos, mas não são iguais nesses tipos de assuntos.

— Sério? Eu sempre nos vi, como dois polos opostos.

Ele ri. — Vocês duas são teimosas como mulas e afiadas como chicotes. É claro que sua inteligência é um pouco mais adocicada do que a dela. Sua irmã usa seu temperamento em sua manga, mas... — Ele franze os lábios. — Você me surpreendeu algumas vezes com suas explosões, Livie. E eu não sou facilmente surpreendido.

Eu assisto os mesmos ciclistas cruzando ao longo de outro caminho quando eu absorvo suas palavras, um pequeno sorriso toca meus lábios. Ninguém jamais me comparou com a minha irmã antes. Eu sempre fui à estudiosa, responsável. A única digna de confiança. Cautelosa, calma e equilibrada. Minha irmã é o fogo de artifício. Eu secretamente a invejava por isso.

E eu volto a pensar no verão passado, recheado de coisas que eu nunca pensei que eu poderia fazer, e um monte de outras coisas que eu nunca sequer pensei em fazer. Kacey estava lá comigo em um monte dessas coisas, ansiosamente envergonhando-se junto comigo. — Este verão foi interessante— eu admito com um sorriso. Eu me viro para olhar para o médico grisalho e eu lhe faço uma pergunta que ele nunca tinha respondido antes, na esperança de que ele agora responda. — Por que você me fez fazer todas aquelas coisas malucas? O que foi realmente?

Ele aperta seus lábios como se estivesse decidindo o que dizer. — Você acreditaria em mim se eu dissesse que era apenas para meu próprio entretenimento?

— Eu poderia, — eu respondo com sinceridade ganhando sua risada. — Quero dizer, eu entendo os encontros rápidos, mas eu não

vejo como dançar em linha ou xingar me ajudou. Eu acho que teve o efeito oposto. Você sabe... extremas cicatrizes psicológicas.

Dr. Stayner parece cético. — Como dança em linha pode causar *cicatrizes* em você?

Eu levanto uma sobrancelha. — Alguma vez você já esteve em um desses lugares antes? Com a minha irmã?

Ele revira os olhos. — Oh, você está sendo dramática. Não poderia ter sido tão...

— Ela tinha um microfone! — Eu exclamo. — Ela tentou realizar um leilão de improviso me vendendo para um encontro! — Graças a Deus Strom estava lá para recuperar o controle. Minha mão voa quando eu me lembro da melhor parte. — Oh! E então ela batizou minha bebida. — Dr. Stayner começa a rir enquanto eu balanço minha cabeça. — Percebi imediatamente, é claro. Caso contrário, *quem sabe* o que teria acontecido. — Eu resolvi voltar contra o banco e eu murmuro mais para mim mesma — Eu provavelmente teria feito algo com um cowboy ou um touro mecânico, ou algo assim. Teria minha bunda marcada, talvez...

Sua cabeça cai para trás com gargalhadas e depois de alguns momentos eu não posso deixar de rir junto com ele. — Oh, Livie, — ele diz, tirando os óculos para enxugar as lágrimas de seus olhos. — Nunca foi sobre *o que* eu lhe pedi para fazer. Tratava-se de sua exuberância abordar cada tarefa individual. — Ele se vira para olhar para mim com espanto nos olhos e uma leve risada em sua voz. — Eu estava esperando você me dizer para ir para o inferno, mas você se

manteve atendendo ao telefone, tendo cada um desses pedidos *malucos* que eu fiz, entregues com excelência!

Eu inclino a minha cabeça para o lado enquanto eu o observo. — Você sabia que eles eram *loucos*?

— Você não sabia? — Ele balança a cabeça para mim, e, em seguida, um sorriso triste transforma seu rosto. — Eu aprendi muito sobre você durante o verão, Livie. Entre os pedidos loucos e as nossas conversas. Isso é o que este verão se tratava. Coleta de informações. — Ele faz uma pausa para coçar o rosto. — Você é uma das almas mais amáveis que eu já conheci Livie. Você responde a dor de cabeça humana tão agudamente. É como se você absorvesse a dor dos outros. Apesar de sua timidez extrema, você vai fazer qualquer coisa para não falhar. Você não gosta de falhar em testes e você certamente não gosta de deixar as pessoas. Especialmente aqueles que você se preocupa e respeita. — Sua mão vai para o seu coração e ele abaixa a cabeça. — Estou tocado, realmente.

Eu mergulho minha cabeça enquanto eu coro.

— Aprendi também que enquanto você está aceitando e de mente aberta em relação aos outros e as suas falhas, você é excepcionalmente dura consigo mesma. Eu acho que fazer algo errado faria você fisicamente doente. — Dr. Stayner entrelaça os dedos na frente do rosto por um momento. — Mas a minha maior descoberta? A razão pela qual eu queria falar com você pessoalmente hoje... — Ele suspira. — Você parece ser regida por um plano de vida. É enraizada em suas rotinas diárias, é quase como uma religião para você. Ele ditou as escolhas que você fez até agora e aquelas que você pretende

fazer no futuro. Você não o questiona, você não o testa. Você só vai e faz. — Executando o dedo ao longo da borda do copo, ele continua a dizer com uma voz calma e devagar — Eu acho que seus pais ajudaram a criar esse plano e você está segurando-se a ele para salvar a vida como uma maneira de manter eles por perto. — Ele faz uma pausa e então sua voz suave cresce. — E eu acho que está sufocando seu crescimento como pessoa.

Eu pisco repetidamente, tentando processar como esta conversa girou tão rapidamente de falar de touros mecânicos para o meu crescimento. — O que você está dizendo? — Eu pergunto, minha voz tem um toque tenso. É este o diagnóstico? Dr. Stayner está me diagnosticando?

— Eu estou dizendo, Livie... — Ele faz uma pausa com a boca aberta para dizer alguma coisa, uma expressão pensativa no rosto. — Eu estou dizendo que é hora de você descobrir quem você realmente é.

Não posso fazer nada, mas olhar para o homem na minha frente. Quem sou eu? O que ele está falando? Eu sei quem eu sou! Sou Livie Cleary, filha de Miles e Jane Cleary. Filha madura e responsável, estudante dedicada, irmã amorosa, futura médica, gentil e atenciosa. — Mas, eu... — Eu me esforço para encontrar as palavras. — Eu sei quem eu sou e o que eu quero Dr. Stayner. Isso nunca esteve em questão.

— E você não acha que é um pouco estranho, Livie? Que você decidiu com a idade de nove anos que você queria ser pediatra, especializada em oncologia, e você nunca sequer considerou outra

vida? Sabe o que eu queria ser quando eu tinha nove anos? — Ele faz uma pausa por apenas um segundo. — Homem Aranha!

— Então, eu tinha metas mais realistas. Não há nada de errado com isso, — eu afirmo.

— E você já se perguntou por que você evitou meninos como a peste até agora?

— Eu sei exatamente o por que. Porque eu sou tímida e porque-

— Os meninos sugam o cérebro de meninas...

— E as deixam loucas. — Eu termino o aviso do meu pai com um sorriso triste. Papai começou a me avisar na época em que os hormônios da Kacey começaram em fúria. Ele disse que as minhas notas sofreriam se eu caísse na mesma armadilha.

— Eu acho que sua reação com o sexo oposto é menos sobre a sua timidez e mais sobre sua mentalidade subconsciente para evitar afastar-se este plano de vida que você acha que deve seguir. — Mentalidade subconsciente? Desconforto desliza através do meu estômago como uma cobra, provocando arrepios na espinha. Ele está dizendo que Kacey está certa? Que eu sou... Sexualmente reprimida?

Eu me inclino para frente e deixo o meu queixo descansar na palma da minha mão, meus cotovelos contra os meus joelhos, enquanto eu penso. Como poderia o Dr. Stayner encontrar falhas em quem eu me tornei? Se qualquer outra coisa, ele deveria estar satisfeito. Ele mesmo disse isso! Virei-me tão bem. Eu sei que meus

pais ficariam orgulhosos. Não, não há nada de errado com quem eu sou.

— Eu acho que você está errado, — eu digo baixinho olhando para o chão. — Eu acho que você está procurando coisas para me diagnosticar. Não há nada de errado comigo ou com o que eu estou fazendo. — Sento em linha reta, eu olho o campus que nos rodeia, este bonito campus de Princeton que eu trabalhei duro para ter certeza de que eu chegaria até aqui, e eu sinto uma onda de raiva. — Eu sou uma correta estudante que vai a Princeton, pelo amor de Deus! — Estou no limite, gritando e agora eu não me importo. — Por que diabos você apareceu às sete da manhã de um sábado, depois que eu comecei a faculdade para me dizer que a minha vida inteira... o quê... — Eu engoli o caroço repentino na minha garganta.

Dr. Stayner tira os óculos e esfrega os olhos mais uma vez. Ele permanece completamente calmo, como se esperasse essa reação. Ele me disse uma vez que ele está acostumado com a gritaria, por isso nunca me senti culpada por isso. Eu com certeza não me sinto culpada depois da bomba que acabou de cair em mim. — Porque eu queria que você estivesse ciente, Livie. Totalmente ciente e consciente. Isso não significa que você deve parar de fazer o que está fazendo. — Ele muda ligeiramente de modo que ele está de frente para mim. — Você é uma garota inteligente, Livie, e você é uma adulta agora. Você vai conhecer pessoas e namorar. Trabalhando duro para alcançar seus objetivos. E espero que você saia e se divirta um pouco. Eu só quero ter certeza que você está fazendo suas escolhas e definindo as metas por você e não para agradar aos outros. — Encostando no banco, ele acrescenta: — Quem sabe? Talvez Princeton e a escola de

medicina é o que você realmente quer. Talvez o homem que vai fazer você feliz para o resto de sua vida é também o que seus pais teriam escolhido a dedo para você. Mas, talvez você vai descobrir que não é o caminho certo para você. De qualquer forma, eu quero que você faça suas escolhas com os olhos bem abertos e não no piloto automático.

Eu não sei o que dizer de tudo isso, então eu fico em silêncio, olhando para o nada, a confusão e a dúvida se estabelecem fortemente sobre os meus ombros.

— A vida tem um jeito engraçado de criar seus próprios testes. Ela lança bolas de curva que fazem você fazer, pensar e sentir as coisas que estão em conflito direto com o que você tinha planejado e não permitem que você opere em termos de preto e branco. — Ele dá um tapinha paternal no meu joelho. — Eu quero que você saiba que você pode me ligar a qualquer hora que você quiser conversar, Livie. Sempre, em tudo. Não importa o quão trivial ou bobo, você pensa que é. Se você quiser falar sobre a escola, ou caras. Se queixar de sua irmã, — ele diz que um com um sorriso torto. — Qualquer coisa. E eu espero que você me ligue. Regularmente. Quando você estiver pronta para conversar. Agora eu suponho que você quer derramar o café na minha cabeça. — Ele levanta e acrescenta: — E todas as conversas serão confidenciais.

— Quer dizer que você não vai mais recrutar minha irmã para fazer seu trabalho sujo?

Esfregando o queixo, ele sorri e murmura: — Olha que boa pequena agente ela se tornou.

— Eu acho que você considera toda essa coisa de confidencialidade médico-paciente opcional?

Ele olha de baixo para mim com uma sobrancelha arqueada. — Você nunca foi minha paciente, não é?

— E agora eu sou?

Ele sorri, estendendo a mão para me guiar. — Vamos mantê-la solta. Ligue-me quando quiser falar.

— Eu não posso pagar.

— Eu não espero um centavo de você, Livie. — Quase como uma reflexão tardia, ele desliza para dentro, — Só o seu filho primogênito.

Normalmente eu iria dar-lhe um rolo de olho no mínimo, para uma piada como essa. Mas não agora. Eu não estou com disposição para quaisquer piadas. O peso que eu carreguei nas minhas costas durante três meses, enquanto eu me perguntava o que o Dr. Stayner poderia descobrir sobre mim, o mesmo que eu sentir aliviar apenas vinte minutos atrás, já caiu de volta nas minhas costas, me fazendo encolher.

Tenho certeza de que ele está errado.

Mas e se ele não estiver?

Capítulo 06

Se Versus Quando

O trajeto de quase duas horas do campus de Princeton até o Hospital Infantil, em Manhattan me dá tempo de sobra para pensar sobre a visita surpresa do Dr. Stayner e o diagnóstico ultrajante. No momento em que chego à recepção para entrar para a minha primeira sessão de voluntariado, eu estou mais confusa do que eu estava antes de começar. Eu também estou convencida de que ele pode estar perdendo seu toque mágico como um psiquiatra brilhante. Ou isso, ou ele é louco e ninguém descobriu ainda. Talvez os dois.

— Alguma vez você já trabalhou com crianças em um hospital antes, Livie? — A enfermeira Gale pergunta enquanto eu sigo seus quadris balançando pelo longo corredor.

— Não, eu não trabalhei, — eu respondo com um sorriso. Eu passei bastante tempo no hospital, no entanto, os sons de bipes das

máquinas e da mistura de remédios e água sanitária enchendo minhas narinas imediatamente me trazem de volta para sete anos atrás, os dias de sorrisos forçados e Kacey com tubos e ataduras e um olhar fixo e oco.

— Bem, eu vi que suas referências brilham no escuro, — ela brinca ao virar a esquina e sigo as placas em direção à sala de jogos, a minha visita rápida ao hospital chegando ao fim. — Você é um ímã natural para as crianças.

Meus olhos rolam antes que eu possa me deter. Não para a enfermeira e sim para Stayner. Em junho, quando eu mencionei a ele que eu tinha pedido uma posição de voluntário no hospital, mas não tinha tido uma resposta deles, ele casualmente mencionou que ele tinha alguns amigos lá. Na semana seguinte, recebi um telefonema para uma breve entrevista rapidamente seguida por uma oferta para uma posição nas tardes de sábado no Programa Vida Criança para brincar com pacientes jovens. Eu agarrei a oportunidade. Claro que eu vi as impressões digitais de Dr. Stayner sobre essa oportunidade, mas ele só me fez apreciá-lo mais, sabendo que quando me candidatar à faculdade de medicina, tendo esta posição de voluntário em minha aplicação vai mostrar que eu estou comprometida com a pediatria há anos. Parecia que ele estava me ajudando a alcançar meus objetivos no momento. Irônico agora, já que ele basicamente pensa que eu sou um robô pré-programado que não deveria estar aqui em primeiro lugar.

Eu empurro tudo isso fora, embora, porque eu sei o que eu quero e eu sei que eu pertenço aqui. Então eu aceno educadamente a

enfermeira Gale e digo: — Eu acho que eles são um ímã para mim também.

Ela para na porta e se vira para me dar um sorriso pensativo. — Bem, só tenha cuidado com o tipo de laços que você cria aqui,ouviu querida? — Com isso, entramos em uma sala de jogos brilhante e colorida com um punhado de crianças e outros voluntários. Meus ombros relaxam imediatamente, pois eu ouço o riso contagiante. É como uma dose de antidepressivo em minhas veias.

Eu sei que eu nunca fui muito normal. Quando criança, eu era sempre que ia correndo para o professor quando alguém precisava de um Band-Aid, ou entrava numa briga para interceder. Quando era adolescente, eu olhei para frente para os meus dias de voluntariado no YMCA, ou na piscina, ou na biblioteca. Realmente, em qualquer lugar que envolvesse esses pequenos seres humanos. Há apenas uma coisa tão simples sobre crianças que gravito em volta. Talvez sejam as risadas infecciosas ou seus abraços tímidos. Talvez seja a sua honestidade brutal. Talvez seja a maneira como eles se apegam a mim quando estão com medo ou mágoa. Tudo o que eu sei é que eu quero ajudá-los. Todos eles.

— Livie, esta é Diane, — diz a enfermeira Gale, ao me apresentar a uma mulher atarracada, de meia-idade, cabelo castanho encaracolado curto e olhos bondosos. — Ela faz parte do nosso programa. Ela está supervisionando o quarto hoje.

Com uma piscadela, Diane me dá um rápido passeio de cinco minutos na sala de jogos brilhantes e explica qual é o seu papel. Quando ela fez, ela aponta dois meninos sentados lado a lado de

costas para mim, com as pernas cruzadas, em frente a uma pilha de Legos. Eles são do mesmo tamanho, exceto que o da direita é mais magro. Ele também é completamente careca, enquanto o menino à esquerda tem cabelo curto e castanho areia.

— Estes dois são seus hoje. Eric? Derek? Esta é a senhorita Livie.

Faces idênticas viram para me encarar. — Gêmeos, — eu exclamo com um sorriso. — Deixe-me adivinhar... você é Derek. — eu aponto para o outro à esquerda, o que tem a cabeça cheia de cabelos.

Ele me dá um largo sorriso mostrando os dentes da frente faltando, lembrando-me instantaneamente da filha de Strom, Mia. — Eu sou Eric.

Eu reviro os olhos dramaticamente. — Eu nunca vou conseguir fazer isso direito. — Por que os pais sentem a necessidade de nomear seus gêmeos idênticos com nomes rimando? Eu não digo isso em voz alta, no entanto. Eu apenas sorrio.

— Derek é o careca. É fácil de lembrar, — Eric confirma com um encolher de ombros. — Mas logo eu vou ficar careca também. Então, você está ferrada.

— Eric, — Diane avisa com uma sobrancelha arqueada.

— Desculpe senhorita Diane. — Ele desvia sua atenção para um carro Hot Wheels ao lado dele, um olhar tímido no rosto. E o meu peito aperta de um entalhe. *Os dois*?

— Você está aqui para brincar com a gente? — Derek pede calmamente.

Concordo com a cabeça. — Está tudo bem?

Sua carinha de repente ilumina com um sorriso e vejo que também está faltando seus dois dentes da frente.

Mudando o foco para o seu irmão, que agora está quebrando dois carros juntos, eu pergunto: — E você, Eric? Você está bem com isso?

Eric olha por cima do ombro para mim e diz com outro encolher de ombros: — Claro. Eu acho. — Mas eu pego o pequeno sorriso quando ele se vira para trás, e eu sei que, sem dúvida, que ele é o diabinho dos dois.

— Ok bom. Primeiro eu só vou passar por cima de algumas coisas com a Sra. Diane, ok?

Suas cabeças acenam em uníssono e eles vão voltar para seus Legos.

Com os olhos ainda sobre eles, tomo alguns passos para trás e solto a minha voz. — Câncer?

— Leucemia.

— Os dois? Quais são as chances?

Ela só balança a cabeça e suspira. — Eu sei.

— Quão, — Eu engulo, sem saber como terminar a frase, formando um caroço na minha garganta. — Quão ruim?

Diane cruza os braços sobre o peito. — Suas chances são grandes. Bem... — Seus olhos piscam para Derek brevemente. — Suas chances são boas, — ela corrige a si mesma. Oferecendo-me um tapinha no meu braço, ela diz: — Você vai ver um monte, enquanto você está aqui, Livie. Tente não perder o sono por isso. Melhor você se concentrar apenas no aqui e agora e deixar o resto para a medicina e oração.

Eu tenho que me lembrar para suavizar a minha testa franzida quando eu vou até onde os meninos estão. Sentada de pernas cruzadas no chão em frente a eles, eu bato minhas mãos. — Quem quer me mostrar como construir uma dessas casas legais? — Ninguém aparentemente, porque é quando eu sou atingida com uma enxurrada de perguntas de um após o outro, os dois se unem como se tivessem ensaiado por horas.

— Estamos com quase seis anos de idade. Quantos anos você tem? — Eric pede.

— Dezoito.

— Você tem pais? — A voz de Derek é tão suave ao lado de seu irmão, que eu mal escuto.

Eu simplesmente sorrio e aceno com a cabeça, não dou mais detalhes.

— Por que você veio aqui?

— Para aprender a construir com LEGOs, é claro.

— O que você quer ser quando crescer?

— Uma médica. Para as crianças como você.

— Huh. — Eric empurra seu pequeno carro. — Eu acho que eu quero ser um lobisomem. Mas... Eu não tenho certeza ainda embora. Você acredita em lobisomens?

— Hmm... — Eu torço minha boca como se eu tivesse que pensar muito. — Só os do tipo amigável.

— Huh. — Ele parece considerar isso. — Ou talvez eu vá ser um piloto de carros de corrida. — Ele dá de ombros exagerados. — Eu não sei.

— Bem, sorte para você que ainda tem muito tempo para decidir isso, certo? — Eu sinto o pontapé que meu subconsciente dá no meu estômago, alertando-me para ficar longe dessa linha de conversa.

Felizmente, Derek já está se movendo em uma nova direção. — Você tem namorado?

— Não, ainda não. Mas eu estou trabalhando nisso.

Sua pequena sobrancelha vai junto a careca. — Como é que você trabalha em um namorado?

— Bem... — Minha mão atravessa minha boca para não explodir de tanto rir. Com um rápido olhar para a minha esquerda, eu vejo que os lábios de Diane são pressionados firmemente juntos

quando ela ajuda outra paciente a pintar. Ela está ao alcance da voz e ela está se esforçando para não rir. — Eu conheci alguém que eu gosto e acho que ele poderia gostar de mim também, — eu respondo com sinceridade.

Pequenos acenos da cabeça de Derek para cima e para baixo lentamente com a boca ele diz: — Ah. — Ele parece pronto para fazer outra pergunta, mas seu irmão corta.

— Você já beijou um menino?

— Uh... — Eu paro por apenas um segundo, não esperava essa pergunta. — Eu não beijo e conto. Essa é uma boa regra. Você deve se lembrar disso— eu digo, e eu luto contra o blush.

— Oh, eu vou. Papai diz que um dia eu vou querer beijar garotas, mas eu estou apenas com cinco por isso é bom não querer agora.

— Ele está certo, você vai. Vocês dois vão. — Eu olho para os dois, por sua vez, com uma piscadela.

— A não ser que morremos antes. — diz Eric com naturalidade.

Eu puxo minhas pernas para meu peito e as abraço, a posição reconfortante contra o aperto súbito. Eu estive por aí com um monte de garotos e eu ouvi um monte de coisas. Eu mesma tive várias conversas sobre a morte e o céu. Mas, ao contrário de conversas com crianças ociosas provocada pela curiosidade, as palavras de Eric enviam um arrepio pelo meu corpo. Porque elas são verdadeiras. Estes dois meninos na minha frente podem nunca beijar uma

menina, ou tornar-se pilotos de corrida, ou aprender que os lobisomens-amigáveis não existem. Eles podem perder tudo que a vida tem para lhes oferecer, porque, por algum motivo cruel, as crianças não são imortais.

— Você está pressionando os lábios apertados, como a mamãe faz, — diz Eric, tirando dois blocos de Lego juntos. — Ela sempre faz isso quando falamos de morrer.

Eu não estou surpresa. Deus, o que essa pobre mulher deve enfrentar, observando não um, mas dois de seus meninos serem bombeados com rodadas de produtos químicos, sem saber se será suficiente, se perguntando o que as próximas semanas, meses ou anos vão trazer!

Um nódulo doloroso para a minha garganta incha só de pensar nisso. Mas não posso pensar nisso, eu me lembro. Estou aqui para *não* deixar eles pensarem nisso. — Que tal fazer uma regra, — eu começo devagar, engolindo. — Não falar de morrer durante as nossas brincadeiras. Apenas falar sobre o que você vai fazer quando o tratamento acabar e vocês forem para casa, ok?

Eric franze o cenho. — Mas e se...

— Não! — Eu balancei minha cabeça. — Não existe 'e se'. Entendeu? Que tal a gente não planejar morrer. Nós planejamos viver. Esta bem?

Eles olham um para o outro e, em seguida, Eric diz: — Posso pensar em não beijar uma menina?

A nuvem pesada na sala de repente se evapora quando eu explodo em gargalhadas, à beira das lágrimas por muitos motivos. — Você pode planejar o que quiser, contanto que envolva você envelhecer e ficar enrugado. Vamos apertar as mãos.

Seus olhos brilham quando eles deslizam suas mãozinhas na minha uma oferecida por vez, nós estamos fazendo um pacto secreto. Um que eu acho que eu preciso, tanto quanto eles.

Eu ajudo os gêmeos a construir um navio de guerra, um porta-aviões, e uma câmara de tortura - Eric deu a ideia -, de Legos. Eles conversam, brigando por vezes, exatamente como eu esperava que irmãos gêmeos agissem. É tão normal que quase me esqueço de que esses dois meninos estão em um hospital de câncer. Quase. Mas esse desconforto no peito permanece, e nenhuma quantidade de risos parece dissolvê-la.

Estou surpresa como quatro horas passaram tão rapidamente e uma enfermeira enfia a cabeça para dizer aos meninos que é hora deles se arrumarem e voltarem para o seu quarto. — Você vai voltar de novo? — Eric pergunta com seus olhos arregalados.

— Bem, eu estava pensando em voltar no próximo sábado, se estiver tudo bem para você.

Ele dá de ombro indiferente, mas depois de um momento eu pego o olhar de soslaio e o sorriso.

— Ok, então, — eu permaneço, despenteando seu cabelo. — Vejo você no próximo fim de semana, Eric. — Virando-se para Derek, que está me oferecendo um sorriso tímido, agora eu noto a

vermelhidão em torno de seus olhos e sua postura desleixada. Quatro horas aqui e ele se cansou. — Vejo você no próximo fim de semana, Derek, certo?

— Sim, senhorita Livie.

Com um pequeno aceno para Diane, eu lentamente faço o meu caminho para o corredor, onde uma mulher com o cabelo sujo e loiro puxado em um rabo de cavalo bagunçado está parada.

— Olá, — diz ela. — Eu sou Connie, a mãe deles. — Seus olhos sombreados com as trevas da falta de sono piscam para os meninos, que estão discutindo sobre a caixa e uma determinada peça de LEGO — Eu estava assistindo você com eles. Eu... — Ela limpa a garganta. — Eu não acho que eu os vi sorrir tanto em semanas. Obrigada. —

— Eu sou Livie. — Eu ofereço a minha mão. A dela é áspera e forte. Percebo que ela está em um uniforme de garçonete, então eu suspeito que ela acaba de sair do trabalho. Eu imagino que ela está trabalhando muito estes dias com as contas médicas que ela está enfrentando. Provavelmente por isso a pele parece esticada e o máximo que ela pode me oferecer é um sorriso gasto triste. O pensamento faz o meu coração doer por ela, mas eu o empurro de lado. — Seus pequenos homens são adoráveis.

Eu vejo o modesto lábio franzido quando ela olha pela janela de novo, aparentemente perdida em pensamentos. — Eles ainda são bebês para mim, — ela sussurra, e eu vejo ela piscar de volta com brilho repentino nos olhos. — Você me dá licença? — Eu vejo quando

ela entra na sala, substituindo o rosto pisado por um sorriso radiante cheio de esperança e felicidade.

— Então? — Eu ouço a enfermeira Gale perguntar atrás de mim. — Como foi seu primeiro dia?

— Ótimo, — murmuro distraidamente, observando os meninos quando cada um agarra um dos braços estendidos de sua mãe. Ela é uma mulher pequena, mas ela pega os dois de uma vez, apertando-os firmemente. Mesmo quando Eric começa a mexer fora de seu alcance, ela não cede, segurando-se por um momento, as pálpebras apertadas com firmeza. Ela os aperta como se nunca quisesse deixar eles ir. E eu não posso evitar, mas pergunto se cada abraço parece como um dos últimos abraços que ela vai ter.

E se for? E se eu aparecer um fim de semana para descobrir que um deles. ...se foi? Não é como se eu tivesse vindo ao escuro,eu esperava isso. Mas agora poucos rostos e vozes estão ligados a essa possibilidade. Eu acredito que vou chorar. Eu vou ter que aceitar isso. E eu vou seguir em frente. Mas se eu fizer isso, se eu me tornar uma médica, quantas vezes mais eu vou ficar em uma janela e ver pais se agarrar aos seus filhos? Quantas vezes mais eu vou fazer acordos que não vou poder cumprir? Eu nunca vou me tornar imune a esta sensação de mal estar no estômago?

Estando aqui com todos esses pensamentos que rodam pela minha cabeça, meus olhos de repente ampliam em choque. Sei que esta é a primeira vez em nove anos que eu penso em me tornar uma médica com um “se” contra um “quando”.

Capítulo 07

Mundo Pequeno

— Como é Princeton?

— Um pouco esmagadora, — Eu admito com um suspiro. — Eu me perdi tentando encontrar minhas aulas na quinta-feira e sexta-feira. Acabei entrando na mesma hora que os professores se apresentaram. Eu quase tive um ataque epilético. — Eu nunca me atraso para a aula. Eu sabia que esse campus era enorme, mas eu não tinha percebido quão grande. Eu já defini as rotas para o resto das minhas aulas para evitar todos os ataques possíveis no futuro.

— Caramba. Mas, você tinha o seu voluntariado hoje. Como foi? — As últimas palavras de Kacey são borradas por gritos de Mia e o que soa como riso maníaco do nosso amigo Ben ao fundo.

— Foi bom. Tem esses dois meninos.

— Espere Livie. — Eu ouço abafando, como se estivesse cobrindo o receptor com a mão. — Gente! Eu estou falando com Livie. Vocês podem apenas... calar a boca! — Um segundo depois, gritos de — Oi, Livie! — inundam o telefone, fazendo meu coração inchar e logo em seguida acalmar. Descobrindo o telefone Kacey diz: — Desculpe Livie. Você sabe como as noites de sábado começam.

Eu sorrio melancolicamente. Sim, eu sei exatamente como as noites de sábado começam. A mesa de jantar de oito pessoas na espaçosa cozinha nunca é suficiente para todos. Somos sempre nós, mais Trent e geralmente alguns amigos do bar Penny. Ocasionalmente, nosso velho senhorio, Tanner, vem. Neste momento, Strom provavelmente limpa a mesa, e Dan esta lavando pratos, se ele não esta prendendo os criminosos de Miami. É uma mistura de desajustados e ainda... É família. É um lar.

Eu suspiro, eu olho ao redor em meu pequeno quarto no dormitório. É limpo e agradável, mas eu me pergunto quando a novidade acabar,- quando eu vou começar a sentir que pertenço aqui.

— Então como foi o hospital? Você conheceu dois garotos? — Portas de armário se abrem no fundo, o que me diz que Kacey está guardando a louça enquanto ela fala comigo. Ela é um furacão quando ela entra na cozinha.

— Sim. Gêmeos. Eric e Derek.

— Sério? — Eu quase posso ouvir rolar os olhos da minha irmã.

Eu murmuro. — Eu sei. Eles são muito bonitos.

— E eles estão... — Ela não diz as palavras. Ela não precisa, e meu estômago aperta firmemente tudo à mesma coisa.

Eu engulo. — O prognóstico é bom. — Eu não sei por que, mas eu digo isso de qualquer maneira, porque vai fazer nos sentir melhor. A longa viagem para casa me deu uma chance para me descomprimir e avaliar. Eu reconheço que o primeiro dia em um hospital infantil com doentes, possivelmente morrendo foi obrigado a puxar algumas cordas do coração. Claro que vai ficar melhor. Eu provavelmente também vou surtar a primeira vez que eu enfrentar um cadáver na escola de medicina. Todo mundo surta. É normal. Isso não significa que eu não estou destinado a estar lá ou que eu não posso cortá-lo. No momento em que eu cheguei de volta ao meu quarto esta noite, a nuvem que pairava sobre mim foi embora. Minha amargura com Stayner no entanto, aumentou dez vezes.

Kacey suspira. — Bem, isso é bom. — Eu ouço o grito da abertura da gaveta do forno e eu sorrio, sabendo o que está por vir. Com certeza, há um tapa forte, seguido de um grito. Eu estou rindo com os gritos de Kacey — Droga, Trent! — Porque eu sei que ele a pegou curvada e distraída e Trent simplesmente não consegue parar de dar tapa na bunda dela, brincando cada chance que ele tem. Poucos segundos depois, há um som de beijo barulhento perto do telefone e risos de Kacey.

— Oi, Livie, — uma profunda voz masculina diz.

— Oi, Trent, — eu digo, sorrindo para os dois e como completamente apaixonados um pelo outro eles ainda são, mesmo depois de três anos. É emocionante, sabendo que dois indivíduos com

tal desastre de trem de um passado podem prosperar juntos. Ouvir eles no meio da noite não é tão emocionante. Dan teve que bater em sua porta mais de uma vez para dizer-lhes para mantê-lo baixo. Eu geralmente não posso fazer contato visual com Trent, no dia seguinte o que diverte Kacey sempre.

— Como a escola está indo?

— Boa. A aula só começou na quinta-feira, mas elas são boas até agora.

— Sim? — Há uma pequena pausa. — E você deu uns amassos com algum outro cara?

Eu suspiro quando ouço um empurrão na outra ponta, seguido de um sonoro tapa e risos de Trent se afastando.

— Desculpe, — murmura Kacey.

— Como você pode contar isso para ele? — Trent se tornou um irmão mais velho para mim. O gigante irmão homem-criança que gosta de me provocar, quase tanto como a minha irmã faz. É cem vezes mais embaraçoso quando ele faz isso. — Eu nunca vou ouvir o fim disso! Ele vai dizer a Dan agora e, em seguida, eles vão conspirar contra mim! —

— Relaxe, Livie! — A voz de Kacey corta dentro — Ele não vai dizer nada. Ainda mais. Eu tive que explicar porque eu tinha fotos da bunda de um cara no meu celular, embora, por isso ele não acha que o trai.

— Oh, — eu disse, mordendo meu lábio.

— Mas não se preocupe. Eu vou bater hoje à noite para você. — Ela diz que última parte extra-alto e eu sei que é para o benefício de Trent. Ele provavelmente está sorrindo para ela agora.

— Ótimo, — eu murmuro, revirando os olhos. Minha irmã é o oposto de sexualmente reprimida.

— Então... você topou com esse cara? Qual era o nome dele? —

— Ashton. Sim, — eu admiti relutantemente.

— E... Como foi?

Eu suspiro. — Foi tão bom quanto um fósforo aceso perto de uma poça de gasolina.

— Uau.

Eu contei toda a conversa.

Há um barulho alto quando Kacey joga tudo o que ela tinha na pia. — Que idiota! A próxima vez que voar até ai, eu vou rasgar as bolas do cara, como prometido.

— Não, você não vai. Está tudo bem. Eu superei isso. Reagan e eu vamos sair com alguns amigos esta noite. Eu só estou esperando ela voltar do banheiro e, em seguida, nós estamos no nosso caminho.

— Ah, bom. Eu sabia que eu gostava dela. — Eu ouvi a porta do pátio se deslizar e a brisa repentina contra o receptor, seguido pelo pequeno gemido de Kacey. Eu posso dizer que ela está sentando em uma das cadeiras no convés de volta. — Bem, eu espero que você se

divirta. Talvez dispense os tiros, vendo que eu não estou aí para controlar a besta reprimida quando ela se revela.

— Engraçado. — Eu mordo meu lábio, hesitando. Eu simplesmente saio ou digo a ela o que Dr. Stayner me disse? Eu não sei como ela vai reagir. Provavelmente não muito bem. Eu não quero que ela se preocupe comigo, porque não há nada para se preocupar, Dr. Stayner está errado.

Antes de eu ter a chance de decidir, Kacey começa novamente na forma típica Kacey. — Mas se você for à outra farra selvagem, faz o cara embrulhar o negócio dele.

— Caramba, Kacey. Você fala como um cara, — eu ouvi Trent dizer em segundo plano.

— O quê! Estou apenas tendo certeza de que minha irmã virgem pense sobre essas coisas quando ela deixar a besta solta novamente. —

— Que besta? Livie tem uma besta? — Eu ouvi uma segunda voz masculina piar. Ben, amigo de boa aparência fanfarrão de Kacey,que virou advogado. — Droga. Eu preciso encontrá-la. Eu amo os animais.

E é oficial. Mesmo a milhares de quilômetros de distância, minha irmã ainda consegue me fazer querer morrer. Eu gemo, meu rosto caindo na minha mão. — Por que eu esperei até a faculdade para beber, Kacey? Eu deveria ter chegado tão fora do meu sistema anos atrás. Por que você me deixou esperar?

— Ei, eu tentei. Lembra-se? Se batizar seu chá gelado não é o amor fraternal, então eu desisto.

A porta se abre e Reagan entra, jogando as coisas dela em seu armário. Ela prontamente bate o relógio e, em seguida, faz um gesto para dizer que ela vai ao salão.

Eu aceno, levantando um dedo para indicar um minuto. — Kacey. Eu tenho que ir. Diga oi para todos. E diga que eu sinto falta deles.

— Vai Livie. Estamos com toneladas de saudades. Não é o mesmo sem você.

Novamente, eu tenho aquela sensação incômoda de que eu deveria dizer a ela o que Dr. Stayner me disse, mas eu não sei como. Eu sei que ele não está certo, mas... Se ele estiver? Eu sei que ela vai acreditar nele. Talvez por isso eu não quero dizer a ela. Porque o que ela vai dizer? O que ela vai me dizer para fazer? Provavelmente a mesma coisa que ela sempre diz: Vá viver e deixar-se cometer erros. — Ei, Kacey?

Ela deve ser capaz de perceber o tom sério na minha voz, porque sua cadência lúdica desaparece. — Sim, Livie?

— Como você descobriu a maneira certa de viver a sua vida? —

Há uma longa pausa, tanto que eu verifico a tela do meu celular para ver se a chamada ainda está conectada.

— Tentativa e erro, Livie. Essa é a única maneira que eu conheço.

— Parece muito tranquilo, — eu digo, sigo Reagan ao longo do bloqueio da rodovia até a varanda da frente, que é ligado a uma moderna casa imponente em estilo Craftsman de dois andares e está rodeada por carvalhos imponentes. Uma semana atrás, eu estava caminhando ao longo destas mesmas pedras e sentindo as mesmas borboletas. Só que desta vez é diferente, porque eu conheço alguém que está dentro.

Connor. E é um sentimento animado, nervoso, estranho que está mexendo dentro da minha barriga neste momento.

— Ainda é cedo, — é tudo que Reagan diz, corre com passos como se ela já estivesse aqui umas mil vezes. Ela estende a mão e abre a porta da frente.

— Reagan! Não devemos bater ou...

— Gidget, — eu ouvi uma voz masculina abaixo. Espiando por cima da cabeça de Reagan, eu vejo um cara passeando por um longo corredor em direção a nós, os pés descalços batendo no chão de madeira.

Sob a minha respiração, eu sussurro: — Quem é esse? — Eu me lembro dela dizendo que ela conhecia um monte de gente indo para a festa, mas ela conhecia os caras que vivem aqui? Será que ela conhece Connor? Mencionei Connor e ela não disse nada exceto — Eu estou dentro!

— Como você pôde esquecer Grant? — Reagan anuncia um pouco alto, piscando um de seus sorrisos gigantes. Sutileza não parece ser parte da natureza de Reagan.

Ele diminui quando ele se aproxima, um olhar cabisbaixo passa sobre seu rosto. — Você não se lembra de mim? — Ele pergunta levantando as mãos para cobrir seu peito como se o seu coração estivesse em dor.

— Eu... Uh... — Eu engasgo lançando um olhar na direção de Reagan com o meu rosto corando. Ambos explodiram em gargalhadas.

Com um sorriso de menino, ele estende a mão. — Oi, eu sou Grant. Fico feliz que você senhoras puderam vir.

Eu ofereço um sorriso tímido quando eu o cumprimento. — Livie.

— Você sempre vai ser Irlandesa para mim, — ele diz com uma piscadela e depois vira a cabeça para baixo no corredor que se estende até a parte de trás da casa considerável.

Ele me chamou de irlandesa.

Por que ele me liga à irlandesa?

Eu não me lembro dele.

Por que eu não me lembro dele?

Oh meu deus. Ele me viu daquele jeito. Ele deve saber de Ashton. Será que ele sabe o que eu fiz com o Ashton? Será que ele vai dizer a Connor que eu sou uma maníaca, quando eu bebo? Será que ele já disse a Connor? E se Connor não quer ter nada a ver comigo agora?

Isso é um desastre.

Reagan agarra meu braço e aperta. — Livie, você não está piscando e isso está me assustando.

— Desculpe, — murmuro. *Não é nada*, eu digo a mim mesma.

Começamos seguindo Grant, após uma espaçosa sala de estar desocupada, mais à direita. — Reagan conquistou meu amor eterno, mas eu estou autorizado a namorar ao redor enquanto ela semeia sua veia selvagem, — Grant chama por cima do ombro.

— Eu acho que você não vai namorar até que você esteja velho e grisalho, então, — eu aviso com um olhar de soslaio para ela.

Ele para de andar e gira ao redor, piscando para Reagan com um largo sorriso. — Ela vale a pena. Você senhoras querem algo para beber?

Antes que eu possa pedir água ou uma Coca-Cola, Reagan já está colocando o nosso pedido, que sustenta dois dedos. — O de sempre, Grant. Obrigada. — Eu tenho uma sensação de que *o de sempre* vem da seleção de bebidas de garrafas de vidro no balcão da cozinha que eu vejo lá na frente. E Grant, obviamente conhece Reagan bem, se ele sabe o que é — habitual.

— Qualquer coisa para você, Gidget, — ele diz com outro sorriso vencedor quando ele vira uma esquina.

Eu agarro seu braço para impedi-la de seguir. — Você sabia que Grant vive aqui, Reagan?

Sua testa enruga. — Oh, sim. Claro.

Eu sinto meu arco da sobrancelha e eu sei que é, provavelmente, a meio caminho na minha testa. — Então, você sabia que ele era colega de quarto de Connor…

— Uh-huh, — diz ela distraída, saindo do meu alcance e acelerando em direção à cozinha.

Por que ela está sendo tão evasiva?

— Ei, Livie! — Eu ouço. Eu me viro para ver Connor descendo o conjunto de escadas, com o rosto radiante. Eu suspiro de alívio. Ok, então ele não parece estar lamentando este convite…

Ele confirma um segundo mais tarde, quando ele envolve seus braços em volta do meu corpo, me envolvendo em um abraço caloroso, como se fôssemos velhos amigos, em vez de duas pessoas que acabou de conhecer. — Que bom te ver de novo, — ele murmurou em meu ouvido, fazendo um arrepio passar por mim.

— Você também, — eu ri fundindo-o com facilidade.

Com uma mão suave nas minhas costas, ele me leva para uma grande cozinha estilo cozinha de navio, cheio de madeiras escuras e aço inoxidável. Eu nunca vi nada disso na noite da festa, já que entramos no porão na parte de trás da casa. Eu estou mais do que surpresa que um bando de caras da faculdade vive assim. A parede do fundo é basicamente toda de vidro, com vista para o quintal arborizado isolado.

— Você conheceu Tavish? — Connor pergunta, apontando para um homem atarracado da minha altura com cabelo vermelho tingido encostado ao balcão, inalando um pedaço de pizza.

— Chame-me de Ty. — Ele limpa a mão na calça e, em seguida, me oferece.

— Cara! Esta é a América. Nós não somos bárbaros aqui. Lave as mãos antes de oferecê-la para as senhoras, — murmura Grant quando ele me dá uma bebida, balançando as sobrancelhas. Ele tem um sorriso amigável muito agradável.

— Bile yer heid! — Ty ruge para Grant em um forte sotaque escocês que eu assumo que é falso, já que ele não tinha um momento atrás. Eu não tenho nenhuma ideia do que ele disse, mas a bronca de Grant deve ter funcionado porque Ty vai para a pia para lavar a gordura de pizza das mãos.

— Se você precisar de um pequeno homem em uma saia escocesa, Ty é a sua cara, — Connor diz com um sorriso irônico.

— Uma saia escocesa? — Eu repito em voz estridente que eu me lembro da imagem no telefone da minha irmã.

— Ty é todo tradicional. Não é Ty? — Reagan fala atrás de mim, rindo. Ela olhou as fotos também, então ela sabe exatamente o que estou lembrando.

Ele responde com um sonoro arroto e um sorriso.

— Cara, Ty. Facilita — Connor diz com uma risada, sacudindo a cabeça. Para mim, ele diz: — Ele é um cara para ser tomado em

pequenas doses. E em dose nenhuma quando ele está andando nessa coisa. Você não quer testemunhar. Não é bonito, confie em mim.

Reagan uiva com um riso quando meu rosto queima e Connor vibra a distância, sem noção.

Connor faz peculiaridades com sua sobrancelha. — O que é tão engraçado, Reagan?

— Oh, nada... — Um sorriso travesso passa em seu rosto e, em seguida, ele se foi. — É bom ver você, Connor.

Ele caminha até dar-lhe um abraço. — É bom ver você também, Reagan. Embora eu não sei se Princeton está pronta para lidar com você...

Ela só pisca em resposta.

Dobrando os braços sobre o peito, eu pergunto: — Então, como exatamente você todos se conhecem? — Eu atiro a minha pequena companheira sorrateira um olhar aguçado. Ela rapidamente se abaixa atrás de Grant, evitando contato com os olhos.

— O pai de Reagan treina a minha equipe de remo. Ela não te disse isso?

— Ela deixou de fora alguns detalhes. — Eu sei que o pai de Reagan é o treinador de uma equipe de remo, mas ela se esqueceu de mencionar que ela conhecia Connor, e muito menos que ele estava naquela equipe. Novamente, eu olho por cima do meu ombro. Reagan está encostada em Grant, meio escondida, me olhando com uma expressão de dor.

— Somos também todos os membros da Tiger Inn. Um clube de Princeton. Você já ouviu falar deles, não é?

— Como uma espécie de fraternidade, certo?

Connor dá de ombros. — Muito mais relaxado do que uma fraternidade, mas fazemos iniciações (bicker).

Eu rapidamente escolho através do meu conhecimento limitado da cena social de Princeton para evitar soar como uma idiota. — Bicker... que significa iniciação, certo?

— Certo. Você não pode disputar até a primavera do seu segundo ano, mas você deve começar a conhecer as várias casas. — Pegando minha mão, Connor me puxa para outra sala.

— Então você está na equipe de remo?

— Sim, nós quatro. Vamos. — Connor pega a minha mão e me puxa para frente. — Venha conhecer Ash.

Meu cérebro não tem tempo suficiente para processar, meu estômago tem tempo suficiente para cair, e minhas pernas vacilam quando entro na cova. Tenho certeza de que meu rosto está exibindo a combinação perfeita de choque, vergonha e horror. Lá, estendido em uma poltrona enorme, cerveja em uma mão, controle remoto na outra, está à forma alta, magra, com olhos castanhos escuros e cabelo desgrenhado que eu jurei tirar da minha vida.

Ashton “eu me arrependo” Henley.

— Este é Ashton, o nosso capitão, embora pela minha vida, eu não consigo descobrir o porquê, — Connor diz de uma forma lúdica, aparentemente alheio ao fato de que eu sei exatamente quem Ashton é e estou prestes a entrar em colapso.

Eu não posso falar quando eu olho para aquele rosto, eu assisto os olhos dele mudar de mim para Connor e para a mão de Connor segurando a minha, tomando um longo gole de cerveja quando ele faz isso.

— Irlandesa, — ele finalmente oferece em um tom plano. Percebo que sua mandíbula está fechada. Isto é provavelmente tão confortável para ele como é para mim. Sua noite de arrependimento - a garota que ele quer esquecer-, está de pé em sua casa.

— Espere um minuto... — Connor desliza sua mão para fora da minha. Oh... *Aqui vamos nós*... Um dedo aponta para mim enquanto a cabeça de Connor vira para o lado. Ele olha com olhos arregalados para seu companheiro de quarto. — *Esta* é a menina que te desafiou a fazer aquela tatuagem?

Eu fecho os olhos e respiro fundo várias vezes, dizendo em silêncio adeus a qualquer chance que eu poderia ter tido com Connor. Quando eu abro os olhos novamente, os dois estão olhando para mim.

— Bem, quem diria! — Connor lança um braço em volta dos meus ombros e me aperta a ele. — Você é famosa por aqui!

Eu sinto a cor drenar do meu rosto. — Famosa? — Eu solto um gemido. Como o quê? O robô-dançante, virgem bêbada? Eu me viro

para encontrar Grant e Reagan escapando por trás de nós. Eu jogo um conjunto de adagas extra-afiadas diretamente para o rosto de Reagan pela criação desta emboscada. Ela bebe um gole de sua bebida enquanto ela rapidamente vai para trás de Grant.

Eu volto para enfrentar o cara que eu quero impressionar e o cara que eu quero esquecer, e eu me pergunto silenciosamente como hoje poderia piorar.

— Ashton. Bebê, nós temos que ir embora, se não eu não vou chegar ao aeroporto a tempo. — Eu ouço a voz antes da loira aparecer através de outra entrada para a sala com sua bolsa e casaco pendurado no braço. Debruçando-se sobre as costas da cadeira, ela estabelece um longo beijo em seus lábios.

Connor se inclina para mim na felicidade ignorante. — Essa é a namorada de Ashton, Dana.

Capítulo 08

Mulherengo

Eu já desisti de falar por este ponto. Eu sei que tudo o que sai da minha boca será um jargão idiota, porque eu tendo a falar dessa maneira quando estou nervosa, chocada ou perturbada. Agora, aqui de pé, assistindo Ashton e sua namorada se beijando, a tempestade perfeita de todas as três se mistura dentro de mim.

Dana se afasta de Ashton ao som do seu nome. — Olá, Reagan! Oi...

— Esta é Livie, — Connor diz.

Ela me oferece um sorriso caloroso. — Oi, Livie. É bom conhecê-la.

Eu tento sorrir de volta. Eu acho que eu fui bem sucedida. Eu não tenho certeza, mas poderia ser mais parecido o escárnio de um animal raivoso. Estou muito ocupada tentando acalmar a gritaria de dentro da minha cabeça.

Aquele idiota a *traiu*. Comigo!

Meus olhos perfuram o seu rosto, para ver que ele está olhando para mim com uma expressão estranha. Não é sua arrogância habitual. Não é culpa, o que *deveria* ser. Não, eu sei exatamente o que é. Desespero. Ele está me implorando para não dizer nada. Ele não quer que sua namorada descubra. Tudo faz sentido agora. É por isso que ele quer manter o que aconteceu entre nós em segrego. Mas então... Porque eu seria *famosa*?

Eu dou uma espiada em Connor e o vejo sorrindo para mim. É um sorriso, não o sorriso divertido de um cara que sabe que eu brinquei com seu colega de quarto e agora estou sendo apresentada a namorada do desavisado companheiro de quarto. Ou ele não acha que haja algo de errado com o que aconteceu, fazendo dele um completo idiota e por isso não o cara legal que eu achava que ele era ou ele não sabe.

Eu não entendo isso. Mas todo mundo está olhando para mim, esperando por mim para responder Dana. Eu engulo e então faço o melhor para forçar a saída de um ambiente agradável, — Ei, Dana. Prazer em conhecê-la também. — Deve ter soado inadequada, porque ela sorri e acena com a cabeça antes dela agarrar o braço de Ashton e puxar para ela. — Ok, sério, Ash. Tire essa bunda linda daí, para que possamos ir ou vou me atrasar.

Ele cumpre, deslizando para fora de sua cadeira com facilidade. Seus cachos soltos derramam nas costas enquanto ela inclina a cabeça para trás para olhar para ele. A maneira que os olhos dela brilham, é como Kacey faz quando Trent está na sala, eu posso dizer que Dana esta com a cabeça nas alturas de amor por ele.

Eu quero estar em qualquer lugar, menos neste quarto, com esta doce menina inocente e seu namorado lascivo agora. — Connor, onde é o banheiro? — Eu pergunto, tentando manter minha voz firme.

Com um aceno de cabeça para a esquerda, ele diz: — há uma porta no meio, ao virar a esquina. Primeira à direita.

— Oh, eu não iria naquela porta em uma hora, — Grant adverte atrás de nós. — Ty estava lá. Não é adequado para as senhoras. Ou a maioria dos seres humanos.

— É esse maldito pimentão que sua mãe fez! — Ty grita da cozinha.

Sacudindo a cabeça para seu companheiro de quarto, Connor diz: — Terceira porta à direita, lá em cima. Você quer que te mostre?

— Não, eu vou encontrar, obrigado. — Eu saio de seu braço quando me viro para correr para fora de lá.

— Foi um prazer conhecê-la, Livie, — Dana chama.

— Você também, — eu jogo para trás com um sorriso, correndo para as escadas. Espero que isso não seja muito grosseiro, mas não posso evitar. Ela é super agradável e me faz querer gritar.

Ouço Ashton atrás de mim dizendo: — Eu vou encontrá-la no meu carro em cinco minutos. Eu tenho que me trocar e pegar minha carteira.

Ele está me seguindo.

O sangue corre para os meus ouvidos. Eu acelero, subindo os degraus dois de cada vez, determinada a ficar atrás de uma porta fechada antes de ter de enfrentá-lo. E eu teria feito isso se meu pé não tivesse escorregado no degrau mais alto, enviando-me esparramada para o piso de madeira, batendo no meu estômago.

Meu rosto queima quando eu luto com minhas mãos e joelhos, ainda determinada a me esconder. Eu ouço uma risada suave atrás de mim quando duas mãos agarram minha cintura e me puxam para os meus pés sem esforço.

— Caramba, Irlandesa, — murmura Ashton. Eu tremo quando eu sinto sua mão tocando a minhas costas.

— Eu estou bem, — murmuro com raiva, virando para longe dele enquanto eu corro para o banheiro.

Ele segue o exemplo, aumentando a sua velocidade atrás de mim. — Eu duvido disso, — ele diz, mas ele não ri. Quando eu chego à terceira porta à direita, Ashton agarra meu quadril e praticamente me empurra para o quarto espaçoso. Eu giro em torno e fecho a porta, mas é tarde demais. Ele já manobrou seu caminho, fechando a porta atrás de si e nos trancando.

— O que você está... — Eu começo a dizer em um tom cortante, mas sua mão está sobre a minha boca.

— Cale a boca. — Ele me empurra para trás até a borda da bancada de granito que bate no meu cóccix, mantendo a mão na minha boca o tempo todo. Eu brevemente considero morder, mas eu me contenho. Eu provavelmente iria tirar sangue, eu estou com tanta raiva. Livie a animal que morde. Deus sabe que eu só gostaria de acrescentar isso a todas as histórias que já estão circulando sobre mim.

Ele está olhando para mim, aqueles olhos castanhos profundos intensos e pensativos. Minhas narinas pegam essa colônia almiscarada dele. Ela aciona instantaneamente memórias do último sábado. Memórias que simplesmente não me deixam em paz.

Eu olho para longe dele quando o meu coração começa a acelerar e eu sinto a primeira gota de suor nas minhas costas. Eu só quero sair e eu não posso. Ele me prendeu. A situação toda é esmagadora e eu tenho que lutar para evitar que meus joelhos cedam. Ou talvez seja apenas Ashton que está me oprimindo. Tudo sobre ele. Eu engulo repetidamente.

— Se eu mover minha mão, você vai ficar quieta e me deixar explicar uma coisa? — Ele diz com um olhar de advertência.

Minha testa franze. O que há para explicar? Que ele ficou bêbado e traiu a namorada dele? Mas neste momento, eu só quero ficar longe dele, então eu concordo com minha cabeça.

No segundo que sua mão cai da minha boca, minha crise de raiva volta. — Como você pôde faze... — Minhas palavras são cortadas quando Ashton agarra minha cintura e gira em torno de mim para enfrentar o espelho. Estou prestes a torcer meu torso contra ele para ir embora, mas então eu olho para o nosso reflexo e encontro o seu olhar escuro prendendo-me com a sua força. Minha respiração engata.

— Como você conhece Connor? — Sua voz é estranhamente calma. Eu enrijeço quando ele levanta a mão para escovar meu cabelo preto comprido para o lado, passando seus dedos no meu pescoço.

— Eu o conheci outro dia, — eu respondo involuntariamente, distraída. — Será que ele não mencionou isso? — *O que ele está fazendo?*

— Não. — Seus dedos passam suavemente na parte de trás da minha camisa, puxando-a para baixo o suficiente para expor a minha tatuagem. — Mundo pequeno, — ele murmura enquanto seu dedo passa horizontalmente ao longo da escrita. Ele exala lentamente, sua respiração provoca arrepios nas minhas costas e pernas, meu corpo endurece inteiro.

Eu defino o meu queixo. — Infelizmente.

Seu dedo param de se mover enquanto seus olhos marcantes piscam em minha direção no espelho. Quando ele olha de volta para a minha tatuagem, eu pego o pequeno sorriso. Seu dedo começa a correr para trás e para frente ao longo da tinta nas minhas costas novamente, o movimento puxa o fôlego dos meus pulmões e fazendo

meu rosto corar. — Agora você vê porque sábado passado precisa ficar entre nós?

— Isso nunca deveria ter acontecido em primeiro lugar, — eu digo, minha voz embargada quando seu braço musculoso chega para o frasco de loção no balcão, bombeando uma pequena quantidade sobre os dedos. Com uma sobrancelha enrugada, eu vejo quando ele traz para mim e no mais suave dos toques, começa a alisar sobre a minha pele recém-tatuada. Eu fecho meus olhos enquanto engulo, tomando um momento para desfrutar do fresco, creme calmante. Essa maldita coisa está me deixando louca durante toda a semana. Estou diligente com os cuidados dela, mas eu tenho que admitir que com as minhas mãos não é tão bom quanto as dele.

Eu odeio admitir isso.

— É uma sensação boa, não é, — ele murmura com uma rouquidão em sua voz que faz incendiar calor pelo meu corpo.

— Sim, — eu me ouço murmurar. *Espere*... Meus olhos se abrem para encontrar os dele agarrados no meu reflexo. *Caramba, como ele faz isso!* — Não! — Eu agarro, balançando meu caminho livre dele e girando. Eu passo em direção à porta, mas as mãos gigantes de Ashton agarram minha cintura. Ele mais ou menos me levanta e me senta no balcão de frente para ele. — Pare de ser tão teimosa e escute Irlandesa, — ele se encaixa, com as mãos apertando os meus lados, os polegares pressionando meu osso do quadril.

É o tom que me faz recuar, no entanto. — Connor é o meu melhor amigo. Nós nos conhecemos há quatro anos. Eu o conheço

bem. — Ele faz uma pausa, os olhos patinam sobre o meu rosto. — Eu sei que ele parece muito calmo, mas... Posso dizer-lhe que Connor não gostaria de saber que você e eu ficamos. Mesmo que fosse por uma noite. Mesmo sem foder. — Eu suspiro em sua crueza, mas ele continua sem desculpas. — Então, se você quer que alguma coisa aconteça com ele, você provavelmente deve ficar quieta.

Eu franzi a testa. — Eu não entendo. Eu pensei que ele sabia-

— Não, ele não sabe, — Ashton confirma com um aceno.

— De nada?

As mãos de Ashton lentamente deslizam da minha cintura sobre meus quadris, as laterais das minhas pernas, apertando-os ligeiramente, para ficar sobre os meus joelhos quando ele se distancia. — De nada.

Uns estranhos picos de calor começam em minhas coxas com seu toque, mas eu cerro os dentes, mais focada em responder. — Bem, então por que eu sou *a famosa* Irlandesa?

— Oh. — Mergulhando sua cabeça, ele ri. Quando ele olha para mim, é com um sorriso privado. — Porque eu nunca tinha sido desafiado antes. — Vendo meu olhar confuso, ele acrescenta: — A tatuagem. Na minha bunda.

Eu sinto meu rosto corar, mas o meu foco se move rapidamente para a minha curiosidade. — Por que você fez, então?

Sua voz é suave quando fala novamente. — Eu tive meus motivos. — O modo como seus olhos se contenta em mim, como uma

dica de um segredo por trás deles, seca instantaneamente minha boca. — E eu estou pedindo para você agora de novo, para não dizer nada. Por Dana. Ela não precisa se machucar.

A maneira como ele diz o nome dela, eu imediatamente senti a reverência lá. Ele se importa com ela. Talvez ele estivesse tão bêbado quanto eu estava... — Você não deveria dizer a ela, no entanto? Quero dizer, é... — Minha voz vagueia, procurando a palavra certa. Desprezível. Mal. Errado.

— É complicado, — ele se encaixa. — E não é da sua conta. E se você não quer ficar quieta por causa da Dana, faça por Connor. Se você está pensando em ficar com ele. — Ele desbloqueia a porta, abre e sai. Mas para abruptamente. — Só mais uma coisa... — Ele olha por cima do ombro para mim e meu estômago revira. — Diga a Reagan que eu vou matá-la. — Com isso, ele se dirige para as escadas.

— Não, se eu matá-la primeiro, — murmuro para o rosto avermelhado no espelho.

* * *

— Eu não podia te dizer! — Reagan lamenta articulando com grandes, grandes olhos de corça. — Você nunca teria vindo! —

— Isso não é verdade, — murmuro com teimosia. Mas ela está certa. Eu não teria. E então eu não estaria sentada no deck de volta, à espera do doce, inocente Connor para trazer o meu Jack e Coca-Cola. O terceiro da noite, graças aos meus nervos em frangalhos. — E sobre Dana? — Eu assobio. — Você não achou que eu precisava de um aviso sobre isso? —

Ela se encolhe. — Eu não tinha certeza de como contar, já que sua cabeça parecia prestes a explodir com tudo o que aconteceu naquela noite. E se você realmente gostasse de Ashton, ou então.

— Eu não gosto, — Eu digo, um pouco rápido demais.

Eu vejo o brilho de um sorriso tocar seus lábios, mas ela disfarça rapidamente. — Bom, porque você não é o tipo de menina companheira de foda e ele não é material de namorado. Com certeza.

Com um suspiro, eu murmuro: — Eu entendo por que você não me contou na semana passada. Minha cabeça provavelmente *teria* explodido. Mas você não acha que me dizer *antes* de entrar nesta casa era uma boa ideia?

Ela tem a decência de parecer envergonhada quando ela coloca seu copo vazio em uma mesa lateral. — Provavelmente... Sinto muito. Quando você me disse que você conheceu Connor e quis vir aqui hoje, eu esperava que você não se importasse mais. Uma vez que você viu Ashton, quero dizer.

Eu olho para ela. — E sobre quando eu conheci a *namorada* dele?

— Ela deveria estar de volta a Seattle para a escola já! — Reagan geme, deixando seu rosto em suas mãos. — Eu sinto muito! Sou uma amiga terrível. Uma colega de quarto horrível. Eu simplesmente não me dou bem com situações desconfortáveis.

— Eu também não. Especialmente aquelas que eu simplesmente sou jogada de um lado para o outro.

— Gidget, — A porta traseira se abre e um sorridente Grant passa para Reagan sua bebida. Quando ele vê o olhar sombrio no rosto dela, ele rapidamente se vira e volta para dentro sem dizer uma palavra. Eu quase posso ver a cauda de culpado escondida entre suas pernas.

— Então Grant estava nisto também?

— Ele não vai dizer uma palavra. Sério. — Ela olha para mim com os olhos suplicantes. — Por favor, não me odeie Livie.

Defino meu queixo teimosamente, eu olho para a escuridão do quintal expansivo quando eu olho através dele. Nada disso é culpa de Reagan. Eu sou a única que ficou com Ashton. Eu sou a única que conheceu Connor e quis vir para cá. Eu sou a única que é amarga com Ashton por ter traído sua namorada. Eu sou a única que insiste em deixar memórias fugazes dos beijos e toques influenciar minha mente. Eu preciso parar de pensar nessas coisas sobre Ashton e começar a me concentrar no indivíduo irlandês loiro lindo que está disponível. Talvez eu possa fazer algumas novas memórias e provar ao Dr. Stayner que ele esta errado. — Eu não te odeio, Reagan, — eu digo com um suspiro. — Eu ainda posso te matar enquanto você dorme, mas vou pensar em você com carinho, enquanto eu estou fazendo isso.

Ela exala ruidosamente. — Me avise com antecedência pode ser? Eu sempre quis comer minhocas e tequila antes de morrer. Devo fazer isso hoje à noite ou esperar?

Eu meio que bufo, meia-risada, sua piada desarma a tensão. — Por que Grant te chama de “Gidget” ?

Sacudindo a cabeça com o apelido bobo, ela resmunga: — É por causa de um personagem dos anos cinquenta e sessenta. Você sabe, Gidget cresce Gidget se cass]a. Há uma série de livros e filmes sobre ela. Mesmo um programa de televisão. Aparentemente, o autor veio com o nome por misturar *girl* (menina) com *midget* (anão). E, bem... — ela aponta para si mesma, um sorriso aparece em seu rosto. — É uma coisa boa que eu não tenha complexo de altura.

Eu ri baixinho em sua confiança. É refrescante. — Eu ainda tenho que perguntar a Ashton por que ele fica me chamando de Irlandesa. Eu sinto que cada vez que o vejo, estou ocupada demais para engolir a minha língua para conseguir a questão para fora. Você acha que Grant sabe?

Reagan balança a cabeça. — Eu perguntei. Ele não sabe. Apenas Ashton sabe.

Há um longo momento de silêncio, durante o qual Reagan volta a tomar goles de sua bebida. Eu não sei como esse pequeno corpo pode suportar tanto o álcool. Em seguida, ela diz, — Connor está afim de você.

Eu mexo, olhando por cima do meu ombro e na janela da cozinha para vê-lo conversando com Grant e um novo cara. — Ele está?

Sua cabeça balança para cima e para baixo. — Oh, sim. Eu posso dizer. Ele não consegue tirar os olhos de você. Ele

provavelmente esta imaginando o que ele vai fazer com você mais tarde.

— Reagan! — Eu balancei minha cabeça enquanto ela sorri. Ela é tão ruim quanto a minha irmã.

Ela toma outro gole barulhento enquanto meus pensamentos involuntariamente voltam para Ashton. — Ela parece legal.

— Quem?

— A namorada de Ashton.

— Oh... — Reagan faz uma pausa e em seguida, murmura. — Sim. Muito boa para ele. Sinto-me culpada cada vez que a vejo. Se ele pudesse aprender a mantê-lo em suas calças...

Espere... — Ele trai ela, muito? — Não foi só comigo?

Ela encolhe os ombros. — Eu ouço coisas. Um monte de coisas. Ele tem bastante apetite. Seu coração e seu cérebro são duas entidades separadas que não se misturam nunca, pobre, doce Dana não tem a menor chance de satisfazê-lo.

— Eu tenho certeza que ninguém tem, — murmuro, em silêncio, relegando-o para o primeiro lugar no totem prostituto.

Quando entro novamente na casa, há uma dúzia de pessoas novas na cozinha e sala de estar adjacente, ocupando o lado direito da casa, em frente ao escritório. Mais pessoas estão na porta da frente, escorrendo dentro.

— Você esta bem? — Connor aparece com a minha bebida. — Desculpe, eu ia tirá-la, mas parecia que estava tendo uma conversa séria.

— Nós estávamos, mas... — Olho para Reagan, que está flutuando através da sala com ondas e toques e sorrisos. Grant trilha dois pés atrás dela, com os olhos grudados na parte de trás de sua cabeça, uma expressão pateta no rosto. E eu sorrio para mim, perguntando se Reagan tem qualquer indício de que Grant está seriamente louco por ela.

— Mas o quê?

O som de entonação irlandesa de Connor me traz de volta para ele, para seus belos olhos verdes e seu sorriso descontraído. — Coisas de mulher, — eu digo quando eu brindo com seu copo.

O sorriso nunca desliza no rosto de Connor, assim eu pego seus olhos piscando nos meus lábios por um segundo antes de levantar-se de volta e perguntar: — Como foram suas primeiras aulas?

Eu abri minha boca para responder quando começa as explosões do estéreo. Nós dois por sua vez, a tempo de ver Ty em sua saia escocesa, esfregando as mãos para cima e para baixo ao longo de um peito inchado, em quanto ele observa a multidão.

— Ele gosta de se esfregar acidentalmente nas pessoas quando ele se senta.

Eu levanto uma sobrancelha. — Acidentalmente?

Balançando a cabeça, Connor admite: — Não, Vamos. — Ele pega a minha mão e me leva de volta para o deck onde eu estava com Reagan, tremendo contra o ar frio da noite.

Connor deve notar a meu tremor involuntário, porque ele desliza seu braço em volta do meu ombro e me puxa para ele assim que eu estou dobrada contra o peito largo. — Melhor, — ele murmura sua única mão esfregando para cima e para baixo no meu braço. — Ok, *agora* me diga como as aulas foram. —

Deixei-me absorver no calor do corpo de Connor por um momento em quanto o meu nariz absorve o cheiro de seu perfume leve e limpo, com notas de lavanda. E eu silenciosamente me maravilho com o quão *confortável* é isto.

Eu digo a ele sobre as duas aulas de ciências que eu tive na quinta-feira e sexta-feira e as que eu tenho na próxima semana. Digo-lhe tudo sobre o trabalho voluntário no hospital e sobre os gêmeos, aquecendo seu interrogatório.

— Derek e Eric são gêmeos?

Eu reviro os olhos e rio. — Eu sei.

Ele toma um gole de cerveja e, em seguida, o braço se move para trás, puxando-me mais apertado. — Então, o que faz você querer entrar em pediatria?

— É apenas algo que eu sabia que queria fazer desde que eu era jovem. Eu não consigo me imaginar fazendo qualquer coisa,

menos do que isso. — As palavras de Stayner naquela manhã escapuliram em meus pensamentos e eu imediatamente interrompi.

— Isso é nobre. E doce, — Connor diz. Deixando minha cabeça pender um pouco para trás, sinto-me com a cabeça virada, os lábios escovam minha testa enquanto ele murmura: — E quente.

Eu engulo e movo de volta, sabendo que meu rosto está vermelho de novo. — E você, advogado?

Eu fico levemente envergonhada quando Connor dá de ombros. — Eu venho de uma longa linhagem de advogados. Tanto eu como Ashton, na verdade. É uma tradição de família. Seus pais são médicos?

Eu balancei minha cabeça, sorrindo melancolicamente. — Meu pai foi um diretor de escola e professor de matemática. Minha mãe foi uma professora de música.

Há uma longa pausa. — Foi?

Respirando fundo, eu me afasto de Connor, o suficiente para ver a sua expressão séria. — Sim... *Foi*. — Eu tomo um longo gole da minha bebida. E então eu lhe conto tudo, sobre o acidente de carro, sobre Kacey quase morrer, sobre todas as pessoas que morreram naquela noite. Sobre o Trent. Tudo.

Quando eu falo, eu sinto seu braço cair em volta dos meus ombros e apertar. Eu sinto seu outro braço embrulhar meu corpo, sua mão em concha ao lado da minha cabeça, seu polegar no meu rosto, me puxando ainda mais perto do que eu estava antes, até que

eu fecho meus olhos e deixo minha cabeça derreter em seu peito, sentindo seu coração acelerado, encapsulada em seu calor. Protegida.

Estamos assim através de uma música inteira, não falamos, balançando silenciosamente com a batida, até Ty atravessar a porta, visivelmente mais bêbado do que ele estava apenas vinte minutos atrás. — Agora eu me lembro de você, — ele grita, segurando sua mão e mexendo os dedos. — Vamos lá. Deixe-me ver essa foto. Eu preciso ter certeza que é lisonjeiro.

— Oh, não... — Eu gemo, encolhendo.

Connor ri sem suspeitar quando ele dá a Ty um brincalhão empurrão. Tomando minha mão, ele me leva de volta. — Deixe-me mostrar-lhe o resto da casa. — Connor me mantém perto quando nós tecemos pela casa e ele me apresenta para as pessoas. Acho que me lembro de alguns deles. Espero que não se lembrem de mim. Ou que eu provavelmente disse a eles que eu os amava. E eu com toda maldita certeza espero que não se lembrem de mim com Ashton.

Uma vez eu vi todo o piso principal, Connor me leva lá em cima. — Esse é o quarto de Grant, — ele diz com uma cotovelada de cabeça para a esquerda. — Na frente dele é o de Ty. — Ao passar pelo banheiro, ele murmura: — Você já viu isso. — Concordo com a cabeça, mordendo meu lábio inferior quando eu olho, como se o próprio cômodo tivesse feito algo horrendamente errado. No fim do corredor há duas portas opostas uma ao outra. — Este é o de Ash, — ele diz, uma mão preguiçosa acenando para a porta aberta do lado esquerdo, revelando uma cama king-size e lençóis cinza escuro. Eu imediatamente imagino o corpo de Ashton estendido sobre os lençóis

como estava de manhã no meu quarto do dormitório, e os músculos do meu estômago apertam.

Abrindo a porta fechada para a direita, Connor me leva a um grande quarto com uma cama de casal e duas janelas gigantes. — Este é meu quarto, — ele diz, virando-se uma pequena lâmpada.

Estou no quarto de Connor. Será que ele me trousse até aqui por uma razão? Meus olhos passam sobre o espaço, estabelecendo-se na cama por um momento. Será que ele acha que nós vamos fazer sexo hoje à noite? Eu limpo a minha garganta e ofereço — Boa casa, — quando eu giro em torno, observando a porta que ficou entreaberta.

Connor está encostado em uma parede, me observando atentamente. — Meus pais são os donos. Eles compraram há dois anos para que eu pudesse sair do campus para o meu segundo e terceiro ano. Quase todo mundo vive no campus por aqui, mas eu estava achando um pouco demais. E os caras aproveitaram a oportunidade para morar comigo. Eles pagam quase nada pelo alojamento e alimentação, por isso valeu a pena para eles. — Um passo à frente para empurrar uma espessa mecha do meu cabelo atrás da minha orelha, ele murmura: — Relaxe, Livie. Eu não trouxe você até aqui com nenhuma expectativa. — Sua mão se move para meu queixo. — Apenas uma esperança... — Inclinando-se, os lábios de Connor fecham lentamente sobre os meus, movendo-se como se persuadisse em uma resposta. Parece seguro e acolhedor e agradável.

Isso não significa que eu não estou petrificada que eu estou fazendo tudo errado, que Connor vai se arrepender também. Quando

ele se afasta, eu me pergunto se minha noite de bebedeira foi o suficiente para me ensinar o básico. Com o meu lábio inferior debaixo dos meus dentes, eu olho para cima para ver os olhos de um tom mais escuro de verde e mais brilhante do que o normal.

— Eu sou apenas... — Eu franzo a testa. — Eu não sou muito experiente.

Com um beijo na minha testa, ele murmura: — Tudo bem. Para ser honesto, eu realmente gosto que você é diferente. — Ser *diferente* significa, ser *virgem*? Com um segundo beijo na minha testa, as mãos levantam para segurar o meu rosto de cada lado quando ele murmura: — Vamos manter as coisas devagar e calmas. — *Devagar e calma*. O que significa isso?

— Tudo bem. — Eu uso a minha bebida como uma distração, trazendo-a para os meus lábios para dar um gole extra grande, grato que Mr. Jack Daniels está ajudando a me manter calma.

— Então, ouvi dizer que fez uma tatuagem na semana passada?

A rápida mudança de assunto é apreciada. Eu ainda gemo e reviro os olhos, é claro. — Parece que sim. Você tem alguma? —

As mãos de Connor caem do meu rosto para irritar o topo de sua cabeça. — Não, eu odeio agulhas. Ash continua tentando me levar com ele, mas eu me recuso.

— Vá beber com a minha irmã e você vai acabar com uma, quer você goste ou não, — murmuro com ironia, mas por dentro eu estou mentalmente fazendo um inventário das tatuagens de Ashton, que eu

vi sóbrio e os outros que eu de alguma forma lembro: um pássaro no interior de seu antebraço direito, a escrita chinesa em seu ombro direito, o símbolo Céltico sobre seu peitoral esquerdo, Irlandesa em sua bunda...

E meu rosto está queimando novamente.

Droga.

— O que você está pensando?

— Nada! Você quer ver? — Eu digo, com a intenção de desviar a atenção de mim e minha mente pervertida.

— Claro. Quero dizer, não é em qualquer lugar...

— Sim. Quero dizer, não. Quero dizer, é nas minhas costas,então sim, você pode vê-la. — Eu balancei minha cabeça para a minha auto afobação quando eu rapidamente viro e varro o meu cabelo para o lado. Eu estico as costas da minha camisa para baixo. — Vê?

— Sim. — Há uma longa pausa quando ele olha para ela. Ele não toca, embora, eu me pergunto se ele quer ou não. Isto é tão diferente do estilo de homem das cavernas de Ashton. Estou vendo muito rapidamente que Connor é o seu oposto, de muitas formas. Eu não entendo como eles são melhores amigos. — O que significa isso?

— Só algo que meu pai costumava me chamar, — eu sorrio melancolicamente.

— Bem... — A mão de Connor leva suavemente minha camisa de volta no lugar. Ele varre o meu cabelo de volta do jeito que era, alisando-o com cuidado, antes de se contentar com as mãos sobre os meus ombros. Eu o sinto inclinar para frente até que sua boca esta perto do meu ouvido. — É linda— ele sussurra sua voz rouca, decididamente, os polegares deslizando para trás e para frente sobre a minha volta com uma pitada de pressão. E eu sei que, apesar de não ter expectativas, Connor definitivamente tem ideias.

Eu acho que esta é a parte em que meu cérebro supostamente desaparece, é supostamente sugado para fora da minha cabeça, pelo cara sexy respirando no meu ouvido. Pelo menos, isso é o que eu sempre achei que deveria acontecer. Quando você está em um quarto com um cara quente pela primeira vez e ele é tudo, mas dizendo: — Estou com tesão e eu sou seu, — você não está procurando uma rota de fuga. Você está procurando uma maneira de trancar a porta para que você possa rasgar suas roupas e fazer todos os tipos de coisas que não envolvem o cérebro.

Mas o problema é que meu cérebro ainda está intacto, e está me dizendo que eu quero voltar a me inclinar contra seu peito e sentir o seu calor. Eu até posso lidar com outro beijo. Talvez. Embora, eu estou sendo honesta comigo mesma, algo sobre isso não me faz sentir bem agora.

É esta a prova de que eu sou reprimida? Talvez eu precise ficar bêbada novamente. Talvez, então, vai me fazer sentir bem.

Ou talvez eu só precise de tempo para me ajustar a isso.

Ou talvez eu devesse desistir agora e juntar a um convento.

O volume da música de repente aumenta, sacudindo o vidro da janela. Com um suspiro de relutância, Connor pega a minha mão e murmura: — Eu sinto muito. É melhor a gente descer. Ty vai trazer a polícia aqui, se eu não colocar uma coleira nele.

Eu sinto meus ombros cederem com alívio, meu rosto estica em um sorriso satisfeito quando saio de seu quarto, sabendo que eu estou ficando o tempo que eu preciso. Até que eu vejo porta do quarto de Ashton fechada e uma meia vermelha pendurada na maçaneta da porta. Lembro-me de Reagan falando sobre — o código.

— Eu pensei que Dana fosse para casa.

Connor balança a cabeça, olhando por cima do ombro para mim com um olhar simpático. — Ela foi.

Capítulo 09

Jogos

Alunos pingam na sala fria para a aula do período da manhã de segunda-feira enquanto eu faço o meu caminho para frente. Toda a primeira fila está vazia, mas eu não me importo, escolhendo um lugar perto do pódio do professor, meu estomago embrulha enquanto eu antecipo um semestre de dificuldades. Eu considerei brevemente largar este curso de literatura inglesa por despeito, já que Dr. Stayner foi inflexível que eu faça as coisas com base no que eu quero - e não no que os outros querem - e isso é claramente o que outra pessoa quer e não o que eu quero.

Todo mundo assume que eu sou um gênio e as notas só caem no meu colo porque eu boa em aulas consideradas difíceis como cálculo e física. É verdade que essas notas vêm mais fáceis para mim

do que para a maioria. O material é simples, preto e branco, certo e errado. Eu sou toda sobre escolhas racionais.

Temas como filosofia, história e a aula de literatura Inglesa que eu estou prestes a começar, no entanto... elas simplesmente não fazem sentido para mim. Se há uma fórmula para encontrar a resposta certa, eu entendo. Mas em aulas como essas, tudo o que vejo são graus de certo e errado, e eu tive que trabalhar duro para entender isso. No fim, eu sempre consigo o meu **A** - eu nunca recebi nada exceto um **A** em qualquer coisa, incluindo ginástica - mas essas notas certamente nunca caíram no meu colo.

A porta ao lado do quadro-negro se abre e um homem grisalho em uma camiseta preta e óculos de aros de metal entra, carregando uma pilha de livros e papéis para a mesa da frente. Eu sorrio. Por fim, uma coisa que é exatamente do jeito como eu sempre imaginei que seria em Princeton.

— Hey, Irlandesa.

A contradição ambulante da Ivy League pega o assento ao meu lado. Seu corpo alto preenche espaço e invade algum do meu.

— O que você está fazendo aqui? — Eu assobio, me virando para ver Ashton em jeans escuro e camisa azul clara. Estou começando a perceber que é o seu estilo - impecável, mas descuidado. E combina com ele, também, porque ele tem um corpo que faria calça com estampa de leopardo parecer gostosa.

Sentando ereto em sua cadeira, ele olha ao redor da sala. — Esta é a aula de literatura Inglesa do Professor Dalton, certo?

— Eu sei que aula é esta! — Eu vocifero, e depois tempero o meu tom, pegando os olhos do professor piscando para nós de seu pódio. — Por que *você* está aqui?

— Eu sou um estudante e estou aqui para assistir a aula — ele responde lentamente, sua expressão sombria. — Alguns de nós estamos aqui para realmente estudar Irlandesa. Não apenas por causa das festas.

Eu olho para ele, lutando contra a vontade de socá-lo no rosto. Há um brilho malicioso em seus olhos, que é rapidamente seguido pelo sorriso torto que eu reconheci como marca registrada de flerte de Ashton. Que obviamente funcionou quando eu estava bêbada, mas definitivamente não vai funcionar quando estou sóbria e irritada.

— Você é um sênior.

— Você parece saber muito sobre mim, Irlandesa.

Rangendo os dentes, eu simplesmente olho para ele, à espera de sua resposta. Por fim ele dá de ombros, fazendo uma exibição ao abrir seu caderno e clicando na caneta algumas vezes. — Tinha um curso para queimar e este estava aberto.

— Besteira! — A palavra explode da minha boca antes que eu possa pará-la. Desta vez, o professor olha para cima a partir de suas notas para olhar para nós diretamente, e eu sinto meu rosto queimar sob o olhar atento dele. Quando ele olha para baixo, eu volto para Ashton.

— Relaxe, Irlandesa. Pelo menos você conhece uma pessoa na sala agora.

Ele tem um ponto, eu acho, enquanto olho ao redor em um mar de rostos desconhecidos. — E eu suponho que você vai se sentar do meu lado em todas as aulas?

— Eu não sei. Você parece ser uma estudante fervorosa. Eu não tenho certeza se quero o professor me associando com você.

Eu me afasto dele intencionalmente, ganhando um bufo irônico. — Então, o fato de que você viu meu horário não tem nada a ver com você escolher este curso? — Eu pergunto.

— O quê? Você acha que eu estou nessa aula só porque você está aqui? Por que eu faria isso? — Há uma peculiaridade brincalhona em sua testa.

Boa pergunta. Mas eu ainda sei bem claro no meu intestino: ele está aqui porque eu estou. Eu só não sei por quê. — Como você entraria, afinal? Eu pensei que havia uma lista de espera.

Eu vejo seus dedos correr para trás e para frente sobre a faixa de couro desgastado em torno de seu pulso. — Eu conheço uma das senhoras no gabinete do secretário.

— Talvez aquela que você teve no quarto no sábado à noite? — Eu deixo escapar, a imagem daquela meia vermelha estúpida ainda queima em minha mente, reafirmando o quão *errado* ele é.

Ele faz uma pausa e depois se vira para olhar para mim, inclinando a cabeça. — Você está com ciúmes, Irlandesa?

— De quê? Que você é tão idiota que você deixa a sua namorada e tem outra mulher em sua cama em questão de horas?

— Eu não tive ninguém na minha cama — ele diz defensivamente, sua língua deslizando sobre seu lábio inferior lentamente. Eu luto contra o impulso de olhar para ele.

— Você não teve? — Eu suspiro de alívio. E então eu percebo que eu acabei de suspirar com alívio. Por que eu estou suspirando de alívio?

Ele balança a cabeça, estalando sua caneta mais algumas vezes. — Contra a parede... no chuveiro...

Eu começo a recolher os meus livros a fim de mudar de lugar antes de o professor começar, mas a mão de Ashton aterrissa em cima da minha, segurando-a no lugar. — Que diferença isso faz? Você estava com Connor no quarto dele, não estava?

— Não, eu... — Calor se arrasta até o meu pescoço. — Nós estávamos apenas conversando. — Eu balanço minha cabeça. Eu não sei por que isso importa, realmente. O que ele faz nas costas da namorada dele é desprezível, mas ele está certo - isso não é da minha conta. Ele vai merecer o que eventualmente vai acontecer com ele. — Isso não importa, Ashton. Eu apenas pensei que você se tinha se arrependido de brincar nas costas de sua namorada.

— Eu nunca disse *isso* — ele responde baixinho, soltando seu aperto de mão e se mexendo em seu assento enquanto o professor afixava um microfone para o colarinho, pronto para começar a palestra. — Eu disse que me arrependi de brincar com *você*.

Meu queixo aperta enquanto o meu orgulho leva outro golpe. — Isso faz dois de nós — murmuro, esperando que saia convincente, sabendo que isso não me faz sentir melhor.

— Bonita saia, Irlandesa — ele murmura, seus olhos agora muito obviamente em minhas coxas. Eu instintivamente suavizo a saia preta simples, desejando que fosse maior.

Eu me esforço para manter o foco pela próxima hora, mas as palavras de Ashton pesam sobre mim. Eu pego pedaços do que o Professor Dalton diz, às vezes até uma ideia inteira. E, em seguida, um roçar no meu joelho ou meu cotovelo me faz saltar. Eu me ajusto no meu lugar. Me contorço. Várias vezes eu olho para ele, mas ele ou não percebe ou não se importa. E eu percebo que ele não anota nada.

Eu o vejo rabiscar algumas linhas em uma página, mas eu duvido que elas tenham alguma coisa a ver com esta aula.

No momento em que a aula termina, eu estou pronta para correr até a escada. Ou esfaqueá-lo na perna com a minha caneta.

Enquanto o professor escreve nossa primeira tarefa no quadro, eu ouço Ashton murmurar: — Agora eu lembro por que eu nunca quis ter essa aula.

— Ainda há tempo para desistir dela — eu estalo de volta.

Horror falso torce distraidamente o belo rosto de Ashton. — E não desfrutar da sua companhia agradável, duas vezes por semana, durante um semestre inteiro? Céus, não!

Eu balanço minha cabeça com resignação. — Ok, sério, Ashton.Sai de perto.

— Ou o quê?

— Ou... Eu vou contar para o Connor.

— Não, você não vai — ele diz em voz baixa.

— Por quê? Porque você acha que ele não vai me querer depois? Tenho a sensação de que você está errado. — Eu não tenho essa sensação, porém. Na verdade, eu tenho a sensação de que Ashton está certo. Mas eu também desejo ter alguma vantagem sobre ele. Pelo menos uma vez, caramba!

Inclinando-se para o lado até que seu ombro pressiona contra o meu, ele murmura: — Não... porque você está apaixonada por mim.

Um som borbulhante estrangulado escapa da minha garganta.

A vantagem desapareceu.

Meu coração martela na minha garganta. Eu realmente não sei como responder a isso, mas minha intuição diz que eu tenho que, em parte para me defender, em parte porque eu sei que ele gosta de me

envergonhar. Respiro algumas vezes para formar as palavras. — Se estar apaixonada por você significa querer rasgar suas bolas, então... — Me viro para dar, o que eu espero, que seja um olhar duro nele. Seu rosto está centímetros de distância do meu, mas eu não recuo. — Sim. Estou loucamente apaixonada por você.

Kacey ficaria tão orgulhosa.

Eu não tenho certeza do que eu esperava como resposta. Eu nunca ameacei ninguém assim antes. Talvez um recuo, talvez um salto para trás dessa garota louca que fala de mutilar seus órgãos genitais? Definitivamente não aquele maldito sorriso novamente. E eu acho que ele pode ter se inclinado ainda mais perto. — Eu amo você ficando toda irritada, Irlandesa. — Ele pega um dos meus livros e rabisca algo na capa interna e coloca um papel dobrado dentro. — Acabei de me lembrar... Eu já fiz esta aula há três anos. Eu sou craque nela. Me ligue se você precisar de ajuda com seus trabalhos. — Com isso, ele pega seu caderno. Me mexo no meu lugar e vejo como ele se limita a subir as escadas antes que o professor nos libere oficialmente, ganhando olhares de praticamente todas as mulheres e alguns rapazes da classe.

Eu balanço minha cabeça enquanto eu abro o livro para ler — Irlandesa ama Ashton, — com um grande coração e um número de telefone rabiscado no interior da capa frontal. — Droga — eu murmuro. Ele só rabiscou um livro de duzentos dólares com esse apelido que eu *ainda* não perguntei para ele do que se trata.Mas pelo lado positivo, ele não está mais nessa aula.

Curiosa para ver o que diz a nota, eu desdobro-a.

A única coisa que eu me arrependo é que terminou. E eu sou o único que está com ciúmes. Insanamente.

Meu coração atingiu um ritmo cardíaco de foguetes.

* * *

— Bonita saia — ele diz, enquanto suas mãos deslizam para cima pelas minhas coxas nuas, enviando fogo por mim. Eu estou de pé na frente dele enquanto ele se senta na beira da cama. E estou tremendo. Dedos fortes se enrolam nas costas das minhas coxas e apertam, perigosamente perto de onde eu nunca tinha sido tocada antes. Meu corpo está reagindo a ele, no entanto. Meu ritmo cardíaco está acelerado, minha respiração acelerada, e sinto-me ficar molhada. Deslizando as mãos para cima, ele engancha os polegares sob a borda da minha calcinha. Ele puxa-as até que elas caem no chão por conta própria. Eu saio delas.

— Venha aqui. — Ele aponta para o seu colo e eu obedeço, deixando-o guiar meu joelho para um lado e outro para o outro lado para que eu esteja montada nele, minhas mãos segurando seus ombros, maravilhando-me com sua força. Ele empurra a minha saia para cima da minha cintura e eu estou instantaneamente autoconsciente. — Olhe para mim, — ele pede e eu faço, vendo seus olhos negros perfurarem os meus, mantendo-os lá. Nunca mudando. Eu mantenho esse olhar enquanto ele coloca uma mão na parte inferior das minhas costas. Eu mantenho esse olhar enquanto sua outra mão se move para o interior da minha coxa. Minha respiração engata enquanto ele me toca. — Não olhe para longe de mim, Irlandesa — ele sussurra enquanto seus dedos se empurram para dentro, primeiro um, depois outro...

Eu acordo com um suspiro, o livro deitado em meu estômago deslizando para fora fazendo um barulho alto, enquanto atinge o chão. *Ohmeudeus*. Que diabos foi isso? Isso foi um sonho. Eu só tive um cochilo à tarde com um sonho sujo sobre Ashton. *Ohmeudeus*. Sento-me na cama e olho ao redor. Eu estou sozinha. Graças a Deus, estou sozinha! Um desconforto estranho desperta entre as minhas coxas. Parece... frustrante? É d*isto* o que Storm e Kacey estão sempre falando?

Eu gostaria de ter tempo para resolver isso. Mas alguém está batendo na minha porta. Deve ser isso que me acordou em primeiro lugar. Se o sonho não tivesse sido interrompido, eu teria feito sexo com Ashton no sonho? Não... meu cérebro ainda não sabe como conjurar isso.

Talvez se eu não estivesse tão atrasada, eu teria olhado no espelho. Isso teria sido inteligente. Mas Ashton e, aparentemente, qualquer coisa a ver com Ashton me transforma em uma desmiolada.

E então eu simplesmente escancaro a porta.

— Connor! — Eu exclamo com entusiasmo demais, meus olhos arregalados de surpresa.

Eu vejo seus olhos se deslocarem para baixo e eu os sigo para avaliar o minha calça de ioga rasgada e o velho moletom de Princeton de meu pai - três tamanhos maiores que o meu. — O que você está fazendo aqui? — Eu furtivamente arrasto os dedos pelo meu cabelo. Eu não preciso de um espelho para me dizer que está uma bagunça selvagem.

Ele entra com um sorriso fácil, uma mão vindo de trás de suas costas para revelar uma tigela grande de folhas verdes. — Aqui.

Eu inclino minha cabeça e franzo a testa enquanto a examino. — Trevos?

— Para lembrá-la de mim, enquanto você está aqui sendo uma boa aluna.

— Uau. — Eu engulo enquanto meu rosto queima. *Sim, isso é o que eu estava fazendo aqui. Sendo uma boa aluna.* — Obrigada. — Eu tento diminuir minha respiração e agir normalmente.

— Como estão às aulas até agora?

— Ocupadas. Eu já estou inundada com literatura Inglesa.

— Você está gostando?

— É... interessante. — Uma mão inconscientemente roça contra o bilhete dobrada no meu bolso. A sua forma aumentou de tantas vezes que eu dobrei e desdobrei, correndo os dedos ao longo das bordas, tentando decifrar isso. Tentando dar sentido a minha reação a isso e por que me fez tão tonta quando deveria me deixar nervosa. É como se Ashton me dizendo que ele não se arrepende do que aconteceu, liberasse meu cérebro para piscar memórias inadequadas daquela uma noite a uma taxa alarmantemente mais frequente, me deixando ruborizada e dispersa e incapaz de me concentrar. Mesmo Reagan notou.

— Eu não vou incomodar você, então. — Eu grito quando, agarrando minha cintura, Connor me levanta para cima do beliche superior. Considerando que eu tenho cerca de 57kg, isso não é fácil. Então, novamente, eu não deveria estar surpresa, eu percebo, observando seus braços definidos nessa camisa cinza de listras que ele está usando hoje. Ele não é tão alto ou largo como Ashton, mas ele é quase tão bem constituído quanto ele.

Ashton... meus pensamentos sempre viram de volta para Ashton.

Deslizando as mãos da minha cintura, Connor descansa-as em meus joelhos. — Nós vamos sair amanhã para o Shawshanks. É um bar local. Você quer vir?

— Claro. — Eu sorrio e aceno com a cabeça.

— Você *tem* certeza? Quero dizer, Ty vai estar lá.

— Em seu kilt?

— Não, eles não vão deixar ele entrar usando aquilo — Connor ri, balançando a cabeça como se estivesse lembrando-se de algo. — Bem, não de novo, de qualquer maneira.

— Bem, eu posso lidar com Ty.

— Sim? E com Ashton?

Meu estômago dá uma volta. O que ele quer dizer? O que Connor sabe? O que...

— Eu sei que você não pensa muito bem dele depois do último sábado. Eu vi o olhar em seu rosto. Sabe, depois que ele deixou Dana... — Suas palavras derivaram ao largo como se ele não quisesse vir direto e dizer.

— Você quer dizer quando ele estava sendo um porco mulherengo? — Eu não sei por que eu disse isso. Talvez dizer algo tão mesquinho em voz alta me lembre do porquê de Ashton é todo errado e que eu deveria queimar aquele pedaço maldito de papel e ameaçar meu subconsciente com uma lobotomia. Eu mordo o interior do meu lábio. — Sinto muito. Eu não quis dizer isso. Exatamente.

Connor dá ao meu joelho um aperto afetuoso. — Bem, eu estou feliz que você não o acha tão atraente quanto qualquer outra mulher neste planeta parece achá-lo. Mas ele não é tão ruim assim. Ele só

não pensa com o cérebro na maior parte do tempo. — Subindo sobre os degraus da escada até que ele está no nível do meu rosto, ele se inclina para me beijar. Desta vez, eu sinto a sua língua cair sobre meu lábio inferior, encontrando suavemente seu caminho para se enrolar na minha. Nunca forçando, nunca insistente. Apenas... agradável. — Vejo você amanhã, Livie, — ele murmura. Então, pulando fora e me atirando um largo sorriso e uma piscada, ele deixa meu quarto.

Eu deito de volta na minha cama, segurando meus trevos, fechando meus olhos enquanto eu penso sobre Connor. *Sim, eu sei que os meus pais iriam amar ele, Dr. Stayner.* Eu não sou alheia. Eu sei que eles iriam escolher ele em uma linha de cem homens só por causa de seu sorriso. Tudo bem. Ele é o cara que eles iriam querer. Ele é o tipo de cara que toda garota quer.

Eu ouço um bip e um clique e, um segundo depois, Reagan entra, sem ar de sua corrida. — Eu acabei de passar por Connor. Ele estava parecendo feliz. Isso foi uma de suas sessões de sexo desenfreado? — ela brinca, segurando seu lado como se ela estivesse com dor.

— Ele é muito doce, Reagan. — Eu rolo para meu estômago, descansando meu queixo em meus braços. — Você sabe o quão doce ele é?

— Eu sabia. Ouvi dizer que ele trata suas namoradas muito bem.

Huh... Eu não sei por que, mas, por algum motivo estúpido, eu nem sequer imaginei Connor com mais ninguém. Eu imaginei Ashton com *todas* as outras e isso me deu náuseas. Mas Connor é um lindo sênior inteligente. Ele obviamente teve namoradas. E, vamos ser

espertos sobre isso, Connor também teve relações sexuais. Provavelmente muitas. Eu me pergunto o quão devagar ele está disposto a ir comigo. — Quantas namoradas você acha que ele teve?

— Duas ou três desde que está aqui. — Reagan chuta fora seus sapatos. — Ele esteve solteiro todo o primeiro ano. Deus, eu já tinha uma paixão enorme por ele naquela época! — Ela faz uma careta. — Eu também tinha aparelho e uma bunda gorda. Isso é o que você ganha por ser baixa e cheia de curvas. Se eu não continuar correndo... adivinha só! — Ela puxa a camiseta sobre a cabeça e a atira para a pilha no chão com suas outras roupas. Reagan não é a pessoa a mais limpa do mundo. Eu não me importo, no entanto. Isso combina com seu comportamento selvagem. — Você sabe, você devia começar a correr comigo!

— Eu não sou a pessoa mais coordenada — advirto com uma careta. — É provável que eu faça você desistir.

Ela encolhe os ombros. — Tudo bem, eu sei como dobrar e rolar.

— Talvez. Um dia. — Talvez eu goste de correr. Eu não vou saber se eu não tentar.

Até então, eu posso trabalhar em acalmar as borboletas que estão pululando dentro da minha barriga, agora que eu sei que vou ver Ashton amanhã à noite.

Não, Connor, eu não acho o seu melhor amigo atraente. Nem um pouco.

Capítulo 10

Ciúme

Todo mundo conhece Connor. Pelo menos isso é o que parece enquanto nós seguimos a gerente através do pub. À minha esquerda, um rapaz acena. À minha direita, outro cara bate com o punho no dele. Passamos por uma mesa com quatro mulheres jovens. — Ei, Connor — uma chama. Ele lhes lança um sorriso e um aceno educado e continua. É aí que todos os quatro pares de olhos param em mim e eu me transformo em um sapo na minha aula de ciências no décimo grau. O infeliz sob meu bisturi. Eu me movo discretamente para evitar os olhares e acabo esbarrando em Connor. — Desculpe — murmuro. Mas ele apenas mostra os dentes brancos e perfeitos para mim. Ele não parece preocupado que estou em seus calcanhares. Ele nunca se preocupa.

A atraente gerente quarentona nos mostra uma mesa para seis pessoas e tira a placa artesanal de *Reservado*. — Obrigado, Cheryl — Connor diz.

Ela lhe dá um tapinha no ombro. — O que eu posso conseguir para vocês dois?

— Uma Corona para mim e um Jack com Coca-Cola para Livie. Certo, Livie?

Eu só sacudo a cabeça, cerrando os dentes e lutando contra o desejo de anunciar publicamente que eu tenho apenas dezoito anos e este estabelecimento não deveria me servir álcool. Tenho a identidade falsa que minha irmã me deu, mas eu estou com medo de usá-la. Eu acho que posso passar mal se ela me pedir para puxá-la para fora da minha carteira.

Cheryl não me pede, no entanto. Ela simplesmente balança a cabeça e se afasta, seus olhos caindo para dar uma boa olhada na bunda de Connor quando ela passa.

— Hoje deve ser uma boa noite. Temos lugares na primeira fila para a banda — Connor diz, apontando para o palco diretamente à nossa frente.

— Eu pensei que você disse que não reservavam mesas aqui.

Connor ergue a cabeça e eu pego aquelas covinhas novamente. — Nós damos boas gorjetas para Cheryl, então ela cuida de nós. Ela gosta de nós. — *Sim, eu sei que parte de você ela gosta...* Eu me pergunto que tipo de gorjeta Ashton dá a ela, mas eu mordo meu lábio antes de eu fazer outro comentário do porco mulherengo. Ele é o melhor amigo de Connor, depois de tudo. E um porco mulherengo.

Abrindo meu casaco e pendurando na minha cadeira, meus olhos passam pelo *Shawshanks*. É um grande espaço aberto, cheio de

madeira escura e vitrais. Uma parede - inteiramente de tijolo - exibe uma variedade eclética de obras de arte penduradas ao acaso. Perto do fundo está um bar de parede a parede com pelo menos vinte torneiras de latão de cerveja em exibição. Uma prateleira de quatro níveis atrás do barman oferece inúmeras opções de bebidas para escolher. Na outra extremidade - a extremidade em que estamos sentados - há um palco e pista de dança.

— Eles trazem grandes bandas aqui — Connor diz, notando o meu olhar sobre os instrumentos.

— É por isso que está lotado aqui? — Cada mesa está ocupada, a maioria delas por pessoas com idade universitária.

Connor dá um meio encolher de ombros. — Uma vez que os trabalhos escolares realmente começam, diminui um pouco. As pessoas ficam muito focadas. Mas há sempre uma festa em algum lugar, alguém deixando sair algum vapor. Geralmente nos clubes de comida. Estaríamos no *Tiger Inn* hoje se não tivessem desligado a choperia para consertar um vazamento. Aqui. — Ele aponta para uma cadeira. — Pegue este lugar antes...

— ...que Tavish chegue aqui! — a voz barulhenta de Ty ressoa no meu ouvido enquanto dois braços se envolvem em torno de minha cintura. Ele me levanta do chão e me balança em um círculo - passado por Grant e Reagan se aproximando – para me estabelecer de volta para baixo de frente para o palco. Antes que eu possa recuperar meu equilíbrio, Ty desliza na cadeira onde eu estava prestes a sentar. — E pegue o melhor assento da casa! — ele termina.

— Hey! — Connor late e eu noto a irritação em sua voz, uma rara carranca estragando seu rosto normalmente contente.

— Está tudo bem. Sério. — Eu dou um aperto ao antebraço de Connor para dizer que está tudo bem, mesmo quando Grant se inclina para beijar minha bochecha e tapear Ty na cabeça ao mesmo tempo.

— Hey, Livie! — Reagan chama, tirando o seu próprio casaco.

— Olá, Reagan. Senti sua falta no dormitório — eu digo, engolindo nervosamente enquanto meus olhos dão um olhar furtivo ao redor da sala, procurando por Ashton. Eu não sei como agir com ele agora. Eu não posso nem imaginar como ele vai agir em torno de mim.

— Eu não consegui voltar a tempo, então eu me encontrei com Grant e pegamos um táxi. — Reagan lança um olhar secreto para Grant enquanto se senta ao lado dele.

— Oh sim? — Mordendo o interior da minha boca para conter o meu sorriso, eu pergunto: — Como foi a sua aula de política? — Reagan está tendo uma variedade de aulas: em três conversas diferentes, ela me disse que está pensando em se formar em Política, Arquitetura, e dois dias atrás, História da Música. Eu não acho que Reagan tenha uma ideia do que ela quer fazer depois de Princeton. Eu não sei como ela dorme à noite com esse nível de ambiguidade.

— Muito política — ela responde secamente.

— Hmm. Interessante. — Interessante, porque uma de suas colegas de classe, Barb, passou pelo nosso dormitório para deixar fotocópias de notas para Reagan, que não pôde ir à aula. Reagan está obviamente mentindo, mas eu não sei o porquê. Eu suspeito que tenha algo a ver com o cara magro ao lado dela. Se eu quisesse me vingar dela sobre... oh, tudo... Eu falaria disso na frente de todos. Mas eu não o faço.

— Quem está tocando hoje à noite? — Ty pergunta, batendo o menu de bebidas ruidosamente contra a mesa.

— Cara, isso não faz a garçonete vir mais rápido e isso faz você parecer um idiota completo — Grant murmura, tirando a coisa da mão dele.

Aparentemente, isso funciona porque Cheryl aparece em segundos para colocar o nosso pedido na mesa. — O que eu posso pegar para o resto de vocês?

O rosto de Ty parece pronto para se dividir, ele está sorrindo tão abertamente. — O que foi que você disse, Grant?

— Eu disse — boa pança— . Coma outro saco de batatas fritas.

O sorriso de Ty não vacila quando ele bate em seu estômago em resposta. Não há nada parecido com uma pança lá. Tomo um gole da minha bebida enquanto examino cada um deles com curiosidade. Nenhum dos caras tem um pingo de flacidez sobre eles, em qualquer lugar. Seus corpos são muito diferentes - Ty está no lado mais baixo e grosso, Grant alto e magro, Connor o equilíbrio perfeito de altura e constituição - mas todos estão igualmente em forma. Eu imagino que é devido à agenda de exercícios extenuantes que o pai de Reagan impõe a eles.

— O que todo mundo está bebendo?

Eu odeio que o meu coração salte uma batida ao som daquela voz. Eu odeio isso, porque eu também sou normalmente golpeada com a memória da boca dele na minha. Ela permanece como um sabor adocicado, um que eu não consigo me livrar - mesmo com Connor sentado ao meu lado. Colocando uma mecha de cabelo para trás atrás da minha orelha, eu olho discretamente por cima do meu ombro para encontrar Ashton, seus olhos examinando a multidão

lentamente, uma mão distraidamente coça a pele acima do seu cinto. Sua camisa está levantada apenas o suficiente e os jeans estão pendurados apenas baixos o suficiente para que eu possa ver a forma em V do início de sua pélvis. Minha respiração engata, recordando a mesma saliência no meu quarto a menos de duas semanas. Só que ele não tinha uma peça de roupa nele.

— Você está bem, Irlandesa?

Assim que eu ouço o nome, eu sei que eu fui pega olhando. Novamente. Com um olhar furtivo para Connor, eu estou aliviada ao ver que ele está ocupado com Grant. Eu inclino a cabeça para trás para encontrar o sorriso conhecedor de Ashton.

— Eu estou bem — eu digo, deslizando meu canudo na boca, tomando um gole extralongo da minha bebida. O Jack nela é potente, o que é bom porque significa que o formigamento quente vai começar a fluir através de mim mais rápido. E eu vou precisar de todo o formigamento quente que eu puder conseguir esta noite, se Ashton vai estar aqui. Eu também vou me transformar em uma alcoólatra se isso continuar.

— Ei, por que começamos a chamá-la de Irlandesa, afinal? — Ty pergunta enquanto a bela estrutura de Ashton desliza para o assento ao meu lado. Ele se senta com as pernas dobradas e abertas, sem se preocupar que ele está invadindo meu espaço, que seu joelho está inclinado contra o meu.

Boa pergunta. Uma que eu não tenho a resposta. Estou prestes a engolir o meu gole de bebida e explicar que — Cleary— é um nome irlandês, mas Ashton fala antes que eu possa dizer as palavras para anunciar em voz alta, que a mesa inteira e provavelmente as que nos

cercam não podem perder, — Porque ela nos disse que quer foder um Irlandês.

Líquido cor de caramelo explode da minha boca, pulverizando por toda a mesa, pegando a camisa de Reagan e Grant enquanto eu começo a engasgar. E eu rezo para sufocar até à morte. E se isso não funcionar, então peço que alguém coloque veneno em meu copo para que eu possa começar a convulsionar e acabar com este horror.

Minhas orações não são atendidas, porém, e em breve eu sou deixada com nada além de bochechas queimando enquanto ouço Ty berrar uma estrondosa gargalhada, virando metade do bar em nossa direção. Mesmo Grant e Reagan não podem manter uma cara séria enquanto limpam a minha bebida deles. Eu não posso encontrar os olhos de Connor. Ele não disse uma palavra. E se ele acreditar nisso?

Com os dentes cerrados com tanta força que eu acho que eles podem quebrar, eu me viro para Ashton, com intenção de esfaqueá-lo com o meu olhar. Ele nem está olhando para mim, no entanto. Ele está ocupado lendo o menu. E sorrindo, claramente orgulhoso de si mesmo.

Eu não sei o que eu esperava dele hoje à noite, mas não um comentário como esse. Se eu não sair agora, Connor vai testemunhar eu me transformando em uma versão feminina de Tarzan e saltar para as costas do seu melhor amigo. Através de uma mandíbula apertada e para ninguém em particular, eu digo, — Volto em um segundo. — Minha cadeira faz um som estridente quando a empurro para trás e fujo para o banheiro.

Uma vez lá e seguramente trancada dentro de minha cabine, eu inclino minha cabeça contra a porta fria, batendo contra ela algumas vezes. É assim que vai ser de agora em diante? Como é que

eu vou lidar com ele? Estou acostumada a ser provocada por minha irmã e Trent e Dan e... bem, todos eles, na verdade. Eles conseguem sempre me fazer corar, porque eu sempre fiquei muito desconfortável quando se trata deste assunto. Por que, então, meu sangue ferve quando Ashton faz isso?

Talvez ele queira que eu perca a calma na frente de Connor. Se o bilhete é verdadeira e ele está com ciúmes de seu melhor amigo, então, convencer Connor que eu sou uma maluca efetivamente o assustaria. Não... isso apenas parece ser muito trabalho para um cara que tem uma namorada e casos de uma noite esperando de braços abertos. *Droga*! Estou pensando muito sobre isso. Estou analisando demais, ficando obsecada. É por isso que eu tenho evitado caras até agora. Eles deixam você maluca.

E também é por isso que eu preciso parar de pensar em Ashton e me concentrar no — devagar e com calma— de Connor. Meus olhos ardem enquanto cavo meu celular da minha bolsa para enviar uma mensagem para minha irmã:

Ashton é um imbecil.

Sua resposta vem quase que imediatamente:

Um imbecil gigante.

Eu rapidamente retorno a mensagem, jogando o jogo que jogávamos desde que éramos jovens - ainda infantil, só que agora mais colorido:

Um imbecil gigante leproso

Um imbecil gigante leproso que toca seu pênis como um banjo

Eu rio com o visual na minha cabeça enquanto digito:

Um imbecil gigante leproso que toca seu pênis como um banjo enquanto canta — O velho McDonald— .

A mensagem de resposta é uma imagem - uma de Ashton inclinado na cadeira do tatuador, o homem com a pistola de tinta trabalhando. O rosto de Ashton está torcido em um tremor horrível e exagerado.

Eu explodo em um ataque de risos, e a tensão escorrega dos meus ombros. Kacey sempre sabe como tornar as coisas melhores para mim. Eu ainda estou rindo, digitando uma resposta para ela, quando uma porta range aberta. Eu aperto minha mão sobre a boca.

— Você viu quem está aqui? — Uma voz nasalada feminino pergunta.

— Se você está falando de Ashton, então... como alguém poderia perdê-lo — outra voz arrasta enquanto o som de água correndo da torneira enche a sala.

Meus ouvidos se arrebitam. Eu clico em — Enviar— na minha mensagem para Kacey, dizendo a ela que eu a amo. Então eu coloco meu celular em modo *silencioso*.

— Ele está sentado em uma mesa com duas garotas, no entanto — a segunda voz continua.

Isso é quando eu sei com certeza. Eles estão falando sobre o meu Ashton. Quero dizer... não *meu* Ashton, mas... Minhas bochechas aquecem. Eu provavelmente não deveria ouvir isso. Mas é tarde demais, eu não posso sair agora. Eu sou uma *daquelas garotas*.

— Então o quê? Ele estava aqui com uma garota na última vez que estive aqui e eu ainda fui para casa com ele — a primeira voz murmura com arrogância, e imagino ela se inclinando no espelho para aplicar batom. Ela geme. — Deus, aquela foi uma grande noite.

Agora estou totalmente desconfortável. A última coisa que eu quero ouvir são detalhes sobre as façanhas sujas de Ashton. Eu me pergunto se ele perseguiu ela em uma aula e rabiscou seus livros com corações e o número de telefone dele, também.

Ou ela não percebeu que há alguém na cabine ou ela não se importa, porque ela continua. — Nós fizemos na varanda dos fundos. A céu aberto. Qualquer um poderia ter visto a gente! — Ela sussurra excitada. — E você me conhece... sou bastante respeitável... — Eu reviro os olhos e decido que Ashton provavelmente não tem que fazer muita perseguição. — Mas com ele... Oh meu Deus, Keira. Eu fiz coisas que nunca pensei que eu faria.

Claro que sim, vadia.

Minha mão voa sobre minha boca quando registro as palavras na minha cabeça, me chocando com meu vício. Por um segundo, tenho medo de que eu possa ter dito isso em voz alta.

Acho que não o fiz, porque a voz nasalada acrescenta: — Eu não me importo com quem ele está aqui. Ele vai embora comigo esta noite.

Eu fecho meus olhos e abraço meu corpo com os braços, com medo de espirrar ou tossir ou mudar os meus pés fazendo barulho,

porque elas vão saber que eu estava escutando, e depois elas vão me ver sentada com ele quando eu voltar lá fora. E elas vão saber que estava escutando.

Felizmente, elas estão ali apenas para reaplicar a maquiagem e bajular as habilidades sexuais de tremer a terra de Ashton então elas desocupam o banheiro em pouco tempo, me deixando escapar da cabine e lavar as mãos. E me pergunto se essa menina misteriosa será bem sucedida. Provavelmente. Meu instinto se aperta com a perspectiva.

— Aí está você. — Reagan entra pela porta. Com um suspiro profundo, ela acaricia minhas costas. — Ele nunca vai parar se você reagir assim. Você precisa começar a responder de volta.

— Eu sei, Reagan. Eu sei. Você está certa. Eu apenas não sou boa nisso. — É surpreendente, dado que eu cresci com a rainha respondona. Mas se eu não aprender a lidar com ele, o — devagar e com calma— de Connor vai correr — rápido e forte— para longe de mim.

— Só ria dele. — Ela dá ao meu braço um aperto afetuoso enquanto nos dirigimos para fora da porta.

Então eu me lembro da imagem de Ashton que Kacey acabou de me enviar. Eu sei que é infantil, mas eu mantenho o meu celular para cima, uma emoção vingativa me fazendo sorrir. — Dê uma olhada nisso, Reagan. — No momento em que chegamos à nossa mesa, lágrimas estão escorrendo pelas nossas bochechas, de tanto que estamos rindo.

Os olhos verdes de Connor piscam com uma mistura de surpresa e diversão enquanto ele segura a minha cadeira para mim.

— O que é tão engraçado? — Se o comentário anterior de Ashton o afetou de uma forma ou de outra, eu não posso dizer.

— Oh, nada — eu digo casualmente, bebendo o que sobrou da minha bebida e pegando um doce que alguém pediu enquanto eu estava fora, intencionalmente ignorando o olhar observador de Ashton.

— Mostre a ele, Livie — Reagan anuncia com um sorriso travesso, acrescentando, — Você sabe o que dizem sobre vingança...

Sorrindo, eu mantenho o meu celular para cima.

Eu nunca tinha ouvido três homens adultos uivando como Connor, Grant, e Ty quando veem a foto. Batendo palmas, Ty grita, — Precisamos imprimir isso e colocar na nossa parede! — Então, ele imita o olhar no rosto de Ashton, fazendo um som baixo, gutural e apontando para seu companheiro de quarto, que não tem ideia do que está acontecendo, porque eu intencionalmente segurei o celular fora da visão dele.

Um braço se estende diante de mim para pegar meu celular, mas eu estou pronta para isso, aperto o botão de desligar e deslizo dentro no bolso. Colocando meu canudo em minha boca, eu levo meu tempo sugando de volta a minha bebida. Os caras ainda estão rindo enquanto eu coloco o copo na mesa e cruzo os braços por cima do meu joelho. Eu arrisco um olhar na direção de Ashton para ver aquele brilho brincalhão em seus olhos enquanto ele mastiga o interior de sua boca. Pensando em todas as formas de se vingar, sem dúvida. Parte de mim está absolutamente aterrorizada com o que está prestes a sair de sua boca, porque provavelmente vai me fazer encolher em uma bola de fogo de humilhação.

— Oi, Ashton. — Olhando por cima do meu ombro, eu encontro uma linda mulher latina batendo uns muitos cílios muito longos para Ashton. Eu instantaneamente reconheço sua voz como a do banheiro, só que agora ela tem o tom sensual — vai-para-casa-comigo— marcado ao máximo.

Ashton não vira para reconhecê-la de imediato. Ele leva o seu tempo, lentamente girando em sua cadeira, seu braço descansando na parte de trás. Quando ele finalmente está de frente para ela, com os olhos roçando sobre o corpo curvilíneo e em forma dela.

Eu reviro os olhos, o desejo de esbofeteá-lo na cabeça insuportável.

— Olá? — Ashton finalmente diz e, pela inflexão no final, eu não posso dizer se é um Olá eu-conheço-você ou um Olá por-que-você-está-me-incomodando. Ela deve estar se perguntando isso também, porque sua língua lambe nervosamente os lábios vermelhos. — Nós... nos conhecemos no ano passado. Eu estou lá, se você quiser passar para uma bebida mais tarde. — Ela aponta para nossa esquerda com um movimento sedutor de seu longo cabelo preto encaracolado, mas percebo que a voz dela é um pouco menos abafada, um pouco mais insegura agora.

Balançando a cabeça lentamente, ele lhe dá um sorriso educado - não seu sorriso sedutor - e diz, — Ok, obrigado. — Então seu braço desliza para baixo e seu corpo gira então ele está de frente para a nossa mesa novamente. Ele toma um gole de sua bebida, enquanto verifica seu celular.

Eu olho para trás para ver a menina indo embora calmamente, seu ego exibicionista muito menor do que quando ela chegou.

Eu deveria me sentir mal por ela. Ele não foi completamente cruel, mas ele certamente não foi amigável.

Eu sei que eu deveria me sentir mal por ela.

Mas eu não sinto. Eu não quero que ele vá para casa com ela. Ou com ninguém.

Então, em vez disso, eu sinto uma bolha de alívio dentro do meu peito. Uma bolha que me faz deixar escapar uma coisa estúpida como, — Eu a ouvi falando de você no banheiro. — Assim que as palavras deixam minha boca, eu me arrependo. Por que diabos eu iria dizer isso a ele?

— Ah, é? — Os olhos de Ashton piscam para mim. — O que ela disse? — Do jeito que seus olhos brilham com uma faísca de reconhecimento, vejo que ele se lembra dela, e que ele tem uma boa ideia do que ela teria dito.

Eu tomo outro gole muito longo da minha bebida. O olhar de Ashton cai para minha boca e eu paro, levantando o copo para esconder meus lábios. Seu sorriso se aumenta. *Ele gosta de me deixar desconfortável.* O cara é tão malditamente confiante, que isso me deixa doente. Não tenho nenhum interesse em ajudar nisso, dizendo-lhe a verdade. — Que ela já teve melhor.

De onde veio isso? Minha subconsciente irmã gêmea malvada?

Eu acho que é a resposta certa, porque mais uma rodada de riso explode na mesa. Desta vez, é Grant que está batendo as mãos contra a mesa ruidosamente, ameaçando todas as nossas bebidas. Por mais que tentasse, eu não posso conter o sorriso largo e estúpido que eu sinto se estender por meu rosto enquanto eu assisto o rosto de Ashton se iluminar.

Finalmente. Eu ainda posso morrer de vergonha hoje, mas pelo menos eu vou descer balançando.

Não tenho ideia do que esperar em seguida. Os olhos brilhantes de Ashton são tão difíceis de ler a maior parte do tempo, além de saber que eles significam problemas. Então, quando sua mão agarra meu joelho e desliza para cima e para baixo da minha coxa - não muito alto para ser completamente inapropriado, mas o suficiente para que brote calor desconfortável através de mim - eu aceito a tortura dolorosamente lenta, como se fosse me amarrar nua na frente de uma multidão.

— Eu sabia que você tinha isso em você, Irlandesa — é tudo o que ele diz, no entanto. Debruçando-se sobre a mesa, ele grita, — Então, Connor... você acha que você vai conseguir tomar algumas bebidas sem mijar nos meus sapatos hoje à noite?

Minha cabeça se vira a tempo de pegar Connor arqueando a testa com um lampejo de surpresa, suas bochechas ficando rosadas. Ele limpa a voz e espia para mim enquanto resmunga, — Isso foi Ty.

Uma mão dá um tapa na mesa. — Eu nunca, *jamais*, urinei nos sapatos de ninguém! — Ty exclama, indignado.

— Ah, é? E as minhas botas? — Grant contraria com uma pontada amarga na voz.

— Aquelas coisas feias de pele vermelha? Elas estavam pedindo por isso.

— Eu fiquei sem botas de inverno por uma semana durante os exames por causa de você, imbecil! Eu quase congelei até à morte!

— Falando de congelar até à morte, lembram-se da vez que o treinador encontrou Connor totalmente nu e de bunda para cima em um dos barcos na manhã da grande corrida? — Ashton relembra,

estendendo-se em sua cadeira, os braços levantados para segurar a parte de trás de sua cabeça enquanto ele sorri. — Você quase foi expulso da equipe.

— Oh, eu ouvi sobre isso! — Reagan cruza as mãos para cobrir sua boca escancarada. — Cara, o meu pai estava chateado.

Eu estou rindo quando olho para Connor, que pisca para mim antes de retrucar — Não é tão ruim quanto à vez que você foi algemado, despido, e roubado por aquele travesti no México.

Tento não pulverizar ninguém além de mim quando a minha bebida explode da minha boca uma segunda vez.

Ashton se estica e puxa meu copo da minha mão, os dedos patinando nos meus, enviando um choque pelo meu corpo. Cada toque dele parece ter esse efeito. — Alguém consiga um babador para a Irlandesa.

Os caras passam as próximas duas horas lembrando histórias de deboche de sua embriaguez - a maioria envolve acordar nu em locais públicos - enquanto eu me permito relaxar. E acreditar que talvez estar em torno de Ashton não vai ser tão insuportável depois de tudo. Quando a banda começa seu set, todos nós estamos sentindo os efeitos do álcool e até o último pedaço de roupa suja foi exibido - de Ashton e Connor em particular. Eles pareciam estar tentando igualar e ganhar o outro a noite toda.

É difícil falar por causa do som da banda, então sentamos e ouvimos. O braço de Connor está jogado sobre as costas da minha cadeira, dedilhando seu polegar contra o meu ombro com a batida da música. É uma banda alternativa local, tocando principalmente covers, mas algumas de suas próprias canções. E eles são muito bons. Eu seria capaz de me concentrar se a perna de Ashton não

continuasse roçando contra a minha. Apesar de jogar minhas pernas no colo de Connor, eu não pareço conseguir ficar longe dele.

Quando a banda faz seu primeiro intervalo e a música de rádio por satélite chata volta, Connor se inclina e diz no meu ouvido — Eu odeio fazer isso, mas eu tenho que sair agora. Eu tenho uma aula amanhã cedo.

Olhando para o meu relógio, estou chocada ao ver que é quase meia-noite. Com uma grande bolha de decepção aumentando, eu me viro para pegar meu casaco.

A mão de Connor no meu ombro me para. — Não, você não tem que ir. Se divirta. — Ele está enrolando um pouco.

Eu examino nossa mesa para ver que todo mundo tem uma bebida cheia na mão. Ashton está lançando uma montanha de papel em torno de seus dedos enquanto fala com Grant e Reagan. Ninguém mais parece pronto para ir.

Ashton não parece pronto para ir.

Uma pequena onda no meu coração me diz que eu não estou pronta para ir também.

— Você tem certeza? — Talvez eu esteja enrolando também.

— Yeah. Claro. — Ele pressiona um beijo na minha bochecha e depois se levanta para puxar seu casaco. — Vejo vocês. Certifiquem-se de que Livie chegue a casa bem. — Ele para, como se lembrando de algo. Eu pego os olhos dele passando pelo melhor amigo e se fixando em mim. Segurando meu queixo com o polegar e dedo indicador, ele se inclina e coloca um beijo molhado em meus lábios. Eu sinto os espinhos na parte de trás do meu pescoço e eu sei instantaneamente que Ashton está assistindo. — Só não beba muito — Connor sussurra

no meu ouvido. Eu rolo minha língua para medir o grau de dormência em resposta. — Você não quer acordar com mais nenhuma tatuagem.

Eu o observo sair, super-alerta dos olhos castanhos de Ashton ainda em mim. Uma onda de desconforto flui através de mim e eu decido que agora é provavelmente um bom momento para parar de beber, e não tem nada a ver com acordar com tatuagens. É também um bom momento para usar o banheiro. Pela quinquagésima vez.

Eu estou voltando para nossa mesa quando a banda está dando início à segunda parte com uma música lenta. O espaço aberto na frente deles está repleto de pessoas, algumas balançando ao som da música, outras lá para chegar perto do vocalista. Ty está ocupado atirando sorrisos lascivos para Sun, que eu trouxeaqui esta noite e cometi o erro de apresentar à nossa mesa. Ashton parece satisfeito em apenas sentar e ouvir a música, com as mãos entrelaçadas atrás da cabeça, com um sorriso estranho e calmo em seu rosto.

Eu observo a sua abordagem do outro lado da sala.

A sensual latina exibicionista está se aproximando de nossa mesa novamente. Se o ego dela estava machucado por Ashton educadamente recusá-la antes, ele rapidamente se recuperou e agora está se preparando para o segundo ataque. Eu posso evitar, mas penso que Ashton deve ser realmente assim *tão* bom se alguém como ela, que provavelmente poderia seduzir o Papa, está disposta a assumir outro ataque por ele.

Espero que ele a rejeite.

E se ele não o fizer?

Ela está apenas a poucos passos de distância da nossa mesa, aproximando-se do lado oposto. Eu não sei por quê, mas eu corro para frente para alcançá-la antes que ela o faça, tropeçando nos meus

próprios pés. Recupero-me rapidamente, mas Ashton está de frente para mim e vê a coisa toda. Isso lhe provoca um sorriso largo e genuíno. — Irlandesa, qual é a pressa? — ele pergunta, assim que as longas unhas dela deslizam intimamente em seu bíceps. — Vem dançar comigo, Ash. — O tom sensual está presente novamente. Cara, ela é segura de si mesma! Eu gostaria de poder ser tão segura assim.

Prendo a respiração quando reconhecimento passa através dos olhos de Ashton. Eu sei que ele ouviua e eu sei que eu não quero que ele vá a lugar nenhum com ela. Eu vejo quando um braço desliza por trás de sua cabeça para se prender no meu pulso. — Talvez da próxima vez — ele diz por cima do ombro enquanto ele se levanta. Antes de eu saber o que está acontecendo, seu corpo prensa imponente contra mim e ele está me conduzindo em direção à pista de dança.

Adrenalina explode em minhas veias.

Uma vez em segurança no mar de corpos, espero que ele me solte, uma escapada bem sucedida. Do mesmo jeito que ele fez naquele dia no banheiro, de novo, ele me enrola em seu braço, puxando meu corpo perto contra ele. Ele pega minhas mãos e coloca-as em torno de seu pescoço e, em seguida, os dedos dele deslizam em meus braços, pelos meus lados, todo o caminho para os meus quadris.

A música é alta o suficiente para tornar qualquer conversa difícil. Talvez por isso Ashton se inclina tão perto que sua boca roça o meu ouvido para dizer, — Obrigado por me salvar. — Isso envia um arrepio por mim. — E você não precisa ficar nervosa em torno de mim, Irlandesa.

— Eu não estou — eu minto, e eu odeio que soo ofegante, mas se ele não parar de sussurrar em meu ouvido, eu vou... eu não sei o que vou fazer.

Suas mãos me apertam, puxando meus quadris, contra ele - contra o que eu não deveria estar sentindo agora. *Ohmeudeus*. Ashton está realmente excitado. Isto está tudo errado. Minhas mãos deslizam para pressionar planas contra seu peito e eu ainda não posso fazer o meu corpo se afastar quando ele responde exatamente da mesma maneira que eu me lembro do meu sonho.

— Você sabe por que eu te chamo de Irlandesa?

Eu balanço minha cabeça. Eu achava que era porque, na minha bebedeira, eu divulguei minhas origens. Algo me diz que agora há mais para o apelido do que isso.

— Bem — ele diz, com um sorriso lascivo, — admita que você me quer e eu vou te dizer o porquê.

Com uma sacudida teimosa da minha cabeça, eu murmuro, — Sem chance. — Talvez eu tenha deixado meu orgulho na pista de dança naquela noite, mas eu certamente não vou fazer isso de novo hoje à noite.

Os perfeitos lábios cheios de Ashton franzem ligeiramente quando ele olha para mim com olhos intensos, pensativos. Não tenho ideia do que ele está pensando, além do óbvio. Parte de mim quer perguntar sem rodeios. A outra parte está me dizendo que eu sou uma idiota por tropeçar nesta situação. Literalmente. Então, quando os polegares de Ashton começam a acariciar sobre os meus ossos do quadril e meu coração começa a bater contra minhas costelas, eu estou convencida de que eu deveria ter deixado a exibicionista

sensual ter o seu caminho com ele, porque agora eu realmente me meti em encrenca.

É por isso que suas próximas palavras me surpreendem. — Connor me pediu para eu fazer você gostar de mim — Ashton diz casualmente, facilitando o seu controle apertado sobre meus quadris para que eu não esteja pressionada diretamente contra sua ereção, permitindo-me respirar de novo. Sua boca se torce como se tivesse provado algo azedo. — Já que ele realmente gosta de você. — Então ele suspira, olhando por cima da minha cabeça, enquanto acrescenta, — E eu sou o seu melhor amigo. — Como se ele estivesse lembrando a si mesmo disso.

Certo, *Connor*. Eu engulo. A menção de Connor e seus sentimentos por mim enquanto minhas mãos ainda estão achatadas contra o peito de seu melhor amigo, aquele que eu apalpei repetidamente duas semanas atrás, me enche de culpa.

— Então? — Olhos escuros sérios trancam em meu rosto. — Como é que eu faço isso, Irlandesa? Como eu faço você gostar de mim? — Sua pergunta já está pingando com insinuações, mas quando ele usa esse tom – um que está estalando desejo - minha boca seca instantaneamente. E eu lembro exatamente por que eu provavelmente me *joguei* para ele na primeira vez. E eu estou a ponto de fazê-lo novamente.

Tento chamar a força de vontade para virar e ir embora. Com uma exalação profunda, eu deslizo minhas mãos de volta ao seu pescoço e igualo seu olhar atento. Estou sem palavras. Totalmente sem palavras. Eu mordo meu lábio inferior. Seus olhos caem para a minha boca, seus lábios se separaram um toque. Eu rapidamente manejo para dizer sem pensar, — Pare de me envergonhar?

Ele balança a cabeça lentamente, como se considerando. Há uma pausa. — E se eu não estou tentando e mesmo assim eu ainda te envergonho? Você só fica envergonhada muito fácil.

O caso em questão, minhas bochechas coram e eu rolo meus olhos. — Só tente deixar para lá.

As mãos de Ashton deslocam para cima e ligeiramente para trás, seus dedos se espalhando ao longo dos meus lados e costas, seus dedos mindinhos apenas acima da borda de tocar impropriamente a bunda. — Okay. O que mais? Vamos lá, Irlandesa. Diga-me.

Eu mastigo o interior da minha boca, pensando. O que mais eu posso dizer? Pare de me olhar assim? Pare de me tocar assim? Pare de ser tão sexy? Não... se eu estou sendo honesta, essas coisas não estão me incomodando agora. Provavelmente porque eu estou bêbada.

— Claro, poderíamos voltar para o seu quarto e...

— Ashton! — eu bato com força em seu peito. — Pare de cruzar a linha!

— Nós já cruzamos essa linha. — Seus braços de repente me cercam e esmagam contra ele, até que eu possa sentir cada parte dele. Por apenas um segundo, meu corpo responde por vontade própria, atraído pela eletricidade surgindo através dos confins dos meus nervos.

Finalmente o meu cérebro consegue quebrar a força magnética. Eu belisco um músculo no seu ombro com força o suficiente para que ele recue enquanto ele libera seu aperto.

No entanto, ele não está pronto para deixar-me ir ainda, suas mãos se colocam sobre meus quadris novamente. — Mal-humorada. É assim que eu gosto de você, Irlandesa. E eu estou brincando.

— Não, você não está. Eu *senti*. — Eu inclino minha cabeça e ergo uma sobrancelha para dar-lhe um olhar sabedor.

Isso só o faz rir. — Eu não posso controlar isso, Irlandesa. Você traz à tona o melhor de mim.

— *Isso* define você?

— Algumas diriam...

— É por isso que você...com tantas mulheres?

Um sorriso divertido toca seus lábios. — O que é isso que você não consegue dizer, doce pequena Irlandesa? É por isso que eu fodo tantas mulheres?

Aguardo a resposta, curiosa para saber o que ele vai dizer.

Um olhar estranho passa sobre seu rosto. — É um escape para mim. Me ajuda a esquecer quando eu quero esquecer... coisas. — Com um sorriso que não toca os olhos, ele acrescenta, — Você acha que sabe tudo sobre mim.

— Se pomposo, mulherengo, imbecil narcisista é o que eu estou pensando, então... yeah. — Eu preciso parar de beber. Síndrome de lábios soltos me assumiu oficialmente. Em seguida, eu vou contar-lhe o meu sonho sujo.

Ele balança a cabeça lentamente. — Se eu para de brincar por aí, isso faria você se sentir melhor?

— Bem, iria certamente fazer a sua namorada se sentir melhor — murmuro.

— E se eu não tivesse uma namorada?

Eu não percebo que meus pés pararam de se mover até que ele para também. — Você... rompeu com Dana?

— E se eu dissesse que eu rompi? Será que isso importaria para você?

Não confiando em minha voz, eu simplesmente balanço a cabeça. Não, na minha cabeça, eu sei que não importa porque ele ainda é todo errado.

— Nem um pouco? — Seus olhos derivam para a minha boca quando ele pergunta em tom tão gentil, tão vulnerável, tão... ferido, quase.

Meu corpo involuntariamente reage a ele, minhas mãos enrolando apertadas em torno de seu pescoço, puxando-o para perto de mim, querendo confortar e animá-lo. O que exatamente eu sinto por ele?

A música lenta acabou e mudou para uma canção de rock de ritmo rápido, mas ainda estamos peito contra peito.

Eu sei que não devia perguntar, mas eu faço isso de qualquer maneira. — O que você disse naquele bilhete. Por quê?

Ele olha para o lado por um momento e eu vejo sua mandíbula apertar. Quando ele encontra os meus olhos, há um abandono lá. — Porque você não é garota de uma noite, Irlandesa. — Inclinando-se para dar um beijo no meu queixo, ele sussurra, — Você é a garota com quem eu vou ficar para sempre.

Suas mãos deslizam para longe de mim e ele vira. Com meu coração batendo na garganta, eu fico lá e assisto enquanto ele caminha calmamente até a mesa para pegar seu casaco.

E então ele sai pela porta.

Capítulo 11

Atração

Você é a garota com quem eu vou ficar para sempre.

Eu não consigo me livrar das palavras dele. Desde o momento em que elas escaparam daqueles lábios perfeitos dele, elas pairaram sobre mim. Elas me seguiram até em casa em um estupor bêbado, se arrastaram para a cama comigo, e permaneceram lá durante toda a noite para cumprimentar-me no momento em que meus olhos se abriram pela manhã.

Além disso, não consigo me livrar do jeito que eu me senti desde que ele as disse. Ou até mesmo a maneira como ele me fez sentir durante toda a noite. Eu não posso articular o que esse sentimento é; eu só sei que não estava lá antes. E ainda está aqui, agora, mesmo que eu esteja sóbria.

Eu me sinto atraída por Ashton Henley. *Pronto*. Eu admito. Não para ele ou Reagan ou qualquer outra pessoa, mas eu posso admitir para mim mesma e aprender a lidar com isso. Sinto-me atraída pela minha ficada bêbada de uma noite, que também é um mulherengo indisponível e companheiro de quarto e melhor amigo do meu meio-que-namorado. *Espere*. Ele está disponível? Ele nunca respondeu à minha pergunta. Mas eu acho que um mulherengo está sempre disponível, por isso é um ponto discutível.

Deitada aqui, olhando para o meu teto, eu resolvi uma coisa. Meu corpo está realizando um motim contra minha mente e meu coração, e consumir álcool é como entregar-lhe um conjunto de facas.

Os gemidos de Reagan interrompem a minha repreensão silenciosa. — Jack malvado... — Como de costume, ela não se conteve, igualando Grant, bebida a bebida. Grant, que tem pelo menos 45kg a mais do que ela. — Eu me sinto como a bunda de um cavalo. Eu nunca mais vou beber de novo.

— Você não disse isso na última vez? — Eu lembro-a ironicamente.

— Silêncio agora. Seja uma boa colega de quarto e sustente minha autodecepção.

Eu não me sinto muito melhor, verdade seja dita. — O álcool realmente é o diabo, não é? — Minha tia fanática Darla pode não ser tão louca, afinal.

— E, no entanto, torna as noites muito mais divertidas.

— Nós não precisamos de álcool para nos divertir, Reagan.

— Você soa como um especial pós-escola.

Eu gemo. — Vamos lá. Nós provavelmente deveríamos ir para a aula.

— Uh... qual?

Rolo a cabeça para o lado, eu posso ver que no relógio digital vermelho sobre a cômoda se lê uma hora da tarde — Merda!

* * *

— Ainda com raiva de mim, Livie? — Dr. Stayner pergunta naquele jeito suave e imperturbável dele.

Eu chuto uma pedra solta, enquanto caminho para o meu trem. — Eu não tenho certeza ainda. Talvez. — Isso é mentira. Eu sei que não estou. Mas isso não significa que eu não vou estar mais uma vez quando eu desligar o telefone.

— Você nunca guarda rancor... — Kacey estava certa. Ele consegue ler mentes. — Como você está?

— Eu faltei às aulas ontem — Admito, acrescentando secamente, — Não soa como parte do meu plano piloto automático, não é?

— Hmm... interessante.

— Bem. — Eu rolo meus olhos e confesso, — não realmente. Dormi demais. Não foi intencional.

Ele ri. — E como você se sente, agora que isso aconteceu?

Eu franzo a testa. — Estranhamente, bem. — Vinte e quatro horas depois de uma mini crise - onde eu mandei uma mensagem para meu parceiro de laboratório em pânico e ele me garantiu pelo menos cinco vezes que o professor não percebeu que eu não estava lá e que ele me poderia emprestar as suas anotações - estou estranhamente despreocupada.

— Você quer dizer, como faltar a uma aula não seja o fim do mundo? — Há uma risada suave novamente.

Eu sorrio para o telefone, derrotada por sua vontade. — Talvez não.

— Bom, Livie. Fico feliz que você vai sobreviver a esse crime hediondo. E como foi seu primeiro dia de trabalho voluntário no hospital? — Eu pego a mudança em sua inflexão. Reconheço-a bem. É aquela em que ele já sabe a resposta, mas está me perguntando de qualquer maneira.

— Livie? Você está aí?

— Foi bom. As crianças são doces. Obrigada for me ajudar com isso.

— Claro, Livie. Eu acredito veemente em ganhar experiência onde você pode.

— Mesmo que eu não pertença lá? — Eu replico, minhas palavras misturadas com amargura.

— Eu nunca disse isso, Livie, e você sabe disso.

Há uma longa pausa e então eu deixo escapar, — Foi difícil. — Ele espera em silêncio para eu dar mais detalhes. — Foi mais difícil do que eu pensava que fosse.

Ele parece saber exatamente o que quero dizer, sem eu dizê-lo. — Sim, Livie. É difícil para homens velhos rabugentos como eu andar por esses corredores. Eu sabia que seria especialmente difícil para você, dado o seu espírito carinhoso.

— Vai ficar mais fácil, porém, não é? Quer dizer — eu digo, enquanto evito uma mulher que parou no meio da calçada, parecendo confusa — eu não me vou sentir tão... triste todos os dias que eu estiver lá, vou? Eu vou me acostumar com isso?

— Talvez não, Livie. Esperemos que sim. Mas se não ficar mais fácil, e se você decidir que quer ir por um caminho diferente, descobrir outra maneira de ajudar as crianças, tudo bem também. Você não vai falhar com ninguém por mudar de idéia.

Eu mastigo o interior da minha boca enquanto considero. Eu não tenho nenhuma intenção de mudar nada e não é como se ele estivesse me incentivando a desistir. Eu sei disso. É quase como se ele estivesse me dando permissão, se eu assim desejar. O que eu não estou fazendo.

— Agora me diga o que está acontecendo com esses garotos que estão perseguindo você.

Garotos? Plural? Meus olhos estreitam enquanto olho em volta, observando as pessoas na área. — Você está me seguindo?

Eu tenho que esperar uns bons dez segundos para que ele pare de gargalhar antes que eu possa continuar. Eu sei o que eu quero perguntar a ele, mas agora que eu estou falando com ele, sinto-me estúpida. Devo estar perguntando ao renomado terapeuta de TEPT sobre algo tão trivial? Tão feminino? Eu posso ouvir o Dr. Stayner bebericando alguma coisa do outro lado do telefone enquanto espera em silêncio. — Como você sabe quando um cara gosta de você? Quero dizer, *realmente* gosta de você? Não apenas... — Eu engulo, o meu rosto cora. Eu poderia começar a engasgar com minhas palavras em breve. — Não apenas de uma forma física?

Há uma longa pausa. — É geralmente pelas coisas que ele faz, em vez das coisas que ele diz. E se ele as fizer sem fazer um show, então ele gosta de você.

Você é a garota com quem eu vou ficar para sempre.

Apenas palavras. Aí, Dr. Stayner confirmou isso. Eu não deveria estar pendurada no que Ashton me disse enquanto estava bêbado, porque foram apenas palavras. Isso não significa que há algo aí além de um caso de hormônios em fúria. Eu sinto meu coração afundar um pouco com essa realização. Mas pelo menos é uma resposta e não o desconhecido.

Eu deveria ficar com Connor. Ele é o que parece certo.

— Obrigada, Dr. Stayner.

— Isso é sobre aquele sujeito irlandês que você conheceu?

— Não... — Eu suspiro. — Ashton.

— Ah, o ladrão de gelatina.

— Yeah. Ele também é o melhor amigo e companheiro de quarto de Connor. — E ele pode ou não ter uma namorada, mas deixo essa parte de fora. Isso já é complicado.

— Bem, essa é uma situação bem embaraçosa, Livie.

Minha única resposta é um grunhido de acordo.

— Como você se sentiria se esse sujeito Ashton estivesse interessado? Mais do que fisicamente, quero dizer.

Eu abro minha boca, mas percebo que não tenho uma resposta para além de, — Eu não sei. — E eu não sei, sinceramente. Porque não importa. Connor é perfeito e fácil. Ashton está longe de ser perfeito. Agora eu sei o que Storm e Kacey querem dizer quando chamam alguém de — sexo em uma vara— . Isso é o que Ashton é. Ele não é um cara de ficar para sempre. Connor é um cara de se ficar para sempre. Bem, eu acho que ele é esse tipo cara. É muito cedo para dizer.

— Você pelo menos admitiu para si mesma que você está atraída por Ashton?

Droga! Se eu responder com sinceridade, fica muito mais difícil de negar. Torna-se mais real. — Sim — eu finalmente resmungo com relutância. *Sim, eu estou atraída pelo melhor amigo, mulherengo do meu quase-namorado. Eu estou até tendo sonhos sujos sobre ele.*

— Bom. Fico feliz que isso está fora do caminho. Eu temia que levaria meses antes que você deixasse de ser tão teimosa.

Eu rolo os olhos para o médico sabe-tudo.

— Você sabe o que eu faria nesse meio tempo?

Minha boca faz reviravoltas, curiosa. — O quê?

— Eu usaria o meu cabelo trançado.

Pelo menos cinco segundos se passaram antes que eu possa dar a volta ao meu choque e perguntar, — O quê?

— Meninos apaixonados por meninas não podem se controlar em torno de tranças.

Ótimo. Agora estou sendo ridicularizada por um psiquiatra. *Meu* psiquiatra. Eu vejo a estação à frente e, checando meu relógio, eu sei que o trem vai chegar em breve. O que me leva para o Hospital Infantil para que eu possa me concentrar em coisas que importam. Balançando a cabeça, eu digo, — Obrigada por ouvir, Dr. Stayner.

— Chame-me a qualquer hora, Livie. Sério.

Eu desligo, não tendo certeza se eu me sinto melhor ou pior.

*** * ***

— Agora você pode nos diferenciar? — Eric está lado a lado com um Derek de aparência pálida. Ele está esfregando o couro cabeludo liso. Os dois estão sorrindo.

Eu franzo meus lábios para não sorrir enquanto junto minhas sobrancelhas com força. Meus olhos se mudam de um para o outro e vice-versa, coçando o queixo como se eu estivesse realmente confusa. — Derek? — eu aponto para Eric.

— Ha, ha! — Os braços esqueléticos de Eric se começam a fazer uma dançinha engraçada. — Não! Eu sou Eric. Nós ganhamos!

Inclinando a cabeça para trás, eu bato na minha testa. — Eu nunca vou conseguir distinguir vocês dois!

— Nós raspamos minha cabeça esta manhã — explica Eric enquanto pula para mim. — É muito suave. Toque.

Eu me obrigo, correndo os dedos sobre a linha de cabelo que eu ainda posso ver. — Suave — eu concordo.

Ele torce o nariz. — É uma sensação estranha. Mas ele vai voltar a crescer, como o do Derek sempre faz.

Como o do Derek sempre faz. Meu estômago tem espasmos musculares por apenas um segundo. Quantas rodadas de tratamento o pobre garoto suportou? — Definitivamente vai, Eric — eu digo, forçando um sorriso enquanto ando até à mesa e me sento. — Então o que vocês querem fazer hoje?

Derek pega silenciosamente um assento ao meu lado. Por seus movimentos mais lentos, eu posso dizer que ele não tem a energia de seu irmão, que só começou seus tratamentos esta semana, de acordo com Connie. — Desenhar? — ele sugere.

— Parece um bom plano. O que você quer desenhar?

Sua testa vinca enquanto ele pensa. — Eu quero ser policial quando eu crescer. Eles são fortes e podem salvar as pessoas. Eu posso desenhar isso?

Com uma inspiração profunda, eu sorrio. — Eu acho que é uma ótima ideia.

Enquanto os meninos começam a trabalhar, eu faço uma varredura da sala de jogos. Existem várias outras crianças aqui hoje, incluindo uma menina em um conjunto inteiramente rosa – pijamas rosa, pantufas rosa, lenço rosa cobrindo o que eu assumo é uma cabeça careca. Ela agarra um urso de pelúcia rosa embaixo do braço. Alguém - provavelmente outra voluntária - caminha atrás enquanto ela flutua de brinquedo para brinquedo, lançando olhares furtivos em nossa direção.

— Oi, Lola! — Eric chama e então, inclinando-se para mim, sussurra, — Ela tem quase quatro. Ela é legal. Para uma menina.

— Bem, então, devemos convidá-la a sentar-se com a gente — eu digo, levantando uma sobrancelha e esperando.

Os olhos de Eric se alargam quando ele percebe que eu estou sugerindo que ele vá até lá e pergunte. Um sorriso tímido curva em sua boca, enquanto ele olha para ela com o canto do olho.

É seu irmão, porém, que se vira e diz com aquela voz suave e rouca, — Você quer se sentar com a gente, Lola?

Eric luta para tomar o assento ao meu lado, se inclinando um pouco mais perto, observando Lola como um falcão enquanto ela cautelosamente caminha para o assento vazio entre ele e Derek. — Sinta minha cabeça, Lola — ele diz, inclinando-se para apontar o couro cabeludo suave no rosto dela.

Rindo, ela balança a cabeça e cruza as mãos sob os braços, recuando ligeiramente.

Derek não acha isso divertido e olha furiosamente para o irmão. — Pare de dizer às pessoas para tocar sua cabeça.

— Porquê?

— Porque é estranho. — Os olhos de Derek piscam sobre a Lola e a carranca desaparece instantaneamente. — Certo, Lola?

Ela dá de ombros, os olhos piscando entre os dois irmãos, sem dizer nada.

Desistindo de sua tentativa de impressionar Lola com o couro cabeludo liso, Eric se ocupa com seu desenho de um tanque. Seu irmão, porém, desliza uma folha para frente e, estendendo a caixa de lápis de cor, oferece, — Aqui, você quer desenhar comigo?

E é aí que me atinge. Derek tem uma queda pela pequena Lola. Eu compartilho um olhar com a voluntária de meia-idade que a seguiu até aqui. Ela pisca, confirmando.

Os meninos e Lola pintam por uma hora direto utilizando uma pilha de papel enquanto se desenham como tudo, desde um policial a um lobisomem, de um mergulhador a uma estrela do rock e todo o tempo, eu não consigo tirar os olhos de Derek enquanto ele adora Lola, ajudando-a a segurar corretamente o lápis, desenhando as partes de seu desenho que são mais difíceis para uma criança de quatro anos do que para uma quase seis anos.

Eu assisto enquanto meu coração se derrete e dói ao mesmo tempo.

No final da hora, quando a voluntária da Lola a lembra que ela precisa descansar, Eric, que está ocupado colorindo as rodas de seu caminhão, grita, — Tchau, Lola! — Derek, porém, pega o desenho ele fez de si mesmo como policial e em silêncio dá a Lola para levar para o quarto dela.

E eu tenho que me afastar antes de eles verem as lágrimas caindo.

Capítulo 12

Saudades de casa

— Você pode acreditar nisso? — O queixo de Kacey se instala no meu ombro por trás, enquanto olhamos fixamente para o mar juntas, os nossos vestidos de seda cor de ameixa iguais de damas de honra esvoaçando na brisa leve. — Eu ainda me lembro deles indo em seu primeiro encontro. Storm estava petrificada. E agora aqui estão eles, se casando e tendo um bebê.

Nos viramos ao mesmo tempo, olhando para o belíssimo casal enquanto o fotógrafo os capta com o pôr do sol ao fundo. Storm pode estar grávida de seis meses, mas a não ser pela fofa bola redonda em seu abdômen e seus seios gigantes - resultado de hormônios em fúria misturados com implantes de silicone - ela parece exatamente como sempre. Uma boneca Barbie.

Uma boneca Barbie que, junto com sua pequena filha adorável, tropeçou em nossas vidas quando mais precisávamos. É engraçado como algumas relações podem ser tão acidentalmente forjadas e ainda tão perfeitamente correspondentes. Quando Kacey e eu chegamos a Miami, acabamos em um prédio decadente, vivendo ao lado de uma bartender/dançarina e mãe solteira batalhadora de uma menina de cinco anos de idade. Storm e Mia. Elas nos receberam em suas vidas sem reservas, sem apreensão. Por causa disso, eu nunca pensei nelas como vizinhas ou amigas.

De alguma forma estranha, elas sempre foram família.

Todos eles são, eu admito, olhando para a pequena multidão que se reuniu após o casamento ao pôr do sol na praia do lado de fora da nossa casa. É a maior mescla de pessoas que você poderia imaginar - o nosso velho senhorio, Tanner, tão estranho como nunca segurando o braço de sua acompanhante enquanto coça a barriga distraidamente; Caim, o proprietário do clube de strip onde Storm e Kacey costumavam trabalhar, tomando uma bebida enquanto observa Storm e Dan, um estranho e orgulhoso sorriso tocando seus lábios; Ben, o ex-segurança do Penny's que se tornou um amigo próximo de todos nós, de braço dado com uma bonita advogada loira de sua empresa. Eu tenho que admitir, essa é uma visão bem-vinda, pois ele esteve dando dicas não tão discretas sobre querer namorar comigo desde o dia em que completei dezoito anos.

— Eu gostaria que você pudesse ficar mais tempo — Kacey geme. — Nós estivemos tão ocupadas, que não tivemos a chance de conversar. Eu sinto que eu já não sei o que está acontecendo em sua vida.

Isso é porque você não sabe, Kacey. Eu não lhe disse nada. É status quo tanto quanto interessa - a escola está ótima, eu estou ótima. Tudo está ótimo. Eu não estou dizendo a verdade: que eu estou simplesmente confusa. Passei a viagem de avião tentando me convencer de que tudo isso vai passar. Eu preciso me ajustar, isso é tudo. E enquanto eu estou me ajustando, não estou tirando nenhuma atenção do dia de Storm e Dan.

— Kacey! — As mãos de Trent estão em concha ao redor da boca quando ele chama a minha irmã.

— Oh, tenho que ir! — Ela aperta meu cotovelo, com um sorriso diabólico curvando seus lábios. — Certifique-se que você volte para casa em quinze minutos, para a primeira dança deles. — Eu assisto enquanto ela vai, pulando descalça pela areia em direção a um Trent deslumbrante em seu smoking feito sob medida. As primeiras vezes que eu o encontrei, eu não podia ficar na mesma sala que ele sem suar profusamente. Mas, em algum momento, ele se transformou em nada mais do que a alma gêmea pateta da minha irmã. E agora mesmo, eles estão tramando alguma coisa. Eu não sei exatamente o quê, mas pelos sussurros que eu peguei, isso envolve uma garrafa de champanhe, o pole dance do palco do Penny's que Storm costumava usar em seu — ato, — e uma montagem de vídeo embaraçosa do casal feliz.

Trent e Kacey são perfeitos juntos.

Espero que eu tenha isso um dia, também.

Eu volto para o sol se pondo. E eu respiro. Para dentro e para fora, lentamente. Eu respiro e eu saboreio este belo momento, este dia maravilhoso, empurrando todas as minhas preocupações e temores à distância. Eu acho que isso não é difícil de fazer. O som das ondas e

do riso de Mia enquanto Ben a persegue por aí serve como uma âncora para me manter em terra.

— Como está a faculdade, Livie?

A voz me surpreende e envia espinhos na espinha. Virando, encontro àqueles olhos cor de café olhando para o mar ao meu lado. — Olá, Caim. Está boa. — Família ou não, eu ainda não fico cem por cento confortável em torno do antigo patrão da minha irmã. Ele nunca fez nada para merecer o meu mal-estar, na verdade, ele é um dos homens mais respeitáveis que eu já conheci na minha vida. Mas ele é uma espécie de enigma. Ele tem aquele olhar deslocado nele, tanto jovem e sábio por trás de seus anos. Quando Kacey o conheceu, ela achava que ele tinha que estar na casa dos trinta, mas ele deixou escapar uma noite que ele tinha acabado de fazer vinte e nove. Isso significa que ele abriu seu primeiro clube para adultos em seus vinte e poucos anos. Ninguém sabe onde ele conseguiu o dinheiro. Ninguém sabe nada sobre sua família, suas origens. Tudo o que sabemos é que ele ganha a vida lucrativa a partir do comércio do sexo. Mas de acordo com Kacey e Storm, tudo o que ele parece querer é ajudar seus funcionários. Ele nunca cruzou a linha.

Embora a maioria das bailarinas não se importaria se ele o fizesse. Eu não estou surpresa. Caim não tem apenas uma boa aparência; ele exala confiança masculina - seus ternos bem cortados, cabelo escuro perfeito, e intimidador, o comportamento reservado apenas acrescenta sua atração. E por baixo de tudo isso? Bem, vamos apenas dizer que as poucas vezes que ele veio cá para curtir a praia com a gente, eu notei que Dan e Trent ficam um pouco mais perto de suas mulheres. Kacey diz que Caim tem o corpo de um lutador. Tudo o que sei é que, entre o rosto marcante, os músculos rígidos, e uma

infinidade de tatuagens interessantes, eu fui pega olhando mais de uma vez.

— Eu estou contente. Você sabe que sua irmã está muito orgulhosa de tudo o que tem alcançado.

Meu intestino aperta. *Obrigada pelo lembrete...* Sinto seus olhos no meu rosto agora e eu coro. Sem olhar, eu sei que ele está me estudando. Esse é Caim. Você se sente como se ele pudesse ver através de você.

— Nós todos estamos, Livie. Você cresceu em uma mulher notável. — Ele toma um gole de sua bebida - provavelmente conhaque, visto que esse é o seu álcool de escolha - e acrescenta, — Se você precisar de alguma ajuda, você sabe que você pode me chamar, né? Eu te dei meu número.

Agora eu viro para olhar para ele, para ver o seu sorriso genuíno. — Eu sei, Caim. Obrigada — eu digo educadamente. Ele disse a mesma coisa há um mês, na minha festa de despedida. Eu estava ocupada, chorando ao lado de uma Storm muito hormonal. Eu nunca pediria nada dele, mas eu aprecio isso, o que é a mesma coisa.

— Quando você volta?

— Amanhã à tarde — eu digo com um suspiro. Não necessariamente um suspiro feliz A última vez que deixei Miami, eu estava triste, mas eu tinha uma bola de excitação nervosa para a faculdade para me ajudar a entrar no avião. Agora, eu não tenho o mesmo entusiasmo.

Pelo menos, não para a parte das *aulas* da faculdade.

Capítulo 13

Caindo

— Seu pai dá esta festa todos os anos? — eu pergunto enquanto Reagan paga o táxi com seu cartão de crédito e nós pulamos para fora. Ou os treinadores de remo de Princeton são muito bem pagos ou a família de Reagan tem dinheiro através de outros meios, baseado na casa de dois andares aonde nós chegamos. É uma mistura de pedra e tijolo, com telhados íngremes e uma torre correspondente. Jardins em estilo Inglês quebram um gramado perfeitamente aparado e a entrada forma um laço grande na porta da frente. Uma dúzia de carros já está estacionada ao redor do círculo, inclusive o Audi branco de Connor.

— Como um relógio. É uma espécie de encontro de — bem-vindos de volta— /— vamos ganhar a grande corrida— /— eu vou trabalhar suas bundas durante o inverno— . — Eu a segui enquanto caminhamos ao redor do lado da casa para um quintal igualmente

belo. Cerca de cinquenta pessoas bem vestidas se misturavam com bebidas na mão, aceitando aperitivos dos garçons em smokings flutuando por ali. O público é predominantemente masculino, mas existem algumas meninas ao redor. Namoradas, Reagan confirma.

Eu instintivamente suavizo minha saia cinza. Reagan descreveu a festa como — vistosa, mas modesta— . Eu não trouxe um monte de roupas vistosas adequadas para a temperatura ainda quente, por isso estou limitada a uma saia ajustada e uma blusa de seda sem mangas de cor violeta com um decote profundo na parte de trás que, infelizmente, mostra minha nova tatuagem. Reagan me garantiu que seus pais não vão pensar menos de mim se a virem. Eu mantive o meu cabelo preto longo solto mesmo assim.

Eu rapidamente examino o grupo, procurando Connor. Eu não sei se Ashton vai estar aqui. Eu acho que, por ser o capitão, é esperado, mas... é também esperado não dormir com outras por aí nas costas de sua namorada, e Ashton não percebeu isso ainda.

— Oh, Reagan! Como você está? — uma voz feminina grita. Me viro para ver uma versão mais antiga de Reagan traçando em nossa direção, seus braços estendidos, e isso me faz sorrir. Elas são idênticas em altura, semblante, sorriso... tudo.

— Ótima, mamãe — Reagan diz calmamente enquanto sua mãe planta um beijo em sua bochecha.

— Como você está? Como estão as aulas? Você tem saído? — ela pergunta em voz rápida, silenciosa. Ela parece um pouco frenética, como se ela não tivesse muito tempo para conversar, mas precisasse conseguir informações de sua filha.

— Sim, mamãe. Com a minha companheira de quarto. Esta é Livie. — Ela dirige a atenção de sua mãe para mim.

— Oh, é tão bom te conhecer, Livie. Me chame de Rachel — diz ela com um caloroso sorriso educado. — Meu Deus, você é bonita. E tão alta!

Calor rasteja até meu pescoço. Eu abro minha boca para lhe agradecer, mas sua atenção já voltou para Reagan. — E como é o dormitório? Você está conseguindo dormir naquela cama pequena? Gostaria que eles as tornassem maiores. Elas não estão aptas para pessoas!

Enquanto ela continua a murmurar, um bufo me escapa e eu rapidamente cubro o meu rosto e finjo tossir. *De alguma maneira, cabem dois na cama de sua filha.*

Reagan responde com um largo sorriso. — Não é ruim. Mais confortável do que eu esperava.

— Ok, bom. Eu estava com medo de você não fosse conseguir dormir bem.

— Mamãe, você sabe que eu estou dormindo bem. Eu falei com você ontem. E no dia anterior. E no dia anterior... — Reagan diz pacientemente, mas eu pego a nota de exasperação.

— Eu sei, querida. — Rachel acaricia o ombro dela. — Eu tenho que ir agora. Os fornecedores precisam de alguma orientação. — Com isso, a mãe de Reagan se afasta como uma nuvem de fumaça no ar, rápida, mas graciosa.

Reagan se inclina para frente. — Desculpe-a. Eu sou filha única e ela é um pouco super protetora. E tensa. Estamos afastando-a da medicação ansiolítica. — No próximo fôlego ela começa a perguntar, — Você está com fome? Porque nós podemos ir lá e...

— Reagan! — a voz de um homem explode, cortando dentro.

Os olhos de Reagan se acendem e ela pega a minha mão. — Oh, venha conhecer o meu pai! — Eu mal posso acompanhá-la quando ela decola em direção a casa em um vivo, ritmo animado. Ela é mais parecida com a mãe do que ela quer admitir. A única vez que ela reduz a velocidade é quando Grant aparece do nada para entregar a cada uma de nós uma bebida. — Senhoras — ele diz com uma reverência curta, e depois desaparece tão rapidamente como apareceu, dando uma piscadela para Reagan enquanto se vira. Um gole me diz que está carregado com Jack e eu estou aliviada. Havia uma ponta persistente em meus nervos desde que deixei o hospital hoje.

Reagan continua, cortando através de uma multidão de caras - sorrindo para elas enquanto nós passamos - até que ela atinge a área de pátio coberto perto da casa, onde um homem gigante com uma barba cinza bem aparada e barriga redonda - o pai dela, eu presumo - está de pé ao lado de Connor.

— Oi, papai! — Reagan grita, pulando em seus braços.

Ele levanta-a do chão, rindo enquanto ela coloca um beijo em sua bochecha. — Aqui está a minha menina.

Eu deslizo para o braço estendido de Connor para um abraço enquanto assisto Reagan e seu pai, uma pontada de inveja faiscando em meu peito.

— Você está linda — murmura Connor, colocando um beijo em meus lábios.

— Obrigada. Você está ótimo também. — E ele está. Ele está sempre bem vestido, mas agora ele está vestindo calça e uma camisa branca. Quando ele sorri para mim com aquele sorriso de covinhas,o ar deixa lentamente o meu peito com alívio. Eu estou percebendo que

fico mais relaxada quando Connor está ao redor. Ele apenas tem esse ar sobre ele. Fácil, calmo, solidário.

Isso é certo.

— Como foi o hospital hoje?

Eu inclino minha cabeça de lado a lado como se estivesse indecisa. — Bom. Difícil, mas bom.

Ele dá um aperto leve em meu antebraço. — Não se preocupe com isso. Vai ficar tudo bem. Você se sair muito bem.

Eu forço um sorriso enquanto viro para Reagan e seu pai, feliz que alguém tem confiança em mim.

— Como está sendo o seu primeiro mês? Nada muito selvagem, espero? — o pai de Reagan lhe pergunta.

— Não, minha colega de quarto me mantém sob controle. — Reagan vira para apontar para mim. — Esta é Livie Cleary, papai.

O homem se vira para me encarar com olhos azuis gentis. Ele oferece sua mão. — Olá, Livie. Eu sou Robert.

— Olá, senhor... Robert. Sou Livie Cleary. — Eu atrapalho-me com minhas palavras. Uma risada nervosa escapa e eu sacudo a cabeça. — Desculpe, Reagan já lhe disse isso.

Robert ri. Eu vejo seus olhos mudarem para um ponto focal atrás de mim. — Oh, muito obrigado — ele diz, chegando para aceitar uma bebida.

Uma figura alta, morena aparece para tomar lugar ao lado de Robert. Uma com cílios incrivelmente longos e olhos castanhos penetrantes que fazem meu coração gaguejar. — De nada — ele diz educadamente.

Ashton está sempre lindo, mesmo na mais básica das roupas. Mas hoje ele claramente respeitou o código de vestimenta do

treinador. Seu cabelo está dominado de uma forma que parece limpo e arrumado e, ao mesmo tempo, sexy. Em vez de jeans e tênis, ele está vestindo calças pretas e sapatos sob medida. Em vez de uma camiseta furada, ele está com uma camisa azul escura, perfeitamente passada e apertada. Ao vê-lo tomar um gole de sua bebida, eu vejo a faixa de couro desgastada espreitando por ela. Essa é a única coisa que faz lembrar o Ashton que eu conheci até agora. Parece que ele acabou de sair das páginas da revista GQ.

E eu não sei se é por causa dessa transformação, ou porque eu finalmente aceitei que eu me sinto atraída por Ashton, mas o desconforto que eu sempre sinto em torno dele está começando a desaparecer - ou a transformar-se - em algo completamente diferente e não de todo desagradável. Apesar de ainda ser totalmente perturbador.

A voz jovial de Robert interrompe meus pensamentos. — Eu posso sentir, rapazes. Temos uma equipe vencedora este ano. — Ele bate uma grande mão sobre o ombro de seu capitão.

Ashton responde com um sorriso genuíno, cheio de respeito. Um que eu nunca tinha visto nele antes.

Virando-se para mim, Robert diz — Então, Livie, você é uma da mais recente safra de Princeton, juntamente com a minha filha.

Meus olhos encontram os de Ashton antes de eu conseguir voltar e me concentrar em Robert e isso faz meu coração pular. — Sim, senhor — eu digo, limpando a minha voz.

— E como você está gostando disso até agora? — Seu olhar se desloca para minha cintura. E é aí que eu lembro que Connor está com o braço frouxamente em torno de mim. — Nenhum desses canalhas está incomodando você, eu espero?

Eu sorrio timidamente para Connor, que me dá um sorriso malicioso de volta. — Sem canalhas — eu respondo, tomando o último gole da minha bebida. Como é que eu a terminei tão rápido? Antes que eu possa me parar, meus olhos piscam para Ashton para ver sua atenção estabelecida no meu peito. Eu instintivamente cruzo os braços, ganhando um sorriso largo dele enquanto ele traz seu copo aos lábios. *Talvez um canalha.*

— Bom. Eles são bons rapazes — Robert diz com um aceno de cabeça afirmativo. Em seguida, ouvimos um grito enquanto Ty aparece de volta em seu kilt, e Robert acrescenta, — Talvez um pouco selvagens às vezes, mas então qual garoto de faculdade não o é. Certo, Grant?

Eu juro, ou Grant tem um radar de drink-vazio ou ele está nos observando como um falcão, porque ele aparece de repente por trás para entregar a Reagan e a mim novos Jacks com Coca-Cola. — Certo, treinador.

— Sem álcool nessa bebida, certo, Cleaver? — A sobrancelha cheia de Robert está a meio caminho de sua testa com a pergunta.

— Nem uma gota — diz Grant, seu sorriso bobo substituído por uma máscara de sinceridade.

— Claro que não, papai — Reagan ecoa docemente.

Robert olha para a sua filha, que pode fazer o ato de colegial virgem e inocente melhor do que qualquer um que eu já tenha conhecido. Melhor do que... bem, eu, eu acho. Eu não posso dizer se ele acredita nela. Tudo o que ele tem a fazer é inclinar-se e cheirar a bebida para saber que é mais bebida alcoólica do que Coca. Mas ele não pressiona. — Então, em que você vai se formar, Livie?

— Biologia Molecular.

Pela forma como as sobrancelhas se levantam, eu posso dizer que ele parece impressionado.

— Livie vai ser pediatra — Connor gorjeia com orgulho.

— Bom para você. E o que fez você escolher Princeton?

— Meu pai estudou aqui. — A resposta rola fora a minha língua com facilidade. É uma resposta tão boa quanto qualquer outra. Na verdade, eu poderia facilmente ter ido para Harvard ou Yale. Eu tive cartas de aceitação de todas elas, dado que os meus conselheiros escolares me fizeram inscrever. Mas nunca houve qualquer debate sobre qual eu escolheria.

Robert acena com a cabeça, como se esperando essa resposta. Eu acho que ele ouve muito isso. Não é incomum que várias gerações estudem em Princeton. Sua sobrancelha levanta mais enquanto ele pondera isso. — Em que ano?

— 1982.

— Huh... Eu estava em 1981. — Sua mão se move para coçar a barba, enquanto se ele fica imerso em pensamentos. — Qual você disse que seu sobrenome era de novo?

— Cleary.

— Cleary... Cleary... — Robert repete mais e mais enquanto esfrega a barba com os dedos, e eu posso dizer que ele está vasculhando seu cérebro. Eu tomo outro longo gole da minha bebida, enquanto eu assisto. Não há nenhuma maneira de ele conhecer o meu pai, mas eu gosto que ele esteja tentando.

— Miles Cleary?

Eu engasgo com a boca cheia de líquido e meus olhos se arregalaram de surpresa.

Robert parece orgulhoso de si mesmo. — Bem, e quanto a isso!

— Sério? Você o conhecia? Quero dizer... — Eu tento moderar a minha emoção.

— Sim. — Ele assente lentamente, como se as memórias estivessem enchendo rapidamente seu cérebro. — Sim, eu conheci. Nós dois fomos membros do *Tiger Inn*. Fomos a um monte das mesmas festas. Colega Irlandês, certo?

Eu sinto minha cabeça balançando para cima e para baixo.

— Amigável, descontraído. — Ele ri levemente, e eu vejo uma pitada de algo como desgosto passar em seu rosto. — Nós namoramos a mesma menina por um curto período de tempo. — Outra risada, e suas bochechas enrugadas coram com qualquer memória. Uma que eu tenho certeza não quero ouvir a respeito. — Então, ele conheceu aquela linda moça de cabelos escuros e nós não vimos muito mais ele. — Seus olhos estreitam apenas um toque, enquanto avaliam meu rosto, estudando as minhas características. — Olhando para você, eu diria que ele se casou com ela. Você se parece com ela.

Eu sorrio e aceno, desviando o olhar para o chão por um momento.

— Isso é tão legal, Livie! — Reagan grita, os olhos arregalados com excitação. — Deveríamos convidá-los na próxima vez que estiverem na cidade!

Robert já está acenando com a cabeça em concordância com sua filha. — Sim, eu adoraria me reconectar com Miles.

— Umm... — E assim, meu breve balão de excitação é esvaziado pela realidade. Sim, teria sido muito bom ver meu pai e Robert juntos. Ter meus pais aqui. Para ver o riso fácil do meu pai. Mas isso não vai acontecer. Nunca. Eu sinto o braço de Connor me apertar, me puxando com força para ele. Ele é o único que sabe.

Agora todo mundo vai saber. — Na verdade, ele e minha mãe morreram em um acidente de carro quando eu tinha onze anos.

Há um — rosto— padrão para essa notícia quando você a dá. Choque, seguido por algum empalidecimento da pele, seguido por uma sobrancelha levantada. Normalmente, um único pequeno aceno de cabeça. Eu já vi isso milhares de vezes. O rosto de Robert fica semelhante a um T, com um olhar adicional de por-que-você-não-sabia-isso-sobre-sua-colega-de-quarto na direção de sua filha. Não é culpa dela, no entanto. Eu nunca disse a ela. Eu não evitei dizer a ela; isso só não veio na conversa. — Eu sinto... sinto muito em ouvir isso, Livie — ele oferece rispidamente.

Tento consolá-lo com um sorriso gentil e palavras tranquilizadoras. — Está tudo bem, realmente. Foi há muito tempo. Eu estou... bem.

— Bem... — Há aquele silêncio constrangedor, a razão pela qual eu geralmente evito compartilhar isto sobre mim mesma em grupos de pessoas. Então Grant, que ainda está demorando, salva o dia ao mudar de tema para a próxima corrida, me livrando de ser o centro das atenções. Libertando-me para olhar para Ashton pela primeira vez desde que a conversa sobre meus pais começou.

Espero aquele rosto padrão. Mas eu não o encontro lá. Encontro seus olhos fixos em mim com a expressão mais peculiar neles. Um pequeno sorriso toca seus lábios; leveza flutua em seu olhar.

Não há outra maneira de descrevê-lo a não ser...

Paz.

*** * ***

— Então todo o rebuliço é sobre isso.

Sorrindo orgulhosamente, Connor aperta a minha mão enquanto andamos pela Prospect Avenue - ou — a rua, — como é conhecida por todos em Princeton - e subimos os degraus para o impressionante edifício em estilo Tudor com trevos marrons decorando a frente. É quinta-feira à noite. A fila já serpenteia fora da entrada, mas Connor pisca seu cartão de identificação do clube e nós conseguimos passar sem problemas.

Empurrando a pesada porta para eu passar, ele aponta dramaticamente em direção ao interior. — Bem-vinda *ao melhor* clube de comer! — Sons de risos e música me atingem imediatamente.

— Imagino que vocês todos dizem isso sobre seus respectivos clubes — eu brinco, absorvendo os escuros painéis de madeira que vão do piso ao teto e os móveis antigos enquanto entramos. No último sábado, depois de Robert ter confirmado que meu pai era um membro daqui, Connor prometeu me dar uma visita guiada. Meus nervos estavam rodando desde então. — É legal. — Eu inspiro profundamente, como se o ato fosse, de alguma forma, me ajudar a sentir a presença persistente de Miles Cleary dentro das paredes.

— Você não viu nada ainda. — Connor sorri e me oferece um braço musculoso. — Guia ao seu serviço.

Connor me mostra os vários andares do clube recém-ampliado e renovado, destacando o magnífico salão de jantar, uma biblioteca e uma sala no andar de cima. Ele deixa o porão por último - um espaço aberto e mal iluminado tipo garagem chamado — Taberna— .

— Não é tão ruim aqui, agora — Connor diz, apertando a minha mão enquanto descemos as escadas. — À meia-noite, não seremos capazes de nos mover. Esta é a maior e melhor taberna em Princeton.

— Ele sorri, acrescentando, — E eu *não* estou dizendo isso só porque eu sou um membro.

— Não estou duvidando de você — murmuro enquanto absorvo a cena. Com muitos risos, estudantes sorridentes – meninos e meninas - passeavam por aí com uma cerveja na mão. Alguns estão carregando espadas de plástico e máscaras de baile. Connor diz que eles estiveram provavelmente em uma festa temática em outro lugar mais cedo.

A única mobília que eu posso ver são algumas grandes mesas de madeira verde e brancas com o logotipo do clube de comer. De alguma forma, eu não estou surpresa ao achar Ty em uma, gritando para alguém enquanto derrama cerveja de um jarro em copos de plástico dispostos em duas formas de pirâmide em extremos opostos da mesa.

— Ei, parceiro! — Ty dá um tapa nas costas de Connor com a mão livre. Mergulhando a cabeça para mim, ele grita em seu falso sotaque escocês, — Irlandesa! — me fazendo rir. Há apenas algo sobre Ty que é tão fácil. Ele é grosseiro, barulhento, e às vezes francamente perverso, mas você não pode evitar, mas gostar dele. Posso imaginá-lo se dando bem com Kacey. Talvez por isso eu me sinto tão confortável em torno dele. De alguma estranha maneira, em flashes de kilt, Ty me faz lembrar de casa.

Connor dá um aperto nos ombros de Ty. — Todos nós vimos aqui para comer na maioria dos dias, mas Ty praticamente vive aqui. Ele é parte do corpo de oficiais. Provavelmente porque este lugar é tão selvagem. Eu não sei como ele passa em alguma matéria.

Projetando o queixo em direção a um livro que está aberto em uma cadeira próxima, o rosto de Ty é uma máscara de confusão. —

Eu não sei o que você quer dizer. Eu fiz alguns dos meus melhores trabalhos aqui. — Jogando o jarro vazio para o chão, Ty segura duas bolas de pingue-pongue. — Prontos?

Connor dá de ombros, olhando para mim. — Você está dentro?

Avaliando a mesa novamente e as bolas, eu pergunto, — O que é isso... pingue-pongue de cerveja?

Ty bate seu copo de cerveja para anunciar, com um sorriso cheio de malícia, — Uma Beirute virgem! Eu amo isso! — Ele aponta um dedo para mim. — Nunca chame isso de pingue-pongue de cerveja. E não desista ou eu vou chutar essa bela bunda pela porta!

— Por que eu tenho a sensação de que eu estou ferrada — eu resmungo, observando todos os copos de cerveja. Mas também sei que as ameaças de Ty não são vazias, e tentar escapar provavelmente envolverá humilhação na frente de todo o clube.

— Escocês maluco — Connor murmura sob sua respiração, mas seus olhos estão brilhando. Envolvendo o braço em volta da minha cintura, ele começa a rir. — Não se preocupe. Eu sou bom nesse jogo. Você está segura comigo.

Eu dou um aperto leve em seu antebraço antes de ele me soltar, um pingo de alívio passa por mim com o lembrete. Eu sei que estou segura com Connor. Se eu estivesse com Ashton, seria uma história muito diferente. Ele provavelmente perderia apenas para me fazer ficar embriagada. De qualquer maneira, meus goles serão os menores goles conhecidos pela humanidade.

— O que é isso, dois contra dois? Quem é o seu parceiro, Ty? — Connor pergunta.

— Quem você acha? — vem a resposta tonta um segundo antes de um balançante rabo de cavalo loiro mel e um sorriso aparecerem.

— Reagan! Graças a Deus. Me salve disso.

— Não posso fazer isso, colega de quarto. — Ela acaricia minhas costas com uma mão preguiçosa enquanto aceita um litro cheio de Grant com a outra, atirando-lhe uma piscadela brincalhona. Estou emocionada de ver Reagan aqui esta noite. Desde a conversa na casa de seus pais, ela tem estado anormalmente quieta ao meu redor. Ela pode estar com raiva de mim por não mencionar os meus pais. Eu não posso dizer e ela não trouxe isso à tona. Mas hoje ela parece normal, e eu estou contente.

Todo mundo está aqui, exceto... Colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, eu discretamente examino a sala, procurando pela forma alta e escura.

— Ele tem um grande teste amanhã — murmura Reagan com um sorriso conhecedor. — Ele não vem.

— Oh. — Deixo por isso mesmo, embora eu não possa ignorar o desapontamento rastejando através de mim. E então eu me repreendo silenciosamente. Estou aqui com Connor. *Connor*. *Connor*. Quantas vezes eu tenho que repetir esse nome antes de colar?

— Ok, Gidget! — Ty grita. — Venha aqui. Connor e a virgem estão indo para *baixo* hoje à noite!

Meu rosto cora enquanto cabeças viram na minha direção. — Eu nunca tinha jogado este jogo antes! — Eu esclareço em voz alta, apesar de Ty não estar errado em nenhum aspecto.

— Cara, nós começamos — Ty anuncia enquanto uma moeda voa pelo ar. Eles ganham o sorteio e uma multidão se forma rapidamente. Aparentemente, Beirut é um esporte com espectadores. Eu logo descubro que é porque você começa a assistir as pessoas ficarem realmente bêbadas. Muito rápido.

Connor explica as regras básicas - se os seus adversários afundarem uma bola ou você falhar completamente a mesa com sua bola, você bebe. Bem, existem dois problemas com essas regras para mim. Um: os nossos adversários são excepcionalmente bons, e dois: eu sou excepcionalmente ruim.

Mesmo com o talento de Connor em afundar bolas, não tarda para Ty e Reagan estarem na liderança. E quando o relaxamento induzido pelo álcool se espalha através de minhas pernas, minha mira é ainda pior, a tal ponto que as pessoas afastam-se da mesa quando é a minha vez, para evitar uma bola na virilha.

— Você realmente não está ficando melhor nisto com a prática, não é? — Connor brinca, apertando minha cintura.

Eu coloco a minha língua para fora em resposta, maliciosamente estudando os braços rasgados de Connor e a forma perfeita do seu traseiro em um extraordinário par de jeans enquanto ele avalia a mesa, um olhar de concentração em seu rosto. Quase meditando, mas não completamente. É atraente. O suficiente para que eu fique irritada quando ele é interrompido momentaneamente por uma loira bonita colocando o braço em seus bíceps. — Oi, Connor. — O sorriso dela é inegavelmente sedutor.

— Oi, Julia. — Ele pisca aquelas covinhas atraentes para ela, mas, em seguida, ele está imediatamente de volta ao jogo, estudando o tiro, obviamente desinteressado nela. Bastante óbvio para mim e certamente para Julia, que parece cabisbaixa.

No momento em que chegamos ao último copo - Ty e Reagan ganhando - eu desisti de continuar. Eu apenas bebia quando Grant - o autonomeado juiz - gritava a ordem para mim.

Connor coloca um beijo em minha bochecha e murmura, — Você é um soldado. Acho que você precisa sair para tomar um ar. Vamos lá. — Com um braço em volta da minha cintura, em parte por afeição, mas também para apoio, tenho certeza, Connor me leva até as escadas e por uma saída para um espaço tranquilo.

— Isso é legal. — Eu inalo o ar fresco e frio.

— Sim, está ficando quente e suado lá embaixo — Connor murmura, sua mão empurrando meu cabelo do meu rosto. — Você está se divertindo?

Tenho certeza de que meu sorriso fala por si, mas eu respondo mesmo assim. — Sim, isso é muito divertido, Connor. Obrigada por me trazer aqui.

Dando um beijo na minha testa primeiro, Connor então se vira para encostar na parede ao meu lado. — Claro. Eu estava morrendo para trazê-la. Especialmente agora que sabemos que o seu pai era um membro.

Eu sorrio melancolicamente enquanto inclino a cabeça para trás. — O seu pai foi um membro?

— Não, ele era parte do Cap. Outro grande clube.

— Ele não quis que você se juntasse a esse?

Deslizando os dedos entre os meus, Connor diz, — Ele está apenas feliz que eu acabei em Princeton.

— Sim. — *Assim como eu tenho certeza que meu pai estaria...*

Connor parece imerso em pensamentos. — Você sabe, eu nunca apreciei o quão bom foi crescer com o meu pai por perto até estes últimos anos. — Há uma longa pausa e, em seguida, ele acrescenta, — Até que eu conheci Ashton.

Eu tinha estado tão distraída com o Beirut e a menina dando em cima de Connor que eu realmente consegui parar de pensar em Ashton por um tempo. Agora ele está de volta e eu me sinto desconfortável. — O que você quer dizer?

Connor suspira, seu rosto torcendo como se ele estivesse decidindo como responder. — Eu tenho estado em torno de Ash, quando seu pai vem ver uma corrida. Ele é uma pessoa diferente. Eu não sei como explicar isso. A relação é apenas... tensa Essa é a impressão que eu tenho, de qualquer maneira.

A curiosidade leva a melhor sobre mim. — Bem, você não lhe perguntou?

Um bufo responde a minha pergunta antes que suas palavras o fazem. — Nós somos caras, Livie. Nós não falamos sobre sentimentos. Ashton é... Ashton. Eu sei que você acha que ele é um idiota, mas ele é um cara bom quando ele quer ser. Ele olhou por mim mais vezes do que eu gostaria de admitir. Você se lembra daquela história sobre mim no barco a remos? Você sabe...

— De bunda para cima? Sim, eu lembro. — Eu rio.

Baixando a cabeça com um sorriso tímido, Connor admite, — Eu acho que o treinador teria me expulso da equipe se não tivesse sido por Ashton. Eu não sei o que ele disse ou fez, mas ele comprou o meu perdão de alguma forma. Eu sei que eu brinco sobre Ash ser um capitão ruim, mas ele é realmente bom. Um ótimo capitão. O melhor que já tive em meus três anos aqui. Todos os caras o respeitam. E não é só porque ele tem mais ação do que todos nós juntos.

Isso ganha o meu rolar de olhos. Eu estou odiando a ideia de Ashton com alguém - namorada ou outras - mais a cada dia, e esse comentário é uma visão de cortar o estômago.

— De qualquer forma, desculpe por trazer Ashton para a conversa. Eu amo o cara, mas eu não quero falar sobre ele. Vamos falar sobre... — Ele rola para agarrar minha cintura com as mãos. Inclinando-se, ele desliza sua língua em minha boca com um beijo que dura bem mais do que qualquer coisa que já fizemos antes. Eu não me importo, no entanto. Eu realmente aprecio, permitindo que as minhas mãos descansem contra seu peito sólido. Deus, Connor realmente tem um corpo bonito e, claro, outras meninas notaram. Por que meus hormônios estão apenas começando a apreciar isso esta noite?

É provavelmente a cerveja.

Ou talvez eles estão finalmente começando a aceitar que Connor pode ser *muito certo* para mim.

*** * ***

— Eu avisei você — eu lembro ela enquanto estico os músculos da panturrilha.

— Você não pode ser tão ruim assim.

Tenho certeza de que ela vê minha careta em resposta. Além da pista e do campo requerido na escola, e aquela vez em que o Dr. Stayner me fez perseguir galinhas em uma fazenda, eu tenho evitado todas as formas de corrida. Eu não acho isso agradável e eu geralmente consigo tropeçar pelo menos uma vez ao fazê-lo.

— Vamos lá! — Reagan finalmente grita, pulando para cima e para baixo com impaciência.

— Ok, ok. — Eu puxo meu cabelo para trás em um rabo de cavalo alto e me levanto, esticando os braços sobre a cabeça mais

uma vez antes de começar a segui-la na rua. É um dia frio e cinza com uma garoa que vem e vai, outro ataque contra essa ideia de correr. Reagan jura que a previsão local prometeu sol dentro de uma hora. Acho que ela está mentindo para mim, mas eu não discuto. As coisas ainda têm estado um pouco estranhas entre nós desde a festa de seu pai. É por isso que, quando ela me pediu para ir correr com ela hoje, eu imediatamente concordei, com estradas escorregadias e tudo.

— Se pegarmos todo este caminho até o final e voltarmos, são duas milhas. Você pode lidar com isso? — Reagan pergunta, acrescentando, — Nós podemos parar e andar se começar a nevar.

— Neve é boa em caminhadas — eu digo com um sorriso.

Ela funga o seu desagrado. — Sim, bem, você provavelmente perde peso quando você espirra.

Demora alguns minutos, mas logo conseguimos um bom ritmo lado a lado, onde meus passos longos e lentos igualam suas pernas curtas e rápidas. É aí que ela explode. — Por que você não me contou sobre seus pais? — Eu não posso dizer se ela está com raiva. Eu nunca vi Reagan com raiva. Mas eu posso dizer que pelo jeito que ela morde o lábio inferior e franze a testa que ela está definitivamente magoada.

Eu não sei mais o que dizer, exceto, — Nunca veio à tona. Eu juro. Essa é a única razão. Sinto muito.

Ela fica em silêncio por um momento. — É porque você não gosta de falar sobre isso?

Eu dou de ombros. — Não. Quero dizer, não é como se eu evitasse falar sobre isso. — Não como minha irmã, que colocou tudo em um túmulo com uma vara de dinamite. Desde a manhã em que eu acordei para encontrar tia Darla sentada na minha cama com os

olhos inchados e uma Bíblia na mão, eu só aceitei. Eu tinha que fazer. Minha irmã estava quase morta e eu precisava me concentrar nela e em *nos* manter indo em frente. E assim, aos onze anos de idade e ainda meio morta devido a uma gripe que me salvou do acidente de carro, em primeiro lugar, eu saí da cama e tomei banho. Peguei o telefone para avisar a minha escola, as escolas dos meus pais. Caminhei até a casa ao lado para dizer aos nossos vizinhos. Eu ajudei tia Darla a arrumar nossas coisas para nos mudarmos. Ajudei a preencher a papelada do seguro. Me certifiquei que eu estava matriculada na nova escola imediatamente. Me certifiquei que todos os que precisavam saber sabiam que meus pais tinham falecido.

Nós corremos em silêncio por alguns instantes antes de Reagan dizer, — Você sabe que pode me dizer tudo o que quiser, certo?

Eu sorrio para a minha pequena amiga. — Eu sei. — Faço uma pausa. — E você sabe que pode me contar qualquer coisa, certo?

Seu sorriso amplo e alegre - com aquelas covinhas bonitas sob seus olhos responde por ela.

Eu decido que este é o momento perfeito para desviar o assunto completamente. — Como você pode parar de fingir que você e Grant não estão juntos. — Eu consigo agarrar o braço de Reagan a tempo de impedi-la de mergulhar na calçada. Quando ela recuperou o equilíbrio, ela se vira para olhar para mim com os olhos arregalados, o rosto em chamas. — Eu pensei que você fosse imune a ruborizar, Reagan.

— Você não pode dizer nada! — ela sussurra, seu rabo de cavalo balançando enquanto ela verifica a esquerda e a direita, seus olhos se estreitando para os arbustos como se alguém pudesse estar escondido atrás deles. — Ninguém sabe, Livie.

— Você está falando sério? Você acha que ninguém sabe? — Vejo com grande satisfação o aumento do seu rubor. — Eu acho que *todo mundo* sabe. Ou pelo menos suspeita. — Connor fez um comentário indireto no outro dia sobre Grant perseguindo Reagan por aí. Eu até notei Ty acenando para eles algumas vezes e se ele está incluído, então o resto do mundo deve estar.

Ela morde o lábio enquanto pensa. — Vamos lá. Nós não podemos ficar paradas aqui. — Voltamos para uma corrida leve. — Eu acho que isso amadureceu há algum tempo. Eu sempre gostei dele e ele tem flertando comigo desde o ano passado. Então eu tropecei nele na biblioteca uma noite. Havia um canto sossegado. Ninguém estava por perto... — Ela encolhe os ombros. — Simplesmente aconteceu.

— Na biblioteca! — Eu grito.

— Shhh! — Suas mãos acenam na frente dela enquanto ela corre, rindo.

— Mas... — Eu sinto meu rosto torcer. — Onde? — Eu estive na biblioteca um monte de vezes. Eu não consigo pensar em qualquer canto escuro e afastado o suficiente para fazer qualquer coisa além de ler.

Ela sorri maliciosamente. — Porquê? Quer ter a sua vez com Connor?

— Não! — Só de pensar em sugerir isso a Connor faz-me lançar uma cara feia para Reagan.

Isso não a dissuade, no entanto. Com uma sobrancelha arqueada, ela pergunta, — Ashton?

Eu sinto o calor rastejar até meu pescoço. — Não há nada entre nós.

— Livie, eu vi vocês dois no *Shawshanks* na outra noite. Eu vejo os olhares que você lhe dá. Quando é que você vai admitir?

— O quê? Que eu tenho uma colega de quarto com uma imaginação fértil?

Eu recebo um revirar de olhos. — Você sabe que quanto mais o tempo passar, mais difícil isto vai ficar, né?

— Não, não vai, porque nada está acontecendo entre nós! — Lembrando, eu pergunto, — Ei, ele rompeu com Dana?

Ela encolhe os ombros. — Eu não ouvi nada, mas com ele, quem sabe. Ashton é um cofre.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer, ele poderia ter uma dúzia de irmãos e irmãs e você nunca saberia. — Reagan pausa para beber um gole de água de sua garrafa. Limpando a boca em seu braço, ela continua, — Meu pai faz questão de conhecer sua equipe. Você sabe - suas famílias, suas notas, seus cursos, seus planos para depois da faculdade... Ele pensa em todos eles como *seus* garotos. — Pensando de volta no homem grande e corpulento do fim de semana e todos os tapinhas nas costas e as perguntas, eu posso ver o que ela quer dizer. — Mas ele sabe muito pouco sobre o seu próprio capitão. Quase nada.

— Huh... Eu me pergunto por quê. — Pequenos sinos de alarme começam na tocar na minha cabeça.

— Grant acha que tem algo a ver com a morte da mãe dele.

Meus pés param de se mover. Eles simplesmente param. Reagan desacelera para andar em vez de correr.

— Como? — Eu pergunto, tomando uma respiração profunda. Encontrar outras pessoas que perderam seus pais sempre golpeia uma corda dentro de mim. Até mesmo completos estranhos podem

instantaneamente se tornar amigos através desse tipo de familiaridade.

— Não tenho ideia, Livie. Eu só sei por que eu estava espionando ele e meu pai uma noite no nosso escritório. Mas isso foi tudo o que meu pai conseguiu tirar dele. Ele tem um jeito de fugir dos assuntos. Quero dizer... você conheceu Ashton. Você sabe como ele é.

— Sim, eu sei. — Com uma dor crescente em meu estômago, eu também sei que não falar sobre coisas como essas normalmente significa que há uma razão. Uma razão ruim.

— Vamos lá. — Ela dá um tapa na minha bunda e começa a se mover para frente novamente.

Eu sou forçada a me juntar a ela, embora não me interesse mais correr. Quero sentar e pensar. Vagamente me lembrando de o que Connor me disse no *Tiger Inn*, eu pergunto — Você já conheceu o pai dele?

— Na corrida da cascata. Ele geralmente está lá com uma mulher.

— Uma esposa?

— Eu já vi algumas diferentes ao longo dos últimos quatro anos. Talvez elas sejam esposas. Quem sabe? Bem, Ashton caiu daquela árvore, então... — Ela se vira para me dar um olhar aguçado.

— E como ele é?

— Ele parece bastante normal. — Há uma pausa. — Apesar de eu ter recebido uma vibração estranha em torno deles juntos. Tipo Ashton é muito cuidadoso com o que ele diz e faz.

Então, Connor não é o único que sente algo mais...

— De qualquer forma, e se ele fez?

— E se ele fez... o quê? — Repito lentamente, sem entender.

— E se ele terminou com Dana?

— Oh. — Reagan pode evitar situações embaraçosas, mas ela não se contém em fazer as perguntas difíceis. Eu gosto disso sobre ela. Agora, porém, eu poderia ficar sem o interrogatório. — Então, nada. Estou com Connor. Eu acho.

— Sim, o que está acontecendo com vocês dois, afinal? Você fez...? — Ela levanta a sobrancelha sugestivamente.

Eu só balanço minha cabeça e murmuro, — Você é tão cruel quanto a minha irmã. Não. Nós estamos indo devagar e com calma.

— Parece chato se você me perguntar — ela murmura secamente. — Eu aposto que você iria levá-lo forte e rápido com Ashton.

— Reagan! — Dou-lhe um empurrão brincalhão e ela começa a rir. Mas o pensamento faz o meu estômago dar piruetas. E se eu estivesse com Ashton em vez de Connor? *Não*. Impossível.

— Você só parece tão diferente em torno de Ashton. E com qualquer coisa a ver com Ashton.

Eu bufo. — Furiosa?

Ela sorri. — Apaixonada.

Desesperada para conseguir mudar de assunto, eu pergunto, — Então você e Grant estão juntos?

Habilmente saltando sobre uma poça, Reagan diz — Eu não tenho certeza ainda. Estamos muito casuais. Não estamos prontos para dar um rótulo a isso. Ainda. — Ela abaixa a cabeça, um sorriso tímido tocando seus lábios. — Eu sou louca por ele, porém, Livie. Se eu ver ele com outra garota, eu provavelmente vou ficar animalesca e matá-los.

Eu franzo a testa, tentando imaginar Grant com outra pessoa. Eu não consigo, o que tem a ver com a maneira como ele segue Reagan como um cachorrinho apaixonado. E então eu me pergunto se Connor está vendo outras meninas porque não colocamos um rótulo em nada. E se ele estiver? O — devagar e com calma— significa — aberto para namorar— ? Se eu o visse com outra garota, eu também me tornaria animalesca? As garotas se apresentando no *Tiger Inn* me fizeram perceber que Connor provavelmente poderia ter seu monte de mulheres, mas isso realmente não me incomodou. Uma imagem de Ashton beijando Dana brilha na minha cabeça e meu estômago cai instantaneamente. Eu sei que não é certo, mas eu reconheço isso agora pelo que é, além de choque. Ciúme. Isso me incomodou. Como ouvir aquela garota no bar falar sobre ele o fez. E tocando em seu braço depois.

O suspiro de Reagan puxa-me para fora da minha cabeça e de volta para a nossa conversa. — Seja o que for, temos que mantê-lo sob sigilo até que Grant acabe a escola.

Minha carranca em resposta diz a ela que eu não entendo o porquê.

— Meu pai! Você não está ouvindo? Oh, Livie. — Ela me dá um olhar exasperado. — Às vezes eu me pergunto onde sua cabeça está... Meu pai não é louco por ele.

— Por quê?

— Ele acha que Grant não leva a vida a sério. Grant tem medo que ele vai chutá-lo fora do time se ele descobrir.

— Mas... ele está em Princeton. Quanto mais sério ele pode tornar? — Eu digo com um suspiro incrédulo.

— Sério o suficiente para não transar na biblioteca com a filha do treinador — ela murmura, aumentando sua velocidade.

Justo o bastante.

A chuva começou de novo. É uma garoa leve e fria e não demora muito para ensopar minha camisa navy. Mas eu não me importo. A rota que Reagan escolheu é uma rua tranquila através de um bairro agradável de casas bonitas e gramados bem cuidados e árvores de grande porte, apenas começando a mudar de cor. É bom estar longe do campus. Eu sinto como se um peso tivesse caído dos meus ombros. Talvez eu esteja passando muito tempo lá, deixando tornar-se uma bolha. Eu deixei o ambiente calmo me envolver enquanto desfruto da minha fuga, concentrando-me na minha respiração, surpresa que eu estou acompanhando bem Reagan.

E eu penso sobre Ashton. Pergunto-me sobre sua vida, sobre seus pais, sobre sua mãe. Pergunto-me como ele perdeu ela. Foi uma morte súbita, como um acidente de carro? Ou foi uma doença, como câncer? Pensando em nossa conversa naquela primeira semana, a sua reação quando eu lhe disse que eu estava pensando em fazer pediatria e, especificamente, oncologia, eu tenho que pensar que foi câncer.

Nós não atingimos o final da rua quando Reagan grita, — Vamos virar. Estou ficando com frio e temos quase uma milha para voltar para casa. — Ela atravessa a rua para refazer nossos passos no outro lado. — Você acha que você consegue ir um pouco mais rápido? Esta chuva é uma merda.

— Talvez você não devesse confiar mais naquela estação meteorológica — eu digo ironicamente, sugando de volta a boca cheia

de água. Minha boca está tão seca que a minha língua dói, mas eu não quero exagerar nos líquidos por medo de cólicas.

— Qual estação meteorológica? — ela olha por cima do ombro para me dar uma piscadela travessa enquanto eu acelero, tentando alcançá-la. Isso só faz com que ela corra mais rápido. Rápido demais para mim, eu decido, mantendo-me a alguns passos para trás, olhando para a estrada tranquila pela frente. É longa, com saliências e depressões que você precisa andar através, e eu preciso direcionar meu foco ou é provável eu tropeçar nos meus próprios pés.

No lado oposto da rua - a rota em que estávamos - avisto uma figura correndo solitária. Outra pessoa insana saindo nesse frio. Meus olhos piscam para trás e para frente entre a estrada e a silhueta enquanto eu continuo. Logo, está perto o suficiente para que eu possa identificar um macho. Ainda mais perto, vejo cabelo escuro e desgrenhado.

É Ashton.

Com passos uniformemente acelerados, movimentos elegantes, e um rosto de pedra, Ashton corre como um atleta bem treinado. Um em uma camiseta branca encharcada que se apega a cada ponto de seu peito. E eu não posso tirar os olhos dele. Meu coração já está acelerado da corrida, mas agora eu sinto uma onda de adrenalina correndo pelo meu corpo, me dando um impulso de energia. Eu sinto que eu poderia correr 10 milhas hoje, como se eu pudesse saltar sobre carros, como se eu pudesse...

Minhas mãos mal param o meu rosto de quebrar contra a calçada.

Acho que fiz barulho suficiente na minha queda para alertar Reagan, porque ela grita meu nome e corre de volta. — Você está bem?

Estremeço enquanto me puxo para cima, uma dor aguda fuzilando através de meu tornozelo, uma picada na minha mão. — Sim, eu estou... — Minhas palavras terminam em um silvo enquanto outra dor me abala. — Devo ter tropeçado sobre aquele pico na calçada.

Ela caminha para inspecionar o concreto e franze a testa. — Você quer dizer esta pequena e imperceptível fenda?

Com uma maldição sob a minha respiração, eu murmuro, — Eu te avisei.

— Você avisou. Agora o que vamos fazer? — Mordendo o lábio inferior, ela desliza o telefone do bolso de seu moletom. — Vou ver se Grant está por perto. Talvez ele possa nos pegar.

— Isso foi impressionante, Irlandesa! — Ashton chama entre respirações enquanto atravessa a rua em direção a nós. Reagan olha para ele com surpresa - como se ela não tivesse notado ele correndo nessa direção. Eu vejo como os olhos dela caem leves e abertos. *Exatamente. Como na terra você pode não ter notado* isso *correndo pela rua, Reagan!* Ela fixa em mim um olhar conhecedor, me dizendo que sua pequena mente suja de sexo-na-biblioteca conectou os pontos que levaram ao meu tombo. — Oi, Ashton — ela oferece com um tom divertido, ainda olhando para mim.

Ele dá-lhe um aceno rápido antes de agachar-se sobre um joelho. Enquanto ele inspeciona meu tornozelo, eu escuto suas calças ásperas e engulo a repentina saliva empoçando na minha boca. Como é que há saliva empoçando na minha boca? Um minuto atrás eu

estava seca! A pressão dos dedos dele, embora gentil, me faz estremecer, me trazendo de volta à realidade.

— Você pode levantar? — ele pergunta, aqueles olhos castanhos lindos cheios de preocupação.

— Eu não sei — eu murmuro, e luto para me pôr de pé. Suas mãos estão na minha cintura em um instante para me ajudar. É imediatamente óbvio que eu não vou correr ou mesmo andar para casa. — Eu acho que está torcido. — Eu torci meu tornozelo vezes suficiente para saber a sensação.

— Eu estou ligando para Grant — Reagan anuncia, segurando o celular.

De repente, eu estou fora do chão, embalada nos braços fortes de Ashton, e ele está andando pela rua, suas mãos de alguma forma queimando minha pele através de minhas roupas. — Eu não vou ficar aqui fora na chuva, esperando por Cleaver aparecer — Ashton joga de volta.

— Para onde estamos indo? — Eu pergunto, sabendo que o nosso dormitório é uma milha de volta na direção oposta.

Andando em frente, ele murmura — Eu vou levar você para minha casa, Irlandesa. — Pelo seu lábio torto, eu sei que a insinuação é intencional. Mas rapidamente desliza para longe e ele murmura em um tom mais suave, — Coloque seu braço em volta do meu ombro. Vai tornar isso mais fácil.

Eu obedientemente levanto meu braço e coloco-o ao redor do pescoço de Ashton, descansando minha mão em seu ombro, meu polegar situado próximo a uma gota em sua gola. Eu posso sentir seus músculos esticados sob o meu peso. Eu me pergunto quanto tempo eles podem me segurar.

Reagan deve se perguntar também, porque ela corre ao nosso lado para exclama, — É longe!

— Menos de um quilômetro, no máximo. Vá. — Ele empurra o queixo para frente e, em seguida, pisca para ela. — Você não quer Grant vendo essa bunda engordar de novo, não é?

Mencionar a bunda gorda lendária é motivação suficiente. Mostrando a língua para ele e me atirando um olhar aguçado, ela desce a rua a uma velocidade ainda mais rápida do que antes. Deixando-me sozinha com Ashton.

— Desculpe pelo suor, Irlandesa. Você me pegou no meio de uma corrida longa — ele murmura, seus olhos castanhos se lançando para mim antes de olharem de volta para a estrada.

— Tudo bem. Eu não me importo — eu digo, minha voz embargada. E eu não o faço, eu percebo, apesar de que o seu corpo está encharcado da cabeça aos pés. Eu não tenho certeza se é da chuva ou do suor. Seu cabelo está grudado em sua cabeça e rosto, mas ele ainda consegue arrebitar para fora nas extremidades dessa maneira sexy. Eu vejo uma gota de água escorrendo pelo seu rosto e eu sinto vontade de enxugá-la, mas eu não tenho certeza se isso é muito íntimo, então eu não o faço. Mas o meu coração começa a bater mais forte ainda do que estava quando eu estava correndo.

— Pare de encarar, Irlandesa.

— Eu não estava. — Eu me viro para olhar para a rua, minhas bochechas queimando, envergonhada por ter sido pega. Mais uma vez.

Ele empurra meus ombros um pouco enquanto ajusta o seu aperto.

— Você precisa me por no chão?

Ele sorri. — Oito anos remando faz carregar você muito fácil, Irlandesa.

— Eu acho. — Oito anos. Isso definitivamente explica a sua parte superior do corpo ridiculamente em boa forma. — Você deve realmente gostar disso.

Com um suspiro, ele murmura — Sim, é relaxante, estar na água, com foco em um objetivo final. É fácil de ignorar todo o resto.

A cabeça de Ashton inclina para o lado. Vejo outra gota de chuva correndo ao longo de sua bochecha e percebo que ele está tentando agitá-la para fora uma vez que ele não pode enxugá-la.

— Aqui — eu murmuro, estendendo uma mão para ajudá-lo. Olhos escuros piscam para mim uma carranca e minha mão instantaneamente recua. Devo ter lido mal isso. Eu não deveria ter... Mas ele não está fazendo cara feia para mim, eu percebo. Ele está fazendo cara feia para o raspão vermelho desagradável em minha mão que eu ganhei com a minha queda. Distraída pelo meu tornozelo e por Ashton, eu tinha esquecido sobre isso.

— Você realmente deveria pensar em nunca correr novamente, Irlandesa — ele resmunga.

— E você deveria pensar em usar mais roupas quando corre — eu lanço de volta, minha raiva queimando sem aviso prévio, seguida rapidamente pelo calor subindo por meu couro cabeludo.

— E por quê, Irlandesa?

Correndo minha língua sobre os dentes para me comprar tempo, eu decido ignorar a pergunta. — Eu poderia ter esperado por Grant.

— E morrido de pneumonia — ele retruca, exasperado, ajustando seu aperto mais uma vez. O movimento balança minha

perna, que sacode o meu pé, que dispara uma dor pela minha perna. Mas luto contra a vontade de me encolher, porque eu não quero que ele se sinta mal.

Ashton se estabelece em uma tranquila caminhada, em ritmo acelerado, com os olhos para frente, e assim eu assumo que toda a conversa acabou.

— Sinto muito por seus pais. — É tão baixo que eu quase o perco.

Eu o espio a partir do canto do meu olho para vê-lo olhando para frente, seu rosto uma máscara.

Sinto muito por sua mãe, também.

Está na ponta da minha língua, mas eu mordo de volta. Reagan estava espionando, depois de tudo. Ela não deveria saber. *Eu* não deveria saber. A não ser que ele me diga.

Então, eu não digo nada. Eu simplesmente assinto e espero em silêncio para ele dar o próximo passo. Ele não o faz, no entanto. Há outra pausa constrangedora e extremamente longa, onde nenhum de nós fala. Onde Ashton olha para frente, enquanto anda, e meus olhos se movem para trás e para frente entre o rosto e a mudança de cores das árvores. Onde eu absorvo o calor do seu corpo, consciente de que estou coberta em seu suor. Onde eu sinto seu batimento cardíaco e tento sincronizar o meu próprio coração contra ele. E, em seguida, reconheço que isso é ridículo.

Eu não posso lidar com esse silêncio.

— Eu não posso acreditar que o pai de Reagan os conhecia — eu digo casualmente, acrescentando — e que ele reconheceu minha mãe em mim. Eu não sabia que nos parecíamos muito.

A testa de Ashton franze profundamente. — Você se lembra de como ela era, não é?

— Sim. Mas meus pais perderam todas as suas fotos de infância e faculdade em uma inundação um ano, então eu nunca cheguei a vê-la com a idade que eu tenho agora.

Eu sinto meus dedos esfregando contra pele quente e percebo que, em algum momento do meu devaneio, minha mão começou um motim contra o meu bom senso e deslizou sob a gola da camisa de Ashton. Eu vejo os meus dedos ainda desenhando pequenos círculos como se tivessem vontade própria. E, vendo como eu estou sentindo todos os tipos de coragem hoje e vendo como é uma questão bastante inócua que uma pessoa que não sabia a resposta perguntaria, eu decido perguntar, mantendo minha voz casual e leve. — E quanto a seus pais?

Há uma pausa. — O quê sobre eles? — Ele tenta soar aborrecido, mas pela forma como os seus braços se contraem em torno de mim, a forma como os músculos de seu pescoço têm um espasmo, eu sei imediatamente que eu acertei um nervo.

— Eu não sei... — Virando-me para olhar para a estrada, eu murmuro casualmente, — Conte-me sobre eles.

— Não há muito a dizer. — O tom aborrecido mudou para irritado. — Por quê? O que Reagan ouviu?

Mantendo meu foco à frente, eu respiro fundo e decido não mentir. — Que a sua mãe... se foi?

Eu sinto Ashton exalar. — Isso está certo. Ela se foi. — É um fato e não convida a mais perguntas.

Eu não sei o que me faz empurrar minha sorte. — E o seu pai?

— Ele não... infelizmente. — O desprezo é inconfundível. — Deixe isso quieto, Irlandesa.

— Ok, Ashton.

* * *

No momento em que chegamos a sua casa, perguntei a Ashton pelo menos cinco vezes mais se ele queria descansar os braços e ele me disse pelo menos mais cinco vezes para calar a boca sobre ele precisar me colocar no chão.

E nós não dissemos mais nada.

Ele caminha direto por Reagan - de banho tomado e se afogando em um par das camisas de Grant - e um Grant curioso, e sobre as escadas, passando o banheiro comum, para o banheiro dentro de seu quarto. Ele gentilmente me coloca no balcão.

O gemido correspondente me diz que ele deveria ter me colocado no chão há muito tempo.

— Eu sinto muito — murmuro, culpa passando sobre mim.

Reagan e Grant aparecem na porta enquanto Ashton estende os braços na frente do peito e, em seguida, sobre a sua cabeça com outro gemido.

— Olhe para esses grandes e fortes músculos — diz Grant com um balbuciar exagerado, estendendo a mão para apertar os bíceps de Ashton.

— Foda-se, Cleaver — ele estala, golpeando a mão dele para longe. Ele pega uma toalha do gancho e começa a afagar o meu cabelo e rosto com ela.

— O quê! Eu estava indo buscar você, mas Reagan disse que vocês queriam... — o cotovelo afiado de Reagan nas costelas de Grant o cala no meio da frase.

— Aqui. Chá. — Reagan me entrega uma caneca fumegante.

Um gole me diz que não é apenas chá. — Você colocou álcool na bebida em uma pessoa ferida — afirmo categoricamente, o álcool queimando em minha garganta. — Quem faz isso?

— É melhor do que um cavalo manco recebe — Reagan responde enquanto desamarra meu sapato e tira a minha meia. Ar sibila por entre meus dentes cerrados. — Quão ruim está? Devemos levar você para o hospital?

Eu vejo o hematoma arroxeado ao redor do peito do meu pé e meu tornozelo inchado. — Não, é apenas uma entorse, eu acho.

— Você não é uma médica ainda, Irlandesa — Ashton murmura, se abaixando para olhar, e eu vejo que a parte de trás da sua camisa é como uma segunda pele. Cada cume, cada curva, cada parte dele está visível. Perfeito. Onde o meu corpo protegeu a sua frente, suas costas pegaram o peso da chuva. Se ele está com frio, porém, ele não deixa transparecer. — Vamos pôr gelo por agora, mas se piorar, eu vou te levar para o hospital. — Eu aceno, observando como Ashton toma conta da situação, como se eu não tivesse nada a dizer sobre o assunto.

— Estas devem ajudar você. — Grant segura um conjunto de muletas. Vendo a minha carranca, explica. — Elas são de Ty. Ele torce o tornozelo pelo menos duas vezes por ano em alguma festa. É bom que ele seja baixo. Elas devem estar na altura certa para você.

— Ele não vai se importar?

— Não, ele não vai precisar delas até Novembro. Como um relógio — diz Grant, e, em seguida, espia o meu pé. Ele sorri.

De repente, estou consciente de mim mesma. — O quê?

Com um encolher de ombros, ele diz, — Você tem pés sexy, Irlandesa. — Suas palavras são rapidamente seguidas por um grunhido enquanto Reagan soca seu peito de brincadeira.

— Pare de cobiçar os pés da minha companheira de quarto!

— Tudo bem, deixe-me cobiçar os seus.

— Eca! — ela grita, esquivando-se debaixo de seu braço para sair do quarto, Grant atrás dela.

— Tragam um pouco de gelo para cima! — Ashton grita atrás deles, seguido por, — O idiota vai ser chutado da equipe — em um baixo murmúrio.

Eu o observo enquanto ele procura através do armário e ressurge com um kit de primeiros socorros na mão. — Não se o treinador não descobrir. Eles estão felizes juntos.

Ashton congela. São uns bons quatro segundos antes de suas mãos começarem a se mover novamente, tirando antissépticos e curativos. — Você quer ligar para Connor para que ele saiba que você está aqui?

Connor. — Oh, sim. — Eu ainda não tinha sequer pensado em ligar para ele. Eu meio que me esqueci dele... Não meio. Completamente. — Ele está trabalhando naquele trabalho na biblioteca, certo? Eu não quero incomodá-lo.

Segurando minha mão ferida na sua, ele olha para cima e me pergunta baixinho, — Você tem certeza?

E tenho a sensação de que ele está me pedindo algo totalmente diferente. Estou certa sobre Connor, possivelmente.

A atmosfera no quarto de repente parece mais espessa, enquanto meus pulmões trabalham duro para arrastar o ar para dentro e empurrá-lo para fora, aqueles olhos escuros dele buscando os meus por uma resposta. — Acho que sim — é tudo que eu consigo dizer.

Ele estremece, e lembro mais uma vez que ele está ensopado. — Você precisa se trocar. Você vai ficar doente — eu murmuro, meus olhos incisivamente em sua camisa.

Colocando minha mão ferida para baixo, ele alcança atrás de seus ombros e puxa sua camisa para frente e sobre sua cabeça. Jogando-a para um canto, ele se vira para pegar minha mão. E eu estou de frente para o peito que eu não tenho sido capaz de desalojar do meu cérebro por semanas. O que faz com que a minha respiração pare imediatamente. O qual eu nunca tive a chance de olhar tão descaradamente quando sóbria. E eu olho agora. Como um cervo travado nos faróis, eu não consigo virar enquanto absorvo todos os cumes e curvas.

— O que isso significa? — Pergunto, projetando o queixo em direção ao símbolo tatuado sobre o seu coração.

Ashton não responde. Ele evita a questão completamente, deslizando o dedo no meu lábio inferior. — Você tem um pouco de baba aí — ele murmura antes de voltar sua atenção para o raspão na palma da minha mão, permitindo meu rosto corar sem controle.

— Não está tão ruim quanto parece — eu me ouço murmurar enquanto ele muda a palma da minha mão sobre a pia. A pulseira de couro em torno de seu pulso me chama a atenção, a que ele parece não tirar. Nunca. Estendendo a mão para tocá-la com a minha mão livre, eu pergunto, — Para que é isso?

— Um monte de perguntas hoje, Irlandesa. — Pela maneira como sua mandíbula aperta, eu sei que é outra resposta escondida em seu cofre.

Reagan estava certa. Ele não fala sobre nada pessoal. Com um suspiro, eu o vejo abrir a tampa do antisséptico e segurar minha mão. — Nem mesmo... — A palavra — *dói*— deveria sair da minha boca. Em vez disso, uma série de obscenidades que fariam um marinheiro orgulhoso, dispara para fora. — Que diabos você está fazendo? Merda! Você não simplesmente joga isso assim, seu fodido idiota! *Porra*! — Estou fervendo com dor, a agonia picando.

Ashton não está prestando atenção, virando a mão para lá e para cá, examinando-a mais de perto. — Parece limpa.

— Sim, porque você só tirou a merda fora dela!

— Relaxe. Vai parar de arder em breve. Distraia-se olhando para mim enquanto esperamos por isso acalmar. Foi assim que você se meteu nessa confusão, para começar... — Olhos divertidos piscam para os meus por um segundo antes de caírem de volta para minha mão. — Boa combinação, a propósito. — Fodido idiota— ? Sério?

— Eu quis dizer isso da maneira mais agradável possível — murmuro, mas não é muito antes de estar lutando contra os meus lábios de se enrolarem em um sorriso. Eu acho que *é* engraçado. Ou vai ser quando eu puder voltar a andar... Determinada a não ceder à tentação, deixo meus olhos percorrem o banheiro pequeno, observando os azulejos no box de vidro, as paredes brancas suaves, as toalhas brancas macias...

E então eu estou de volta ao corpo de Ashton porque, vamos admitir, é muito mais atraente do que azulejos e toalhas. Ou qualquer outra coisa, para falar a verdade. Eu estudo o pássaro preto de estilo

nativo americano no interior de seu antebraço. É grande – uns bons cinco centímetros, seus detalhes intrincados. Quase intricados o suficiente para esconder o volume abaixo dela.

Uma cicatriz.

Minha boca se abre para perguntar, mas, em seguida, se fecha com firmeza. Olhando a escrita chinesa em tamanho considerável em seu ombro, posso ver outro cume habilmente coberto. Outra cicatriz escondida.

Eu engulo a náusea subindo na minha garganta enquanto penso sobre o dia em que minha irmã chegou a casa com uma tatuagem gigante de cinco corvos negros sobre sua coxa. Cobrindo uma das cicatrizes mais desagradáveis daquela noite. Cinco pássaros, um para cada pessoa que morreu no carro naquela noite. Incluindo um para ela. Eu não sabia o que significava na época. Ela não me disse até dois anos atrás.

Com um suspiro pesado, meus olhos se mudam para o símbolo no peito mais uma vez a estudo-o mais de perto. E vejo outro volume tão habilmente escondido.

— O que há de errado? — Ashton pergunta enquanto desembrulha um curativo. — Você está pálida.

— O que... — Eu me seguro antes de perguntar o que aconteceu, porque eu não vou ter uma resposta. Eu desvio meu olhar para a minha mão raspada para pensar. Talvez não seja nada. Provavelmente não é nada. As pessoas fazem tatuagens para cobrir cicatrizes o tempo todo...

Mas tudo no meu instinto me diz que é algo.

Eu o observo pôr o curativo sobre o arranhão. Não está mais ardendo, mas eu não tenho certeza se isso é devido ao tempo ou ao

fato de que minha mente está trabalhando, torcendo e girando as peças do quebra-cabeça para ver como elas se encaixam. Mas faltam muitas. Coisas simples como aquela faixa de couro...

A faixa de couro.

A faixa de couro.

Não é uma faixa de couro, eu percebo, olhando atentamente para ela.

Eu pego a mão de Ashton e seguro-a para inspecionar a fina tira de couro marrom escura - a costura em torno das bordas, a forma como as duas extremidades se encontram com um pequeno encaixe – para ver que ela provavelmente foi um cinto uma vez.

Um cinto.

Uma pequena arfada escapa de meus lábios quando meus olhos voam de seu braço em seu ombro e, finalmente, pousam no seu peito, nas longas cicatrizes escondidas sob a tatuagem.

E de repente eu entendo.

Dr. Stayner diz que eu vejo e sinto a dor dos outros de forma mais aguda do que a maioria das pessoas por causa do que eu passei com Kacey. Que eu reajo a isso mais intensamente. Talvez ele esteja certo. Talvez por isso que o meu coração cai e provoca náusea no meu estômago e lágrimas escorrem silenciosamente pelo meu rosto.

O sussurro de Ashton puxa minha atenção para o seu rosto, para ver seu sorriso triste. — Você é muito inteligente para seu próprio bem, você sabe disso, Irlandesa? — Eu pego seu pomo de Adão subindo e descendo. Eu ainda estou segurando seu pulso, mas ele não se afasta do meu aperto. Ele não se afasta do meu olhar. E quando a minha mão livre se estende até se estabelecer em seu peito, sobre o símbolo, sobre o seu coração, ele não recua.

Eu quero fazer tantas perguntas. *Quantos anos você tinha? Quantas vezes? Por que você ainda usa em torno de seu pulso?* Mas eu não faço. Eu não posso, porque a imagem de um menino recuando contra o cinto debaixo dos meus dedos traz as lágrimas mais rápido. — Você sabe que pode falar comigo sobre qualquer coisa, certo, Ashton? Eu não vou contar a ninguém — ouço-me sussurrar em voz trêmula.

Ele se inclina para beijar uma lágrima do meu rosto e depois outra, e outra, se deslocando em direção à minha boca. Eu não sei se é a intensidade desse momento - com meu coração doendo por ele e meu corpo respondendo e meu cérebro completamente ausente - mas quando seus lábios se estabelecem na borda dos meus e ele sussurra, — Você está olhando para mim novamente, Irlandesa. — Eu viro automaticamente para encontrá-los.

Ele responde imediatamente, sem perder tempo fechando a boca sobre a minha, forçando-a a abrir. Eu provo o sal das minhas lágrimas, enquanto sua língua desliza dentro e entrelaça contra a minha. Uma mão chega para segurar a parte de trás do meu pescoço enquanto ele intensifica o beijo, empurrando minha cabeça para trás para chegar mais perto, mais profundo. E eu deixo-o, porque eu quero estar perto dele, para ajudá-lo a esquecer. Eu não me preocupo sobre como eu estou fazendo isso, se estou fazendo a coisa certa. Tem que estar certo se isso se sente assim.

Minha mão nunca se move de seu peito, do coração que bate sob meus dedos, enquanto este único beijo parece continuar para sempre, até que minhas lágrimas estão secas e os meus lábios estão doloridos e eu memorizei o sabor celestial da boca de Ashton.

E então, de repente, ele se liberta, deixando-me ofegante por ar. — Você está tremendo.

— Eu não tinha percebido — eu sussurro. E eu não tinha. Eu ainda não percebo.

Tudo que eu percebo é este coração batendo debaixo dos meus dedos e o rosto bonito na minha frente e o fato de que eu estou lutando para respirar.

Colocando-me em seus braços, ele me leva para o seu quarto, me pousando em sua cama. Com propósito, ele caminha até seu armário, empurrando a porta fechada quando ele passa. Eu não digo nada. Eu nem sequer olho ao redor do quarto. Eu simplesmente olho para suas costas definidas, minha mente em branco.

Ele caminha até derrubar uma camisa cinza simples e um par de calças de moletom ao meu lado. — Estas devem servir.

— Obrigada — eu murmuro distraidamente, meus dedos correndo sobre o material macio, minha mente girando.

Eu não posso explicar os próximos momentos. Talvez seja por causa do que aconteceu há um mês e que acabou de acontecer no banheiro, mas quando Ashton exige — Braços para cima, Irlandesa — meu corpo obedece como um soldado bem treinado se movendo em câmera lenta. Eu engasgo quando sinto as pontas dos dedos dele se enrolarem sob o fundo da minha camisa e levantando o material úmido para cima, para cima... até que está deslizando sobre a minha cabeça, me deixando com meu sutiã rosa esportivo. Ele não fica timido comigo ou faz alguma observação para me deixar nervosa. Ele calmamente desdobra a camisa cinza ao meu lado e puxa a gola sobre minha cabeça e, em seguida, desliza-a sobre meus ombros. Meus braços não estão ainda dentro dela quando Ashton se ajoelha na

minha frente. Engolindo em seco, eu observo seu rosto enquanto suas mãos deslizam sob a camisa para a parte de trás do meu sutiã, habilmente retirando os clipes, tudo isso enquanto seus olhos estão sobre os meus. Puxando-o para atirá-lo no chão, ele espera por mim para entrar nas mangas.

— De pé —ele diz em voz baixa, e mais uma vez o meu corpo responde, colocando uma mão em seu ombro para apoio para proteger o tornozelo torcido. A camisa é pelo menos cinco tamanhos maior e ela acaba no meio de minhas coxas. Assim, quando a suas mãos chegam para cima para desapertar o cós da minha calça e puxá-las para baixo, eu não estou exposta. Mas ele ainda está de joelhos e seus olhos ainda presos nos meus. Eles nunca vagam. Nem quando minhas calças chegam ao chão. Nem enquanto suas mãos deslizam para cima, segurando minhas coxas enquanto sobem sob minha camisa para minha calcinha. Um segundo suspiro me escapa enquanto seus dedos engancham sob o elástico. Ele puxa-as até que elas simplesmente caem no chão. Com uma ingestão aguda de ar, ele aperta os olhos bem fechados por um momento antes de abri-los.

— Sente-se — ele sussurra e eu o faço.

Ele quebra seu olhar apenas o tempo suficiente para tirar suavemente minhas roupas úmidas em volta do meu tornozelo lesionado. Desdobrando suas calças, ele coloca-as em torno de meus tornozelos e puxa-as tanto quanto pode. — De pé, Irlandesa. — Eu faço como solicitado, usando-o para suporte novamente enquanto ele desliza-as e amarra o cordão apertado. Nunca, nem uma vez, me tocando de forma inadequada.

E se ele tivesse tentado, eu não acho que eu teria parado ele.

Quando ele acaba, quando eu estou vestida e sem fôlego e sem saber o que aconteceu, mas ainda de pé na frente dele, ele se abaixa para pegar minha mão. Ele levanta-a e coloca-a sobre o seu coração, como eu tinha feito antes. Só que ele a segura lá, com sua mão cobrindo completamente a minha, tremendo de frio ou qualquer outra coisa, seu coração batendo também. Eu olho para cima em olhos tristes e resignados.

— Obrigado.

Engolindo a minha bola de nervos, eu sussurro, — Pelo quê?

— Por me ajudar a esquecer. Mesmo por pouco tempo. — Dando um beijo nos meus dedos, ele acrescenta, — Isso não vai funcionar, Irlandesa. Fique com Connor.

Meu estômago cai à medida que ele solta minha mão. Virando-se, ele caminha em direção ao banheiro, seu corpo rígido, a cabeça inclinada para a frente um pouco, como se em derrota.

Eu tenho medo que se eu não perguntar agora, eu nunca vou ser capaz novamente. — O que uma — garota para sempre— significa?

Seus pés vacilam quando ele chega à porta, uma mão na maçaneta, a outra chegando para segurar a moldura, a protuberância em seus bíceps apertando. Seu corpo balança para frente para o banheiro e eu suponho que eu não estou recebendo uma resposta.

— Liberdade. — Ele fecha a porta atrás de si.

Você é a garota com quem eu ficaria para sempre. Minha liberdade.

Tudo o que posso fazer é pegar as muletas que estão colocadas em cima da cama e mancar para fora de lá. Preciso de tempo para pensar, e pensar em torno de Ashton não é possível.

Isso não pode funcionar, Irlandesa. Fique com Connor.

Caramba. Connor.

Eu me esqueci dele. Novamente.

Capítulo 14

Simplesmente Desembuche

— Eu fui correr. Você sabe, experimentar algo novo. Divertir-me.

— Ah, é? E você se divertiu?

— Eu estou de muletas, Dr. Stayner. Torci meu tornozelo.

— Hmm. Bem, isso não parece muito divertido. E correr também não.

— Não, é exatamente o oposto de divertido. — Entre compressas de gelo e aulas e alguns momentos estranhos no chuveiro com Reagan, a última semana e meia tem sido um pesadelo. Eu perdi minhas horas de trabalho voluntário no último sábado, porque eu estava com muita dor. Eu também iria faltar esta semana, se Connor não tivesse se oferecido para me levar lá.

— Como está tudo o resto?

— Confuso.

— Qual menino está confundindo você?

— Qual você acha? — Murmuro, enquanto procuro o Audi branco de Connor. Eu lhe disse que iria esperar por ele neste banco do parque para que ele pudesse parar na calçada e eu só pularia para dentro. Eu ainda estou tão agradecida que ele está tirando todo um sábado longe de seus trabalhos escolares por mim. Eu sei que ele tem um trabalho gigantesco para entregar na próxima semana.

E eu não o mereço depois do que eu deixei acontecer com Ashton. O melhor amigo dele.

Eu classifiquei como insanidade temporária. Um lapso momentâneo de julgamento trazido à tona por um ataque simultâneo de Ashton em grande escala, tanto no meu coração quanto na minha libido.

Uma vez que eu escapei da situação, Grant levou Reagan e eu de volta para o dormitório, onde lutei entre gelar meu pé, fingir estudar, contorcer-me sob o olhar penetrante de Reagan, e repetir minhas memórias da tarde.

E eu continuei basicamente fazendo isso - faltando a algumas aulas no processo - nos últimos oito dias. Eu evitei claramente Ashton. Ele não veio atrás de mim, o que é bom, porque eu não posso lidar com ele, enquanto eu estou lidando com a vergonha imensa que eu sinto em torno de Connor. Connor vem me checar todos os dias, me trazendo flores e cupcakes e um urso de — fique bem— . É como se ele tivesse uma lista de — como fazer Livie explodir de culpa após secretamente ficar com o meu melhor amigo— e está assinalando os itens um por um. Culpa que me faz ranger os dentes para não deixar

escapar a minha série de indiscrições, culpa que me faz enchê-lo com beijos - tantos beijos que meus lábios começaram a inchar.

O problema é que nenhuma quantidade de beijos que eu compartilho com Connor pode igualar a intensidade do beijo que partilhei com Ashton. É por essa razão que eu quase fui honesta.

Mas eu não posso. Estou com muito medo. Eu sou muito fraca. Tenho medo de que eu poderia estar jogando fora uma grande coisa - *a* coisa - por um beijo dado no calor do momento que nunca mais vai acontecer de qualquer maneira. Connor disse — devagar e com calma, — afinal de contas. Isso poderia ser facilmente interpretado como — aberto— . Se eu disser isso muitas vezes na minha cabeça, eu posso começar a acreditar.

Ou eu podia fingir que o incidente com Ashton nunca aconteceu. Bloqueá-lo completamente.

— Importa-se de me dizer o que aconteceu? — Dr. Stayner pergunta casualmente. — Sem julgamento aqui, é claro.

Suspirando, murmuro, — Eu não posso. — Tenho medo de que se eu começar a falar, eu vou contar o segredo de Ashton. Prometi a ele que eu não contaria a ninguém.

— Ok... bem, como eu posso ajudar?

— Você não pode. Eu só preciso ficar longe dele. Acho que ele está quebrado. Quebrado como Kacey.

— Compreendo. E você, sendo a pessoa que é, se envolveu emocionalmente antes de perceber disso.

— Eu acho que isso é o que é... — Quando meu coração dói cada vez que penso nele, quando eu imagino uma dezena de cenários de como Ashton se tornou da maneira que ele é, quando eu quero

caçar seu pai e gritar com ele? Sim, eu tenho certeza que é o que isso significa.

— Isso, juntamente com sua atração por ele, ajuda as coisas a sairem do controle rapidamente, especialmente se você está levando em frente essa relação com seu melhor amigo.

Eu baixo minha cabeça com vergonha porque, mais uma vez, meu psiquiatra leitor de mentes resumiu uma semana de turbulência interna em duas frases. — Eu não posso me deixar desviar por um cara gostoso e seus problemas. É muito perturbador. Eu preciso apenas evitá-lo pelo próximo... ano.

— Isso vai ser difícil, já que ele vive com Connor.

— É melhor do que a alternativa — eu murmuro baixinho, esfregando minha testa.

— Hmm... — Há uma longa pausa, e então eu ouço Dr. Stayner bater as mãos. Ele deve me ter no viva voz. — É isso! Eu sei qual é sua tarefa para esta semana.

— O quê? Sem tarefa, Dr. Stayner. Você disse que não haveria mais nenhuma. Você disse...

— Eu menti. Você vai encontrar cinco qualidades redentoras em Ashton.

— Você não me ouviu?

Mesmo ao estilo do Dr. Stayner, ele ignora minha pergunta. — Como parte de sua tarefa, você vai dizer o que você está pensando em todos os momentos. A verdade. Não analise demais, não escolha suas palavras. Simplesmente desembuche. E se ele lhe fizer uma pergunta, você tem que responder honestamente.

— O quê? Não. Por que?

— Vamos chamá-lo de uma experiência.

— Mas... Não! — eu digo cuspindo.

— Por que não?

Porque o que eu estou pensando em torno de Ashton geralmente envolve partes de seu corpo! — Porque... não!

— Espero um relatório completo dentro de um mês.

— Não. Eu quase não vou vê-lo este mês. Eu tenho provas. Eu estou ocupada.

— Tenho certeza que você vai vê-lo.

— Não.

— Colabore comigo.

Eu cerro meu queixo teimosamente. — Eu sempre colaborei com você, Dr. Stayner. Desta vez eu vou dizer não. É uma má ideia.

— Bom. Um mês.

— Você não pode me obrigar.

— Ah, não?

Eu franzo meus lábios enquanto inalo profundamente. — Eu poderia mentir para você.

— E eu poderia aparecer em seu dormitório com uma camisa de força e seu nome pintado nela.

Eu engasgo, sentindo meus olhos se arregalarem. — Você não faria isso... — Ele totalmente faria.

— Não vamos descobrir, vamos? Um mês, Livie. Conheça-o.

— E Connor?

— Eu não disse se jogue em Ashton como parte do processo de — conhecê-lo— .

Eu tremo. — Ohmeudeus.

— Desculpe, isso é o que os meus filhos dizem. Não é legal?

— Nada sobre essa conversa é legal, Stayner, — eu resmungo. — Eu deveria ir. Connor vai estar aqui a qualquer minuto.

— Apenas confie em mim nisso, Livie. Só mais uma vez. É uma boa ideia.

— Uh-huh. — Com despedidas, nós desligamos nossos telefones. Meu rosto cai em minhas mãos enquanto me pergunto sobre como fui me meter nisto. Eu não vou fazer isso. Eu me recuso. Ele pode vir com uma camisa de força. Vai me servir perfeitamente até lá. O irônico é que eu deixo escapar coisas que eu não deveria na metade do tempo em que eu estou com Ashton, mas nunca é intencional. Se eu dissesse *tudo*...

Uma buzina apita.

Eu olho para cima, esperando ver o Audi branco. Mas há um elegante carro preto de quatro portas com parachoques prata em seu lugar. O lado do motorista se abre e uma figura alta e escura, em uma jaqueta de couro de outono e óculos de aviador sai e anda ao redor do carro para abrir a porta do passageiro. — Irlandesa! Entre.

E eu decido que o Dr. Stayner é um feiticeiro malvado com uma bola de cristal e cordas de marionete ligadas a seus dedos. Ele, de alguma forma, arquitetou toda essa situação. Ele definitivamente está gargalhando em seu escritório neste momento.

Os carros estão buzinando atrás do carro de Ashton. — Vamos lá. — Há um toque de irritação em sua voz.

— Droga — eu murmuro, andando para o carro, mantendo meu olhar sobre o interior de couro castanho enquanto entrego minhas muletas para ele. Seus dedos roçam nos meus quando ele as segura, enviando uma corrente elétrica através do meu braço. No momento

em que sento em meu lugar e coloco o cinto de segurança, Ashton está deslizando para o lado do motorista e meu pulso está correndo.

— Como está seu tornozelo? — ele pergunta enquanto arranca para o tráfego, os olhos mudando para minhas pernas. Eu decidi usar uma saia plissada curta, porque nylon é mais confortável para meu tornozelo do que meias e calças. Agora, enquanto uma memória de mim entre as pernas de Ashton e uma saia em volta da minha cintura me bate, eu estou desejando que eu estivesse vestindo um macacão de neve.

— Melhor. Eu comecei a andar um pouco. — O carro é uma sauna em comparação com o ar fresco do lado de fora, eu noto, tirando meu casaco. — Entorse leve. Como eu pensei.

— Connor disse que você foi para o hospital?

Oh, sim. Connor. — O que você está fazendo aqui? — Eu digo abruptamente e, em seguida, tomo um fôlego. — Quero dizer, o que aconteceu com Connor?

Ele encolhe os ombros. — Ele tem um trabalho para terça-feira, então eu disse a ele que levaria você. Você está bem com isso?

— Oh. Claro. Obrigada. — E eu sou uma grande e gorda idiota agora. Eu teria perdido mais uma semana com os gêmeos se não fosse por Ashton. Ele está sendo legal. Ele já tinha provado que ele é capaz disso, ao me carregar por meio quilometro na chuva. Agora ele está me levando a Manhattan.

— Não é grande coisa, Irlandesa — ele murmura, seguindo os sinais para a autoestrada.

Eu tranquilamente brinco com o zíper do meu casaco enquanto me pergunto o que Dana diria sobre tudo isso. Será que a

incomodaria? Eles ainda continuam juntos? Ele nunca confirmou ou negou. Devo perguntar-lhe?

Olho para Ashton para encontrá-lo olhando para meu peito.

— Olha para a estrada! — eu estalo com um grito, enquanto um calor se arrasta até o meu pescoço, cruzando os braços sobre mim mesma.

Com um sorriso de diversão, ele diz — Então, você está autorizada a olhar para mim, mas eu não posso nem olhar pra você?

— Isso é diferente. Eu não estou nua.

— Eu também não estava nu quando você caiu na calçada.

Eu mudo o meu corpo para longe dele para olhar para fora da janela, balançando a cabeça. *Eu posso ouvir você rindo daqui, Dr. Stayner.*

— Hey. — A mão de Ashton descansa no meu antebraço. — Eu sinto muito, ok? Eu estou apenas... Eu não te vejo faz um tempo.

Eu percebo o quão bom esse gesto simples parece e o quanto eu senti falta dele. Aceno com a cabeça e olho para cima para ver olhos castanhos sinceros em mim. — Olha para a estrada — eu falo de novo, desta vez mais suave e muito menos irritada.

Recebo o sorriso torto marcante que estou achando menos arrogante e mais divertido agora. Ele dá um pequeno aperto ao meu braço antes de largar.

— Obrigada por desistir do seu sábado por mim.

— Não é nada — ele murmura, verificando seu espelho retrovisor enquanto muda de faixa. — Eu sei que é importante para você. — Ele acrescenta com um toque de hesitação, — Eu tenho um compromisso mais tarde, então eu estava indo para a Manhattan de qualquer maneira.

— Um compromisso?

Um vinco franze a testa de Ashton. — Você parecia chateada lá atrás, antes de eu te pegar. Porquê?

Evitando a minha pergunta. Eu suspiro.

— Uh, nada. Só tive uma ligação estranha. — Me ocupo em dobrar o meu casaco por cima do meu colo.

— Quem é o Dr. Stayner?

Minhas mãos congelam. — *O quê?*

— Você acabou de murmurar: — Eu posso ouvir você rindo daqui, Dr. Stayner— . Quem é o Dr. Stayner?

— Eu... uh... ele é... — *Eu disse isso em voz alta! Eu já estou tagarelando meus pensamentos sem perceber! Cordas de marionete! Gah! Ohmeudeus. Acabei de dizer isso em voz alta também?* Do canto do meu olho, eu verifico a expressão de Ashton. Ele está olhando entre mim e a estrada com uma sobrancelha arqueada. *Eu não posso dizer. Eu preciso parar de pensar. Todo o pensamento deve parar!* — Relaxe, Irlandesa!Seus olhos estão loucos. Está meio que me assustando agora.

Eu não posso dizer. Acho que não. Me obrigando a respirar fundo alguma vezes,eu acalmo a expressão nos meus olhos.

— Pela sua reação, eu estou supondo que ele é um psiquiatra?

Kacey estava certa - você não é apenas um rostinho bonito.

— Você acha que eu tenho um rosto bonito, Irlandesa?

Eu tapo minha mão sobre a boca. Eu fiz isso de novo!

Quando seu riso morre, Ashton solta um suspiro pesado. — Então... você está em terapia?

Eu quero que Ashton saiba sobre o Dr. Stayner? Como eu mesmo respondo a sua pergunta? Tecnicamente eu não estou em

terapia, mas, sim, o Dr. Stayner é um psiquiatra. Um que eu posso ou não ter na discagem rápida. Em todo o caso, explicar o Dr. Stayner e os últimos quatro meses vai me fazer soar como um trabalho de bosta.

— É realmente uma longa viagem para Nova York — ele me avisa, tocando os dedos sobre o volante.

Eu não deveria ter que explicar nada para Ashton. Nada disso é problema dele. Ele tem seus segredos e eu tenho os meus. Mas talvez esta seja uma *entrada*. Talvez falar sobre meus problemas vá ajudá-lo a falar sobre o seu. E, dado o tempo que passei tentando decifrá-lo, eu preciso de uma entrada...

— Sim, ele é meu psiquiatra — eu digo baixinho enquanto olho para fora para a estrada. Não posso olhar em seus olhos agora. Eu não quero ver o julgamento lá.

— E por que você está vendo um psiquiatra?

— Meu desejo sexual incontrolável?

— Irlandesa... — A maneira como ele diz meu apelido me faz olhar a tempo de pegá-lo levantar em seu assento e puxar a calça jeans um pouco, como se para colocar-se mais confortável. — Conta-me.

Talvez haja alguma negociação a ser feita aqui. — Só se você me disser por que você me chama irlandesa.

— Eu disse que ia explicar isso, mas primeiro você tem que admitir que me quer.

Minha boca fecha. Não, não há nenhuma negociação com Ashton.

— Sério, Irlandesa. Conte-me sobre seu psiquiatra. — Há uma pausa. — A menos que você queira detalhes explícitos sobre *meu*

desejo sexual incontrolável e sobre como você pode me ajudar com isso. — Ele diz isso em tom grave, o que faz minha boca ficar instantaneamente seca e minhas coxas quentes, enquanto imagens da primeira noite e última semana e meu sonho colidem em uma bagunça embaraçosamente quente na minha cabeça. Droga Ashton! Ele sabe exatamente como me fazer contorcer. Ele desfruta disso, também, rindo baixinho enquanto meu rosto fica vermelho. De repente, falar sobre o Dr. Stayner não parece tão embaraçoso.

— Você não vai contar a ninguém?

— Seus segredos estão seguros comigo. — Pela forma como a sua mandíbula aperta, eu instantaneamente acredito nele.

— Ok. Em junho, minha irmã teve essa ideia maluca... — No começo minha explicação está cheia de frases empoladas. Mas enquanto continuo - enquanto o riso bonito de Ashton cresce mais frequentemente, ouvindo como passei meu verão com Kacey mergulhando de uma ponte e comprando doces em fantasias iguais de Oscar Mayer Wiener - fica mais fácil de falar, mais fácil de contar, mais fácil de rir sobre isso.

Ashton não me interrompe. Ele não me faz sentir estúpida ou louca. Ele simplesmente ouve e sorri e ri baixinho enquanto dirige. Ele é realmente um ótimo ouvinte. Essa é uma qualidade redentora. *Uma já foi, faltam quatro.*

Balançando a cabeça, Ashton murmura — Esse cara parece um lunático...

— Eu sei. Às vezes eu me pergunto se ele é mesmo licenciado.

— Por que você continua falando com ele, então?

— Ele é barato? — Eu brinco debilmente. Na verdade, eu me fiz essa pergunta milhares de vezes. Há apenas uma resposta que posso

pensar. — Porque ele sente que é importante e eu a ele a vida minha irmã. Você não entende o que... — Minhas palavras derivam enquanto eu engulo o caroço afiado na minha garganta. — Minha irmã estava no acidente de carro que matou meus pais. Foi ruim, Ashton. Outras quatro pessoas morreram. E ela quase morreu. — Faço uma pausa para estudar meus dedos entrelaçados no meu colo. Falar sobre isso ainda é difícil para mim. — De certa forma, ela *morreu* naquela noite. Ela esteve no hospital por um ano antes ela ser forte o suficiente para ter alta... — Eu não posso conter o bufo irônico e o agitar da minha cabeça, ainda amarga com os médicos que lhe deram alta. *Forte o suficiente...* Para o que ela era forte o suficiente? Levantar de garrafas e cachimbos para seus lábios? Agradar mais caras do que eu quero saber? Bater o inferno fora em um saco de areia? — Minha irmã ficou perdida por um longo tempo. Anos. E então o Dr. Stayner... — Eu engulo enquanto lágrimas nascem nos meus olhos, tentando mantê-las afastadas. Algumas escorregam para fora de qualquer maneira. Corro para enxugá-las, mas a mão de Ashton de alguma forma me toca, seu polegar roçando contra minha bochecha rápida e suavemente, antes de ele a puxar de volta para descansar em sua coxa novamente. — O Dr. Stayner trouxe ela de volta para mim.

Há um silêncio muito longo, mas fácil enquanto eu olho para o céu azul acima e a ponte que vai nos levar para Manhattan. — Uau, já estamos aqui — murmuro distraída.

— Sim, você não calava a boca — murmura Ashton secamente, mas ele me dá uma piscadela. — Então esse era com quem você estava falando antes que eu pegar você?

— Sim.

— O que havia de tão estranho nisso? Sobre o que vocês estavam falando?

Eu suspiro pesadamente. — Você. — Noto sua mão apertar o volante com força quando eu admito isso e confirmo rapidamente, — Eu não disse nada a respeito... daquilo. — Meus olhos voam para a pulseira de couro em torno de seu pulso. — Eu prometi que não faria isso.

Seu pomo de Adão sacode com sua tragada. — Bem, então por que vocês estavam falando sobre mim?

Eu olho para fora da janela com um gemido. — Isto é tão embaraçoso.

— Mais embaraçoso do que o que você já me disse? — Ashton se inclina para frente em seu assento, totalmente intrigado, com um sorriso curioso no rosto.

— Talvez. — Eu digo a ele? Eu espero, coçando meu pescoço e enfiando meu cabelo atrás das orelhas, e esfregando minha testa até Ashton finalmente pegar a minha mão inquieta e coloca-lá no baixo compartimento entre nós.

Eu limpo minha garganta e eu não posso deixar de notar que minha mão ainda está na sua. Quando ele me vê olhando para ela, ele a aperta.

— Vou largar quando você me disser.

— E se eu não disser?

— Então, boa sorte explicando a Connor porque estamos de mãos dadas.

— As mãos dadas é a menor das minhas preocupações — murmuro, antes de olhá-lo diretamente nos olhos e admitir — eu tenho que encontrar cinco qualidades redentoras em você.

Seu rosto se contorce em um olhar de *isso-é-tudo*. — Por que isso é embaraçoso?

Olhando para o teto, eu murmuro, — Porque eu também tenho que lhe dizer tudo o que estou pensando.

Há uma longa pausa. Ashton ajusta-se em seu assento, deslizando sua pélvis para baixo de modo que ele está mais cabisbaixo, com a perna dobrada um pouco mais. E então um sorriso largo e malicioso se espalha por seu rosto. — Isso vai ser divertido.

Eu já estou balançando a cabeça em resposta. — Não, não vai, porque eu não vou fazer isso.

— O quê? — Ashton senta-se ereto, olhando para mim com os olhos arregalados. — Você tem que fazer!

— Não... — Ergo minha mão da sua e cruzo os braços sobre o meu peito. — Eu não tenho.

— Bem, então, como é que você vai saber quais são as minhas cinco qualidades redentoras?

— Tenho certeza que você vai me dizer — Eu respondo em tom irônico.

Ele dá de ombros como se ponderando isso. — Você está certa, eu poderia. Vamos ver... — Ele corre a língua sobre os dentes, e o nó no meu estômago me avisa que eu vou me arrepender disso. —Há a forma como eu faço uma mulher gritar quando eu deslizo meu...

— Cale a boca! — Ele grunhe quando o meu punho voa para dar um soco no seu ombro, com força.

— Sério, Irlandesa. Vamos lá. Isso vai ser divertido! — Os olhos de Ashton brilham, e seu rosto irradia com emoção genuína. Eu nunca o vi tão feliz antes, e eu estou prestes a concordar com qualquer coisa, inclusive a loucura do Dr. Stayner.

Até que ele pergunta, — Então, você sonha comigo?

Meus dentes trincam imediatamente a minha língua. Com força.

* * *

— Você pode me deixar sair na frente e eu vou só pular para fora — eu digo enquanto percebo que ele está pensando em estacionar.

Ele franze a testa. — Oh, não. Eu vou entrar.

— Oh, o seu compromisso é aqui? — *Ashton está doente? Será que ele precisa de um médico?*

— Não. Eu tenho algumas horas livres. — Há uma pausa. — Eu percebi que eu poderia conhecer essas crianças que você vem todo o caminho até aqui para ver.

— Você não pode. — Eu me sinto como se existissem dois mundos em colisão que precisam ser mantidos em separado.

— Você tem vergonha de ser vista comigo, Irlandesa?

— Não, eu quero dizer... — Volto-me para ver uma pitada de dor em seus olhos. *Nunca*. — Eles não vão deixar ninguém entrar, porém.

Ele dirige para um lugar. — Não preocupe sua linda cabecinha com isso, Irlandesa. Eles vão me deixar entrar.

* * *

— Eu, hum, eu trouxe alguém. Espero... — Eu olho para Gale inexpressivamente. Eu não sei o que dizer.

Ela olha de mim para Ashton e ela já está sacudindo a cabeça. Alívio ondula pelo meu corpo. Eu não acho que minhas emoções podem lidar com um bando de crianças doentes e Ashton ao mesmo tempo.

Mas então ele pisca aquele sorriso torto sexy e aquelas covinhas. — Oi, eu sou Ashton. Na verdade, estou aqui em nome do meu pai, David Henley da Henley e Associados.

Seja o que for que Gale que ia dizer caiu de sua boca. — Ora, isso é fantástico! Estamos tão agradecidos pelas contribuições de seu pai aqui. É um prazer conhecê-lo. — Olhando da esquerda para a direita, ela diz, — Normalmente não permitimos visitantes aqui, mas eu posso deixar passar dessa vez.

— Ótimo. — *Não tão ótimo.*

— Os gêmeos estão ansiosos para vê-la, Livie.

— Eu senti falta deles também. — Apontando para o meu pé, eu adiciono, — Eu sinto muito sobre o último fim de semana.

— Oh, não se preocupe. Fico feliz de tê-la aqui. Divirtam-se! — Acenando sua pilha de pastas na minha frente, ela diz, — De volta ao trabalho para mim! — E vai à direção oposta. Ela olha para trás uma vez e, verificando se Ashton está de costas e caminhando em direção ao elevador, ela pisca para mim, murmurando — uau— .

Eu sinto meu rosto empalidecer. Agora todo mundo vai pensar que estamos juntos.

Eu alcanço-o assim que ele aperta o botão do elevador. — Então, você sabia que dando o nome do seu pai você entraria aqui?

O charme de um momento atrás desapareceu, substituído por desprezo. — Pelo menos isso é bom para alguma coisa.

— É... legal da parte dele doar para o hospital. — Com base em Gale sabendo seu nome imediatamente, ele deve ser um contribuinte significativo.

— Economias de impostos. E para a imagem dele. — Eu olho para baixo para vê-lo tocando o cinto. Eu não evitar. Eu alcanço-o e aperto o seu braço.

As portas do elevador se abrem. Entrando atrás de mim, Ashton aperta o botão do piso que eu falo e murmura, — Era isso ou eu levar essa enfermeira em um quarto lá trás por alguns minutos e...

— Ashton! — Eu dou um tapa com força no seu antebraço e recuo com o impacto. Remo lhe tornou tudo duro como rocha. — Definitivamente um ataque contra suas boas características.

— Oh, vamos lá. Você realmente não acredita que eu estou falando sério, acredita? — ele diz com uma risada baixa.

— Como uma meia vermelha em sua porta...

Uma expressão de dor preenche seu rosto. — Aquela noite foi para esquecer você. Com Connor — ele diz em voz baixa. — E eu não fiz nada assim desde então.

Eu acredito nele? — Por que não?

Virando-se para mim com um olhar aquecido, a mão de Ashton levanta para tocar meu queixo, seu polegar acariciando meu lábio. — Eu acho que você sabe exatamente porque não, Irlandesa.

— Você ainda está com Dana?

Esse tom rouco está de volta, o que faz minha pele formigar. — E se eu disser que não?

— Eu... Eu não sei. — Eu hesito antes de perguntar, — Por que você disse que nós não vamos funcionar?

Seus lábios se separam e eu acho que iria obter uma resposta.

— Seus seios parecem fantásticos nessa camisa.

Não essa resposta.

Ele sai do elevador e segura a porta enquanto eu manco para fora, de cara feia. Típica evasão de Ashton. Eu mordo minha língua e ignoro-o até chegarmos à entrada da sala de jogos.

Uma nova onda de ansiedade me atinge, o mesmo aperto no meu peito que eu sinto toda vez que estou perto dessas crianças, só que amplificado agora. — Ok, há algumas regras básicas antes de eu deixar você perto desses pequenos meninos doces.

— Vamos ouvi-las.

— Um — Eu conto nos dedos para dar ênfase, — não falar sobre morte. Não envolver na conversa sobre morte, não insinuar morte.

Sua boca inclina em uma careta com os lábios apertados enquanto ele concorda. — Não se preocupe sobre isso.

— Dois - não lhes ensine um monte de palavrões.

— Além dos que eles já aprenderam com você?

Revirando os olhos, eu digo, — Três - seja bom para eles. E não minta. Eles são apenas meninos.

Uma nuvem passa sobre seu rosto, mas ele não diz nada.

Eu empurro a porta para encontrar os gêmeos no chão com seus LEGOs. Eric olha para cima primeiro. Cutucando seu irmão, eles se esforçam para levantar e caminham ao meu encontro. Já faz duas semanas desde a última vez que os vi e eu noto que ambos estão se movendo um pouco mais languidamente, suas vozes um pouco menos joviais.

— Ei, vocês! — Eu digo, enquanto forço o nó repentino de nervos para baixo, esperando que a mudança neles seja apenas a quimioterapia.

— O que aconteceu? — Derek pergunta, sua mão segurando a minha muleta direita.

— Eu tropecei e torci meu tornozelo.

— Ele é seu namorado? — Eric pergunta, apontando para Ashton.

— Uh, não. Ele é um amigo. Este é...

— Você é amiga de um menino? — Eric me corta.

Olho para Ashton, pensando em tudo o que aconteceu entre nós. — Sim, eu acho que eu sou.

Ashton se inclina e estende a mão. — Me chamem de Ace. É assim que meus amigos me chamam.

Os dois olham para mim em dúvida e eu rio, lembrando o quão jovens eles realmente são, antes de cutucar a cabeça ligeiramente para Ashton.

Eric pega a mão de Ashton primeiro, apontando para frente como se ele tivesse um segredo para sussurrar em seu ouvido. Claro, um sussurro de um menino de cinco anos poderia muito bem ser dito através de um megafone. — O que há de errado com você? Livie é realmente bonita para uma menina.

Eu tento não rir. Os olhos de Ashton piscam para mim e há um brilho malicioso neles. Uma pontada de pânico me atinge. De todas as maneiras que ele poderia responder a esta pergunta...

— Eu tentei, amiguinho. Mas Livie não gosta muito de mim.

— Ela é sua amiga, mas ela não gosta de você? Porque não? — Derek pergunta, uma carranca profunda vincando sua testa.

Ashton encolhe os ombros. — Eu não sei. Eu tentei tanto quanto eu pude, mas... — Então seus ombros desleixam um pouco e seu sorriso vacila, desempenhando perfeitamente o papel de um menino ferido para um Oscar.

Os gêmeos erguem a cabeça e olham para mim em uníssono assustador. — Por que você não gosta dele, Livie? — Pergunta Derek.

E eu virei a vilã aqui.

— Boa pergunta. Vamos tentar descobrir isso, pessoal. — Ashton leva-os para uma mini mesa enquanto eu chamo a atenção de Diane com um aceno. — Gale disse que não havia problema — eu digo, apontando para Ashton.

Com uma piscadela, ela muda sua atenção de volta para sua criança, mas eu não perco os olhares frequentes e curiosos para Ashton. É o mesmo tipo de olhar que ele ganhou de Gale, e das enfermeiras ao longo do corredor, da manobrista, e dos dois médicos... um deles do sexo masculino.

Inclino minhas muletas contra a parede e cautelosamente passo para a mesa onde Ashton já se colocou confortável, suas longas pernas esticadas e sua jaqueta de couro deitada ao lado de seus pés. Ele dá um tapinha na cadeira ao lado dele para mim. Eu pego, não porque eu quero sentar ao lado dele tanto quanto eu quero lhe cotovelar as costelas se eu tiver que. Com força.

Os meninos puxam duas cadeiras em frente a Ashton, e pelas expressões sérias em seus rostos eles pensam que eles estão prestes a resolver um grande problema. — Então, rapazes — Ashton se inclina sobre os cotovelos. — Algum palpite?

— Você gosta de cachorros? — Derek pergunta em voz baixa.

— Sim.

— Você é forte? Como o Super-homem?

— Eu não sei sobre o Super-homem, mas... — Ashton flexiona seus braços e, mesmo através de sua fina camisa cinza, eu posso ver as ondulações se formarem. — O que vocês acham?

Os dois meninos chegam para tocar os braços e suas bocas fazem — uau— ao mesmo tempo. — Sente os músculos dele, Livie.

— Oh, não. — Eu aceno, mas Ashton já está agarrando minha mão e colocando-a em seus bíceps. Meus dedos mal envolvem metade deles. — Uau, forte — concordo, revirando os olhos para ele, mas eu não posso evitar o pequeno sorriso. Ou o calor correndo até meu pescoço.

— Você é rico? — Eric pergunta.

Ashton encolhe os ombros. — Minha família é, então eu acho que eu também sou.

— O que você vai ser quando crescer? — Derek pergunta.

— Cara, ele já é crescido! — Eric acotovela o irmão.

— Não, eu ainda não sou — diz Ashton. — Eu ainda estou na escola. Mas eu vou ser um piloto.

Eu franzo a testa. *O que aconteceu a ser um advogado?*

— O seu hálito cheira mal? — Eric pergunta.

Ashton sopra em sua mão e inala. — Eu acho que não. Irlandesa?

— Não, seu hálito não cheira mal. — Eu sorrio, me abaixando para enfiar uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e esconder meu rubor. Sua boca sabe como hortelã e céu. *Céu de hortelã.*

— Por que você a chama de Irlandesa?

— Porque ela é Irlandesa, e quando ela fica bêbada, ela tem tendências malvadas nela.

— Ashton!

Os meninos começam a rir. Pela gargalhada de Diane, eu diria que ela ouviu isso.

— Honestamente. — Enterro meu rosto em minhas mãos por um momento, o que só faz os meninos rirem mais e Ashton sorrir mais, e logo eu estou rindo junto com eles.

Eventualmente as perguntas ficam mais sérias. — Você tem uma mãe e um pai? — Eric pergunta.

Ashton não esperava essa pergunta. Eu posso dizer porque ele vacila, e eu vejo seu pomo-de-adão ir para cima e para baixo enquanto ele engole. — Todo mundo tem uma mãe e um pai.

— Onde eles estão?

— Uh... meu pai está em sua casa e minha mãe não está mais por perto.

— Ela morreu? — Eric pergunta com completa inocência.

Um lampejo de dor brilha no rosto de Ashton.

— Lembrem-se do acordo, meninos — eu aviso com uma sobrancelha levantada.

— Eu pensei que era apenas as nossas mortes — diz Derek solenemente.

— Não, é uma regra mundial. Ela se aplica a todo mundo.

— Ok, desculpe Ace — diz Eric, baixando a cabeça.

Ashton se inclina para frente e aperta seu ombro. — Não se preocupe com nada, homenzinho. Ela é um pouco rigorosa com suas regras, não é?

Eric revira os olhos dramaticamente. — Você não tem ideia.

Os meninos continuam fazendo perguntas no típico estilo inocente de criança e Ashton continua respondendo-as. Eu descubro

que a mãe de Ashton era de Espanha, que é de onde ele recebe seus olhos escuros e pele bronzeada. Eu descubro que ele é filho único. Descubro que ele nasceu e cresceu em Nova York. Estou descobrindo mais sobre ele neste breve interrogatório por dois curiosos de cinco anos de idade do que eu pensava ser possível. Talvez mais do que a maioria das pessoas já souberam sobre Ashton Henley.

Finalmente, Ashton se levanta e anuncia, — Desculpem sair, mas eu tenho um lugar onde eu preciso estar. Foi bom passar tempo com vocês caras. — Ele estende a mão em uma colisão de punhos.

— Sim, foi bom — Eric imita-o casualmente, enquanto ele e seu irmão devolvem o gesto, seus punhos tão minúsculos ao lado dos de Ashton. Os três se viraram para olhar para mim, e eu percebo que eu devo ter feito um som cheio de energia.

Beliscando meu cotovelo levemente, Ashton diz— Eu estarei de volta em três horas para buscá-la na entrada principal, ok? — Com isso, ele se foi.

O resto do turno de voluntariado passa rapidamente. Lola entra, parecendo menor e mais pálida e mais fraca do que a última vez que a vi. Derek sussurra para mim que ela está vindo menos e menos. Os meninos duram apenas uma hora antes de dizerem que não estão se sentindo bem, torcendo meu estômago. Passo o resto do turno com outras crianças, uma se recuperando de uma cirurgia após um acidente de carro, outro lá por uma condição cardíaca rara.

E eu me pego olhando para o relógio por mais de uma razão.

*** * ***

Um cara diferente me encontra na entrada principal três horas depois. Não é o brincalhão e provocante que dividiu uma mesa em miniatura com duas crianças doentes e os fez rir. Não é quem ouviu com calma, enquanto eu revelei minha longa série de embaraçosas aventuras inspiradas pelo meu psiquiatra.

Não... o cara sentado ao meu lado mal diz uma palavra, mal compartilha um olhar enquanto deixamos a cidade. Eu não sei o que aconteceu, mas algo mudou. Algo para tornar seu queixo tenso e seus olhos vidrados. Para torná-lo tão descontente que meu peito dói com a tensão crescente. Mais do que a com que eu deixei o hospital.

Eu fico uma hora em silêncio, olhando para o céu escurecendo e as luzes da rua, colocando meu cabelo atrás das orelhas uma dúzia de vezes, me ajustando e reajustando no meu assento, antes de decidir fechar meus olhos e fingir dormir, mesmo quando nos aproximamos do desvio para Princeton.

— Você foi no almoxarifado de remédios do hospital antes de eu te pegar, Irlandesa? — É mais o som de sua voz do que a sua pergunta que faz com que meus olhos se abram com surpresa. Viro-me para ver um pequeno sorriso rompendo a nuvem e eu dou um suspiro de alívio.

— Sinto muito — murmuro. Mas eu não sinto. Fico feliz em ver Ashton mais relaxado.

— Como foi o resto da sessão de voluntariado?

— Duro. Às vezes me pergunto se vai ficar mais fácil. Eu amo estar perto de crianças e quero ajudá-las, mas... — Lágrimas escorrem por meu rosto. — Eu não sei se posso lidar com imaginar quais delas vão sobreviver. — Ashton fica em silêncio enquanto passo a mão na minha bochecha e fungo.

— Eu me perguntei sobre isso quando você me disse o que queria ser — ele diz em voz baixa. — É preciso um tipo especial de pessoa para ser capaz de sentar e esperar por alguém morrer, especialmente quando você não pode impedir que isso aconteça.

Foi isso que aconteceu com você, Ashton? Será que você teve que assistir sua mãe morrer? Não digo isso em voz alta. Em vez disso, eu digo, — Eu não tenho certeza que sou esse tipo de pessoa. — Fazendo uma pausa, acrescento, — Uau. Eu nunca admiti isso em voz alta antes. Para ninguém.

— Nem mesmo para o seu médico?

— Não! Especialmente ele. Ele acha que me conhece — murmuro.

— O que você quer dizer?

Eu balanço minha cabeça. — De jeito nenhum, Ashton. Você já tirou bastante de mim por um dia.

Dedilhando as pontas dos dedos contra o volante, ele suspira. — Tudo bem. Como estavam os gêmeos depois que eu saí?

Eu sorrio. — Eles perguntaram se você poderia voltar — eu confirmo com uma risada.

Um largo sorriso se estende por seu rosto. — Sim? Eles gostaram de mim tanto assim?

Eu reviro os olhos. — Eu acho que eles gostaram mais de você do que gostam de mim. Eric disse que eu devo ficar muito irritada quando eu estou Irlandesa, se você não quer ser meu namorado.

Uma risada profunda e gutural escapa dos lábios de Ashton e meu corpo se aquece instantaneamente. — O que você disse?

— Oh, eu assegurei a ele que eu fico muito brava mesmo quando eu não estou — Irlandesa— e você está por perto.

O que ganha outra risada. — Eu amo quando você não se censura. Quando você apenas diz o que está em sua mente e não se preocupa com isso.

— Então, você e Stayner iriam se dar bem... — Passamos os sinais do campus, indicando que não estamos longe e meu dia com Ashton está quase no fim. Eu não sei quando eu vou vê-lo novamente. O pensamento dói.

— Isso mesmo. Você deveria estar derramando suas entranhas para mim, certo?

Minha cabeça cai para trás contra o encosto de cabeça enquanto eu murmurar, mais para mim, — Você primeiro.

Eu realmente não pretendia nada com isso. Ashton é cheio de segredos, mas eu sei que eles não vão começar a escorrer de sua boca tão cedo. Ainda assim, sinto a temperatura dentro do carro despencar.

— O que você quer saber? — Seu tom é baixo e tranquilo. Hesitante, mesmo.

— Eu... — Minha voz vacila. Eu começo com o que eu acho que é uma pergunta inocente, minha voz tão casual quanto possível. — Você disse aos meninos que você quer ser piloto. Porquê?

Com um suspiro, ele murmura, — Porque você me disse para não mentir para eles.

Ok. — E quanto a ser advogado?

— Eu vou ser advogado até que eu possa ser piloto. — Seu tom é tão calmo e tranquilo que me embala em uma sensação de conforto.

Mudando de assunto, eu pergunto: — Qual é a sua lembrança favorita de sua mãe?

Há uma ligeira pausa. — Eu vou passar essa, Irlandesa. — Ainda calmo e tranquilo, mas a vanguarda está lá.

Eu observo-o quando ele começa tocar distraidamente a tira de couro. — Quantos anos você tinha?

— Oito. — A resposta vem com um estalido. Eu fecho os olhos e viro-me para ver as luzes das casas passarem, esperando que elas substituam a visão do menino assustado que está brilhando em meu crânio.

A mão de Ashton se enrola ao redor da minha. — Ele só perdeu o controle uma vez. As cicatrizes, eu quero dizer. Ele nunca deixou evidências nas outras vezes. — *Nas outras vezes*. — O armário era geralmente o seu favorito. Ele me colocava lá por horas. Geralmente com fita adesiva, para manter-me quieto. — Eu tento reprimir o choro com a minha mão livre, mas não consigo, e sai em um estranho grito gutural.

Ficamos em silêncio por um momento, mas eu preciso saber mais sobre Ashton. Tudo. Engolindo o caroço na minha garganta, eu pergunto: — Por que você usa ele?

— Porque eu sou a porra de um prisioneiro na minha vida, Irlandesa! — Como se essa súbita explosão tivesse revelado mais do que ele pretendia, sua boca se fecha. Ele solta minha mão.

Eu alterno entre olhares furtivos para ele e alisando as pregas da minha saia, mas eu não digo nada enquanto ele vira para o estacionamento tranquilo. Quando ele dirige para um lugar no canto, quase no fim, eu espero que ele desligue a ignição e salte para fora, ansioso para se livrar de mim. Mas ele não o faz. Ele deixa o carro ligado com o rádio tocando suavemente enquanto seus dedos apertam a ponte de seu nariz.

— Você provavelmente acha que estou exagerando, não é? — Seu tom é moderado novamente. Eu sento quieta e ouço. — Eu estou vivendo à grande vida, certo? Esta escola, o dinheiro, a namorada... esse carro de merda. — Ele bate com o punho no painel do carro com raiva. — Pobre da porra de mim, certo? — Suas mãos dobram na parte de trás de seu pescoço quando ele se inclina para trás para fechar os olhos. — Ele está me controlando, Irlandesa. Minha vida. E tudo nela. Eu estou preso. — Não há dúvidas sobre a dor em sua voz agora. É crua e agonizante, e aperta o meu peito.

Eu não tenho que perguntar de quem ele está falando. Tenho certeza que é a mesma pessoa que deu a Ashton suas cicatrizes. Eu quero tanto perguntar de que forma ele está preso e porquê, mas eu não quero pressioná-lo demais. Ele pode parar. Então, ao invés, eu sussurro: — Como posso ajudar?

— Faça-me esquecer. — Ele olha para mim. A tristeza que eu vi em seus olhos há uma semana está se revelando novamente.

— Eu... — Eu vacilo. O que ele está me pedindo para fazer? Ele usa o sexo para esquecer, ele já sugeriu isso. Mas eu não... Eu não posso... Pânico está borbulhando dentro de mim e deve estar claro no meu rosto.

— Não é isso, Irlandesa — ele sussurra. — Eu não quero isso de você. Eu nunca vou pedir isso. — Ele libera o cinto de segurança e, em seguida, se aproxima mais para liberar o meu. Tomando minha mão, ele a puxa para o seu peito. Sem hesitação e alívio enorme, eu me movo no meu assento até que eu possa colocá-la sobre seu coração. Ele responde imediatamente, começando a bater mais rápido e mais forte enquanto sua mão pressiona firmemente sobre a minha, aquecendo-a.

— Sua mão assim? Eu não posso nem descrever como incrível me faz sentir — ele sussurra com um sorriso melancólico. Eu mordo meu lábio enquanto uma emoção corre através de minhas entranhas, sabendo que eu estou fazendo ele se sentir tão bem, que eu me sinto tão ligada a ele.

Descansando a cabeça para trás em seu assento e fechando os olhos, ele pergunta silenciosamente — Você pensa em mim, Irlandesa?

— Sim. — A resposta sai mais rápido do que eu pretendia, e eu sinto o pequeno salto em resposta sob os meus dedos.

— Muito?

Hesito nessa, tentando engolir o meu constrangimento.

Abrindo um olho para olhar para mim, ele murmura. — Você deveria apenas me dizer.

— Certo. — Eu sorrio para mim mesma. — Sim. — Outro salto.

Há uma pausa, e então ele sussurra — Eu não queria fazer você chorar por mim, Irlandesa. As coisas ruins foram há muito tempo atrás. Ele não pode mais me machucar assim. Ele tem outras formas, mas...

Com um suspiro irregular, eu ofereço-lhe um sorriso. — Sinto muito. Eu choro muito. Minha irmã sempre tira o sarro de mim por causa disso. E acho que foi apenas um dia emocionante. Às vezes é difícil me parar de sentir coisas ruins.

Seus lábios se separam como se estivessem prestes a responder, mas depois ele fecha-os. Eu me pergunto o que ele está pensando, mas eu não falo. Apenas assisto a uma passagem de paz calma em seu rosto enquanto seu coração ainda bate. — Você quer que eu te ajude a esquecer um pouco?

— Eu... — Meus olhos arregalados piscam para sua boca.

E de repente ele está se movendo, girando em seu assento e me empurrando para trás suavemente no meu, me dizendo para relaxar antes que eu possa sequer registrar que todo o meu corpo ficou tenso.

Ashton não hesita, sua boca reivindicando a minha, sua língua forçando seu caminho para dentro. Meu peito se sente leve e ao mesmo tempo pesado e meu corpo parece que está pegando fogo, mas frio como gelo. Eu rapidamente não me preocupo com nada nem ninguém além de mim mesma e estar com ele.

Eu silenciosamente me maravilho com a forma como sua língua é ao mesmo tempo delicada e violenta, habilmente deslizando e caindo sobre a minha. Sua boca é tão mentolada e celestial e deliciosa como eu me lembro de ser. Tão deliciosa que eu quase não noto meu assento reclinar. Ele colocou-o em uma inclinação confortável, onde eu ainda estou sentada, mas sou capaz de me esticar. Mudando sua boca no meu ouvido para roçar o lóbulo com a sua língua, ele diz em uma voz baixa e rouca que vibra até o meu âmago, — Eu vou fazer algo e você pode me dizer para parar. — Eu inalo drasticamente à medida que uma mão se instala na minha coxa e começa a subir. — Mas eu realmente espero que você não o faça.

Eu acho que sei o que ele quer fazer e eu não posso acreditar que isso está acontecendo. Eu vou deixar isso acontecer? Um instinto natural me faz apertar os joelhos juntos por um momento, mas então Ashton começa a me beijar com um novo nível de intensidade. Meus joelhos relaxam quando o meu corpo anseia por seu toque, acolhendo sua mão enquanto ele lentamente começa a esfregar para frente e para trás sobre meus nylons.

Eu posso sentir-me responder a cada passagem e me pergunto se Ashton percebe. Minha mão instintivamente se move para a parte de trás do seu pescoço, onde seu cabelo escuro cai em mechas sensuais, para agarrar um punhado e puxar levemente. Seu beijo se aprofunda ainda mais, sua mão se move mais rápido, e quando um pequeno gemido me escapa, parece empurrá-lo sobre a borda.

Ashton desloca e abaixa sua outra mão. Beliscando a costura dos meus nylons entre seus dedos, ele puxa, e um som de rasgão enche o carro. Talvez eu tivesse ficado um pouco chateada com isso, mas eu não tenho uma chance porque sua mão não perde tempo, deslizando sob a borda da minha calcinha.

Eu arquejo e me liberto de sua boca para olhar em seus olhos, meu corpo tenso e trêmulo. — Eu nunca... — Ele para minhas palavras com um beijo.

— Eu sei, Irlandesa. Lembra? Shots de gelatina são a sua criptonita de segredos.

Eu fecho meus olhos enquanto lamento e pressiono minha testa contra a dele, meu rosto em chamas. —Eu lhe disse *mesmo* que ninguém nunca... ? — Eu não posso nem fazer-me dizer as palavras.

Como se em resposta, Ashton desliza um dedo para dentro lentamente. — Ninguém nunca o quê, Irlandesa? — ele sussurra brincado enquanto outro dedo desliza para dentro. Minha resposta gemida tem sua boca fechando sobre a minha outra vez.

Na parte de trás da minha mente, eu estou ciente que estou sentada no banco do passageiro de um carro em um estacionamento. Eu deveria estar horrorizada. Mas eu rapidamente racionalizo que as janelas são pretas e ninguém está por perto. Logo, com a maneira como Ashton habilmente move sua mão, sabendo exatamente a

velocidade e pressão certas para fazer o meu corpo relaxar e minhas coxas se abrirem, eu percebo que o carro poderia estar cercado por zombies e eu não me importaria.

Ele não se queixa quando eu puxo seu cabelo ou acidentalmente mordo seu lábio. Pela forma como sua respiração acelera e sua boca se torna mais agressiva, eu sei que ele está gostando disso. E quando eu sinto a sensação se formar em meu ventre, a mão de Ashton de alguma forma sabe se mover mais rápido, me fazendo contorcer e me torcer e balançar contra ele.

— Deixe-me ouvir, Irlandesa — ele diz em um sussurro tenso, assim que o meu corpo começa a tremer contra a mão dele. Com a boca pressionada contra a minha garganta, eu grito em resposta, minhas unhas cravando-se em seu bíceps, enquanto as ondas me batem.

— Isso foi malditamente quente, Irlandesa — ele murmura em meu ouvido, a testa pressionada contra o meu encosto de cabeça. Eu coro enquanto eu puxo minhas coxas juntas novamente. Mas ele não move a mão dele ainda e eu não a afasto. — Isso a ajudou a esquecer?

Minha risadinha nervosa é a única resposta que posso dar a ele. Esquecer? Meu cérebro ficou em *branco*. Eu esqueci meus problemas, seus problemas e o potencial apocalipse zumbi. Se isso é o que o orgasmo faz, então eu não posso acreditar sequer que as pessoas deixam suas casas. Ou carros.

— Eu acho que essa é outra primeira vez para você me envolvendo — ele murmura. *Uma que eu nunca vou esquecer.*

Com um leve beijo no meu nariz, ele finalmente move a mão para alisar minha saia para baixo para um nível respeitável. Olhando para baixo incisivamente para si mesmo, eu ouço-o dizer com

diversão em seu tom de voz, — E para mim também. — Quando ele pega a minha expressão confusa, ele começa a rir baixinho. — Isso *nunca* aconteceu.

Meus olhos se ampliam em choque quando baixo o meu olhar para o seu colo. Isso só faz o riso se transformar em altas gargalhadas.

*** * ***

Demora exatamente três horas.

Três horas - deitada na minha cama, olhando para o teto, meus livros fechados ao meu lado – para a onda orgásmica passar e para a náusea se estabelecer quando percebo que eu apenas deixei acontecer. O que eu *queria* que acontecesse. O que eu *não me arrependo* de ter acontecido.

E quando eu respondo à ligação de Connor e ele se desculpa profusamente por não me levar a Nova York, e promete que ele vai me compensar, eu apenas sorrio para o telefone e digo-lhe que está tudo bem. Desejo-lhe boa sorte com o trabalho. Eu penso no bom e doce rapaz ele é e o quanto os meus pais o amariam. Eu penso sobre como eu deveria terminar as coisas com ele, por causa do que eu fiz.

Eu desligo o telefone.

E eu choro.

Capítulo 15

Puro-sangue

— O que você estava pensando?

— Não muito, claramente.

Eu ouço o desespero na voz de Kacey. — Eu te entendo, Livie... Às vezes você é tão graciosa como um flamingo de uma perna só em um poço de areia movediça.

Reviro os olhos. As coisas que minha irmã inventa... — É uma entorse leve. Está quase bom. Eu nem sequer preciso mais de muletas.

— Quando isso aconteceu?

— Três semanas atrás, eu acho? Talvez quatro. Eu não tenho certeza. — O tempo parece tanto arrastar quanto voar recentemente. Tudo o que eu tenho certeza é que eu não vi Ashton em duas semanas, desde que ele me acompanhou até meu dormitório naquela noite, me deu um beijo de boa noite na bochecha, e se afastou. E eu

não tenho notícias dele desde que eu recebi uma mensagem na manhã seguinte com as palavras:

Coisa de uma vez. Isso não muda nada. Fique com Connor.

— Três ou quatro semanas e você só está me dizendo agora? — O tom de Kacey é uma mistura de aborrecimento e dor, fazendo uma bolha de culpa inchar na minha garganta. Ela está certa. Eu não posso acreditar que eu não falei com ela ao vivo em quase um mês. Eu não contei a ela sobre a entorse. Eu não contei a ela sobre Connor. Eu certamente não contei a ela sobre Ashton.

— Sinto muito. Eu fui pega com exames semestrais e outras coisas.

— Como eles foram?

— Ok, eu acho. — Eu tive dificuldades, ou fui fazer me sentindo despreparada. Mas eu saí de cada um dos meus na semana passada com o estômago enjoado. Eu não sei se é só o nervosismo da pressão adicional. Eu sei que eu passei tempo demais pensando em coisas não escolares, como quais são os meus sentimentos por Ashton e o que Connor faria se soubesse o que aconteceu. Será que ele me rejeitaria? Provavelmente. Eu considero contar para que ele terminasse comigo, porque eu sou muito fraca para terminar com ele. Mas isso poderia causar problemas entre Connor e Ashton, e eu não quero fazer isso. Eles estão vivendo juntos, afinal de contas, e eu sou a garota no meio.

E então eu vou me concentrar na minha irritação com Ashton por ter colocado uma de suas mãos com maestria qualificada em mim. Eu deixo essa irritação se transformar em raiva total. Em seguida, o cinto de couro, as cicatrizes, as tatuagens, e o que quer

que ele esteja escondendo, e tudo se mistura em uma confusão de preocupação dentro da minha cabeça e coração, encharcando a minha raiva, me deixando com pena dele. Desesperada para vê-lo de novo.

E então eu fico com raiva de mim mesma por querer vê-lo, por deixá-lo fazer o que ele fez, por ser muito egoísta e com medo de terminar as coisas com Connor. Por ficar perdida em tons de certo e errado, em vez de me ater ao preto e branco que eu posso colocar sentido.

Há uma longa pausa, e então Kacey pergunta, — Você acha?

— Sim. Porquê?

— Eu não sei. Você apenas nunca... *achou* antes. — Outra longa pausa. — O que está acontecendo, Livie?

— Nada. Eu estou cansada. Eu não tenho dormido muito ultimamente. — É que quando estou deitada na cama eu pareço pensar mais sobre Ashton. Me preocupando com ele. Desejando ele. Eu tenho me deitado na cama muito.

— Você falou com Dr. Stayner recentemente?

Com um suspiro, eu admito — Não. — Porque eu vou ter que mentir para ele e eu não quero fazer isso. Evitar é a chave. *Reagan está tramando algo.* Verificando o relógio, eu murmuro — Eu tenho aula em vinte minutos. — Minha aula de literatura inglesa. Não me apetece ir. Eu fiz apenas um quarto da leitura, por isso vou estar perdida de qualquer maneira. Eu olho para a minha cama. Um cochilo seria incrível agora...

— Bem... sentimos sua falta, Livie.

Eu sorrio tristemente, pensando na barriga crescendo de Storm e os experimentos científicos de Mia, e as noites com a minha irmã no

terraço com vista para o oceano, e uma dor oca enche meu peito. Tão bonito como o campus de Princeton é, só que não se compara. — Eu sinto falta de vocês também.

— Amo você, mana.

Eu estou engatinhando para a minha cama de cima para esse cochilo quando meu telefone toca com uma mensagem:

Você está no seu quarto? É Ash.

A emoção corre através de mim quando eu digito:

Sim.

A resposta vem de imediato:

Eu vou levá-la para a aula. Vejo você em alguns minutos...

O quê? Ele está vindo para cá? Agora? Meus olhos voam como dardos em torno do nosso quarto, a pilha de roupa suja de Reagan, os meus moletons, a minha tez pálida e o ninho de rato de cabelo preto refletindo de volta para mim no espelho. Lutando, eu visto um par de jeans e uma camisa que Storm me comprou, mas eu nunca usei. É azul-claro para combinar com os meus olhos, justa e cortada em um baixo decote em V. Porque de repente, eu sinto a necessidade de seduzir Ashton. Depois começo a trabalhar no meu cabelo, tentando puxar uma escova através dele. Sério, eu acho que ratos realmente fizeram um ninho nele.

Uma batida forte na minha porta faz meu coração pular. Espreitando o meu reflexo no espelho uma última vez, eu rapidamente passo um brilho labial simples de Reagan para adicionar

um pouco de cor ao meu rosto. Então, com uma respiração profunda, eu destravo e abro a porta.

Ashton está de pé de costas para mim enquanto ele examina a entrada. Quando ele se vira para mim, meu estômago vira do jeito que fez na primeira vez que eu vi suas intoxicantes características morenas. Só que o sentimento é muito mais intenso agora, porque está associado a uma atração magnética, estendida tanto ao meu corpo como ao meu coração.

— Eu pensei em levá-la para a aula por causa desse pé manco — ele murmura com um sorriso irônico, seu olhar descendo e subindo em meu corpo, sem vergonha.

— Obrigada — murmuro com um sorriso tímido, voltando para pegar meus livros e o casaco na minha mesa. Verdade seja dita, o meu pé está quase perfeito. Mas eu estou disposta a não dizer a verdade, se isso significa uma caminhada de dez minutos com Ashton.

Nossa conversa é normal, segura. Ele faz algumas perguntas sobre os meus exames; ele responde um pouco sobre os seus. Ele me pergunta sobre os gêmeos. Quando eu vejo a porta da sala de aula à frente, meu coração afunda. Eu não quero dez minutos com Ashton. Eu quero dez horas. Dez dias. Mais.

Mas Ashton não vai embora. Ele me acompanha para a sala de aula, pelas escadas, direto para a linha de frente, e senta-se ao meu lado. Eu não o questiono. Eu não digo uma palavra. Eu apenas observo enquanto ele estica as pernas longas, mais uma vez invadindo o meu espaço. Meu corpo se vira para ele desta vez, recebendo-o. Querendo ele.

— Então, como estão indo as minhas qualidades redentoras ? — ele murmura, enquanto o professor caminha para o pódio com suas anotações.

Penso que resposta eu quero dar. Eu finalmente digo — Eu vou deixar você saber quando eu encontrar uma.

O professor bate no pódio três vezes, sinalizando o início da aula. Ashton não se importa, é claro. Seus lábios escovam meu ouvido quando ele se inclina para sussurrar, — Você quer que eu apenas diga a você?

Eu empurro seu rosto com a palma da mão, fingindo irritação, o início da queimadura em minhas coxas fazendo-me desconfortável o suficiente para me contorcer em meu assento. A risada baixa de Ashton me diz que ele percebeu e ele tem uma boa ideia do que sua proximidade está fazendo comigo.

Toda a palestra de hoje é sobre Thomas Hardy e eu não posso me concentrar em uma única palavra com a colônia de Ashton rodando no meu nariz, com seu joelho batendo no meu, com seus dedos hábeis dedilhando contra a mesa. Às vezes eu o pego fazendo anotações em seu livro. Notas sobre o quê? Ele nem mesmo está nesta classe.

Em um ponto o professor se afasta de nós para tomar um gole de água. Ashton rasga uma folha fora de seu livro e desliza-a na minha frente sem dizer uma palavra. Franzindo a testa, eu olho para ela.

Eu deveria saber melhor. Eu deveria ter esperado até depois da aula.

1. Eu sou brilhante

2. Eu sou charmoso

3. Eu sou musculoso como um puro-sangue

4. Parei de ser mulherengo

5. Eu sou altamente qualificado, como você aprendeu na outra noite.

P.S. Pare de olhar para as minhas mãos. Eu sei o que você quer que eu faça com elas.

* * *

O professor continua seu discurso a menos de cinco metros de distância de mim quando o sangue corre para a minha cabeça, para a minha barriga, para as minhas coxas. O que ele está fazendo? Porque ele iria escrever *isso* e passá-lo para mim no meio de uma palestra? A última coisa que eu quero estar pensando enquanto o professor fala sobre o estúpido Thomas Hardy é em Ashton e suas mãos e a outra noite no carro...

Uma mão aperta meu joelho, fazendo-me saltar no meu lugar. Meu cotovelo voa instintivamente para fora e golpeia Ashton nas costelas. É o suficiente para atrair a atenção do professor. — Existe algo que gostariam de compartilhar com a classe? — ele pergunta calmamente, olhando para nós por cima dos óculos.

Eu dou um aceno quase imperceptível com a cabeça enquanto setenta e poucos estudantes se inclinam para frente em seus lugares, seus olhos entediados na parte de trás da minha cabeça.

O que provavelmente teria funcionado. O professor poderia ter deixado ir. Mas então eu tenho que ir e cobrir a nota deitada em cima

do meu livro, como se estivesse tentando abafar as indiscrições que gritavam dela.

Eu vejo os olhos do professor caírem nela.

Meu estômago bate no chão da sala de aula.

— Notas sendo repassadas na fila da frente da minha palestra. Posso? — Uma mão encharcada se estende em minha direção e da prova do meu comportamento escandaloso com o cara sentado ao meu lado.

Eu fico olhando com os olhos arregalados e congelados para aquela mão enquanto o meu cérebro freneticamente corre através das minhas opções. Não são muitas. Eu não posso correr para fora da classe por causa do meu pé, então eu fico com: ou empurrar a nota na minha boca ou esfaquear a mão especialista de Ashton com a minha caneta para causar uma distração. As duas coisas vão me fazer ser expulsa dessa aula; uma vai incluir um casaco especial e uma noite de bônus com Dr. Stayner.

Então, com um olhar afiado na direção de Ashton, eu entrego ao professor a nota e peço a Deus que ele não comece a ler em voz alta, porque então a minha diversão tática ainda pode precisar entrar em jogo. — Vamos ver o que temos aqui... — A sala começa a balançar e desfocar, meus ouvidos enchem com o som de sangue correndo. Eu não duvido que a sala está zumbindo de sussurros excitados, todos esperando como espectadores em um enforcamento, mas eu não consigo ouvir nada. E não me atrevo a olhar para Ashton, porque se ele tem um sorriso no rosto, eu vou socá-lo direto nele.

— Sr. Henley, eu sugiro que você leve as suas tentativas de conquista para fora da minha sala de aula — o professor diz finalmente, lançando a Ashton um olhar mordaz enquanto amassa a

nota em uma pequena bola e joga-a no lixo. Ar deixa meus pulmões em um ímpeto. *É claro que ele conhece Ashton. Todo mundo conhece Ashton...*

Ashton limpa a garganta enquanto um murmúrio baixo cresce atrás de nós. — Sim, senhor. — Eu não posso dizer se ele está envergonhado ou não. Recuso-me a olhar para ele.

Quando o professor caminha de volta ao pódio, um coro de decepção enche a sala enquanto os estudantes percebem que não vão testemunhar uma execução aqui hoje. Mas antes que de continuar com a palestra, ele acrescenta, — E se eu fosse essa moça, eu iria debater seriamente o número um.

* * *

— Você percebe o quão perto você esteve de ter essa caneta atravessada na sua mão? — eu seguro-a para dar efeito à medida que caminhamos para fora do prédio.

— Eu estava entediado. Estudar Hardy foi uma droga da primeira vez, também.

— Bem, você não tinha que me humilhar no meio de uma sala de aula, tinha?

— Você preferia que eu não viesse? Verdade... ordens do médico.

Cerro os dentes. Apesar de tudo, eu murmuro com um sorriso, — Não.

— Não, o quê?

— Não, eu estou feliz que você veio.

— Eu vim... ainda.

Eu bato meu livro em seu braço, corando furiosamente. — Você é impossível.

— E você é incrível. — Pela forma como sua respiração trava e seus olhos escuros piscam, eu não acho que Ashton quis dizer isso em voz alta.

Eu tenho que lutar contra a vontade de cair em seu peito. Eu não luto contra as palavras, apesar de tudo. — Eu senti sua falta.

— Eu também senti sua falta. — Há uma longa pausa. — Irlandesa... — Seus pés desaceleram até parar e ele vira um de seus intensos olhares escuros de Ashton para mim. Meu estômago aperta instantaneamente, tanto ansioso e apavorado com o que pode sair de sua boca. — Você vai responder a isso?

— A quê?

— Seu telefone. — Sua mão toca no bolso do meu jeans onde meu telefone está enfiado. — Está tocando.

Assim que ele diz isso, meus ouvidos pegam o toque único de Connor. — Uh, sim. — Eu deslizo-o para fora e olho para a tela para ver o radiante sorriso de Connor e olhos verdes. Aperto o botão de resposta. — Ei, Connor.

— Ei, baby. Eu estou correndo para a aula, mas queria checar de novo - você está vindo para a próxima corrida Sábado, certo?

— Sim, eu vou estar lá pela manhã. Eu tenho o meu turno de voluntariado na parte da tarde.

Eu ouço o alívio em sua voz. — Ótimo. Meus pais mal podem esperar para conhecê-la.

Meu estômago dá uma cambalhota. — O quê? Você disse a eles sobre mim? — — *Devagar e com calma— significa — conhecer os pais— ?*

— Claro. Eu tenho que ir. Falo com você depois. — Eu ouço o clique do telefone, me deixando olhar para Ashton enquanto ele chuta distraidamente as folhas caídas para fora do caminho.

Quando ele olha para mim, ele franze a testa. — O quê?

Eu olho para o meu telefone e de volta para ele. Ouço a hesitação na minha voz quando digo, — Connor quer que eu conheça seus pais. — Eu sei por que estou dizendo a Ashton. Eu quero saber o que *ele* pensa sobre isso.

Ele dá de ombros, distraindo-se com uma menina loira passando. — Ei! — Eu atiro, franzindo o cenho. — Eu estou bem *aqui*!

Inclinando a cabeça, Ashton suspira. — O que você quer que eu diga, Irlandesa? — Olhando para mim com aquele sorriso resignado e a fina dor que ele esconde da maioria, ele diz — Conheça os pais dele. Isso provavelmente faz sentido. — Ele faz uma pausa, seus lábios franzidos com força. — Você e Connor estão juntos. — Eu ouço as palavras não ditas como se ele estivesse gritando elas. *Você e eu não estamos.*

— E se eu não estivesse com ele? Isso importaria para você? — É a mesma frase que ele jogou em mim algumas vezes. Agora é a minha vez.

As mãos de Ashton se erguem para embalar a parte de trás do seu pescoço. Ele fecha os olhos e inclina a cabeça para o frio céu azul de outono. E eu espero, em silêncio, observando ele, meus olhos memorizando as curvas da sua garganta e do seu pescoço, lutando contra o desejo de estender a mão e tocar seu peito, para compartilhar esse momento íntimo com ele novamente.

Ele deixa cair seus braços e seu olhar para mim, sua mandíbula visivelmente tensa. — Eu não posso dar o que você quer,

Irlandesa. — Com outro suspiro, ele diz, — Você acha que pode fazer o resto do caminho de volta sozinha?

Mordendo meu lábio inferior enquanto caroços espinhosos se formam em minha garganta, eu abaixo meu olhar para meus livros. — Claro. Obrigada, Ashton.

Sua boca se abre para dizer algo, mas depois para. Eu vejo o aceno imperceptível de sua cabeça, como se ele estivesse alertando a si mesmo. — Vejo você por aí. — Ele se vira e vai embora.

Capítulo 16

Medíocre

C menos.

Eu pisco várias vezes, segurando mais perto para ter certeza que eu não estou tendo alucinações.

Eu não estou. Ele ainda está lá, no topo do meu exame semestral de química, em toda a sua glória de vermelho feio.

Minha primeira nota de exame semestral da faculdade e é quase um D. Eu sempre tirei A.

Sempre.

Eu engulo uma, duas, três vezes enquanto a náusea enche meu corpo e sangue corre para os meus ouvidos, meu coração bate fora de compasso. Talvez eu não sirva para Princeton. Eu sei que não estudei tanto quanto deveria, com toda a distração. Meu pai estava certo. Meninos estragam os cérebros de garotas inteligentes. Ou isso ou eu

matei todas as minhas células cerebrais inteligentes bebendo. Tudo o que resta são as idiotas que gostam de rir e sentir-se bem - okay, mal - em carros.

Corro para a porta, passando pelos outros alunos que saem, minhas pernas se movendo tão rápido quanto possível sem chegar a correr. Saindo para a garoa fria, eu me forço a desacelerar enquanto uma dor desponta no meu tornozelo. Vou torcer ele novamente se eu não tomar cuidado.

Sem falta, meu telefone toca. Connor sempre me telefona depois desta aula, porque ele está saindo da dele. Eu não quero responder, mas eu faço-o de qualquer maneira.

— Ei, babe. O que há de errado?

— Eu falhei no meu teste de química! — Eu luto para conter as lágrimas nos meus olhos. Eu não quero berrar aqui, no meio de todos.

— Sério? Você falhou? — Não há qualquer dúvida do choque em seu tom.

— Bem... quase! — Eu engasgo, minha respiração irregular.

— Ok. Devagar, Livie — Connor diz em voz composta. — Diga-me o que aconteceu.

Tomo algumas respirações profundas e calmantes antes de eu sussurrar: — Eu tirei um C menos.

Connor solta um grande suspiro. — Você me assustou, Livie! Não se preocupe! Eu tive algumas notas medíocres no meu primeiro ano. Não é nada.

Eu cerro meus dentes. *Não é nada!* Eu quero gritar. É a minha primeira nota ruim. De sempre. E é uma das minhas melhores aulas!

Pelo aperto no meu peito, eu estou começando a suspeitar que estou tendo um ataque cardíaco leve com dezoito anos.

— Você vai fazer melhor da próxima vez, Livie. Você é inteligente.

Sugando meu lábio inferior, eu aceno para o telefone. — Sim, ok.

— Sente-se melhor?

Não. — Claro. Obrigada, Connor.

— Ok, bom. — O telefone abafa e ouço Connor gritando para alguém em sua extremidade. — Precisa de uma carona? Sim... — Voltando para mim, ele diz: — Eu tenho que ir. Temos um treino extra hoje. Treinador ameaçou quem se atrasar com uma corrida de dez quilômetros na chuva.

— Ok.

— Falo com você mais tarde, Liv. — O telefone clica.

Eu não me sinto melhor. Nem um pouco. Na verdade, de alguma forma me sinto pior.

Eu volto para o meu quarto no dormitório com a cabeça para baixo, lutando contra as lágrimas enquanto o nó na garganta cresce. Connor tem essa confiança automática em mim - como todo mundo tem. Será que ele não entende que esse quase-D é um grande negócio para mim? E se eu *não puder* fazer melhor? E se isso for o início do fim?

No momento em que eu chego ao meu quarto, não me importo com quem vê meu rosto choroso. Eu sei que poderia ligar ao Dr. Stayner, mas ele vai tornar isso sobre meus pais e eu não quero ouvir suas teorias de piloto automático hoje. Eu deveria ligar para Kacey,

mas... Eu não posso. Depois de tudo que ela fez para me ajudar a chegar aqui, eu não quero desapontá-la.

Então eu confio na única coisa que eu posso agora – o pote gelado de sorvete Ben & Jerry de chocolate terapêutico de Reagan no congelador da nossa mini geladeira. Minha festa de pena fica completa quando eu me troco e coloco meu pijama, puxo meu cabelo para trás e rastejo sob minhas cobertas para encarar o papel miserável deitado no chão. Eu considero por fogo nele, mas ouvi dizer que os alarmes de fumaça são supersensíveis.

Há mais dois potes esperando por mim quando este acabar. Eu decidi que vou comer até morrer. Estou no meio do primeiro pote em cinco minutos - Reagan vai me matar - quando alguém bate na minha porta.

Eu ignoro. Alguém que eu poderia querer falar está praticando remo. Eu quase grito — Vá embora!, — mas depois a pessoa vai saber que eu estou aqui. Então fico quieta lambendo a colher na minha mão. A batida não para, no entanto. Ele continua indo e indo e indo até que eu tenho certeza que o Dr. Stayner está lá fora, cumprindo sua inicial promessa comprometedora.

Com um gemido, eu rolo para fora da cama e cambaleio, colher na boca e pote na mão, para jogar a porta aberta.

É Ashton.

Minha boca se abre e minha colher voa para fora. Ele tem reflexos rápidos, porém, e consegue pegá-la antes de atingir o chão.

— O que você está fazendo aqui? — Eu noto suas calças de pista e camisa. Ele deveria estar no treino.

Pisando em volta de mim e para dentro do meu quarto, ele murmura com um olhar significativo para o pote na minha mão — Impedindo você de conseguir seus quinze minutos de piedade.

Eu fecho a porta atrás de mim. — Você não tem treino?

— Sim. O que você está fazendo?

Arrastando meus pés de volta para minha cama, eu murmuro — Estou comendo sorvete de pijama na cama. No escuro. Obviamente.

Ashton caminha para ligar uma pequena lâmpada de mesa, lançando um brilho aconchegante suave para o quarto. — Connor disse que você estava pirando por causa do seu exame semestral?

Suas palavras me trazem de volta à realidade e meu lábio inferior começa a tremer. Eu não posso começar a contar. Então, eu simplesmente aponto para a coisa no chão e deixo a letra horrível falar por si.

Ele se abaixa para pegá-lo e minha respiração engata, olhando descaradamente para sua bunda. Eu não me importo se ele me pegar fazendo isso. Eu posso também acrescentar — tarada— abaixo de — fracassada— na lista de coisas que me definem.

— Merda, eu pensei que você era uma super gênia, Irlandesa.

Acontece. As lágrimas começam escorrer pelo meu rosto de verdade e eu não posso controlá-las.

— Oh, Deus. Livie, eu estou brincando! Caramba! — Enfiando o papel debaixo do braço, duas mãos grandes levantam até pegarem meu queixo, os dois polegares trabalhando para escovar delicadamente as lágrimas. — Você realmente chora muito.

— Você deveria ir — eu choro, sabendo que eu estou prestes a quebrar em um modo de choro feio e eu prefiro ser enterrada viva a deixar Ashton ver isso.

— Whoa! — Dois apertos se estabelecem nos meus ombros. — Espera ai. Eu não faltei no treino só para você me chutar para fora. Vem aqui. — Ele arranca o pote de sorvete da minha mão e coloca-o sobre a cômoda. Com as mãos na minha cintura, ele me levanta até o meu beliche superior. — Fique confortável —ele diz enquanto pega no pote e sobe a escada.

— Eu não acho que isso vai aguentar nós dois — murmuro entre lágrimas quando ele rasteja para perto de mim, forçando-me mais perto da parede.

— Você ficaria surpresa com o que estes beliches aguentam — O sorriso secreto me diz que eu não quero os detalhes. Então, eu fico quieta enquanto ele puxa as cobertas sobre nós dois, ajusta todos os travesseiros para que eles estejam debaixo dele, e depois força o seu braço debaixo da minha cabeça para que eu fique dobrada ao seu lado, com a cabeça descansando em seu peito.

Ele não diz uma palavra. Ele simplesmente deita lá em silêncio, seus dedos desenhando círculos preguiçosos ao longo de minhas costas enquanto ele me dá uma chance para me acalmar. Eu fecho meus olhos e ouço o ritmo do seu coração, lento e constante e terapêutico.

— Eu nunca tive um C menos antes. Eu nunca tive nada, senão um A.

— Nunca?

— Nunca. Nem um.

— Sua irmã estava certa. Você é muito fodidamente perfeita. — Eu fico tensa com as palavras. — Eu estou brincando, Irlandesa. — Ele suspira. — Eu sei que você não acredita em mim, mas você não tem que ser perfeita. Ninguém é perfeito.

— Eu não estou, estou tentando ser... memorável — eu me ouço murmurar.

— O quê?

Eu suspiro. — Nada. Apenas... — *Algo que meu pai costumava dizer.* — E se isso não parar por aqui? E se eu tirar nota ruim após nota ruim? E se eu não puder entrar na faculdade de medicina? O que vou fazer, então? Quem eu serei? — Eu estou começando a ficar frenética novamente.

— Você ainda vai ser você. E confie em mim, você sempre será memorável. Relaxe.

— Eu não posso! — Eu refugio o meu rosto contra seu peito. — Alguma vez você já falhou em alguma coisa?

— Não, mas isso é porque eu sou brilhante, lembra? — Seu braço aperta em torno de mim para me dizer que ele está brincando. — Eu tive alguns Cs. Um D. As curvas de Bell podem ser fodidas. — Ele retira uma colher do sorvete derretido e desliza em sua boca. — Você já teve quaisquer outros testes de volta?

Eu balanço minha cabeça contra seu peito em resposta.

— Como você está se sentindo em relação a eles?

— Antes de hoje, eu estava um pouco preocupada. Agora? — Minha mão encontra o seu caminho até se envolver em torno de seu ombro, querendo estar mais perto dele, para absorver esta sensação de segurança que ele está me oferecendo, mesmo que apenas

temporariamente. — Terrível. Horrível. Se eu falhei na minha melhor aula, então eu definitivamente falhei em Inglês.

— Bem... — Outra colherada entra em sua boca. — Você fez algo diferente ao se preparar para esses do que fez no passado? Você estudou?

— É claro que eu estudei — eu replico.

— Calma. — O ouço engolir com força. — Você esteve... distraída?

Eu fecho meus olhos e sussurro, — Sim.

Há uma longa pausa antes de ele perguntar — Pelo quê?

Você. Eu não posso dizer isso. Não é culpa de Ashton que meus hormônios e meu coração estão causando estragos no meu cérebro. — Um monte de coisas. — Minha mão distraidamente se desloca até seu peito para se estabelecer onde a tatuagem está. Onde a cicatriz está.

Os músculos de Ashton contra minha bochecha ficam automaticamente tensos. — Eu disse a você, eu queria que você esquecesse isso. — Por um longo tempo eu não ouço nada, apenas seu batimento cardíaco enquanto meus dedos primeiro desenham, em seguida, esfregam esse ponto em seu peito, memorizando o cume. É o suficiente para me acalmar em um quase sono.

— O pai de Dana é um cliente importante do meu pai e mantê-la feliz mantém seu pai feliz. — Minha mão hesita por um segundo ao som do nome dela, enquanto a culpa bate no meu intestino. Mas eu forço-a de volta enquanto regulo a minha respiração. — Se o pai dela está feliz, então isso faz *ele* feliz. E se ele está feliz... — Ele diz isso como se fizesse todo o sentido. Tudo o que me diz é que este homem -

seu pai - abusou dele quando era criança e ainda tem controle sobre ele enquanto um homem adulto.

Mantendo minha mão movendo-se lentamente, eu sussurro, — Então, você ainda está com ela... Mas não por escolha.

— Tanto quanto um relacionamento arranjado, ela é perfeita. Ela é doce e bonita. E ela mora longe. — Ele é insensível a isso. Eu ouvi. Ele é condescendente e dormente.

— Ela sabe sobre esse arranjo?

Uma pequena bufada irônica escapa. — Ela acha que vamos casar. E se... — Ele fecha a boca. Mas eu acho que sei onde essa linha de pensamento iria. Se seu pai quisesse que Ashton se case com ela... Um tremor vai da base do meu pescoço pelas minhas costas, em torno de minhas costelas, para minha garganta, me envolvendo com medo gelado. Deus, o que ele está segurando sobre a cabeça de Ashton?

Meu corpo instintivamente enrola no dele, se pressionando contra ele. Eu rolo minha cabeça apenas o suficiente para colocar um beijo solidário contra seu peito. Ou é mais um beijo aliviado? Aliviado que eu não estou destruindo um lar feliz, porque é tudo uma farsa?

— Você não consegue ficar longe dele?

— Eventualmente. Poderia levar meses, anos. Eu não sei até que eu saiba. Eu estava gerenciando bem, apesar de tudo. — Ele faz uma pausa. — E então a garota mais bonita do planeta me deu um soco na mandíbula.

Uma pequena meia-risada me escapa. — Você mereceu isso, Ladrão de Gelatina.

O som de sua risada vibra pelo meu corpo. — Eu nunca tive uma menina tremendo assim por mim antes estando completamente vestida, Irlandesa.

— Cale a boca e me dê esse sorvete. — Eu levanto o meu corpo para cima e tento alcançar a colher, mas seu braço longo faz com que seja impossível de alcançar.

— Eu acho que você já fez bastante dano a si mesma por uma noite.

— Eu vou ser a juíza disso. Porque você está aqui e não no treino de novo?

— Porque eu sabia que haveria aqui uma garota quente com um excelente beliche e sorvete de chocolate espalhado por todo o seu rosto.

Eu congelo. Meus olhos caem para minha camisa. Meu pijama de algodão branco puído não faz nada para esconder o fato de que eu não estou usando um sutiã. E o meu rosto? Baseado no lado da camisa de Ashton, eu diria que ele está dizendo a verdade. — Está muito ruim?

— Você sabe como palhaços têm o batom do lado de fora de seus lábios...

Ohmeudeus! Eu golpeio minha mão em seu peito enquanto me movo para levantar.

Suas mãos em volta dos meus bíceps me param. — Onde você pensa que vai?

— Lavar minha cara!

Em uma fração de segundo, Ashton me tem deitada de costas novamente sem nenhum esforço, meus pulsos presos sob suas mãos e seu peso. — Deixe-me ajudá-la com isso. — Ele se inclina para

baixo e deixa a ponta de sua língua correr preguiçosa ao redor do lado de fora da minha boca, começando no topo, indo da esquerda para a direita e, em seguida, na parte inferior, da esquerda para a direita, cuidadosamente lambendo o sorvete enquanto passa.

Se é que existe algo como uma puta virgem, creio que me encaixo na descrição.

Como é que fui me meter nisso de novo? Eu fecho meus olhos, o desejo avassalador de rir e gritar no topo dos meus pulmões. Eu acordei esta manhã, como eu tenho acordado todas as outras manhãs desde que eu vi Ashton pela última vez, dizendo a mim mesma para deixar para lá, para parar de pensar nele e permanecer no curso que eu defini. O curso devagar e com calma de Connor.

Como, então, posso acabar na minha cama, lutando para não ofegar enquanto Ashton lambe sorvete de chocolate da minha cara, enquanto eu tento meus próprios Truques Mentais Jedi para conseguir uma repetição da nossa noite no carro? Eu não disse uma palavra para detê-lo e eu poderia. Eu poderia dizer-lhe para parar. Eu poderia chamá-lo de mulherengo. Eu poderia dizer-lhe que ele está *me* fazendo sentir como uma prostituta.

Mas eu não faço nada disso, porque eu não quero que ele pare.

Deixo escapar um pequeno gemido quando ele puxa um pouco para trás. — Está quase melhor — ele murmura, sua respiração superficial. Ele se move para os meus lábios, passando a língua ao longo do meu lábio superior, da esquerda para a direita, seguido pelo meu lábio inferior, da esquerda para a direita. Eu não posso impedir a minha boca de se abrir para ele. Eu não posso parar a minha língua de deslizar automaticamente, tentando alcançá-lo.

É quando ele se afasta e olha para mim com aqueles olhos tristes.

Eu acho que sei a resposta, mas quero ouvi-lo dizer isso, então eu pergunto, — Por que você veio? A verdade.

Ele engole. — Porque eu não consegui saber se você estava triste. Mas... — Eu vejo como seus olhos estreitam e sua cabeça pende para a frente. — Eu não posso jogar este jogo com você, Irlandesa. Eu vou te machucar.

Sua leve barba por fazer roça contra a palma da mão quando eu levanto o seu queixo para que eu possa encontrar seus olhos de novo.

E eu ignoro.

Ignoro suas palavras. Ignoro a culpa no meu estômago e os gritos na minha cabeça. Ignoro a batalha interna que eu posso ver acontecendo dentro dele. Quero esquecer todas as incertezas crescentes na minha vida e fazê-lo esquecer os armários escuros e fitas e cintos e sua prisão de silêncio.

Ignoro tudo isso quando deslizo minha mão ao redor da parte de trás do seu pescoço e puxo-o para me dar um beijo e, em seguida, arrasto a minha língua ao longo da parte inferior de seu lábio. A respiração de Ashton engata e sinto o cabo de músculos sob meus dedos quando ele hesita, sua mão agarrando o travesseiro ao lado da minha cabeça enquanto ele luta contra isso.

Eu não quero que ele lute mais. Estou desesperada para ver esse lado vulnerável dele novamente. Eu preciso me sentir perto dele novamente. Eu quero que ele se sinta bem. Eu quero me sentir bem. Quero apenas deixar ir... tudo.

Isso é o que parece quando estou com Ashton.

Como se eu estivesse deixando ir.

E é por isso que eu dou-lhe um olhar nivelado e peço — Ajude-me a esquecer por um tempo.

Ele para de hesitar.

Ele cai para baixo em minha boca com uma ferocidade sem reservas. Eu igualo-o, beijo ele como se eu precisasse do ar em seus pulmões para sobreviver. Uma parte de mim está com medo. Eu sinto isso lá no fundo. Eu não sei a que é que isto vai levar e eu não sei se estou pronta para isso.

Mas eu não acho que vou parar.

É como se ele pudesse ler minha mente. Ele se liberta e olha para mim para sussurrar — Nós não... Eu não vou tirar nada de você hoje, Irlandesa. Eu nunca vou fazer isso enquanto eu não estiver... livre. — Eu perco o fato de que ele não está usando palavras como — transar— ou — foder— na forma típica de Ashton. Então, novamente, eu não tenho o típico Ashton aqui comigo. Eu tenho o que ele esconde de todos os outros.

Eu fecho os olhos enquanto seus lábios encontram minha garganta e eu fico maravilhada com a forma como eles são macios e fortes. No momento em que chegam a minha clavícula, meu peito está pesado. Ashton puxa minha camisa para cima e sobre minha cabeça com facilidade. Jogando-a no chão, ele levanta-se o suficiente para que ele possa olhar para o meu peito nu, fazendo todos os nervos dentro do meu peito formigar. — Na manhã que eu acordei aqui... — Seus olhos piscam para me pegar observando ele antes de descer novamente. — Eu estava pronto para cair de joelhos e implorar-lhe para descobrir eles.— Um assobio me escapa enquanto ele coloca as mãos em concha e acaricia, primeiro um e depois o outro peito, como

se estivesse memorizando sua forma e tamanho e sensação. Seu polegar roça um mamilo endurecido e um arrepio me percorre. Com um pequeno gemido, eu suspiro enquanto a boca de Ashton se fecha sobre ele, sua língua movendo-se com habilidade. Eu não posso evitar envolver meus braços em volta de sua cabeça e puxá-lo para mais perto, gritando quando seus dentes enviam uma emoção afiada direto para o meu âmago.

Tenho notado que quando eu faço sons como esse parece que, mesmo involuntariamente, Ashton reage. Desta vez, ele se liberta o suficiente para arrancar a sua própria camisa sobre a cabeça. No segundo em que ela está fora, sua mão está mergulhando abaixo de mim para agarrar a parte de trás das minhas calças de pijama. Ele puxa-as para baixo e para fora dos meus quadris sem demora, calcinhas e tudo. Em questão de segundos, eu estou completamente nua e sua boca está de volta ao redor do meu mamilo.

Eu envolvo meus braços ao redor de sua cabeça e descanso minha cabeça no travesseiro, deleitando-me com a sensação de sua pele escaldante contra a minha e sua ereção cavando em minha coxa. Eu tenho o desejo de estender a mão e envolver minha mão em torno dela, mas isso implicaria me mexer e eu estou muito confortável agora. Então eu fico parada enquanto tento imaginar como seria ter Ashton dentro de mim. Apenas o pensamento faz as minhas coxas relaxarem e ficarem tensas ao mesmo tempo e a umidade começando a me encharcar.

E é assim que a mão de Ashton me descobre quando desliza para baixo. — Puta merda, Irlandesa... — Eu ouço-o murmurar, e eu aperto minha mão em sua cabeça contra mim enquanto minha

cabeça descansa para trás e eu lamento em silêncio, agradeço ao meu professor pela minha nota péssima em química.

— Isso não vai funcionar... — Ashton rola abruptamente para fora da cama.

Pânico borbulha. Eu acho que fiz algo errado. Ele vai me deixar *assim*?

— Sente-se, Irlandesa.

Eu obedeço, e ele deixa escapar um gemido quando vira o meu corpo e puxa minhas pernas para o lado da cama, parando para deixar os seus olhos se arrastar pelo meu corpo. — Se incline em seus cotovelos.

Deixo escapar um pequeno suspiro, mas eu faço como pedido. Acho que sei o que ele está fazendo. Ashton dá um passo em frente, mantendo os olhos presos nos meus, enquanto suas mãos se estabelecem no topo das minhas coxas. — A coisa sobre estas malditas camas... — Eu sinto a força contra os meus músculos da coxa quando as mãos de Ashton começam a abrir minhas pernas. Prendo a respiração, repentinamente petrificada.

Eu sei o que ele está fazendo e eu estou enlouquecendo.

Mas os olhos de Ashton ainda estão presos nos meus, então eu não resisto. —...é que eles não são boas.... — Com um puxão rápido, ele tem meus quadris na beirada da cama. Seus dedos patinam ao longo do comprimento das minhas pernas enquanto ele as envolve sobre os ombros. Ele quebra o contato visual comigo pela primeira vez para começar a colocar beijos ao longo de minha coxa, vagarosamente indo em direção ao interior, sua respiração enviando arrepios de antecipação por mim. —...para coisas como esta.

Eu suspiro quando a língua dele me toca. No começo eu estou além de desconfortável, exposta dessa forma. Quero dizer, ter o rosto de Ashton tão intimamente *ali* é, bem, desesperador. Mas isso é... incrível. E com sua língua experiente e seus dedos hábeis trabalhando em conjunto, eu logo começo a sentir aquela construção familiar, aquela em que eu me apago do mundo. Eu deixo minha cabeça mergulhar para trás e os meus olhos se fecham e um suspiro trêmulo escapa dos meus lábios enquanto tento memorizar o quão incrível isto é. Isso deve ser um sinal para Ashton, porque a sua boca se torna mais febril e animada e suas mãos apertam as minhas coxas, puxando-me para mais perto dele.

Quando a onda está prestes a me bater de novo, eu não posso deixar de levantar a minha cabeça e olhar para ele. Seus olhos estão presos nos meus, com essa estranha sensação de paz por trás deles.

E isso me faz gritar seu nome.

Eu sou uma boneca mole quando Ashton move meu corpo de volta para a cama. Ele me enfia debaixo das cobertas e, em seguida, levanta os braços para descansar na borda. — Você não quer que eu... ? — Eu mordo meu lábio enquanto um rubor aquece meu rosto.

Com um sorriso secreto, ele afasta o cabelo da minha testa. — Eu estive amarrado nas últimas noites e eu estou atrasado em um trabalho. Eu deveria ir trabalhar nele. — Eu fecho meus olhos e desfruto da sensação de seu polegar acariciando meu rosto, deleitando-me com esta profunda intimidade se formando entre Ashton e eu. Eu divago.

*** * ***

Reagan chega por volta das onze naquela noite. Eu me vesti em algum momento, mas ainda estou deitada na cama, o meu rosto enterrado no travesseiro que cheira a colônia de Ashton, minha tarde com ele repetindo na minha mente. Eu estou me segurando nesse brilho eufórico com duas mãos cerradas, desesperada para manter a culpa e dúvida e confusão de voltar para os meus pulmões como uma sufocante fumaça negra.

— Ei, Reagan. Como está indo?

Ela deita em sua cama. — Eu fui expulsa da biblioteca por ser muito barulhenta.

Eu rio. — Muito barulhenta em quê exatamente? — Trabalho escolar não é um passatempo garantido para Reagan na biblioteca, depois de tudo.

— Estudar sozinha. Vai entender, né? — Eu rio, sabendo exatamente o porquê. Reagan tende a falar em voz alta quando está estudando. Eu acho que é fofo, mas a maioria das pessoas acharia chato. — Se eles soubessem... — Há uma pausa, e então ela casualmente menciona, — Eu vi Connor lá esta noite.

— Ah, é? — Eu tento tornar isso leve e arejado enquanto a *vagabunda virgem culpada* serpenteia apertada em volta do meu peito.

A estrutura da cama range quando Reagan se move debaixo de mim. — Ele perguntou como você estava. Você sabe, por causa de uma nota ruim em um exame semestral.

Eu suspiro. — Eu estou... melhor.

— Bom.

Faço uma pausa para respirar fundo. E então eu apenas deixo escapar. — Eu acho que vou terminar com Connor.

— Ah, é? Talvez você devesse esperar até depois do fim de semana. — Há outro movimento e o som de lençóis sendo puxados, como se Reagan não conseguisse ficar confortável.

Acho estranho ela não perguntar porquê, ela não fique toda chocada com a minha declaração. Por que não? *Estou* chocada. Se eu tivesse escrito em um pedaço de papel tudo o que achava que deveria incluir o homem ideal para mim e, em seguida, feito uma caricatura, eu teria uma página com Connor nela. — Ele quer que eu conheça seus pais. — Como eu posso fazer isso agora? Sua mãe vai saber! As mães têm radar para essas coisas. Ela vai me desmascarar publicamente. Será o primeiro apedrejamento na história do remo de Princeton.

— Então, conheça seus pais e depois termine. Você não está prometendo casamento. Caso contrário, você vai tornar as coisas realmente estranhas para Connor e para você mesma no dia da corrida. Já vai ser estranho.

— Porquê?

— Porque Dana vai estar lá.

Esse nome... é como um soco no meu esterno. — E daí se ela está lá. Não há nada acontecendo entre Ashton e eu. — *Mentirosa! Mentirosa! Mentirosa!*

Há uma pausa. — Bem, isso é bom, porque Ashton vai estar morto amanhã de qualquer jeito.

— O quê? — Pânico explode.

— Ele faltou ao treino esta noite. Meu pai rastreou ele. Ele está, provavelmente, ainda correndo em voltas e está frio lá fora.

Eu não tenho certeza de como eu deveria me sentir sobre isso. Culpada, definitivamente, porque ele está sendo punido por estar

comigo. Mas... minhas mãos pressionam planas contra a minha barriga enquanto o meu coração rompe com emoção. Ele sabia que isso iria acontecer e ele fez mesmo assim.

Reagan ainda está falando. — E não se esqueça de que há a festa de Halloween a noite. Você não quer tornar isso super estranho. Não é como se você e Connor estivessem dormindo juntos ainda... certo?

— Certo... Dana vai estar lá?

— Não, eu ouvi Ashton dizendo que ela vai visitar sua família no Queens.

Eu dou um suspiro de alívio.

— De qualquer forma, esse é o meu voto. Espere até a próxima semana antes de terminar com o seu menino bonito.

Eu suspiro. — Sim, eu acho. — O que são mais alguns dias de culpa podre? É uma boa ideia, na verdade. Punir a mim mesma. Eu mereço. Eu rolo para o meu lado, o meu cérebro funcionando até a exaustão. — Boa noite, Reagan.

— Boa noite, Livie.

Há uma pausa. — Ei, Livie? — Reagan limpa a garganta algumas vezes de uma maneira que me diz que ela está lutando para não cair na risada. — Da próxima vez você pode, por favor, pendurar uma meia na porta para me avisar?

*** * ***

— Elas são lindas — eu sussurro. Estou enrolada em uma bola na minha cama com um buquê de íris roxas na minha mão e Connor no meu telefone. *E eu não as mereço. Ou você.*

— Eu me lembro de você dizendo que você amava íris. Elas não estão em temporada no outono, você sabia disso?

Eu sorrio enquanto as lágrimas escorrem por meu rosto. Papai costumava surpreender mamãe com buquês de íris roxas escuras a cada primavera. Só que não era realmente surpresa, porque ele faria isso toda sexta à noite por, tipo, cinco semanas seguidas - enquanto elas estavam na estação. Cada vez, porém, o rosto da minha mãe iria se dividir com um sorriso largo e ela abanaria o rosto com entusiasmo, como se ele estivesse propondo a ela. Kacey e eu costumávamos rolar os olhos e imitar a reação exagerada da mamãe.

Agora, a minha memória de íris roxas será amarrada à minha traição.

— Eu sei que elas não estão. — Isso significa que Connor passou uma quantidade astronômica de dinheiro, seja na importação ou adubo especial. — Elas são para quê?

— Oh... — Connor faz uma pausa, e eu posso imaginá-lo se encostando ao balcão da cozinha. — Só para que você saiba que eu estava pensando em você e para não se preocupar com aquela nota.

Eu engulo. — Obrigada. — *Aquela nota*. Desde aquele teste com um C menos, eu recebi todos os meus outros exames semestrais. Cs. Todos eles, exceto literatura inglesa, que ganhou um B. O professor até fez uma observação que gostava do jeito que eu ataquei o tema complexo. Ele fez soar como se um B fosse uma coisa boa. A minha opinião sobre os dilemas morais enfrentados pelos personagens de *Wuthering Heights* e suas escolhas, aparentemente era fascinante para ele. Talvez seja porque eu não consigo mais ter uma ideia da minha própria moral que eu possa fazer observações interessantes sobre os males dos outros. Eu sinto como se tivesse entrado em

alguma zona de penumbra estranha, onde tudo o que sei foi virado de cabeça para baixo. Eu considerei enviar mensagens de texto para Ashton para que ele saiba que eu precisava que ele me fizesse esquecer um pouco mais, mas eu resisti à vontade.

— Meus pais estão ansiosos para conhecê-la amanhã.

Espremendo meus olhos fechados, eu minto, — Eu também.

Capítulo 17

31 de outubro

Dr. Stayner sugeriu uma vez que todas as pessoas enfrentam um dia em sua vida que define quem elas são, que molda quem elas vão se tornar, que coloca-as em seu caminho. Ele disse que esse dia ou vai guiar ou persegui-las até que elas tomem seu último suspiro. Eu lhe disse que ele estava sendo dramático. Eu lhe disse que não acreditava nisso. Isso faz parecer como se uma pessoa fosse um pedaço de barro maleável até esse ponto - apenas sentada à espera de ser demitido, para solidificar essas curvas e vincos que possuem sua identidade, a sua estabilidade. Ou a sua instabilidade.

Uma teoria altamente implausível. E isso, vindo de um profissional médico.

Talvez ele esteja certo, no entanto.

Olhando para trás agora, eu acho que eu poderia concordar que o meu dia de demissão foi o dia em que meus pais morreram.

E 31 de outubro é o dia que o projeto foi aniquilado.

* * *

— Vou ficar tão bêbada esta noite! — Reagan anuncia com os braços erguidos e a cabeça para trás, sob o sol de manhã cedo. Ela não se importa que nós estejamos em pé em uma linha de chegada lotada de espectadores, esperando os caras saírem de seu barco vencedor. Reagan tinha me avisado que esta corrida era um grande negócio, mas ainda fiquei surpresa ao ouvir que mais de quatrocentos barcos estariam correndo hoje.

— E como isso é diferente de qualquer outro fim de semana? — Eu provoco, puxando meu casaco leve apertado no meu corpo. Três anos nas temperaturas de Miami tinham me estragado para o ar fresco do norte onde eu cresci. O fato de que é meio da manhã e estamos na beira do rio só contribui para o frio.

— O que você quer dizer? É completamente diferente. Nós temos uma semana de folga das aulas e a festa de hoje à noite vai ser épica. — Ela salta para cima e para baixo com entusiasmo, essas covinhas adoráveis sob seus olhos aparecendo, o cabelo loiro-mel abanando em um rabo de cavalo. — *E* eu tenho a melhor fantasia de enfermeira safada. — Só posso sacudir a cabeça para ela. Eu já a vi. *É* bonita e certamente é safada. E altamente irrealista. Grant não vai saber o que o atingiu. — Você está se vestindo como estudante safada, certo?

Aparentemente, o tema para todos os trajes femininos devem acabar com — safada— - ideia de Grant e de Ty. A única coisa lamentável é que eu tenho certeza que vou ser a excêntrica se eu não

cumprir. — Uma estudante, eu posso fazer isso. Não a parte safada. — Reagan viu minha saia plissada - a que eu usava no dia que Ashton me levou ao hospital - e decidiu completar o traje para mim, voltando para casa com ligas, meias até a coxa, e sapatos de salto vermelhos. Eu suspiro. Verdade seja dita, eu não acho que quero ir. Quanto mais cedo este fim de semana acabar, mais cedo eu posso me livrar dessa culpa sufocando o ar dos meus pulmões. Mas Reagan não quer ouvir nada disso.

Ela se vira para me dar os olhos-de-cachorrinho normalmente reservados para Grant. — Não se atreva a me abandonar, Livie. É Dia das Bruxas!

— Eu... Eu não sei. Eu tenho essa coisa e depois meu voluntariado... — Sem falar que eu mal dormi nas últimas quatro noites, a minha mente não quer desligar, o meu estômago é incapaz de parar de rolar. Pavor - isso é o que está me rasgando. Pavor sobre conhecer os pais de Connor, pavor sobre ver Ashton com sua doce e inocente namorada.

Pavor sobre ver o pai de Ashton.

Nem sei se ele vai estar aqui, eu nunca perguntei. Mas só o pensamento me deixa doente. Há poucas coisas que geram violência em mim. Ferir aqueles que eu gosto é uma delas. Ferir uma criança é outra. Ele fez ambos. Talvez se eu atacar o pai de Ashton, eu possa evitar o encontro com os pais de Connor por completo?

— Relaxe! — Diz Reagan, me cutucando com seu corpo. — Diga: — Oi, prazer em conhecê-los, tchau-tchau— . Fim da história.

— E depois o quê, Reagan? Como faço para terminar com ele? Não é como se ele tivesse feito alguma coisa errada que eu possa usar contra ele. — Não como eu. Um gosto amargo enche minha boca. Vou

ter que olhar nos olhos dele e *machucá-lo*. Posso evitar essa parte? Só foram cerca de dois meses. Qual é a etiqueta? Talvez eu pudesse fazê-lo através de e-mail... Kacey seria a pessoa certa para perguntar, mas vendo como eu tenho mantido a minha irmã no escuro até agora, isso vai desencadear uma tarde de perguntas que eu não estou pronta para encarar e coisas que não estou disposta a admitir ter feito.

— Livie! — Viro-me para ver Connor em seu top apertado laranja e branco sem mangas e short preto – o uniforme da equipe - passando pelo meio da multidão com um largo sorriso no rosto. Ele está limpando o suor de seu corpo brilhante em uma toalha.

Eu tomo uma respiração profunda, calmante. *Você pode fazer isso. Basta continuar sendo boa para ele.* Apenas mais alguns dias até eu rasgar seu coração e pisar nele.

— Quer um abraço?

Dou-lhe um sorriso de nariz enrugado e afasto meus ombros dele. Isso não é falso, na verdade. Um Connor suado está longe de ser atraente. Ele ri e dá um beijo na minha testa. — Ok, mais tarde, talvez. O que você achou da corrida?

— Foi incrível. — Eu tinha visto os caras com os punhos velozes enquanto remavam para o primeiro lugar em pé - seus movimentos sincronizados, poderosos, graciosos.

— Foi. — Analisando o mar de cabeças, ele diz, — Eu estarei de volta em breve. Fique aqui. Ok? — Uma ligeira carranca aumenta sua testa. — Você está bem? Você parece um pouco distante ultimamente.

Eu forço imediatamente um sorriso. — Estou bem. Apenas... nervosa. — Eu levanto na ponta dos pés para dar-lhe um beijo leve nos lábios.

Aqueles olhos verdes bonitos piscam com diversão. — Não esteja. Eles vão amar você. Fique aqui. — De muitas maneiras, estou mais preocupada com isso do que sua mãe apontando um dedo acusador para mim enquanto grita “prostituta” na frente de milhares de pessoas.

Eu assisto sua forma magra tecer por entre a multidão.

E então me viro para procurar o meu homem imponente e bonito. Eu o vejo quase imediatamente. Ele é impossível de perder. Seu cabelo está úmido e puxado para trás, caindo em ângulos diferentes em torno de seu rosto. Seus músculos estão apertados pelo esforço recente. Um brilho liso cobre seu corpo, como o de Connor. Eu percebo que eu não hesitaria um segundo para me jogar em Ashton, no entanto.

Ele está andando para fora da água com uma toalha ao redor de seu pescoço enquanto enxuga o suor. Quando sua cabeça levanta, ele pega meu olhar e minha respiração em um instante. Eu não tenho visto ele em alguns dias e meu corpo instintivamente gravita em sua direção.

Dou-lhe um sorriso e digo em silêncio — Parabéns.

Sua cabeça acena uma vez.

E então ele se vira e caminha em direção à loira bonita esperando no lado de fora com um grupo de pessoas. Eu assisto Dana mergulhar para seu lado, com um sorriso largo. Sem hesitar, ele coloca o braço em torno do ombro dela e sorri como se não houvesse mais ninguém no mundo para ele. Como se eu não estivesse aqui, a vinte metros de distância, observando tudo.

Relacionamento real ou não, isso me lembra de que Ashton não é meu. Ele nunca foi meu.

Ele provavelmente nunca vai ser meu.

O ar temporariamente deixa meus pulmões.

Lutando contra a dor, mantendo as lágrimas de deslizar para fora - lágrimas que não tenho o direito chorar - eu engulo e volto minha atenção para os dois casais mais velhos com eles. Um eu rapidamente deduzo como os pais de Dana - ela compartilha muitas características faciais com eles para ser de outra forma. Eu volto minha atenção para o outro casal, para a mulher loira elegante de talvez trinta anos. Ela está olhando para seu telefone, com expressão de tédio, o que sugere que ela foi arrastada para aqui e não pode esperar para ir embora. Ao lado dela está um homem bem vestido mais velho e atraente, com mechas grisalhas correndo através de seu cabelo.

— Aquele é o pai de Ashton — Reagan sussurra para mim enquanto o vejo estender o braço um pouco duro para Ashton. Ashton imediatamente o aceita, baixando a cabeça quando o faz, eu observo. Como sinal de respeito ou submissão, eu não tenho certeza.

Eu estudo o homem, à procura de sinais do diabo escondido dentro dele, da algema que ele apertou no pescoço de seu filho. Eu não vejo nada. Mas eu sei que isso não significa nada, porque eu vi a prova. Eu vi as cicatrizes, o cinto, a renúncia e dor na voz de Ashton nas poucas vezes em que ele as deixou entrar. E o sorriso deste homem não toca seus olhos. Eu noto isso.

Eu olho entre ele e o pai de Dana e me pergunto como essas conversas foram. Será que o pai de Dana sabe que sua filha está sendo usada como garantia sobre a cabeça de Ashton?

A mão de Reagan esfrega minhas costas. — Ele é um idiota, Livie. Um idiota ridiculamente quente, que até eu teria dificuldades

em dizer não se ele me fizesse gritar daquele jeito... — Eu tenho que olhar para longe de Ashton quando minhas bochechas queimam com o lembrete. Através dos trechos de brincadeira, eu rapidamente deduzo que Reagan entrou direito no momento do auge. Ela suspira. — Não há nada que valha a pena por baixo de tudo isso. É apenas quem ele é. Ele gosta do jogo.

Ela está certa? *Eu não posso jogar este jogo com você, Irlandesa.*

Eu caí no jogode Ashton? Tudo no meu coração diz que a resposta é não. Mas minha cabeça... Isto tudo é uma confusão quando não precisa ser. Eu tenho um cara maravilhoso trazendo seus pais para me conhecer, enquanto eu luto contra as lágrimas sobre um cara que me faz perder todo o controle, toda a sensibilidade. Que me *machuca*.

— Gidget!— a chamada alta do Grant para Reagan puxa minha atenção para longe da minha agitação interna por um segundo para vê-lo agarrá-la por trás, cruzando seus braços longos e magros em torno do corpo dela em um abraço feroz.

Ela grita e gira para enlaçar seus braços curtos ao redor do pescoço dele. — Pare com isso! O papai está em algum lugar por aí. — Ela coloca um beijo em sua bochecha.

Como se sugerido, o pai de Reagan aparece por trás — Grant!

Reagan se afasta rapidamente, arregalando os olhos por um segundo. — Merda — ela murmura, indo para longe de Grant antes da estatura de Robert aparecer ao lado dele.

Batendo sua mão no ombro de Grant, ele diz — Boa corrida, filho.

— Obrigado, Treinador. — Grant pisca seu típico sorriso pateta, mas eu noto que ele não pode segurar o olhar de Robert, seu foco rapidamente mudando para a multidão.

Se Robert nota o nervosismo de Grant, ele não deixa transparecer. — Ty está procurando você. — Apontando para a água, ele acrescenta — Lá embaixo. — Longe de sua filha.

Com uma saudação, Grant gira sobre os calcanhares e desaparece no meio da multidão.

— Senhorita... — Robert começa a dizer, a testa puxada em uma carranca enquanto observa sua pequena filha.

Ela joga os braços em torno de sua barriga considerável. — Grande corrida, papai! Estou indo encontrar a mamãe. — Como uma criança pequena no meio de uma multidão, ela desliza facilmente entre duas pessoas e desaparece antes que ele possa proferir uma palavra, deixando-o abanando a cabeça em sua direção. — Eu me pergunto quanto tempo vai demorar antes que ela admita para mim que eles estão juntos.

Minha boca cai aberta, meus olhos, sem dúvida, arregalados de choque. Será que ele está me testando? Será que ele quer ver se eu vou confirmar suas suspeitas?

— Oh, não diga a ela que eu sei. — A cabeça de Robert abana. — Enquanto ela pensar que eu desaprovo Grant, ela vai ficar com ele.

Eu tenho que apertar meus lábios para evitar explodir em gargalhadas. Eu vejo de onde Reagan ganhou suas habilidades no engano.

— Então o que achou das corridas, Livie?

— Emocionante, senhor.

Ele sorri. — Não é? Agora eu preciso trabalhar esses meninos até os ossos durante o inverno para que estejam prontos para a temporada da primavera. — Eu ouço gritos de — Treinador! — da multidão. Ele levanta a mão para reconhecer a pessoa enquanto um suspiro lhe escapa. — Nunca um momento de tédio em dia de corrida... — Voltando-se para mim, o seu sorriso foi substituído por seriedade. — Antes que eu esqueça... — Ele enfia a mão no bolso do casaco para tirar um envelope pequeno, simples. — Eu estava esperando encontrar você aqui.

Franzindo a testa, eu cuidadosamente abro-o e deslizo uma fotografia para fora. É claramente uma foto antiga, pela qualidade. Um jovem casal se inclina contra uma árvore, o braço do cara pendurado no ombro da menina. Ela está descansando a cabeça de cabelos negros contra o peito dele enquanto ambos sorriem para a câmera.

Minha respiração para.

São meus pais.

Eu não posso falar por um momento, enquanto a minha mão livre voa para a minha boca, enquanto olho para os dois rostos que eu lembro e ainda assim tão novos para mim. — Onde é que você... — Minha voz quebra.

— Eu tenho caixas em cima de caixas de fotos antigas da escola no meu sótão. Venho querendo abri-las por anos.

Eu não posso falar.

— Eu pensei que eu poderia ter uma foto antiga de seus pais lá, mas não tinha certeza. Levei uma boa semana procurando.

— Você fez isso? — Eu olho para o pai de Reagan. — Eu quero dizer... — Lágrimas nem sequer ameaçam. Elas só começam a

derramar para fora. — Obrigada. Eu não tenho nenhuma foto deles na faculdade.

Ele abre a boca. Eu pego a hesitação momentânea. — Eu sei, Livie.

Minha carranca dura apenas um segundo antes de eu perceber.

Só uma pessoa sabia disso.

Ashton disse a ele.

— E não fui eu procurando nas caixas. — Sua voz é uniforme, sua sobrancelha se arqueia em um olhar compreensivo.

Eu tomo uma respiração irregular. — Ashton?

Depois de um momento, Robert concorda. — Ele sabia que eram eles imediatamente. É impossível perder a semelhança entre você e sua mãe. — Eu olho para a foto novamente. Poderia ser eu sentada lá. *Ashton fez isso? Ashton passou uma semana procurando através das fotos empoeiradas de alguém, procurando por isso, mesmo não sabendo se existia. Por mim?*

— Eu não sei muito sobre esse garoto, mesmo depois de três anos. Ele não é muito de falar. Mas algo me diz que nada é como ele tenta parecer. — Sua boca se pressiona em uma linha firme. — O que sei é o que eu posso ver. Que ele se importa muito com seus companheiros de equipe, ele empurra-os para a excelência, e ele fará qualquer coisa por eles. Todos eles sabem disso e eles o respeitam por isso. Ele é um líder nato quando está lá fora na água. É por isso que ele é o capitão. Eu acho que ele poderia ser um bom treinador um dia. Se fosse isso que ele quisesse fazer. — Um olhar pensativo aparece sobre os olhos. — É como se ele... soltasse o que o está segurando na terra. De qualquer forma, — Robert diz enquanto seus olhos caem sobre mim de novo, — ele me pediu para não contar a você sobre isso.

Disse-me para inventar algo sobre tropeçar nela. — Ele me dá um sorriso melancólico. — Mas eu pensei que era importante você saber.

Minhas mãos rapidamente enxugam as lágrimas escorrendo pelo meu rosto antes de uma cair e manchar a foto. Eu sussurro. — Obrigado.

Robert pisca. — Agora, se você me der licença, eu preciso encontrar a minha filha rebelde e tirar algumas fotos. — Ele se afasta lentamente, a multidão se abrindo para ele.

O rio, as multidões, tudo ao meu redor desapareceu enquanto olho para foto 4x6 em minhas mãos, enquanto corro meus dedos ao longo das bordas, tocando as pessoas lá dentro. Estou tão perdida na imagem que mal percebo o braço de Connor deslizando em torno da minha cintura.

— Você está bem? — Eu tenho que erguer meus olhos de seus rostos para olhar para cima e ver que aquele sorriso permanente de Connor está vacilando. — Você parece um pouco pálida.

— Sim, estou apenas... — Eu tomo uma respiração profunda, tentando processar a intensidade dessa emoção inundando meu coração. *O que eu estou?*

— São os seus pais? — Ele se inclina para dar uma olhada na foto em minha mão. — Uau, olha para a sua mãe! Onde você conseguiu isso?

Eu limpo a minha voz. — Do pai de Reagan.

— Uau, isso é legal da parte dele.

— Sim, legal — repito. *Não, não é legal, Connor. Maravilhoso, inacreditável, extraordinário. Isso é o que isto é, Connor. A terra tremendo. Minha terra. Tremendo. O que eu sabia ou pensava que sabia, soprado para longe.*

Será que Connor passaria uma semana direto procurando em caixas? Atrasando trabalho escolar, arriscando suas notas, tudo por mim? Aquele comentário que Ashton fez sobre estar atrasado em seus trabalhos... tendo algo amarrando ele a noite. *Isto* é o que ele estava fazendo.

Tudo que eu quero fazer agora é correr para Ashton, para tocá-lo, para estar perto dele, para lhe agradecer. Para deixá-lo saber o quanto ele significa para mim.

— Vamos lá. — Connor pega a minha mão, dispensando o tópico inteiro tão rapidamente. Como se fosse trivial. — Venha conhecer os meus pais.

Já não bastava eu temer conhecer os pais de Connor; agora isso se tornou a absoluta última coisa que eu quero fazer neste planeta. Mas estou presa. Engolindo a súbita vontade de vomitar, eu o deixo me levar através da multidão enquanto coloco o melhor sorriso falso que posso produzir e rezo para que nenhum escárnio possa vir com os nervos sobre conhecer eles.

Ele para na frente de um casal mais velho. — Mamãe, papai. Esta — ele gentilmente coloca a mão na parte inferior das minhas costas. — é Livie.

— Olá, Livie. Sou Jocelyn — a mãe de Connor diz com um largo sorriso. Noto que Connor tem seus olhos e sua cor de cabelo. Ela não tem sotaque, mas eu me lembro dele dizendo que ela era americana. Seus olhos me avaliam rapidamente quando ela oferece sua mão. É uma avaliação inofensiva e não desagradável, e mesmo assim luto contra o impulso de recuar.

Ao lado dela está o pai de Connor. — Olá, Livie. — Ele soa tal como Connor, e como meu pai, exceto que o sotaque dele é mais

grosso. Se eu não estivesse pronta para fugir daqui como uma menina pegando fogo, eu provavelmente me derreteria ele. — Sou Connor Pai. Nós dois estamos tão felizes de conhecer a jovem que finalmente capturou o coração do nosso filho.

Capturou o coração do nosso filho? O que aconteceu com o "devagar e com calma"? Eu olho para ver a cara de Connor ruborizar.

— Desculpe envergonhá-lo — diz o pai de Connor, deixando cair uma mão pesada no ombro do filho. — Mas é verdade.

O polegar de Connor desliza alegremente em minhas costas enquanto ansiedade enche meu estômago e se arrasta em meu peito, sufocando minha capacidade de respirar. Isso é ruim, ruim, ruim. Isso é tão *errado*.

Coloco o meu melhor sorriso. — Seu filho é um homem bondoso. Você deve estar orgulhoso.

— Oh. Eu não posso começar a descrever o quanto estamos orgulhosos dele. — Jocelyn sorri enquanto olha em sua direção. — Ele tem um futuro brilhante. Ainda mais brilhante agora, com você nele.

Eles são loucos? Eu o conheço há apenas dois meses! Meus olhos descem para olhar o casaco perfeito e o colar de pérolas sob o casaco perfeito de Jocelyn e eu tenho um flash de gramados bem aparados e cães-de-colo - todos esses elementos que o meu subconsciente foi montado como a vida ideal que eu podia compartilhar com a estrela principal atualmente parada ao meu lado. A *única* estrela, que eu acreditava até agora. Que não esconde cicatrizes com tatuagens, que não usa um símbolo de sua infância sombria em seu pulso, que não está enterrado em segredos, incluindo como e quando sua mãe morreu. Que também não iria passar uma

semana à procura de um pedaço de papel que podia não existir, porque ele queria que eu o tivesse, não porque ele queria que eu soubesse que ele passou uma semana procurando por ele.

Bem aqui, diante de mim, está a vida que eu pensei que meus pais queriam para mim. A única vida que eu me vi levando. Eu encontrei-a.

E eu preciso malditamente de me afastar dela. — Eu sinto muito, mas eu tenho o meu turno de voluntariado no hospital. Preciso ir agora, se eu quiser pegar o trem.

— Oh, é claro, querida. Connor estava nos dizendo que você está pensando ir para a faculdade de medicina, certo? — Jocelyn acena com a cabeça em aprovação. — Uma aluna brilhante. — *Sim, Cs por todo o lado!*

— Ok, pessoal — Connor diz. — Vocês já me envergonharam o suficiente. — Inclinando-se para beijar minha bochecha, ele sussurra, — Obrigado por ter vindo me ver na corrida de hoje, Livie. Você é a melhor.

Com o que deve ser um sorriso forçado e um aceno de cabeça, eu viro e fujo o mais rápido possível sem correr. Meus olhos percorrem a multidão, procurando por minha linda estrela quebrada.

Mas ele se foi.

*** * ***

— Eu pensei que vocês estariam animados sobre o Halloween. Vocês sabem... se fantasiando e tudo. — Eu dou ao colete de cowboy de Derek um pequeno puxão. Ele responde com um encolher de

ombros, empurrando um Hot Wheel[7] para trás e para frente com movimentos lânguidos, sua cabeça pendurada. Tenho medo de perguntar como ele está se sentindo.

— Eles não nos deixam comer muito doce — Eric amua, sentando de pernas cruzadas e mexendo com seu tapa-olho de pirata. — E a enfermeira Gale disse que iria levar a minha espada para longe se eu perseguisse mais alguém

— Hmm. Isso provavelmente é uma boa regra.

— Do que você vai se fantasiar, Livie?

— Uma bruxa. — De jeito nenhum eu vou explicar para uma criança de cinco anos de idade, por que uma colegial poderia ser considerada uma fantasia de Halloween apropriada. Eu só posso imaginar as perguntas que isso provocaria. — Eu tenho uma festa para ir hoje à noite — admito com relutância.

— Oh. — Eric finalmente tira o seu tapa-olho para inspecioná-lo. — Nós deveríamos ter uma festa hoje, mas eles a cancelaram.

— Por que eles fariam isso?

— Por causa de Lola.

Lola. O medo corre seus dedos gelados pelas minhas costas. Há apenas uma razão que eu posso pensar que os faria cancelar uma festa para um grupo de crianças que precisam dela mais do que qualquer coisa. Eu não quero perguntar. Ainda assim, não consigo esconder o tremor na minha voz. — O quê sobre Lola?

Eu pego a cabeça de Derek abanar um pouco enquanto ele e seu irmão compartilham um olhar. Quando Eric olha para mim novamente, é com olhos tristes. — Eu não posso te dizer por que nós fizemos aquele acordo.

[7] Marca Americana de carros de brinquedo

— Lola... — Eu limpo a garganta contra a protuberância de imediato dentro dela, enquanto um entorpecimento estranho passa sobre mim.

— Livie, porque não podemos falar sobre isso? É porque isso te deixa tão triste?

— *É porque isso te deixa tão triste?* — Sua pequena voz, tão inocente e curiosa. Tão esclarecedora. *Boa pergunta, Eric.* Essa regra foi para seu benefício ou meu? Fecho meus olhos contra a onda de lágrimas que ameaçavam. *Eu não posso quebrar na frente deles. Eu não posso.*

E então mãos pequenas se estabelecem em cada um dos meus ombros.

Através de olhos embaçados, encontro cada gêmeo em pé de cada lado de mim, Derek agora me olhando com a testa franzida. — Está tudo bem, Livie — ele diz com aquela voz rouca. — Vai ficar tudo bem. — Dois meninos de cinco anos de idade, ambos sofrendo de câncer, que acabaram de perder uma amiga, estão *me* confortando.

— Sim. Não se preocupe. Você vai se acostumar com isso — acrescenta Eric.

— *Você vai se acostumar com isso.* — Palavras que roubam o ar diretamente de meus pulmões e tornam o meu sangue frio, como se tivesse congelado em minhas veias. Eu sei que isso não aconteceu, porque eu ainda estou viva; meu coração ainda está batendo.

Ao mesmo tempo, em seis palavras, em um segundo, algo profundo morreu dentro de mim.

Eu engulo e dou a cada uma de suas mãozinhas um aperto e um beijo. Eu lhes dou o meu sorriso mais caloroso enquanto digo, — Desculpem-me, rapazes.

Eu vejo o meu reflexo no vidro quando me levanto e caminho em direção à porta da sala de jogos. Meus movimentos são lentos e firmes, quase mecânicos, como os de um robô. Virando para a esquerda, dirijo-me pelo corredor em direção aos banheiros públicos.

Eu continuo indo.

Entro no elevador, saio do elevador, ando passando pela mesa principal e para fora da entrada principal.

Para fora do hospital.

Longe do meu futuro em piloto automático.

Porque eu nunca quero me acostumar com isso.

*** * ***

Por que diabos eu vim?

Pergunto-me isso enquanto meus stilettos vermelhos estúpidos clicam subindo as escadas para a casa. Pergunto-me isso enquanto empurro por um grupo de festeiros já bêbados, um deles tentando olhar embaixo da minha saia enquanto eu passo. Pergunto-me isso quando entro na cozinha para encontrar Reagan na beira do balcão com uma fatia de limão em uma mão, um saleiro na outra, e o rosto de Grant em seu decote bem exposto.

Tequila. Foi por esse inferno que eu vim aqui esta noite.

Para me afogar em tequila para parar os pensamento e as dúvidas desaparecem e a culpa agitando em meu estômago pare por uma maldita noite.

E, para que eu possa agradecer a Ashton pela foto e encontrar a coragem de dizer a ele que acho que estou apaixonada por ele. Porque

há uma pequena esperança escondida no fundo do meu coração de que eu dizer isso vá fazer alguma diferença.

Eu arrebato o copo da mão de Grant antes que ele o beba e o entorno em minha garganta. A queimadura é quase intolerável. Roubo o limão de Reagan para matar o gosto vil antes de eu vomitar. De todas as coisas para querer beber... *Gah!*

— Livie! — Reagan grita, suas mãos batendo freneticamente, espalhando sal em todas as direções. — Olha! Livie está aqui! — Um alto som de aprovação enche a cozinha e eu coro automaticamente em resposta. Eu não tenho ideia nenhuma de quem essas pessoas são e eu duvido que eles se importem com quem eu sou.

— Eu sabia que esse look iria funcionar para você. — Ela mexe as sobrancelhas sugestivamente, seu dedo apontando diretamente o meu seio esquerdo. Provavelmente sem querer. Talvez não.

— Quanto ela já tomou? — Pergunto a Grant. *O suficiente para não ver que meus olhos ainda estão inchados e vermelhos de uma hora chorando, felizmente.*

— O suficiente para me dizer que se ela pulasse a cerca, você seria boa para experimentar — diz Grant, entregando-me outro shot. Eu bebo-o imediatamente, apesar de saber que vou odiá-lo. Eu odeio essa culpa podre dentro de mim ainda mais.

— Isso é verdade. Eu disse isso! Eu sei do que você gosta... — Ela dá uma piscadela exagerada.

— Reagan!— Meu queixo cai quando olho dela para Grant.

Ele apenas revira os olhos, as mãos no ar como se estivesse se rendendo. Percebo pela primeira vez que Grant está com uma roupa cirurgica e tem uma etiqueta com o nome dele que se lê *Dr. Grant Põe-você-melhor Cleaver.* — Ela não explicou. Eu não perguntei. — Com

um resmungo, ele acrescenta, — Eu não quero saber o que diabos está acontecendo sob este teto.

— Aqui! Experimente estes. Eles são deliciosos! — Como de costume, Reagan muda rapidamente para um novo tópico, desta vez para uma tigela de ursinhos de goma. Às vezes imagino um bando de esquilos perseguindo pensamentos no cérebro dela como se eles estivessem loucos. Eu estou esperando que os roedores peludos mantenham suas bolotas longe de Ashton ou ela é suscetível de tagarelar, em seu estado.

Com um suspiro, e um murmúrio de agradecimento, enfio minha mão na tigela enquanto meus olhos avaliam a cozinha e qualquer outro quarto na minha visão, procurando seu cabelo escuro enquanto prendo a respiração.

— Você gosta deles? — Reagan silva enquanto minha boca se contrai com a textura suculenta e fria na minha boca. *Estranho.* — Eles estão cheios de rum! Eles são como shots de gelatina!

Nova kryptonita. Fantástico. Então, novamente, se eu comer o suficiente deles, tenho certeza que vou dizer a Ashton qualquer coisa e tudo sem reservas.

— Gidget! Concentre-se! — Grant late enquanto bebe outro shot. Ele lhe dá aviso suficiente para colocar o limão entre os dentes dela antes de bater a sua boca na dela para chupá-lo, sua mão indo sob sua saia curta para uma boa medida.

Eu me afasto das preliminares em flagrante. Reagan ameaçou vingança...

— Uau, Livie! — Eu pulo para trás quando um conjunto de olhos verdes vidrados aparece a cinco centímetros dos meus.

Meu coração afunda com decepção. Eu estava esperando evitá-lo esta noite. — Ei, Connor.

— Eu sou o Batman esta noite, babe — ele diz enquanto seus braços esticam a capa para fora de cada lado dele, acidentalmente derrubando a bebida de alguém de sua mão no processo. Ele não repara, porém, muito ocupado deslizando seu olhar pelo comprimento do meu corpo. — Você está ótima. — Seus braços colocam-se em volta da minha cintura para me puxar contra ele. Seu hálito cheira a uma mistura de cerveja e bebidas destiladas e ele está falando enrolado. — Eu quero dizer... — Mãos pousando em cada uma das minhas nádegas com um aperto que me faz sacudir. — Realmente ótima.

Eu não posso culpá-lo. Ele está bêbado e eu estou vestida como a fantasia da maioria dos homens, então acho que é de se esperar. Ainda assim, isso me faz esquivar desconfortável, com uma carranca, sem dúvida, no meu rosto. Eu de alguma forma consigo me libertar de seu aperto e lentamente afasto-me para criar algum espaço entre nós.

— Ótima festa, né? — Ele acena com a mão na direção da multidão e eu sigo-a, dando outro pequeno passo para trás.

— Sim. Parece que sim.

— Você está um pouco atrasada para as festividades, no entanto. — E... ele está de volta no meu espaço, sua boca diretamente no meu ouvido. Seja o que for que dois shots de tequila e um bocado de ursinhos de goma encharcados em rum tinham tirado está de volta.

Eu vacilo quando ele puxa uma das minhas tranças. Isso me dá a chance de empurrá-lo de brincadeira e passar ao seu redor. — Eu

tive um dia difícil no hospital. — *O meu futuro, basicamente desmoronando diante dos meus olhos.*

— Tenho certeza que você vai se sentir melhor amanhã. — Ele toma outro gole de cerveja enquanto sua cabeça se inclina para o lado para obter um melhor ângulo de minhas pernas. Eu só balanço minha cabeça. Eu sei que não deveria levar nada que Connor diz ou faz a sério agora, porque ele está bêbado, mas isso era uma típica resposta de Connor, com álcool ou não. *Você vai ficar bem. Você é inteligente. Você é forte. Você é blá, blá, blá.* Respostas genéricas e desprezíveis.

Eu não sei se é porque eu vi minha vida futura quando conheci seus pais ou por causa de Ashton ou porque eu chorei todo o caminho para casa do hospital enquanto meus sonhos desapareceram, mas me sinto como se um nevoeiro tivesse levantado e eu estou pensando direito pela primeira vez. Connor está parecendo mais *errado* a cada minuto. Ele parece perfeito do lado de fora - inteligente, doce, bonito, charmoso. Ele faz coisas fofas como me enviar flores e me ligar durante o dia para dizer Olá. Ele nunca me forçou para fazer sexo ou qualquer outra coisa além de beijar, o que, agora que penso nisso, é simplesmente estranho para um cara da faculdade. Talvez ele seja gay e eu seja o disfarce perfeito para seus pais? De qualquer maneira, isso funcionou bem, porque eu nunca tive o desejo de ir mais longe com ele. Isso por si só deveria ter sido uma bandeira vermelha para mim.

Não... o cara que eu cresci imaginando na minha cabeça é definitivamente Connor. Eu só sei que eu não pertenço na foto com ele.

Ty explode na cozinha em seu kilt, causando uma comoção, uma que eu estou feliz porque tira os olhos de Connor de cobiçar minhas coxas. — Sun! — ele grita, suas bochechas rosadas. — Onde está você, meu Sol! — Quando ele vê a menina asiática magra, vestida com o que eu acho que era para ser uma roupa de bibliotecária - completa com um chicote na mão - ele cai de joelhos e começa cantar a letra de “You Are My Sunshine” com um sotaque escocês exagerado.

O lugar irrompe em um tumulto de gritos enquanto Sun ruboriza. Apesar do meu humor, não posso deixar de rir porque é doce, de uma forma humilhante. Então, Connor se move para agarrar minha cintura, vindo em meu ouvido, e minha risada morre.

— Você pode acreditar que eles estão juntos? Que casal estranho. — Eu recuo, mas ele não percebe. — Mas ele disse que ela é bem atrevida. — *O quê? Quem é esse cara?* Eu não gosto nada do Connor bêbado.

Estou começando a me arrepender que eu vim. Meu plano de afogar minhas mágoas em álcool está sendo rapidamente substituído com o meu plano para simplesmente ficar bem longe de Connor. Mas não antes de ver Ashton. Apenas uma vez. — Onde está o Ashton? — Eu acho que é uma questão bastante inofensiva.

— Eu não sei... por aí. — Cerveja dribla para fora do copo de Connor e derrama sobre seu traje enquanto ele toma um gole. — Ou fodendo alguém lá em cima.

Eu tento não me encolher com suas palavras, mas não posso evitar. Apenas o pensamento de Ashton fazendo para alguém o que ele fez para mim me faz gelar por dentro. Espero que Connor não

perceba. — Oh, é claro. — Essa resposta saiu trêmula. Suspeita. *Merda*.

Acontece que eu não preciso me preocupar com Connor percebendo nada além das minhas partes do corpo, quando seus olhos estão agora colados ao meu peito. Eu gostaria de poder fazer a camisa menos reveladora, mas Reagan furtivamente retirou os botões de cima esta manhã. — Você é tão quente, Livie. Como é que eu encontrei alguém tão incrível? — Eu sinto sua mudança de peso contra mim enquanto ele meio se inclina, meio cai em mim, me pressionando contra a parede. — Você é doce e pura e perfeita. E você é toda minha. — Sua boca cai para minha garganta. — Às vezes eu quero... — Ele se inclina mais para dentro, pressionando sua virilha contra a minha coxa, esmagando a minha teoria gay como um tomate maduro. A mão que está arranhando meu cabelo desliza para o meu peito e começa a espremê-lo como se fosse uma bola anti estresse - rude e nada agradável.

Eu não acho que nenhuma quantidade de tequila vai fazer isso parecer bom.

— Eu preciso usar o banheiro — murmuro, contorcendo-me por entre ele e a parede e saindo correndo da cozinha. Eu não posso mais ficar aqui. Eu não posso ficar perto de Connor. Eu quero correr para casa para um banho e esquecer que isso acabou de acontecer.

Preciso de Ashton.

Eu puxo meu telefone e envio-lhe uma mensagem rápida. Sem esperar por uma resposta, começo a procurar de quarto em quarto, habilmente evitando Connor duas vezes. Eu não consigo encontrar Ashton em nenhum lugar, embora, e ninguém o viu. Uma verificação rápida da garagem e encontro seu carro preto.

Ashton está aqui.

Isso significa que ele deve estar em seu quarto.

E ele não está respondendo suas mensagens.

Tanta coisa para não sentir nada hoje. O medo está de volta e aumentou dez vezes, se agitando no meu estômago como um redemoinho mortal de ciúme e mágoa e desespero.

Tenho apenas duas opções: - ir embora e assumir que ele está lá em cima com alguém ou ir lá para cima e descobrir.

Com meus braços abraçando meu peito com força, eu subo as escadas, cada degrau me aproximando quer para o auge de um dia desastroso ou para um oceano de alívio. Eu acho que se encontrá-lo com outra mulher, vou morrer.

Por que estou fazendo isso a mim mesma? *Porque você é uma masoquista.*

Eu vejo sua porta à frente, fechada. Não há meia vermelha ou qualquer outra indicação de que alguém pode estar lá.

Ainda...

Eu nem sequer preciso segurar conscientemente a respiração, porque eu parei de respirar completamente enquanto coloco o ouvido na porta. A música suave está tocando, então ele está lá, mas por outro lado... silêncio. Sem gritos ou gemidos ou vozes femininas.

Antes que eu possa desistir, bato levemente.

Nenhuma resposta.

Engolindo em seco, eu bato de novo.

Nenhuma resposta.

Testo com cuidado a maçaneta da porta, para encontrá-la destrancada.

Este é o sentimento mais estranho que eu já tive - o sangue corre em meus ouvidos enquanto o meu coração bate violentamente e ainda meus pulmões estão parados. Eu sei que isso não pode durar para sempre. Eu sei que vou ficar tonta e desmaiar em breve, se eu não fizer uma escolha.

Eu tenho que fazer uma escolha. Eu posso virar e ir embora agora - deixar esta casa, porque eu não posso lidar com Connor - e não ver Ashton. Não tocá-lo, não tê-lo me ajudando a esquecer desse dia terrível da maneira que só ele pode.

Ou eu posso abrir a porta e arriscar vê-lo com outra pessoa.

Eu abro a porta.

Um Ashton recém-saído do banho senta na beira da cama em uma toalha, olhando para o chão enquanto uma mão se atrapalha com a faixa do cinto. Ele segura um copo com um líquido âmbar.

Se eu estivesse mais aliviada agora, eu dissolveria no chão. — Ei. — Eu digo tão suavemente quanto consigo, enquanto a atração gravitacional em direção a ele toma conta de mim.

— Feche a porta. E tranque-a. Por favor. Eu não quero ver ninguém esta noite. — Sua voz soa baixa e oca. Ele nem sequer olhou para cima. Eu não sei o que este humor é. Eu nunca o vi antes.

Eu sigo a sua instrução, trancando lá fora à casa de pessoas, a festa, Connor. Tudo. Deixando apenas nós.

E então me aproximo, lentamente, hesitante. Não até que eu estou a um metro de distância, que seus olhos escuros levantam, me analisando desde os stilettos vermelhos e para cima lentamente. Ele para no meu peito. — Você não deveria estar aqui — ele resmunga antes de tomar um gole de sua bebida.

— Por que você não está lá embaixo?

Ele mexe o líquido em torno de seu copo. — Eu tive um dia de merda.

— Eu também.

Engolindo o resto de sua bebida, Ashton coloca o copo em seu criado-mudo. — Você quer que eu te ajude a esquecer? — Uma excitação em minhas coxas instantaneamente confirma que meu corpo definitivamente apreciaria isso. Os olhos castanhos finalmente encontram o caminho para o meu rosto, nenhum indício de diversão neles. Nada além de tristeza resignada e um toque vítreo. — Eu sou bom nisso, não sou? — Há um significado por trás dessas palavras que eu não posso compreender plenamente.

— Eu sei que você que achou a foto.

Ele acena com a cabeça.

Agora que estou de pé aqui na frente de Ashton, a confusão que eu estive lutando por semanas derrete. Pela primeira vez em mais tempo do que me lembro, eu sei exatamente o que quero. E eu não tenho nenhuma dúvida em minha mente de que isso está certo. — Eu vou te dar uma coisa hoje, também. — Eu deixo de lado o redemoinho de borboletas no meu estômago, comprometendo totalmente o que eu estou prestes a fazer, o que eu estou prestes a dar-lhe se ele quiser enquanto tiro meus saltos. Eu não sei se é mais fácil ou mais difícil com ele não me observando, mas eu desfaço os quatro botões que Reagan deixou e deixo cair à blusa justa no chão. Meus dedos fazem um trabalho rápido nos botões da minha saia e a deixo cair também.

Como se lutando contra a vontade de resistir e perdendo, os olhos de Ashton levantam para me observar antes de seu rosto se virar para olhar para o canto do quarto. — Jesus Cristo, Irlandesa —

ele resmunga com os dentes cerrados, as mãos apertando a borda do colchão, tentando conter-se. — Eu não vou ser capaz de me parar.

Chegando as costas para soltar meu sutiã, eu deixo-o cair no chão em resposta. Essas ligas estúpidas seguem imediatamente. Logo, eu tirei até o último pedaço do traje ridículo e Ashton ainda não está olhando para mim. Na verdade, seus olhos estão fechados.

Eu engulo enquanto me aproximo para correr o dedo sobre a ave em seu braço, intencionalmente evitando a cicatriz. Eu me inclino para colocar um beijo nela. — Diga-me o que isso significa. — Isso não é uma pergunta. Eu não estou lhe dando uma escolha.

Há uma longa pausa em que ele não diz nada. — Liberdade.

Eu deixo meu dedo patinar até ao seu ombro. Exijo novamente. — E essa? Diga-me o que significa.

Um pouco mais alto. — Liberdade.

Eu coloco um beijo nela em resposta.

Inclino-me para puxar a toalha solta e jogar ambas as extremidades a distância. Eu calmamente subo em seu colo. Ashton não me tocou ainda, mas seus olhos já estão abertos e observando o meu corpo com uma expressão estranha que eu não consigo ler. É quase como choque ou temor, como se ele não pudesse acreditar que isso está realmente acontecendo.

Eu coloco a minha mão sobre o símbolo em seu peito, sentindo seu coração bater por baixo. — Liberdade?

Seus olhos se levantam para os meus imediatamente, com a voz mais firme, mais desafiadora do que antes. — Sim.

Eu não deixo isso distrair-me, porém, enquanto a minha mão patina em torno de onde eu sei que a escrita com o meu nome está.

Eu não preciso perguntar a ele o que significa, porque agora eu sei sem dúvida. Ele já me disse, de muitas formas.

Ele diz sem a minha solicitação. — Liberdade.

Eu não tenho todas as peças para consertar este belo, aprisionado e quebrado homem, mas eu tenho uma peça e ela é minha para dar. Por uma noite, por todas as noites. Por quanto tempo ele quiser.

Eu. Completamente.

Eu sei o que tenho que fazer a seguir. Eu não sei como ele vai reagir. Se isto é uma boa ideia ou não, eu tenho que fazê-lo. Segurando seu olhar, tentando lhe dizer que tudo vai ficar bem com os meus olhos, eu alcanço seu pulso, a faixa de cinto, os estalos por trás dele. Um flash de pânico passa por seu rosto e pelo musculo espinhal do seu pescoço. É um momento em que eu acho que talvez esta seja uma má ideia. Mas eu cerro os dentes contra isso, usando toda a raiva que tenho sobre o seu pai e o que ele fez para ele, o que ele ainda está fazendo com ele e, inadvertidamente, para mim, e eu rasgo esse cinto maldito e lanço-o através do quarto. — Eu estou dando-lhe a sua liberdade hoje, Ashton. Então pegue.

Eu não me arrependo um segundo.

Não quando ele me vira de costas.

Não quando ele se empurra no meu corpo sem hesitação.

Não quando eu choro com esse momento de dor.

E, certamente, não quando ele reivindica sua liberdade.

E me dá uma parte da minha.

*** * ***

Na escuridão, com o som surdo de uma festa morrendo no fundo, Ashton abre o cofre apenas o suficiente para que uma memória deslize para fora, espontaneamente. — Ela costumava cantar essa canção em espanhol. — Seus dedos redemoinham sobre as minhas costas enquanto eu descanso minha cabeça em seu peito, ouvindo seu batimento cardíaco, ainda no temor de mim e ele e nós juntos. Foi... incrível. Parece *certo* de uma forma que nada jamais me pareceu certo. — Não consigo me lembrar das palavras, e até hoje eu não sei o que significava. Eu só lembro a melodia. — Minha bochecha vibra sob o ronco baixo melódico quando ele começa a cantarolar.

— É lindo — eu sussurro, rolando meu rosto para frente para beijar aquele peito perfeito.

— Sim — ele sussurra em acordo. Sua mão para. — Quando ele colocou a fita adesiva sobre a minha boca, eu não podia fazer nada, somente cantarolar. Então eu cantarolava por horas. Isso ajudava.

Por horas.

— Essa é a minha memória favorita da minha mãe.

Levanto-me nos cotovelos para olhar a cara dele, eu vejo as lágrimas escorrendo pelos cantos dos seus olhos. Eu quero tanto perguntar a ele o que aconteceu com ela, mas não posso fazê-lo agora. Tudo o que quero fazer é beijar suas lágrimas.

E ajudá-lo a esquecer.

*** * ***

Descobrimos que, se ignorarmos as batidas, elas vão embora depois de alguns minutos. Já funcionou três vezes. Agora, enquanto me deito em uma pilha retorcida de carne e lençóis brancos e macios

com Ashton ao meio-dia, dolorida de maneira que eu nunca estive dolorida antes, estou esperando que vá funcionar por uma quarta vez. Porque eu não quero sair destas quatro paredes. Dentro destas quatro paredes, eu e ele rejeitamos todos os nossos medos, nossos compromissos, nossas mentiras. Dentro destas quatro paredes, ambos descobrimos a nossa liberdade.

— Como você está se sentindo? — Ashton sussurra em meu ouvido. — Quanto dolorida você está?

— Um pouco — eu minto.

— Não minta, Irlandesa. Não será favorável a você. — Como se para provar seu ponto, ele pressiona sua ereção contra minhas costas.

Eu rio. — Ok, talvez um pouco muito dolorida para isso.

Ele se senta e puxa as cobertas de cima de mim completamente. Ajustando as minhas pernas, ele leva o seu tempo olhando descaradamente para o meu corpo, o calor em seus olhos intensificando a cada segundo. — Eu quero memorizar cada centímetro de você e ter a imagem marcada no meu cérebro e ardendo todo o dia.

— Isso não seria uma distração? — Eu provoco, mas não me afasto de seu escrutínio. Acho que o meu corpo está começando a querer isso. Certamente não é tão tímido em torno dele agora, depois de doze horas seguidas da nudez de Ashton.

Correndo suas mãos grandes para cima e para baixo nas laterais das minhas coxas, ele murmura, — Essa é a ideia, Irlandesa.

— Até os meus pés? — Com um risinho brincalhão, eu levanto minha perna para tocar levemente seu queixo com o meu dedo do pé.

Ele pega meu pé. Com um sorriso malicioso, ele agarra-o apertado e passa a língua na parte inferior. Eu aperto as mãos sobre minha boca para evitar uma gargalhada enquanto luto para me libertar, mas não vale a pena. Ele é muito forte.

Felizmente, ele para essa tortura, rastejando de volta para deitar de lado junto a mim, sua mão escovando os fios de cabelo do meu rosto enquanto deixo o meu dedo correr sobre o local onde eu sei que o meu nome fica permanentemente em seu corpo.

— Diga-me por que você me chama de Irlandesa.

— Claro, mas primeiro o que é importante. — Sua sobrancelha arca incisivamente.

— Deus, você é teimoso! — Eu libero um suspiro pesado. Dado que eu estou deitada nua com o homem, eu acho que vou agradá-lo para conseguir a verdade. Franzindo os lábios para manter o sorriso afastado, eu murmuro, — Tudo bem. Eu *posso* querer você.

— Pode? — Ele sorri para mim. — Você se aproximou e praticamente arrancou minha toga fora quando me puxou para baixo, gritando: — Beije-me, eu sou Irlandesa! —

Eu arquejo, minha mão voando para a minha boca quando as palavras acionam a memória da expressão chocada de Ashton naquele momento, e o beijo que se seguiu que ele colocou nos meus lábios. Meu primeiro beijo *real*. — Ohmeudeus, você não está mentindo. — Minhas bochechas esquentam, o que só faz Ashton começar a rir.

— E então você apenas se virou e saiu para dançar. — Um brilho passa através de seus olhos. — Eu ia te deixar em paz, mas depois que você fez isso... — Seu polegar esfrega meu lábio inferior

carinhosamente. — De jeito nenhum essa boca estava tocando qualquer outra pessoa.

Eu corro meu dedo ao longo de sua clavícula definida enquanto aceito que eu comecei tudo isso. Minha besta adormecida de alguma forma sabia exatamente o que queria desde o início, muito antes que eu pudesse chegar a um acordo com isso.

Tomando meus dedos nos dele, ele beija cada um deles, seu olhar ardente de intensidade à medida que se instala no meu rosto. — Você sabe por que eu cavei através do sótão empoeirado do Treinador por uma semana direto, certo?

Meu coração incha com a menção disso. Do que esse cara doce fez por mim. Eu não sei exatamente por que ele fez isso, além de para me fazer feliz. Mas eu sei o que isso significou para mim. Isso me ajudou a ver a única coisa que *eu* sei que quero, enterrado entre uma pilha de incertezas.

— Porque você está loucamente apaixonado por mim? — Eu repito o que ele me disse naquele dia na sala de aula com uma piscadela provocante para que ele saiba que estou apenas brincando.

Mas Ashton não responde com um sorriso ou uma risada ou nada perto de humor. Sua expressão é uma máscara de sinceridade quando ele se inclina para estabelecer um pequeno beijo no meu lábio inferior. — Contanto que você saiba. — E então ele está me beijando profundamente novamente.

E eu imediatamente caio no esquecimento.

— Talvez eu não esteja muito dolorida — eu consigo deixar sair em torno de seus lábios famintos e suaves. Com um gemido, ele muda a boca para baixo ao longo do meu pescoço, meu peito, minha

barriga, mexendo a minha necessidade pela décima, centésima, milésima vez desde que pousei em sua cama.

E é aí que a batida começa novamente.

— Ace, abra! Eu sei que você está aí. — Há uma pausa. — Eu não consigo encontrar Livie. Ela não atende o telefone.

Merda.

Connor.

Eu não pensei nele uma única vez. Nem uma desde que pisei neste quarto ontem à noite.

— Se você não abrir essa porta em dois minutos, eu vou usar a maldita chave.

Ashton e eu olhamos um para o outro, o fogo entre nós encharcado como um balde de água fria em um poço de chamas.

— Porra — Ashton murmura sob sua respiração, olhando ao redor. Minhas roupas estão espalhadas por toda parte.

Nós rolamos para fora da cama e começo a colecioná-las. Connor pode ter estado bêbado, mas eu acho que ele vai reconhecer essa roupa.

— Aqui. — Ashton me dá minha jaqueta. Agradeço ao doce céu que eu decidi sobre o meu casaco preto longo na noite passada. Ele irá esconder tudo, exceto meus saltos e as minhas meias pretas no meu caminho de volta para o dormitório. — Vá se esconder no banheiro. Vou tentar livrar-me dele — ele sussurra, beijando-me suavemente.

Eu corro para dentro exatamente quando ouvimos Connor mexendo com a fechadura.

— Estou indo! — Ashton grita.

Fechando e trancando a porta do banheiro rapidamente, eu prendo a respiração enquanto começo calmamente a me vestir. Eu posso ouvi-los lá fora perfeitamente.

— Jesus, Ashton, cubra sua coisa. Eu já me sinto como indo vomitar — ouço Connor resmungar, e reviro os olhos. Andando nu é uma coisa de Ashton ou uma coisa de caras em geral? — O que aconteceu a você ontem à noite, cara?

Eu ouço uma porta fechar, e eu suponho que Ashton está vestindo pelo menos um par de cuecas. Mesmo na atual situação estressante, isso evoca um visual - um onde estou a retirá-las para fora dele no segundo que Connor tiver desaparecido. — Eu não estava com vontade — ouço Ashton murmurar.

— Você... sozinho aqui em cima?

— Infelizmente.

— Bem, você perdeu uma boa festa pelo que eu me lembro. O que não é muito. — Há uma pausa. — Eu acho que fiz merda com Livie.

Fecho os olhos e respiro fundo, enquanto ansiedade desliza através de mim. Eu não quero estar ouvindo isto.

— Ah é? Isso é péssimo. — Ashton é fenomenal em fingir parecer desinteressado.

— Sim, eu acho que eu posso ter sido um pouco bruto. Ela deixou a festa mais cedo e ela não responde meus telefonemas ou minhas mensagens.

— Basta dar-lhe tempo para se acalmar.

— Sim, eu acho. Mas eu vou até lá para vê-la hoje. Preciso saber se as coisas estão bem.

Elas não estão, Connor. Elas nunca realmente estiveram. Com um pequeno suspiro, eu aceito que não posso me esconder no quarto de Ashton para o resto da vida, mas o pensamento passou pela minha cabeça mais de uma vez. Eu preciso terminar de me vestir e voltar para o dormitório para que eu possa terminar com Connor.

E ele me deu a desculpa perfeita.

Eu posso culpar Connor pelo rompimento. Ele me pressionou demais. Ele sabe que eu quero levar as coisas devagar e ele me apalpou como um menino de treze anos de idade, jogando o jogo do armário. Isto é perfeito. Então, não vai ser minha culpa. Ele vai pensar que é culpa dele. Ele vai...

Respirando fundo, eu viro para olhar para o reflexo no espelho – para o cabelo de eu-acabei-de-perder-minha-virgindade-e-depois-mais-um-pouco da mulher em meias até a coxa pretas, escondendo-se em um banheiro enquanto o namorado dela está do outro lado, se preocupando com ela com seu melhor amigo, o homem moreno e quebrado que ela se apaixonou loucamente. E tudo que essa pessoa pode pensar é como ela vai evitar admitir todos os erros.

Eu não a reconheço.

Ouço o pesado suspiro de Connor e eu sei que ele está esfregando o topo de sua cabeça. Esse é Connor. Previsível. — Eu só... Eu acho que estou apaixonado por ela.

Meu corpo encolhe sobre si mesmo, como tivesse sido socado. *Ohmeudeus*. Ele só disse isso. Ele disse isso em voz alta. Em algum lugar no fundo do meu subconsciente, eu tinha medo disso. Agora é real. Eu acho que vou ficar doente. Sério, eu estou a dois segundos de mergulhar na privada.

Isso. Vai. Esmagar. Ele.

E Connor não merece ser esmagado. Ele pode não ser o certo para mim, mas ele não merece isso. No entanto, não importa o motivo que eu dê, se eu culpar ele ou eu, se eu disser a verdade ou não, eu vou machucá-lo. Tenho que me resignar a esse fato, porque não importa o quê, eu e ele estamos acabados.

O tom irritado de Ashton me surpreende. — Você não a ama, Connor. Você *acha* que você ama. Você mal a conhece.

Meu reflexo acena com a cabeça para mim. Ela está concordando com Ashton. *Isso é verdade. Connor não me conhece. Não como Ashton me conhece.*

— Do que você está falando? É Livie. Quero dizer, como você pode *não* amá-la. Ela é fodidamente perfeita.

Eu aperto meus olhos fechados. *Muito fodidamente perfeita, Connor.* Eu calmamente deslizo meu casaco sobre mim, puxando-o apertado no meu corpo, desejando o calor de Ashton.

Há uma longa pausa, e então eu ouço o ranger de cama e o suspiro pesado de Ashton. — Yeah. Tenho certeza de que ela está bem. Você deve ir e conferir o campus, então. Talvez ela esteja na biblioteca.

— Sim. Você está certo. Obrigado, mano.

O mais leve suspiro de alívio me escapa enquanto me inclino para trás contra a parede.

— Eu vou tentar mais uma vez o seu telefone.

Meu telefone.

Porra.

Eu vejo o reflexo no espelho desta menina - esta mulher estranha - ir de uma aparência um pouco pálida ao branco quando o

toque de Connor soa vagamente do telefone na minha bolsa. Minha bolsa, que está pousada na cabeceira de Ashton.

Ele toca e toca e toca. E então ele para.

Silêncio morto.

Mais morto do que morto. Tão morto que eu poderia ser a última pessoa no mundo.

E então eu ouço Connor perguntar lentamente: — Por que a bolsa de Livie está aqui? — A voz de Connor assumiu um tom que eu nunca tinha ouvido antes. Não sei como descrevê-lo, mas faz o meu corpo de repente ficar frio de pavor.

— Ela passou para dizer oi e se esqueceu dela, eu acho. — Ashton é um mentiroso fantástico, mas nem mesmo ele pode escapar dessa.

O som de passos se aproximando me arrastaram para longe da porta.

— Livie?

Eu franzo meus lábios apertados e tapo as mãos sobre eles e fecho os olhos e paro de respirar. E então eu conto até dez.

— Livie. Você precisa sair aqui agora.

Eu balanço minha cabeça, e o movimento desaloja um gemido abafado.

— Eu posso te ouvir, Livie. — Depois de mais uma longa pausa, ele começa a bater na porta, sacudindo toda a parede. — Abra a maldita porta!

— Deixe ela em paz, Connor! — Ashton berra atrás dele.

Ele para a batida, mas não a gritaria. A gritaria só fica mais rancorosa. — Por que ela está se escondendo aí? Que porra você fez com ela? Você... — Há um som estranho de empurrão no quarto. —

Quanto bêbada ela estava quando veio aqui em cima, Ash? Quanto bêbada?

— Muito bêbada.

Eu olho para a porta. *O quê? Não, eu não estava! Por que ele disse isso?*

Há outra longa pausa. — Você forçou ela a fazer algo?

Com um suspiro resignado, eu ouço Ashton dizer — Sim. Eu fiz.

Eu me sinto como se alguém tivesse acabado de riscar um fósforo e o colocado no meu ouvido, ouvindo as palavras que transformam a minha linda, marcante e inesquecível noite com Ashton em uma história de estupro bêbado. Eu sei imediatamente o que Ashton está fazendo. Ele está fazendo uma desculpa para mim. Ele tentando ser o cara mau. Para levar toda a culpa pelo que eu iniciei. O que eu queria.

Eu lanço a porta aberta e saio rapidamente. — Eu não estava bêbada e ele não me forçou a nada! — As palavras saem em uma arfada irritada. — Ele nunca me forçou. *Nem uma única vez.*

Os dois homens se viram para me olhar, o da esquerda vestindo nada mas calças de pista e balançando a cabeça em um jeito — porque-você-veio-aqui-fora, — o da direito cheio de choque e raiva mal disfarçada.

— Nem uma única vez. — O tom de Connor está normal novamente, mas eu não acho que isso é um sinal de ele estar calmo. Eu acho que é um sinal dele pronto para explodir. — Quantas vezes foram, Livie? E por quanto tempo?

Agora que eu defini o recorde - que o que Ashton e eu compartilhamos não foi uma cena de crime - minha raiva desapareceu, deixando-me tremendo e incapaz de falar mais uma vez.

— Quanto tempo! — Ele repete em um latido.

— Sempre! — Eu estouro, fazendo uma careta quando a verdade vem à tona. — Desde o primeiro segundo que o conheci. Antes de te conhecer.

Connor se vira para olhar para o seu companheiro de quarto, seu melhor amigo, cujos olhos não deixaram os meus, uma expressão ilegível neles. —-Fodidamente-inacreditável. Aquela noite com a tatuagem... Você vem transando com ela desde então?

— Não! — A palavra voa para fora de nossas bocas em uníssono.

Connor está sacudindo a cabeça com desdém. — Eu não posso acreditar que você faria isso comigo. De todas as putas que você traz para dentro e para fora daqui... você tinha que transformá-la em uma também.

— Tome cuidado. — O corpo de Ashton visivelmente endurece e vejo sua mão apertando, mas ele fica parado.

Connor não parece importar-se, no entanto. Rangendo os dentes, ele estuda a madeira por um momento, sacudindo a cabeça. Quando ele finalmente olha para mim novamente, eu posso ver o impacto disso sobre o seu rosto; seus olhos verdes normalmente brilhantes agora estão parados, como se o piloto tivesse sido finalmente extinto.

E eu sou quem o colocou para fora.

— O que aconteceu com ir devagar, Livie? O quê? Achou que ia me fazer de idiota um pouco enquanto também transava por aí com o

meu melhor amigo? — Ele se vira para gritar — Meu melhor amigo! — com ênfase acrescentado.

Eu estou balançando a cabeça freneticamente. — Não foi assim. Só... as coisas mudaram.

— Oh sério? — Ele dá um passo à frente. — O que mais mudou?

— Tudo! — Eu grito, enxugando uma lágrima súbita. — Meu futuro. O hospital. Princeton, talvez? — Eu não tinha percebido isso até agora, mas este lugar... é tudo o que os catálogos, os sites prometiam, e ainda não é o que eu quero. Não é casa. Nunca vai ser. Eu quero voltar para Miami, com a minha família. Eu não estou pronta para deixá-los ainda. A única coisa que eu quero em Princeton está de pé em silêncio, com os braços cruzados sobre o peito nu, enquanto eu cuspo minhas tripas. — Você e eu... nós não pertencemos um ao outro. — Connor recua como se eu tivesse empurrado ele, mas eu continuo. — Eu estou apaixonada por Ashton. Ele me entende. Eu o entendo. — Um rápido olhar sobre Ashton encontra seus olhos agora apertados como se ele estivesse com dor.

Algo que se parece com pena enche o rosto de Connor. — Você acha que o entende, Livie? Sério? Você *acha* que o *conhece*?

Eu engulo para manter minha voz firme. — Eu não acho. Eu *sei*.

— Você sabe quantas mulheres ele teve neste quarto? Nessa cama? — Levanta a mão para apontar em direção a ela para o efeito. Eu forço meu queixo para cima, tentando ser forte. Eu não quero saber. Não importa. Ele está comigo agora. — Espero que você pelo menos tenha usado camisinha.

Camisinha.

Eu esqueci completamente. Foi apenas muito intenso.

A cor drenando do meu rosto diz tudo.

Connor baixa sua cabeça, sacudindo-a com decepção. — Jesus, Livie. Eu pensei que você fosse mais inteligente do que isso.

Ashton não disse uma palavra. Nem uma palavra para se defender, ou nós. Ele fica em silêncio, observando todo esse desastre com olhos tristes e resignados.

Nós três ficamos olhando uns para os outros em um triângulo disforme, o ar entre nós asfixiante grosso e tóxico, as mentiras em um turbilhão visível do lado de fora, enquanto a verdade do que Ashton e eu temos desaparece no nada.

É assim que Dana nos encontra. — O que está acontecendo?

Medo verdadeiro contorce o rosto de Ashton por um momento antes de desaparecer, deixando sua tez três tons mais pálida. — O que você está fazendo aqui?

— Eu pensei que eu fosse surpreendê-lo — diz ela, entrando no quarto com tanto cuidado que você iria achar que o chão estava repleto de minas terrestres.

Connor cruza os braços sobre o peito. — Por que você não diz a ela, Livie? Vá em frente... diga a ela o que você acabou de me dizer. — Connor olha para mim. Ashton olha para mim. E quando a bonita, doce Dana entra na mistura, os olhos arregalados de confusão e medo, ela olha para mim também, enquanto se aproxima até agarrar o braço de Ashton.

Um brilho me chama a atenção.

O solitário de diamante na mão esquerda de Dana. Em seu dedo anelar.

O arquejo fica em minha garganta.

Quando ele propôs?

Ashton sabe que eu o vi, porque ele fecha os olhos e começa distraído a mexer com o cinto de couro em torno de seu pulso.

Ele está de volta em seu pulso.

Ashton colocou a faixa de volta em seu pulso. O que significa que ele desistiu da liberdade que eu lhe dei ontem à noite.

Pelo olhar de espanto no rosto de Connor, ele também viu o anel e agora realmente percebe a extensão dessa traição. — Diga a ela, Livie. Diga a ela o que está acontecendo entre você e seu futuro marido, se você acha que o conhece muito bem.

Eu não preciso dizer nada. O rosto de Dana empalidece. Eu vejo como os olhos dela me olham da cabeça aos pés, em seguida, viram para olhar para a cama, depois voltam para mim. Quase recuando do braço de Ashton, ela tropeça para trás três passos. — Ash? — Sua voz treme quando ela se vira para olhar para ele.

Ele inclina a cabeça, murmurando quase em silêncio — Eu cometi um erro. Apenas deixe-me explicar.

Explodindo em lágrimas, ela se vira e corre para fora do quarto. Ashton não hesita por um segundo. Ele corre atrás dela enquanto seus gritos são transportados pela casa.

Virando as costas para mim. Para nós. Para o que diabos éramos. *Um erro.*

As palavras de Connor são tranquilas mas penetrantes, suaves mas mortais, honestas mas tão longe da verdade. — Você ajudou a quebrar dois corações hoje. Você deve estar orgulhosa. Adeus, Livie. — A porta do quarto bate atrás dele.

E eu sei que não há nenhuma razão para estar aqui. Não nesta casa, não na escola. Não nesta vida que não é a *minha* vida.

Eu tenho que deixar tudo ir.

E então eu vou embora.

Eu me afasto das vozes, dos gritos, da decepção.

Me afasto das minhas decepções,dos meus erros, dos meus arrependimentos.

Me afasto de tudo o que eu deveria ser e tudo o que eu não posso ser.

Porque tudo isso é uma mentira.

Capítulo 18

Deixando ir

Eu encontro-os sentados à mesa da cozinha. Kacey está enrolada no colo de Trent com os dedos enrolados no cabelo dele, rindo enquanto Dan cutuca a barriga inchada de Storm repetidamente, tentando fazer com que o bebê responda. Ela está agora de sete meses e está linda como sempre.

— Livie? — Os lacrimejantes olhos azuis de minha irmã olham para mim com um misto de surpresa e preocupação. — Eu pensei que você não estava voltando para casa nas férias.

Eu engulo. — Nem eu, mas... as coisas mudaram.

— Eu posso ver isso. — Ela olha fixamente para minha roupa. Eu nunca voltei para o dormitório para me trocar. Eu simplesmente pulei em um táxi para Newark e fiquei esperando pelo primeiro voo disponível para Miami. Levou 10 horas, mas aqui estou eu.

Casa.

De onde eu nunca deveria ter saído, para começar.

Ninguém diz uma palavra, mas eu sinto os seus olhos nas minhas costas enquanto vou até à despensa. Eu retiro a garrafa de tequila que Storm mantém na prateleira de cima. Para emergências, diz ela. — Você estava certa, Kacey. — Eu pego dois copos de shot. — Você estava certa o tempo todo.

*** * ***

— Eu senti falta do som das gaivotas — eu murmuro.

— Uau, você realmente está fodida.

Com um suspiro, eu lanço a minha mão na direção de Kacey e acabo batendo-a na bochecha. Ontem à noite, com a garrafa de tequila e dois copos de shot na mão, eu tinha silenciosamente saído pela porta do pátio para o alpendre. Kacey me seguiu, puxando uma cadeira ao lado da minha. Sem dizer uma palavra, ela começou a derramar shots.

E eu comecei a derramar minhas tripas para fora.

Eu contei tudo a minha irmã.

Admiti cada detalhe dos meus últimos dois meses, até o mais íntimo e constrangedor. Uma vez que a verdade começou a fluir, saiu em cascata de dentro de mim em uma torrente imparável. Tenho certeza de que a bebida ajudou, mas estar perto de minha irmã ajudou mais. Kacey apenas ouviu. Ela segurou minha mão e apertou com força. Ela não julgou, não gritou, não lançou suspiros e olhares decepcionados ou me faz sentir envergonhada. Ela me *repreendeu* por não usar preservativo, mas depois rapidamente admitiu que não deveria estar atirando pedras.

Ela chorou comigo.

Em algum ponto Trent saiu para esticar um edredom em cima de nós. Ele não disse uma palavra, deixando-nos no nosso estupor bêbado, soluçante. E quando os primeiros sinais de sol surgiram no horizonte, completamente drenada de cada emoção, cada segredo, cada mentira, eu desmaiei.

— Posso ver aquela foto novamente? — Kacey pede baixinho.

Eu entrego-lhe a quatro por seis da minha bolsa, tão grata que eu a tinha comigo quando saí. — Não posso acreditar o quão jovens eles estão aqui — ela murmura, traçando as linhas da imagem como eu tinha feito. Eu sorrio para mim mesma. Há três anos, Kacey não podia sequer olhar na direção geral de uma foto dos nossos pais.

Acenando-a para mim antes de entregá-la de volta, ela murmura — A prova de que ele se preocupa muito com você, Livie. Mesmo que ele seja um desastre de trem.

Eu fecho os olhos e suspiro. — Eu não sei o que fazer, Kacey. Não posso voltar. Quero dizer... ele está noivo. Ou estava. — Ele ainda está? Eu tinha recebido uma mensagem de onde-diabos-você-está de Reagan mais cedo. Depois de explicar que eu estava de volta em Miami, nós trocamos algumas mensagens, mas ela não tinha nenhuma informação para mim. Ou ela não quis me dizer, além de dizer que se escondeu no quarto de Grant durante todo o dia, porque havia um monte de gritos e berros.

Isso me fez começar a me preocupar mais com Ashton. E se ele não está com Dana? O que seu pai fez com ele? Será que ele vai usar tudo o que tem sobre a sua cabeça?

— E ele é definitivamente um desastre de trem — Kacey repete. — Ele precisa limpar os trilhos antes que possa seguir em frente com qualquer pessoa, e isso inclui você.

Apenas o pensamento disso agita uma dor em meu peito. Ela está certa. O que quer que Ashton e eu temos, eu tenho que deixá-lo ir. Por mais que eu queira continuar tentando, ficar perto dele enquanto ele luta contra quaisquer demônios que precisa, eu não posso continuar fazendo isso. Não desse jeito.

Não com Connor e Dana e... *ugh*. O anel. Meu estômago se aperta. Essa coisa entre nós - amor ou não - me transformou em uma idiota egoísta e manipuladora que pega o que quer mesmo que isso possa ferir os outros. Que continuou se convencendo que tudo o que fez estava certo porque sabia que o homem que ela queria gostava com ela.

Que provavelmente iria cair novamente nessa armadilha porque pareceu tão certo, apesar de ser tão errado.

— Você não tem que voltar.

Eu abro uma pálpebra para olhar para ela, encolhendo-me contra a luz dura do dia quando o faço. — O quê... simplesmente desistir de tudo?

Ela encolhe os ombros. — Eu não chamaria isso de desistir. Mais como viver através de tentativa e erro. Ou tomar um fôlego. Talvez o tempo longe de Ashton e da escola coloque as coisas em perspectiva. Ou talvez elas já estão em perspectiva e você só precisa de um pouco de tempo para deixar a poeira baixar.

— Sim. Talvez. — Eu fecho os olhos, absorvendo agradecida o conforto de estar em casa.

* * *

— Tem certeza que você não quer que eu fique em casa? — Papai pergunta enquanto empurra o cabelo emaranhado da minha testa.

Eu respondo com um espirro e um gemido.

Com um suspiro, ele diz, — Ok, respondido. Eu vou ficar.

— Não, papai. — Eu balanço minha cabeça, apesar de que eu adoraria tê-lo me confortando. — Você deveria ir. Vou deixá-lo doente se você ficar aqui e esta noite é o grande jogo de Kacey. Ela ficaria chateada se você o perdesse. — Risque isso. Minha irmã ficaria esmagada *se o papai não fosse. — Eu vou ficar... — Minhas palavras são cortadas por outro espirro violento.*

Entregando-me um lenço, papai se encolhe. — Bem, eu não vou mentir para você, garota. Você meio que está me expulsando agora.

A maneira como ele diz "garota" com seu fraco sotaque irlandês me faz rir.

— Não se preocupe. Estou expulsando-me para fora agora mesmo, bastante — digo enquanto limpo o nariz.

Ele responde com um sorriso e um tapinha em meu joelho. — Apenas brincando. Você sempre será meu pequeno anjo lindo, meleca verde e tudo mais. — Ele se ocupa organizando os medicamentos e líquidos na minha mesa de cabeceira enquanto eu me reposiciono. — Sra. Duggan está na sala...

— Ugh! Pai! Eu não preciso de uma babá!

Eu vejo a mudança antes que ele pronuncia uma palavra. — Sim, você precisa, Livie. Você pode agir como se tivesse trinta anos de idade às vezes, mas você tem biologicamente apenas onze, e o Serviço de

Proteção a Criança franze a testa se deixar em casa uma criança de onze anos de idade sozinha. Sem discutir — ele diz rapidamente, inclinando-se para dar um beijo no topo da minha cabeça.

Minha testa franze como eu tateio pelo meu controle remoto. Três episódios repassados de leões comendo gazelas na natureza são demais.

Com um suspiro e um murmúrio sobre suas meninas teimosas, ele se levanta e se dirige para a porta. Mas ele para e volta, esperando, suas íris azuis lacrimejantes brilhando com seu sorriso. Minha carranca dura mais dois segundos antes de um sorriso vencer. É impossível manter uma carranca quando meu pai sorri para mim assim. Ele só tem um jeito nele.

Papai ri baixinho. — Essa é a minha Menina Livie. Faça-me orgulhoso.

Ele diz a mesma coisa todas as noites.

E hoje à noite, assim como todas as outras noites, eu pisco-lhe um sorriso cheio de dentes quando respondo — Eu sempre vou fazer você se sentir orgulhoso, papai. — Eu o vejo sair, fechando a porta silenciosamente atrás de si.

Eu acordo com um céu de fim de tarde e as minhas últimas palavras ao meu pai repassando na minha cabeça. Tais palavras simples. Uma pequena frase de rotina. Mas, na realidade, a garantia de ser uma mentira. Quero dizer, como é que alguém pode se comprometer com algo assim? Nem toda decisão que você vai fazer vai ser uma boa. Algumas delas vão mesmo ser desastrosas.

Viro-me e vejo que a pessoa sentada na espreguiçadeira ao meu lado não é tão ruiva ou feminina como aquela que estava lá quando eu adormeci.

— Olá, Livie. — Dr. Stayner ajusta sua hedionda camisa de boliche de dois tons. Ela quase condiz com os shorts havaianos que nenhum homem da sua idade deveria usar. — Você gosta da minha roupa de praia?

— Ei, Dr. Stayner. Por que você está sempre certo?

— Eu tendo a estar, não é?

* * *

— Graças a Deus. Eu pensei que eu teria que queimar aquela cadeira se você não tomasse banho em breve.

Eu dou a minha irmã uma cotovelada brincalhona enquanto caminhamos pelo corredor em direção à cozinha. — Então... Stayner?

Ela encolhe os ombros. — Eu mandei-lhe uma mensagem ontem à noite para deixá-lo saber que você finalmente quebrou. Eu não esperava que ele aparecesse aqui com uma mala, no entanto.

Aparentemente, o Dr. Stayner decidiu desfrutar de alguns dias na ensolarada Miami, Florida no Chez Ryder. Bem, Storm insistiu para que ele ficasse com a gente, mesmo que isso significasse ele ficar no quarto de Kacey e ela ou dormia comigo ou com Trent. Lembrei-lhe que isso era estranho e pouco profissional para o psiquiatra da família ficar com a gente. Então, ela me lembrou que tudo sobre o Dr. Stayner é estranho e pouco profissional, de modo que isso realmente faz sentido.

Meu argumento terminou ali.

E agora o Dr. Stayner está na nossa pia da cozinha em um avental de bolinhas de Storm, descascando cenouras com a ajuda de Mia.

— Você acha que comer cenouras *realmente* faz você ver melhor ou isso é apenas o que as mães dizem para fazer as crianças comer legumes? — Mia está nessa idade bonita em que ainda é muito ingênua, mas está aprendendo a questionar as coisas.

Eu me inclino contra o saguão com os braços cruzados e assisto com curiosidade.

— O que *você* acha, Mia? — Dr. Stayner responde.

Ela estreita os olhos para ele. — Eu perguntei primeiro.

Eu balanço minha cabeça e rio. — Não se incomode. Ela é muito inteligente para você, Stayner.

Com um grito, Mia derruba a cenoura e corre para mergulhar em meus braços em um abraço. — Livie! Mamãe disse que você estava aqui. Viu X se mexendo?

Eu rio. Acho que Mia mudou o apelido carinhoso de "Bebe Alien X" para apenas "X". Ele pegou. — Não, mas eu vi Dan cutucando a barriga da sua mãe na noite passada — eu digo com uma piscadela.

Ela faz uma careta. — Espero que ele não vá ficar estranho quando X nascer. — O tema muda rapidamente. — Você vai ficar por um tempo? — Sua expressão é esperançosa.

— Eu não sei, Mia. — E é a verdade. Eu só não sei de mais nada.

*** * ***

— O que você acha que é?

Dr. Stayner bebe o extragrande latte fazendo barulho enquanto nos sentamos lado a lado em cadeiras no pátio de trás, observando os corredores matinais passarem. Todo esse café não pode ser bom para

ele. — Eu não posso começar a arriscar um palpite sobre isso, Livie. Ele claramente tem alguns problemas para resolver. *Parece* que ele usa conexões físicas com as mulheres como uma forma de enfrentamento. *Parece* que a morte de sua mãe é muito difícil para ele falar. *Parece* que ele se importa muito com você. — o Dr. Stayner senta para trás em sua cadeira. — E se ele cresceu com um pai abusivo, então é bem possível que ele ainda se sinta como se tivesse pouco controle sobre sua vida. Talvez ele tenha. Mas eu posso lhe dizer que você nunca vai conseguir uma resposta que faça sentido sobre o porquê de tudo o que lhe aconteceu. E até que ele fale sobre isso, é difícil ajudá-lo. E é por isso, minha querida Menina Livie... — Eu reviro os olhos, mas em seguida sorrio. Por alguma razão, ele pegou gosto por esse apelido. — Você precisa se desenrolar da bagunça dele até que possa endireitar a sua. Não se esqueça, sua irmã e Trent tiveram que fazer o mesmo. Foram cinco meses antes deles reconectarem. Essas coisas muitas vezes levam tempo.

Concordo com a cabeça lentamente. *Cinco meses*. Onde Ashton estará em cinco meses? Com quantas mulheres ele vai — esquecer— até então? E eu vou conseguir ficar em Princeton enquanto ele resolve as coisas? Se ele está mesmo tentando resolver as coisas. Meu estômago está começando a se agitar novamente.

— Livie...

— Desculpe.

— Eu sei que é difícil, mas você precisa se concentrar em si mesma por um tempo. Tire essa preocupação de sua cabeça que você... — ele levanta os dedos em aspas no ar — — mentiu— para o seu pai.

— Mas... — Eu desvio meu olhar para os meus dedos dos pés pintados, cuidados por Storm. — Eu sei o que ele queria para mim e eu estou indo contra isso. Como no mundo isso iria fazê-lo *orgulhoso* de mim?

O Dr. Stayner dá um tapinha no meu ombro. — Eu não garanto nada, Livie. Nunca. Mas eu garanto que seus pais ficariam orgulhosos de você e de sua irmã. Mais do que orgulhosos. Vocês duas são simplesmente... memoráveis.

Memoráveis.

— Mesmo que eu finalmente quebrei? — Eu sorrio tristemente, repetindo as palavras de Kacey.

Ele começa a rir. — Você não quebrou, Livie. Eu gostaria de dizer que você finalmente chegou a uma encruzilhada e só precisava de alguma orientação. Você é uma garota esperta que parece entender as coisas. Isso é tudo que você precisa às vezes - um pouco de orientação. Não é como sua irmã. Agora, *ela* quebrou. — Ele se vira para fazer— wow —e eu não posso evitar a gargalhada que me escapa.

— Eu acho que você vai ficar bem com o tempo. Agora é a parte divertida.

Eu levanto minha sobrancelha em questão.

— Descobrir *quem* você quer ser.

*** * ***

Estou acostumada ao Dr. Stayner em pequenas doses - uma hora por semana no telefone, no máximo. Então quando ele sai, depois de passar alguns *dias* comigo, meu cérebro desliga

temporariamente como uma máquina que está superaquecida. Passamos a maior parte do tempo no pátio de trás, discutindo todas as opções que eu tinha diante de mim para a minha educação, para as minhas futuras aspirações de carreira, e para a minha vida social. Ele nunca compartilhou suas opiniões. Ele disse que não queria distorcer meu próprio processo de seleção. A única coisa em que ele insistiu é que eu abrace a ambiguidade por um tempo, que eu não mergulhe em uma escolha só por que eu tenho que fazer uma. Ele sugeriu que, ter aulas sem me focar agora em um curso à la Reagan não é uma má ideia. Claro, ele teve de reconhecer que quanto mais eu fosse evasiva, menor a probabilidade da opção — ficar em Princeton— se aplicar, porque eu falharia no semestre.

Acho que o meu maior medo sobre voltar para Princeton não é a própria Princeton - eu aceitei que a escola não é para mim. E eu já liguei para o hospital para informá-los que eu vou desistindo da minha posição de voluntária.

Meu maior medo é enfrentar Ashton novamente e minha fraqueza ao redor dele. Um simples olhar ou toque pode me puxar de volta para ele e isso não é bom para nenhum de nós. Eu me afastei uma vez. A segunda vez será mais difícil ou mais fácil? Ou impossível...

Minha vida está cheia de escolhas difíceis e uma que é fácil - Ashton

E ele é a única escolha que eu não posso ter.

Capítulo 19

Escolhas

Juro que Reagan estava esperando na porta como um animal de estimação ansioso pelo som do mecanismo de desbloqueio, porque no segundo que eu entro na sexta-feira à noite, ela se jogou em mim. — Eu senti tanto sua falta!

— Faz apenas duas semanas, Reagan — eu digo com uma risada, jogando minha bolsa em cima da mesa. Eu decidi voltar para Princeton, afinal. Não porque eu particularmente sinto que este é o lugar para mim, mas porque eu sei que eu quero uma educação e até que eles me chutem para fora ou eu transfiro para Miami - que eu olhei, enquanto em casa – eu posso muito bem ficar aqui.

Colocando meu cabelo para trás da minha orelha, eu pergunto casualmente — Então, como foi tudo?

Seu nariz se move para cima. — Igual. Não sei. Ashton está ficando nos meus pais agora e eu não consegui arrancar nada do meu pai. Grant tem ficado aqui muito, porque a casa não é muito divertida agora. Connor está machucado. Mas ele vai ficar bem, Livie. Sério. Ele só precisa transar. — Ela cai para baixo em sua cama no típico estilo Reagan - dramaticamente. — Oh, e Ty torceu o tornozelo. Idiota.

Eu rio, mas não solto a angústia interior.

— Qual é o seu plano para este fim de semana? — Ela hesita. — Você vai ver ele?

Eu sei quem "ele" é e não é Connor. Eu balanço minha cabeça. Não... Precisamos de mais do que duas semanas para organizar a bagunça. É muito novo. Muito fresco. Muito doloroso para lidar. — Tentar me recuperar, se há alguma esperança. — Eu perdi uma semana de aulas, incluindo um teste. Eu lentamente subo os degraus para a minha cama, empurrando para fora todas as memórias. — E eu vou visitar os meninos no hospital. — Eu tenho que dizer adeus corretamente, para o meu próprio encerramento.

*** * ***

Eu recebo uma mensagem do Dr. Stayner quando estou tomando o trem para o hospital. Ele tem um endereço, juntamente com as palavras:

Mais uma tarefa, uma vez que você me deve por não completar a última. Esteja lá em duas horas

Eu nem sequer questiono mais. O homem é brilhante. Eu simplesmente respondo com:

Okay.

* * *

— Oi, Livie. — O sorriso radiante de Gale me cumprimenta na recepção do hotel. Quando Kacey disse ao Dr. Stayner que eu estava de volta a Miami, entrou em contato com o hospital para que eles saibam, em termos vagos, o que estava acontecendo. Quando tomei a decisão final que eu não iria continuar com o programa de voluntariado, ele sentou-se comigo enquanto eu liguei para avisar. Eles foram incríveis com tudo.

— Os meninos vão ficar muito felizes em te ver.

— Como eles estão?

Ela pisca. — Vai ver por si mesma.

Andando pelos corredores não me faz tão mal como antes, eu percebo. Eu sei que não é porque eu tinha de alguma forma me acostumado com isso. É porque eu deixei ir a ideia de que isso tem que ser o meu futuro.

Os gêmeos correm para mim com energia que eu não tenho visto em algum tempo, segurando minhas pernas e me fazendo rir. — Venha aqui! — Cada um deles agarra minha mão. Eles me encostam à mesa. Se eles ficaram chateados que eu deixei tão abruptamente, há duas semanas, eles não estão mostrando isso.

— A enfermeira Gale disse que você tinha ido embora, fazendo alguns... Eu não entendo o que ela disse. Algo sobre a... *alma*? Você perdeu? E você precisava ir encontrá-la? — Eric termina com uma enigmática carranca.

Procura da alma. Eu rio. — Sim. Eu estava.

— Aqui. — Derek empurra uma pilha de papéis com desenhos sobre eles. — Ela nos disse para ajudá-la a pensar em todas as coisas que você poderia ser quando crescer.

— Eu *disse* a ela que você queria ser médica, — Eric interrompe com um rolar de olhos. — Mas ela pensou que seria bom te dar ideias reservas.

Olhando para cada um deles, por sua vez, em seus rostinhos ansiosos, eu começo a folhear cada folha, avaliando todas as minhas opções.

E eu estou rindo mais do que eu ri em muito tempo.

*** * ***

Eu passo para fora do taxi em frente a uma grande casa vitoriana branca em Newark, exatamente duas horas da tarde. Pelo sinal em frente, parece ser tipo uma casa de repouso. Uma bastante agradável, noto quando eu entro pela porta da frente e em um hall de entrada modesto, mas encantador, com pisos escuros de mogno, papel de parede listrado pastel, e um arranjo floral sentado em uma mesa lateral. Do outro lado de mim está uma recepção autônoma com um aviso direcionando os visitantes para um livro de registro. Eu

suspiro, como eu olho em volta, procurando uma pista sobre o que eu deveria fazer em seguida. Dr. Stayner não me deu mais nenhuma instrução do que ir para este endereço. Normalmente ele é bastante explícito com suas demandas.

Eu puxo meu celular do meu bolso, para lhe enviar uma mensagem para orientação, quando uma jovem loira em roupa cirúrgica azul bebê enfermeira passa.

Com um sorriso em saudação, ela diz: — Você deve ser Livie.

Eu aceno.

— Ele está esperando por você no quarto 305. Escadas ao virar da esquina, à sua esquerda. Terceiro andar e siga as placas.

— Obrigada. — Então Dr. Stayner está aqui. Por que não estou surpresa? Eu abro minha boca para perguntar à enfermeira o que ela sabe sobre o quarto 305, mas ela se foi antes que eu possa dizer uma palavra.

Eu sigo suas orientações, pegando a escada para o terceiro andar, o cheiro persistente de alvejante de limpeza segue todo o caminho. Eu não posso deixar de notar a calma estranha que enquanto eu subo. Só amplifica os passos rangendo. Além de uma tosse ocasional, eu não ouço nada. Eu não vejo nada. É como se o lugar estivesse vazio. Meu instinto me diz que é muito longe disso.

Seguindo os números dos quartos nas portas, eu assisto a progressão até chegar ao meu destino. A porta está escancarada. *Ok, Dr. Stayner. O que você tem para mim agora?* Com uma inspiração

profunda, eu passo hesitante ao virar da esquina, à espera de encontrar o meu psiquiatra grisalho.

Um curto, estreito corredor leva a um quarto que eu não posso ver totalmente da porta. Tudo que eu posso ver é o canto à frente e um belo homem, bronzeado, de cabelos escuros curvado em uma cadeira - seus cotovelos sobre os joelhos, as mãos cruzadas e pressionando a sua boca como se ele estivesse esperando com ansiedade.

Minha respiração para.

Ashton está em seus pés imediatamente. Seus lábios se separam como ele olha para mim, como se ele quer falar, mas não sabe por onde começar. — Livie, — ele finalmente consegue, e depois limpa a garganta. Ele nunca me chamou de Livie antes. *Nunca*. Eu não sei como isso me faz sentir.

Estou chocada demais para responder. Eu não esperava vê-lo hoje. Eu não tinha me preparado.

Eu vejo com os olhos arregalados como Ashton anda cinco passos rápidos e segura minha mão, seus olhos castanhos preocupados presos nos meus, um leve tremor em seu aperto. — Por favor, não corra, — ele sussurra, acrescentando mais calmo, mais bruscamente, — e, *por favor*, não me odeie.

Isso me encaixa fora do meu choque inicial, mas me envia para outro. Ele honestamente acha que eu iria fugir dele no segundo que eu o visse? E como na terra poderia Ashton pensar que eu *odiaria* ele?

O que quer que esteja acontecendo, Ashton claramente não compreende a intensidade dos meus sentimentos por ele. Sim, eu deixei há duas semanas. Era algo que eu tinha que fazer. Por mim. Mas eu estou aqui agora e eu não *quero* nunca mais correr ou caminhar ou *qualquer* outra coisa longe de Ashton novamente.

Eu só peço a Deus que eu não *precise*.

O que diabos esse meu psiquiatra maldito aprontou agora?

Pisando para trás, Ashton silenciosamente me leva mais para dentro do quarto até que eu possa ver todo o espaço. É elegante, simples - com papel amarelo pálido decorando as paredes, sancas forradas no teto, e várias plantas de videira suspensas antes de uma janela de sacada, apanhando banhos de sol no meio da tarde. Todos esses detalhes desaparecem, no entanto, quando meus olhos aterrissam na mulher deitada na cama do hospital.

Uma mulher com cabelo sal e pimenta e um rosto ligeiramente enrugado que certamente teria sido descrito como bonita ao mesmo tempo, especialmente com aqueles lábios carnudos. Lábios tão cheios como de Ashton.

E tudo isso apenas... clica.

— Esta é a sua mãe — eu sussurro. Não é uma pergunta, porque eu sei a resposta, com certeza. Eu só não sei a montanha de "porquês" por trás dela.

A mão de Ashton nunca desliza da minha, seu aperto nunca enfraquece. — Sim.

— Ela não está morta.

— Não, ela não está. — Há uma longa pausa. — Mas ela *se* foi.

Eu avalio expressão solene de Ashton por um momento antes de voltar para a mulher. Eu não quero olhar, mas eu faço de qualquer maneira.

Seus olhos piscam do meu rosto para Ashton. — Quem... — Ela começa a dizer, e posso dizer que ela está lutando para formar suas palavras, sua boca trabalhando as formas, mas não conseguia fazer o som sair. E nos olhos dela... Não vejo nada além de confusão.

— É Ashton, mãe. Está é Livie. Eu disse a você sobre ela. A chamamos de Irlandesa.

O olhar da mulher perambula o rosto de Ashton e depois desce como se fosse procurar sua memória.

— Quem... — Ela tenta novamente. Eu dou dois passos para frente, na medida em que o aperto de morte de Ashton na minha mão me permite. É perto o suficiente para pegar o leve cheiro de urina que eu reconheço das casas de idosos com pacientes que perderam todo o controle da bexiga.

Como se desistindo de descobrir quem é qualquer um de nós, a cabeça da mulher rola para o lado e ela simplesmente olha para fora da janela.

— Vamos pegar um pouco de ar — sussurra Ashton, me puxando com ele enquanto ele caminha para um pequeno rádio sobre a mesa lateral. Ele gira em torno de um disco de Etta James e ajusta o volume um pouco. Eu não digo nada enquanto ele me leva para fora de seu quarto, fechando a porta suavemente atrás dele. Nós dirigimos

para o corredor e um conjunto diferente de escadas em silêncio, que dá para o jardim do quintal da casa, uma propriedade considerável com carvalhos nus e pequenos caminhos tecendo através dos canteiros, há muito preparado para o inverno. Eu suspeito que este é um agradável refúgio para os moradores em dias mais quentes. Agora, porém, com o fraco sol de novembro e uma mordida no ar, eu estremeço.

Tomando um assento em um banco, Ashton não hesita em me puxar para o seu colo e envolver seus braços em volta do meu corpo como se quisesse me abrigar do frio. E eu não hesito em deixá-lo, porque eu desejo seu calor por mais de uma razão. Mesmo que eu não deveria.

Isso é exatamente o que eu temia.

Eu não sei o que é mais certo. Tudo o que sei é que a mãe de Ashton está viva e Dr. Stayner me enviou para cá, sem dúvida, para saber a verdade. Como Dr. Stayner sabia... Eu vou descobrir mais tarde.

Eu fecho meus olhos e inspiro, absorvendo o perfume celestial de Ashton. Estar tão perto dele depois da nossa noite juntos é ainda mais difícil do que eu imaginava que seria. Eu me sinto como se eu estivesse de pé na beira de um precipício e que a tempestade de emoções ameaçava me empurrar para fora - dor e confusão, amor e desejo. Eu posso sentir aquela força gravitacional, aquela vontade de enrolar em seu corpo, deslizar minha mão sobre seu peito, beijá-lo,me fazer acreditar que ele é meu. Ele não é meu, apesar de tudo. Ele nem é mesmo *seu* ainda.

— Por que, Ashton? Por que mentir sobre a morte dela? — Por que... *tudo*?

— Eu não menti. Eu só não corrigi quando você achou que ela estava morta.

A palavra "porque" está nos meus lábios novamente, mas ele fala antes que eu possa dizer isso. — Foi mais fácil do que admitir que minha mãe não se lembra de quem eu sou. Que a cada dia eu acordo na esperança de esse era o dia em que ela morreria para que eu pudesse ser livre da minha vida ferrada. Para que eu pudesse ficar em paz.

Eu fecho meus olhos para afastar as lágrimas. *Paz*. Agora eu entendo o que esse olhar estranho era, na noite em que Ashton descobriu sobre a morte dos meus pais. Ele estava desejando o mesmo para si mesmo. Soltando um profundo suspiro, eu sussurro: — Você precisa me dizer. Tudo.

— Eu vou, Irlandesa. Tudo. — A cabeça de Ashton se inclina para trás enquanto ele faz uma pausa para reunir seus pensamentos. Seu peito empurra para fora contra o meu como ele toma uma respiração profunda. Eu quase posso ver o levantamento de peso fora de seus ombros enquanto ele se deixa falar livremente pela primeira vez. — Minha mãe tem em estágio avançado de Alzheimer. Ela desenvolveu isso muito cedo, mais cedo do que a maioria.

Um caroço instantaneamente se forma em minha garganta.

— Ela me teve quando ela estava em seus quarenta e poucos anos. Não planejado e altamente inesperado. E indesejado pelo meu pai. Ele... não gosta de compartilhar. Isso aparentemente incluía o

carinho da minha mãe. — Ele faz uma pausa para me dar um sorriso triste. — Minha mãe modelou por anos na Europa antes de conhecer meu pai e se mudar para a América. Tenho algumas de suas capas de revista. Eu vou te mostrar elas um dia. Ela era deslumbrante. Quero dizer, linda de morrer.

Eu levanto a mão para tocar-lhe o queixo. — Por que não me surpreende?

Ele fecha os olhos e se inclina para os meus dedos por um momento antes de continuar. — Quando ela conheceu o meu pai, ela não tinha interesse em ter filhos, então, tudo funcionou bem. Eles foram casados por 15 anos antes de eu nascer. Quinze anos de felicidade antes de eu estragar tudo, de acordo com o meu pai. — Ele diz essa última parte com um encolher de ombros, indiferente, mas eu sei que ele está longe de ser indiferente. Eu posso ver a dor velada naquelas íris marrom.

Mesmo sabendo que eu não deveria, eu pressiono minha mão contra seu peito.

A mão de Ashton fecha sobre ela e ele aperta os olhos fechados. — Eu pensei que nunca ia sentir você fazer isso de novo — ele sussurra.

Dou-lhe um momento antes de eu empurrar delicadamente. — Continue falando. — Mas deixo minha mão onde está descansando contra seu coração agora correndo.

Os lábios de Ashton curvam em uma pequena careta. Quando seus olhos se abrem, ele pisca contra um brilho vítreo. Apenas a ideia de Ashton chorando contorce minhas entranhas. Eu me esforço para

me manter serena. — Eu ainda me lembro do dia em que minha mãe e eu nos sentamos à mesa da cozinha com um monte de cookies que eu a ajudei a fazer. Eu tinha sete anos. Ela apertou minhas bochechas e me disse que eu era uma bênção disfarçada, que ela não sabia o que estava faltando até o dia em que ela descobriu que iria me ter. Ela disse que algo finalmente clicou dentro dela. Algum interruptor materno que a fez me *querer* mais do que qualquer outra coisa no mundo. Ela me disse que eu fiz ela e meu pai muito felizes. — É quando uma única lágrima finalmente desliza para baixo em sua bochecha. — Ela não tinha ideia, Irlandesa. *Nenhuma ideia* do que ele estava fazendo comigo — ele sussurra, seus olhos se fecharam mais uma vez como ele toma uma respiração profunda e calmante.

Eu escovo a lágrima de seu rosto, mas não antes dele estimular uma dúzia das minhas próprias lágrimas, que eu rapidamente limpo porque eu não quero atrapalhar a conversa. — Quando isso começou?

Limpando a garganta, Ashton continua, empurrando a porta aberta para me mostrar seus esqueletos sem reservas. Finalmente. — Eu tinha quase seis da primeira vez que ele me trancou em um armário. Antes disso, eu nunca o via muito. Ele trabalhava longas horas e me evitava o resto do tempo. Isso realmente não importava. Minha mãe me adorava constantemente. Ela era uma mulher expressiva. Abraços e beijos intermináveis. Lembro-me de seus amigos brincando que ela iria me sufocar até a morte com o amor. — Sua testa sulca. — Olhando para trás agora, isso deve ter incomodado o meu pai. Muito. Ele tinha sua atenção antes disso, e... — A voz de Ashton fica amarga. — Um dia, algo mudou. Ele começou a ficar em casa quando a minha mãe tinha planos - um chá de bebê ou uma

festa com suas amigas. Ele usou esses dias para me enfiar dentro de um armário com uma tira de fita adesiva sobre a boca. Ele me deixava lá por horas, com fome e chorando. Disse que não queria ouvir ou me ver. Que eu não deveria ter nascido. Que eu tinha arruinado a vida deles.

Eu não consigo entender como Ashton é tão calmo, como o seu coração continua seu ritmo constante, porque, apesar de toda a minha determinação em manter a compostura, ter derretido em uma confusão chorosa enquanto a visão desse pequeno menino de olhos escuros - não muito maior do que Eric e Derek - enrolado no armário queima na minha mente novamente. Eu me esforço para falar com o caroço afiado na minha garganta. — E você não disse nada?

A palma de Ashton enxuga algumas das minhas lágrimas. — Poucos meses antes, eu tinha acidentalmente deixado o nosso Pomeranian sair pela porta da frente. Ele correu direto para o tráfego... Minha mãe chorou por semanas sobre esse cão. O pai disse que ele diria a ela que eu *intencionalmente* o deixei correr para fora da porta, que eu era um menino malvado que fazia coisas ruins para os animais. Eu estava com medo de que ela acreditaria nele... — Ele encolhe os ombros. — O que diabos eu sabia? Eu tinha apenas seis anos. — Há uma pausa. — Foi cerca de um mês antes do meu aniversário de oito anos quando minha mãe começou a esquecer datas e nomes e compromissos. Ela fazia isso de vez em quando, mas começou a ficar muito ruim. — Seu pomo de Adão sacode com um grande gole. — Dentro de um ano a diagnosticaram. Esse foi o dia... — Inalando profundamente pelo nariz, ele esfrega o cinto em seu pulso. O que ainda está lá, ainda confinando-o. Sua lembrança

constante. — Ele nunca usou um cinto em mim antes disso. Eu não acho que ele sabia o quanto ele poderia bater antes de romper a pele. E ele estava louco. Com tanta raiva de mim. Ele me culpou por tudo. Ele disse que a gravidez fez isso com ela, que os hormônios começaram a destruir seu cérebro no dia em que nasci. — Ashton distraidamente risca sobre seu antebraço, onde uma de suas cicatrizes esconde. — Ele me disse para não contar a ela o que aconteceu ou o stress disso iria fazê-la piorar, mais rápido. Então eu menti. Eu disse que me cortei andando de bicicleta. Depois disso, eu menti para ela sobre tudo. Os hematomas nas minhas costelas quando ele me socou, os vergões perfurados quando ele me bateu com o cinto mais uma vez, o galo na minha testa a noite que ele me empurrou contra a porta. Eu fiquei tão acostumado a mentir e a saúde da minha mãe estava se deteriorando tão rapidamente que o que ele estava fazendo para mim se tornou... insignificante. Eu me acostumei com isso.

— Ele parou de me bater no dia que mudamos a minha mãe para um centro avançado de pesquisa e tratamento. Eu tinha quatorze anos. Na época, eu ainda tinha esperança de que ela poderia ficar melhor, que o tratamento poderia reverter ou parar a doença. Ela ainda ria das minhas piadas e cantava essa música em espanhol... Ela ainda estava lá, *em algum lugar*. Eu tinha a esperança de que poderíamos comprar tempo suficiente, até que encontrassem uma cura. — A cabeça de Ashton mergulha. — Esse foi o primeiro dia em que minha mãe me perguntou quem eu era. E quando ele veio para mim naquela noite... eu bati de volta e pus ele chão. Eu era uma criança grande. Eu disse-lhe para ir em frente e me batesse tão duro

como podia. Eu não me importava mais. Mas ele não fez. Ele nunca encostou a mão em mim de novo.

Com um suspiro resignado, Ashton olha na minha cara enquanto ele escova o fluxo interminável de lágrimas das minhas bochechas com os polegares. — Ele encontrou uma maneira melhor de me punir por respirar. Eu só não sabia exatamente o que era na época. Ele vendeu a nossa casa e nos fez mudar por toda a cidade, depois disso, por nenhuma outra razão do que para me tirar da vida que eu conhecia, me forçando a mudar de escola, para deixar meus amigos. Ele poderia ter me enviado para um colégio interno e lavado as mãos de mim como uma responsabilidade, mas ele não fez. Em vez disso, ele começou a ditar o que eu iria falar, com quem eu sairia, o esporte que eu iria jogar. — Com um suspiro, Ashton murmura: — Ele é realmente o único que exigiu me juntar ao time de remo. É uma ironia, uma vez que o remo é a única coisa que eu amo fazer... Enfim, uma noite, quando eu tinha quinze anos, ele chegou a casa do trabalho inesperadamente para encontrar minha namorada que ele não aprovava e eu fo... — Os olhos escuros piscam para meu rosto enquanto minhas costas endurecem. — Sinto muito... brincando. Ele a chamou de prostituta e a expulsou de casa. Eu quebrei. Eu joguei ele no chão, pronto para bater a merda fora dele. — Os braços de Ashton ficam tensos em volta do meu corpo quando ele me segura perto dele. — Foi quando ele começou a usar a minha mãe contra mim.

Eu sinto minha testa franzir com a confusão.

— Ele jogou em torno de números - o preço de mantê-la em sua casa de repouso cara, quanto custaria se ela sobrevivesse mais dez

anos. Disse que ele estava começando a questionar o ponto disso. Ela não ia ficar melhor, então por que desperdiçar dinheiro. —Ashton passa a língua sobre os dentes. — Um desperdício de dinheiro. Isso é o que o amor de sua vida tornou-se para ele. Ele não tinha ido vê-la desde o dia em que ele a colocou lá. Seu anel de casamento tinha ido embora fazia tempo.

— Eu não queria acreditar nisso. Eu não podia simplesmente desistir dela. Ela era tudo que eu tinha e ele sabia disso. Então ele fez a minha escolha muito simples - eu poderia ou viver a vida que ele me permitisse viver ou os últimos anos dela seriam gastos em alguma merda, esperando para morrer. Ele mesmo encontrou recortes de jornais, exemplos de histórias de horror desses tipos de lugares - negligência, agressão... Esse é o dia que eu percebi o quanto meu pai me desprezava por ter nascido. E eu sabia que ele ia cumprir sua ameaça.

Eu libero o ar que eu estava segurando. Então é isso que ele está pendurando sobre a cabeça de Ashton todo esse tempo.

Sua mãe.

— Então eu desisti. Ao longo dos anos, eu continuei aceitando calmamente suas demandas. — Com um suspiro, Ashton murmura: — A pior parte? Eu nunca poderia reclamar. Quero dizer, olhe para a minha vida! Eu estou indo para Princeton, eu tenho dinheiro, um carro, um emprego garantido em um dos escritórios de advocacia mais importantes do país. Não é como se ele estivesse me *torturando*. Ele é só... — Ashton solta um suspiro. — Ele tomou a minha liberdade de escolher como viver.

— Bem, te forçar a se casar com alguém é algo para reclamar. — Eu murmuro amargamente.

A cabeça de Ashton abaixa, sua voz tornando rouca. — Esse foi o pior dia da minha vida. Eu sinto muito que você teve que passar por isso. E me desculpe não te contar sobre o noivado.

— Olhe para mim — eu exijo, levantando o rosto de Ashton com um dedo sob seu queixo. Eu quero tanto beijá-lo agora, mas eu não posso cruzar essa linha. Não até que eu saiba... — O que aconteceu com Dana? Onde é que estão as coisas? — *O casamento ainda está de pé? O que estamos fazendo agora, sentados aqui juntos, é errado?*

Aqueles lindos olhos castanhos tomam minhas características, por um momento antes de continuar. — Três anos atrás, eu estava em um torneio de verão de golfe da empresa, jogando com o meu pai, quando um novo cliente e sua filha se apresentaram para mim. Ela estava lá, jogando com ele. É assim que Dana e eu nos conhecemos. Eu acho que o pai de Dana mencionou algo sobre o quanto ele amaria que sua filha ficasse com um cara como eu... — Os músculos do pescoço de Ashton tensionam. — Meu pai viu uma oportunidade. O pai de Dana tinha dado à empresa apenas uma parte de seus negócios, enquanto três outros escritórios de advocacia representavam o resto. Ficando “bem” com o pai de Dana seria uma grande vitória financeira para a empresa. No valor de dezenas de milhões, talvez mais. Então, fui instruído a fazer Dana me amar. — Os braços de Ashton mudam para me puxar apertada contra seu peito enquanto ele enterra seu rosto contra a minha clavícula, fazendo o meu pulso começar a correr. Ele continua a falar, no entanto. — Ela era bonita, loira e muito doce. Eu nunca senti algo

real por ela, mas eu não podia reclamar de ter uma namorada como ela. Além disso, ela morava do outro lado do país a maior parte do ano, indo para a escola, então não é como se ela atrapalhasse meu estilo de vida. Não até que você chegou. — Eu resisto ao impulso de me inclinar para baixo. Seria tão fácil... apenas uma pequena mudança e minha boca poderia estar na sua.

— Três semanas atrás, meu pai me chamou e me disse para propor. Namorar Dana tinha garantido uma parcela maior dos negócios de seu pai. Ele imaginou que casar com ela iria garantir o resto. Eu recusei. No dia seguinte, recebi o telefonema da clinica com perguntas sobre a iminente transferência de minha mãe para uma casa de repouso, na Filadélfia. Eu tinha acabado de desligar o telefone quando eu recebi um email de meu pai com pelo menos uma dúzia de relatórios de negligência neste lugar. Até mesmo um caso de agressão sexual que foi tirado dos tribunais por uma questão técnica. O bastardo doente estava esperando e pronto para isso. — O peito de Ashton levanta e cai contra mim em um suspiro resignado. — Eu não tinha escolha. Quando ele me entregou o anel, há duas semanas, após a corrida, eu pedi a Dana para se casar comigo. Eu disse que ela era o amor da minha vida. Eu não podia arriscar ela dizer não. Eu iria convencer ela a ter um longo noivado, até eu terminar a faculdade de direito. Eu só precisava aguentar até minha mãe morrer e então eu poderia cair fora. — O auto ódio na sua voz é inconfundível. Ele odeia a si mesmo por isso.

Eu me esforço para envolver minha cabeça em torno de toda essa situação, mas eu não posso. Eu não consigo ver o sentido. Como poderia um homem odiar seu próprio filho tanto assim? Como ele

poderia encontrar satisfação em dominar a vida de outra pessoa tão completamente? O pai de Ashton é doente. Só de pensar como tamanha crueldade possa ser embrulhada em um terno afiado e carreira bem sucedida torce meu estômago. Eu não ligo para os demônios escuros no passado do pai de Ashton para fazê-lo assim. A pessoa que eu sou nunca vai encontrar uma resposta aceitável para tudo o que esse homem tem feito.

Eu empurro contra o ombro de Ashton, o suficiente para ver seu rosto novamente, e algumas lágrimas escorrendo em suas bochechas. Eu procuro seu rosto enquanto seus olhos descansam em minha boca por um longo momento. — Quando você veio para o meu quarto naquela noite e... — Ele engole, a testa franze. — Eu queria te dizer. Eu deveria ter lhe contado antes... — A expressão de Ashton torce de dor. — Eu sinto muito. Eu sabia que eu ia acabar machucando você e eu deixei isso acontecer de qualquer maneira.

Eu não vou deixá-lo se culpar por um segundo daquela noite. — Eu não me arrependo, Ashton — eu respondo com sinceridade, dando-lhe um pequeno sorriso tranquilizador. Se há um erro que eu nunca vou me arrepender pelo resto da minha vida, é Ashton Henley. — Então, o que agora? — Hesito antes de perguntar: — O que aconteceu com Dana?

— Ela gritou e chorou muito. E então ela disse que se eu prometesse nunca deixar isso acontecer de novo, ela me perdoaria.

Bobinas apertam em volta do meu estômago. Ashton ainda está noivo. Seu pai ainda o controla. E eu não deveria estar aqui, ficando perto dele. Fechando os olhos contra a dura realidade, eu suspiro e sussurro: — Ok.

Com uma voz rouca, lutando para conter a emoção, Ashton sussurra: — Olhe para mim, Irlandesa.

É através de uma névoa de lágrimas que eu vejo seu sorriso minúsculo, e eu franzo a testa em confusão. Levantando sua mão para apertar meu queixo, Ashton me puxa para um beijo suave. É retraído e ele não dura muito tempo, mas me deixa sem fôlego do mesmo jeito. E tudo mais confuso.

Ashton sussurra. — Eu disse, — Não.

— Mas... — Eu me viro para olhar a casa da mãe dele. — Ele vai transferir ela daqui para aquele lugar terrível...

— Este é um lugar novo, Irlandesa. Mudei a minha mãe aqui há uma semana. — Um sorriso estranho transforma o rosto de Ashton - uma mistura de euforia e alívio e vertigem. Só amplifica seus de repente olhos lacrimejantes.

— Eu não... Eu não entendo. — Meu coração passou de quebrar em pedaços para agora galopando e pulando batidas com antecipação. Eu sei que ele está insinuando algo profundo, mas eu não sei o que e eu *preciso* saber, agora. — Diga-me o que está acontecendo, Ashton.

Sua expressão se torna sombria. — Eu terminei tudo com Dana. Eu percebi que minha vida não era mais a única a ser destruída nesta bagunça. — Um flash de dor atravessa os olhos com uma memória. — Eu vi o olhar vazio em seu rosto quando você desceu as escadas e saiu pela porta naquele dia. Destruiu-me. Depois disso, eu fiz a única coisa que eu podia fazer. Fui ver o treinador. Ele é... sempre invejei Reagan por ter um pai assim. Bem, o treinador

sacou uma garrafa de Hennessy e eu disse *tudo*. — Suas palavras me trouxeram de volta para a minha noite de confissão com Kacey e tequila. É meio engraçado que estávamos fazendo exatamente a mesma coisa exatamente ao mesmo tempo... — O treinador exigiu que eu ficasse com eles por alguns dias até que pudéssemos resolver as coisas. Com certeza, meu telefone estava tocando fora do gancho na segunda-feira de manhã, meu pai me dizendo para consertar as coisas Dana ou que seja. Comprei algum tempo, dizendo que eu estava tentando. Enquanto isso, o treinador e eu começamos a entrar em contato com os seus amigos - advogados, médicos, ex Princeton - à procura de uma maneira de contornar o controle legal do meu pai sobre minha mãe, uma maneira de levá-la para um lugar seguro.Não parecia que íamos chegar a lugar nenhum. Eu tinha certeza que eu estava preso. — Um sorriso irônico toca os lábios. — E então Dr. Stayner apareceu na porta do treinador, quatro dias depois.

Meus olhos se arregalaram com o choque. — O quê? Como? — Quatro dias mais tarde... Isso significa que ele literalmente me deixou em Miami e voou para Nova Jersey.

— Aparentemente, ele rastreou o treinador, imaginando que assim ele iria me encontrar.

Claro. — Eu... — Eu dou um suspiro, sentindo-me culpada por divulgar tanto da vida pessoal de Ashton. — Sinto muito. Eu disse a ele coisas sobre você quando eu estava em Miami. Eu precisava me livrar de tudo. Eu nunca pensei que ele viria aqui. — *Por que eu não pensei que ele faria isso?*

Ashton me cala com um dedo contra meus lábios. — Está tudo bem. Realmente. Está... mais do que bem. Na verdade, isso fez *tudo*

bem. — A cabeça de Ashton treme quando ele ri. — Esse cara é outra coisa. Ele tem uma maneira de conseguir informações de você - você sabe que está sendo interrogado, mas de uma forma amigável. Eu nunca vi o técnico se submeter a ninguém como ele fez com Stayner.

Revirando os olhos, não posso deixar de rir. — Eu sei exatamente o que você quer dizer.

— Em quatro horas - nenhuma mentira, Irlandesa, *quatro horas* - o cara tinha um resumo completo do meu passado e minha situação. Ele fez um monte de telefonemas para colegas. — Acenando com a cabeça em direção à casa, Ashton, explica: — O diretor deste lugar é um bom amigo dele. Ele conseguiu um quarto. — Ele sorri tristemente. — Não acho que ela tem muito mais tempo agora. Talvez um ou dois anos. Seu antigo lugar era agradável, mas não fazia sentido para ela ficar lá, com o tratamento caro e terapia. Nada vai trazê-la de volta. Eu aceitei isso. Ela só precisa de um lugar onde ela fique segura e confortável. Ela precisa de paz agora.

— Atordoada, — não pode descrever adequadamente como me sinto agora. Estou explodindo de emoção, uma mistura vulcânica de felicidade e tristeza e adoração - adoração para esse meu médico insano que, de alguma forma trouxe outra pessoa que eu amo de volta para mim. Eu não me incomodo de limpar o novo conjunto de lágrimas quando eu franzo a testa, ainda trabalhando para dar sentido a tudo.

— Mas como é que você conseguiu transferir ela? Como é que o seu pai...

A gargalhada de Ashton corta as minhas palavras fora. — Oh, Irlandesa. Essa é a melhor parte. — Ele enxuga uma lágrima que escorre do seu nariz enquanto o seu olhar vagueia, pensativo por um instante. — É chocante o que algumas pessoas estão dispostas a fazer quando eles sabem que podem se livrar disso. É ainda mais chocante o que fazem quando descobrem que eles não podem. Meu pai tinha se livrado de abusar de mim por 16 anos. E no dia seguinte que Stayner chegou, ele, eu e o treinador dirigimos direito ao escritório do meu pai para acabar com isso. Eu nunca fiquei tão assustado na minha vida. Mas o fato de que eu não estava mais sozinho nisso... — A voz de Ashton quebra, e meu coração quebra com ele.

Puxo ele contra mim, apertando meus braços tão apertados quanto eu posso. Eu quero ouvir o resto. Eu preciso. Mas só por um momento, eu preciso segurar Ashton perto de mim enquanto eu entro em acordo com tudo isso. Eu posso ter perdido meus pais anos atrás, mas eu tive lembranças de uma infância amorosa para batalhar contra a perda. Ashton levou nada além de escuridão e ódio. E o ônus de proteger uma mulher que nem sequer se lembra do garotinho que ela uma vez sufocava com amor.

— Meu pai é um homem poderoso. Ele não está acostumado a ninguém lhe dizendo o que fazer. Então, quando Stayner entrou em seu escritório - sem ser convidado - e se sentou na cadeira do meu pai... — Ashton ri baixinho. — Era como algo saído de um filme. Stayner calmamente expôs os fatos - o abuso, a manipulação, a chantagem francamente escandalosa. Ele não se debruçou sobre ele, ele não amaldiçoou, ou gritou, ou qualquer coisa. Ele assegurou que o meu pai estava plenamente consciente do que ele sabia, o que o

treinador sabia. E então Stayner colocou uma nota com este endereço em sua mesa e informou ao meu pai que o quarto tinha sido reservado, que iriamos transferir a minha mãe aqui, que ele pagaria as despesas e que não era para ela deixar esta instalação até o dia em que ela deixasse o seu corpo.

Minha boca cai aberta como eu tento imaginar a cena. — O que aconteceu? O que ele disse?

Os lábios de Ashton cachos ligeiramente para cima. — Ele tentou jogar alguma merda legal em Stayner, ameaças de uma ação judicial, de cassar a licença dele. Stayner sorriu para ele. Sorriu e pintou um quadro muito esclarecedor sobre o que aconteceria se o pai de Dana descobrisse por que o coração de sua filha está quebrado, como provavelmente seria muito pior do que simplesmente perdê-lo como um cliente poderoso. Isso, somado ao fato de que eu ainda tinha os e-mails sobre a casa de repouso – prova de suas más intenções com relação a sua esposa - bem, seria o suficiente para danificar a imagem imaculada que ele trabalhou tão duro para defender. Talvez o suficiente para manter um bom advogado amigo de Stayner ocupado por alguns anos. Um amigo com uma propensão para assumir casos difíceis *pro bono* que ele é famoso por ganhar. Stayner soltou um nome e o rosto de meu pai ficou branco. Eu acho que existem advogados mais intimidantes em Nova York do que David Henley.

Ele faz uma pausa. — Saímos depois disso. Eu virei as costas para o meu pai e saí. Eu não o vi desde então.

— Então... — Eu aponto para a casa em espanto. — Ele fez o que Stayner lhe disse para fazer? Só isso?

Uma carranca curiosa toca o rosto de Ashton. — Não exatamente... A transferência aconteceu. Eles pegaram a minha mãe dois dias depois, e a mudamos para cá. E então há quatro dias, um mensageiro deixou um monte de papelada com uma carta de intenções. Meu pai está assinando mais de procuração para mim. Eu vou ter o controle do bem-estar da minha mãe e sua propriedade. Ele tem todos os seus registros financeiros. Lembra que eu disse que ela era uma modelo, certo?

Concordo com a cabeça, e ele continua. — Ela tinha um monte de seu próprio dinheiro. Quando ela descobriu que estava doente, ela fez com que ele fosse guardado para cobrir os cuidados dela. Ela fez com que houvesse dinheiro para cobrir tudo desde o início. Nunca tinha sequer que sair do bolso *dele*.

— Então, ele é só... deixou você ir?

Com um gesto lento, Ashton disse: — A única condição é que eu assinasse um acordo de confidencialidade sobre o meu... relacionamento com ele. Nossa história, a respeito de Dana. Tudo. Eu assinava isso e ele garantia que eu nunca vou ouvir ou vê-lo novamente.

O olhar no meu rosto deve fazer a pergunta por que ele confirma: — Eu vou assinar. Eu não me importo. Está no passado. Tudo o que me importa é o que está sentado em frente de mim agora. — A mão de Ashton desliza para baixo para minha coxa para me puxar mais contra ele, sua voz rouca de emoção. — Eu não posso jamais desfazer todos os erros que cometi com você, todas as mentiras que eu disse, todas as maneiras que eu te machuquei.

Mas... será que podemos apenas — ele range o queixo — de alguma forma *esquecer* tudo isso e começar de novo?

Isso está realmente acontecendo. Na verdade, estou aqui, sentada com Ashton - a única coisa que eu sei que eu quero - e isso pode, finalmente, ser *certo*.

Quase.

— Não — escorrega da minha boca.

Vejo Ashton vacilar contra a única palavra enquanto ele luta contra as lágrimas em seus olhos. — Eu vou fazer de tudo, Irlandesa. Qualquer coisa.

Meus dedos escorregam para seu pulso, essa terrível coisa que eu sei que ainda está lá.

Eu nem sequer tenho que dizer uma palavra e ele sabe, deslizando a manga de seu casaco até descobrir o lembrete gritante de seu abuso. Ele olha para ela por um longo momento. — Meu pai jogou este cinto fora depois daquela noite. Tentando se livrar das evidências de sangue, eu acho — disse ele em voz baixa. — Mas eu achei no lixo e escondi no meu quarto durante anos. O dia em que cobri minhas cicatrizes com minhas tatuagens foi o mesmo dia que eu fiz esse bracelete a partir de um pedaço do cinto. Meu lembrete constante de que minha mãe precisava de mim para se segurar. — Olhando para cima em uma janela no terceiro andar - de sua mãe, sem dúvida - ele sorri melancolicamente. Meu coração se derrete enquanto eu assisto os dedos habilmente desfazer a cinta.Me deslizando fora de seu colo para levantar-se, ele dá alguns passos e,

em seguida, com o que parece ser toda a força de seu corpo, ele joga a última peça do controle do pai sobre ele na massa de árvores.

Ele vira de volta para mim, um olhar suplicante nos olhos castanhos lindos dele, misturado com o calor que fazem meus joelhos falhar.

Dando um passo para ele, eu pressiono minha mão contra o seu coração acelerado e fecho os olhos, memorizando a sensação do momento.

No momento em que faço uma escolha por mim e só por mim.

Uma escolha que é certa, porque é certa para *mim*.

O sorriso me escapa antes que eu possa dizer a minha condição.

Ashton nunca foi um cara paciente. Eu acho que ele vê o sorriso e entende como minha aceitação. Sua boca cai imediatamente na minha em um beijo totalmente consumidor que enfraquece os meus joelhos e explode o meu coração.

Eu consigo me libertar de sua boca. — Espere! Mais duas coisas.

Ele está respirando pesadamente, com o cenho franzido como ele olha para a minha cara com a confusão. — O que mais ? Você quer as minhas roupas também? — Com uma sobrancelha arqueada, acrescenta, — De bom grado te darei elas quando estivermos em algum lugar um pouco mais quente, Irlandesa. Na verdade, eu insisto.

Balançando a cabeça, eu sussurro, — Eu quero que você consiga ajuda. Você precisa conversar com alguém sobre tudo isso. Lide com isso.

Ashton sorri. — Não se preocupe, eu já tenho Stayner todo sobre a minha bunda. Eu tenho um sentimento que eu vou ficar com o seu horário dez horas aos sábados.

Alívio derrama para fora de mim, em uma expiração. Se há alguém em quem eu confio bem-estar de Ashton, é o Dr. Stayner. — Bom.

Com um pequeno beijo em meus lábios, ele murmura: — E que outra coisa?

Eu engulo. — Você disse que queria esquecer tudo. Mas... eu não quero que você esqueça de nada do que aconteceu entre nós. Nunca.

O mais gentil dos sorrisos passa sobre o rosto de Ashton. — Irlandesa, se há uma coisa que eu nunca fui capaz de esquecer, é um único segundo com você.

Epílogo

— Você sabe, eu não como cheesecake faz quase um ano, — murmuro, arrastando meu garfo ao longo do meu prato como eu assisto o pôr do sol de junho sobre Miami Beach a partir do conforto da minha poltrona. — Eu acho que eu gosto não mais.

— Vou comer ele, então, — murmura Kacey, a um passo de lamber seu prato limpo. — Ou Storm. Eu juro que ela coloca de volta cinquenta mil calorias por dia alimentando essa porca de uma criança. — Como se o bebê Emily ouvisse a palavra mágica de sua cadeirinha na cozinha, os lamentos de fome começam. De novo. Emily nasceu no início de janeiro, grudando imediatamente nos mamilos de Storm e lutando para se manter desde então. As coisas não têm sido fáceis para Storm, mas ela está lidando com isso com toda a paciência e amor que você sempre poderia esperar dela.

Comigo de volta em casa, ela teve um pouco de descanso. Emily está sempre pegando uma mamadeira comigo agora. Storm me chama de seu amuleto da sorte.

Eu fiquei para terminar o ano em Princeton, no final das contas, até mesmo conseguindo puxar minha média global para um sólido B. É irônico que a minha nota final de literatura inglesa acabou sendo uma das minhas mais fortes daquele primeiro semestre, já que também foi o curso mais difícil para mim.

Ashton foi definitivamente um fator de motivação na minha escolha para ficar. Depois que toda confusão, a pressão e as mentiras foram embora, eu fiquei com nada, mas escolhas. Pequenas, grandes, fáceis, difíceis - todas elas minha para fazer. Por mim.

Comecei com as mais fáceis. Como escolher estar onde eu podia ver Ashton sempre que eu quisesse. Essa foi sem pensar. Ele tinha menos de um ano para se formar em Princeton e ele decidiu que queria passar, independentemente de sua razão para estar lá em primeiro lugar. Além disso, ele estava comprometido com o seu papel como o capitão do time de remo durante a temporada de primavera.

Eventualmente Connor, Ashton e eu nos reconciliamos. Não demorou muito para Connor ver que eu não era apenas mais um caso de uma noite para seu melhor amigo. Connor começou a namorar a garota loira – Julia - que se aproximou dele naquela noite no clube de comer. Nós até mesmo fomos a um encontro duplo. Foi estranho, mas até o final da noite, eu acho que isso ajudou a nossa amizade. Pelos olhares que peguei Connor me dando de vez em quando, eu sei que seus sentimentos por mim não desapareceram completamente. Espero que com o tempo, ele vai ver que não éramos um para o outro.

Ashton se mudou de volta para a casa no início do semestre de primavera. Eu fiquei muito lá. Isso também foi estranho no começo, mas Ashton rapidamente me fez esquecer os meus nervos... e qualquer outra coisa que não envolvia ele.

Uma das decisões mais difíceis que eu tive de fazer foi se queria ou não ficar em Princeton além desse primeiro ano. Eu tinha requerido uma transferência para Miami e, não surpreendentemente, ela foi aceita. Não havia nada que me mantinha em New Jersey , exceto Ashton. Ele termina a faculdade naquele ano, mas sua mãe ainda estava em New Jersey, e o pai de Reagan tinha oferecido o cargo de assistente técnico, enquanto ele pensava no que ia fazer. Eu trabalhei na minha própria decisão por semanas, não sei o que *me* faria mais feliz.

Então, uma noite, enquanto eu estava deitada na cama e delineando seu símbolo celta com meu dedo, Ashton me disse que ele iria comigo para Miami se eu escolhesse ir. Ele até mesmo começou a olhar casas de repouso lá com a ajuda de Stayner. Robert confirmou que o cargo de técnico assistente estaria sempre lá para ele.

E de repente fez a minha difícil decisão *muito* fácil. O que me fez saber que era o caminho certo.

Eu queria ir para casa.

E eu queria trazer Ashton comigo.

A porta se abre deslizando para trás e duas mãos fortes apertam sobre meus ombros. — Você nunca me disse que era tão quente em Miami — meu homem lindo resmunga, se inclinando para roubar a porção cheia de bolo do meu garfo, seguindo com um beijo

nos meus lábios. Eu grito quando gotas de suor pingam no meu rosto.

Meus olhos derivam sobre o revestimento de brilho em seu peito nu. Ashton tirou a noite para correr sem camisa desde que se mudou para cá, e ele está fazendo coisas muito ruins para meus hormônios todas as noites.

— A criança irá se acostumar com isso — ouço Trent murmurar por trás quando ele sai da casa, também suado e sem camisa, com uma toalha em volta do pescoço. Há cerca de uma diferença de oito anos entre Ashton e Trent, mas seus níveis de maturidade parecem ser iguais, porque eles se dão perfeitamente. Eu ainda não tenho certeza o que isso diz sobre qualquer um deles.

— O que é isso, a convenção de caras suados? — Com um cobertor por cima do ombro para ocultar discretamente o bebê trancado em seu seio, Storm se junta a nós, seguida de perto por um terceiro homem, sem camisa, suado - Ben. E assim, o deck ganha vida com as pessoas.

— Você é muito rápido, Princeton — o loiro robusto murmura e bate os dedos nos de Ashton.

Sorrio para o apelido. Todo mundo gostou de Ashton logo de cara. Incluindo o pequeno grupo de mulheres que passam na praia. É o mesmo grupo todas as noites. Elas descobriram que, se passarem por nossa casa a esta hora da noite, elas estão propensas a encontrar os homens seminus descansando no deck de trás. Que Kacey, Storm, e eu geralmente sentamos aqui também é um pequeno inconveniente...

— Olá! —Kacey acena dramaticamente para elas como ela faz todas as noites, claramente apreciando o fato de que seu homem está sendo mais babado. Ela aponta para Trent. — Ele é quinhentos por duas horas! — Balançando sua mão na direção de Ashton, ela acrescenta — Setecentos e cinquenta por ele, porque ele é mais jovem. Vocês precisam ver como ele faz a minha irmã gritar!

— Kacey! — Eu atiro, mas é tarde demais. Todo mundo está rindo e minhas bochechas estão queimando. Ashton se abaixa para dar um beijo no meu pescoço, como se isso fosse me distrair da minha mortificação. Por mais que eu tivesse saido da minha concha sexualmente reprimida, por assim dizer, eu ainda gosto de manter o que é privado... privado. Ashton respeita isso e ele não me provoca, tanto quanto eles fazem. Mas ele não consegue resistir quando o resto deles começam com isso. Eles parecem ter muito mais material sobre mim agora, graças a minha festa de boas-vindas, completo com muitas doses de shots de gelatina e paredes finas.

— E quanto a mim? Não sou digno de algumas moedas, Madame Kacey? — As mãos de Ben estão estendidas em questão, um olhar brincalhão de insulto em suas características atraentes.

— Eu *pago* quinhentos *para elas* para te tirar do meu cabelo por uma noite — Kacey geme. Mas ela segue imediatamente com uma piscadela.

— Eu peguei a dica. Estou indo para o Penny para tomar cerveja, de qualquer jeito. Hey, Princeton, certeza de que não quer que eu te arranje um emprego? Um bom dinheiro, um monte...

— Não, obrigada! — Eu respondo antes que Ashton possa. De jeito nenhum no inferno que meu muito bonito modelo de cuecas do Mediterrâneo vai trabalhar em um clube de strip. Eu não tenho a autoconfiança da minha irmã.

Ashton encolhe os ombros e, em seguida, com um sorriso lascivo em minha direção, diz — Eu estou bem aqui. Eu tenho as mãos cheias com essa aqui.

— Eu acho que ela poderia ser pior do que sua irmã — Trent acrescenta ironicamente.

Outra rodada de riso aquece meu rosto. — Que tal você ir encher suas mãos com um longo banho, sozinho? — Eu replico, batendo em seu estômago duro para dar ênfase. E então eu percebo que eu estou sendo implícita e estou enterrando meu rosto em minhas mãos, quando todos explodem em gargalhadas. De novo.

Verdade seja dita, Ashton não tem pressa para encontrar um emprego. Nós acabamos não mudando sua mãe para Miami depois de tudo. Ela morreu em paz, no final de abril, pouco antes dos exames. Eu estava com Ashton na manhã em que ele recebeu a ligação. Segurei perto de mim enquanto ele chorava em silêncio - lágrimas de tristeza e alívio, eu acho.

Há dinheiro suficiente para Ashton comprar algum tempo enquanto ele descobre as coisas. Ele não é rico, por qualquer meio, mas é o suficiente para curto prazo. Storm insistiu que ele morasse com a gente, então ele não está sobrecarregado com o aluguel. Ele já se inscreveu para aulas de voo, e está decidindo pela primeira vez, o

que ele quer fazer com sua vida. Acho que ele está saboreando cada segundo do processo.

Olhando para trás ao longo do ano passado, eu não posso acreditar como Ashton e eu viemos de situações familiares tão diferentes – a minha cheia de amor, a dele uma cheia de dor - e ainda assim acabamos exatamente no mesmo local, exatamente ao mesmo tempo: aprendendo a fazer as nossas próprias escolhas.

A única coisa que nós dois parecemos concordar é que queremos o outro lá em cada passo do caminho.

Eu sei, no meu instinto, que a escola de medicina não é o caminho certo para mim, independentemente da minha capacidade acadêmica. Mantive contato com o hospital infantil até que eu soube que Eric e Derek tinham terminado a sua quimioterapia e foram liberados. E então eu coloquei essa parte da minha vida para descansar. Vou dar séria consideração ao trabalho social. Embora não vai ser fácil - alguns desses garotos enfrentam situações piores do que o que Ashton enfrentou - eu sei que eu quero ajudar as crianças de uma forma significativa. Então Dr. Stayner ajeitou algum trabalho voluntário em um centro de assistência social para ver se é algo que a minha natureza frágil pode manipular. E se não for? Bem...

A vida é toda sobre a tentativa e erro.

Dr. Stayner e eu nos falamos com frequência. Dr. Stayner e Ashton se falam até mesmo com mais frequência. Stayner brinca que ele é o psiquiatra da nossa casa. Eu disse que ele deveria apenas morar com a gente. Eu ainda estou procurando a maneira correta de

expressar a adoração que eu sinto pelo homem e tudo o que ele fez por nós. Tudo o que ele continua fazendo por nós.

Dar-lhe o meu filho primogênito está começando a soar como uma opção razoável.

— Quando seus amigos chegam, Livie? — Storm pergunta enquanto ela ajusta seu top. As bochechas de Emily finalmente fazem uma aparição por trás da cortina de flanela, com um contente arroto.

— Amanhã à tarde. — Os rapazes e Reagan estão voando por alguns dias.

Eles ficaram chocados quando descobriram que a mãe de Ashton estava viva todo esse tempo, mas eles simplesmente ficaram lá por seu amigo naquele dia no final de abril e, em seguida, celebraram a vida dela com ele no Tiger Inn até as primeiras horas da manhã. Enquanto Ashton nunca poderá revelar todos os detalhes por causa de seu acordo com o seu pai, eu acho que os caras começaram a perceber que a vida de seu capitão estava longe de ser o que parecia.

E Reagan? Bem, além das três semanas de duração com que eu tive que lidar quando eu lhe disse que não ia voltar no outono, Reagan foi a melhor companheira de quarto e amiga que eu poderia pedir. Ela ainda está loucamente apaixonada por Grant. Talvez o suficiente para domar seu lado selvagem.

— Tudo bem! Então, nós vamos tocar o terror amanhã à noite, — exclama Ben, batendo palmas. Ele se abaixa para beijar Emily em seu rosto.

— Você fede! — Storm o empurra com uma risadinha e um nariz franzido.

— E com essa observação... — Ben estabelece um beijo molhado na testa de Storm e então se dirige para a casa com um grito de— Adeus!

Trent estende seus braços musculosos, longos sobre sua cabeça. — O Grill hoje à noite?

— Sim! Eu preciso de uma noite fora! — Storm exclama com um olhar frenético súbito em seus olhos. Como se ela fosse um animal enjaulado. Ela meio que é. — Dan vai estar em casa em uma hora e, em seguida, eu e estes sacos de leite estão mudando este conjunto. Deixe-me ir esvaziar eles. — Ela se foi com Emily em uma fração de segundo.

Os caras seguem discutindo sobre quem vai tomar banho primeiro, deixando Kacey e eu sozinhas no deck, mais uma vez.

Nós nos sentamos em silêncio por um longo momento, enquanto eu ouço as gaivotas e assisto as ondas calmantes rolar dentro — Você sabe que faz quase um ano desde aquela noite? — Deus, tudo está tão diferente! Eu ainda sou eu. E ainda que eu tivesse mudado muito.

— Huh. — Kacey pausa enquanto ela escava meu prato da minha mão. — Você quer dizer desde a noite que eu te disse que você estava completamente fodida? — Eu vejo a pequena onda de diversão em seus lábios enquanto ela lustra fora o último pedaço do meu bolo.

— Sim, essa mesma. — Eu estico meus braços para trás e aninho-os por trás da minha cabeça.

E eu sorrio.

Tradução

Ju, Mara

Revisão

Four Seconds to Lose (Ten Tiny Breaths #3)

Possuir um clube de strip não é a fantasia que todo cara espera que seja. Com longas horas, uma equipe de funcionários com problemas suficientes para manter uma enfermaria psiquiátrica em seus negócios, e com a polícia regularmente no seu encalço, Caim de vinte e nove anos de idade está começando a repensar sua missão silenciosa de salvar as mulheres que emprega. E, então uma loira, de olhos castanhos, Charlie Rourke anda através de sua porta, e as coisas ficam realmente complicadas. Caim mantem sua rigorosa regra de "não dormir com o pessoal". Mas, estar em torno de Charlie desafia o auto-controle de Cain... e tem sido um longo tempo desde que qualquer mulher tenha feito isso.

Vinte e dois anos de idade, Charlie Rourke precisa de muito dinheiro, muito rápido, a fim de desaparecer antes que seja tarde demais. Tirar a roupa para homens faz seu estômago embrulhar, mas Charlie diz para si mesma que, pelo menos está colocando suas habilidades de atuação e dança em uma boa utilização. E apesar de seus colegas dançarinos parecerem ansiosos para pegar seu sexy, sofisticado, e

genuinamente preocupado patrão, ela não está interessada. Afinal, Charlie Rourke realmente não existem, e a menina fingindo ser ela não pode se distrair com romance.

Infelizmente, Charlie descobre que desenvolver sentimentos por Caim é inevitável, e que esses sentimentos podem não ser correspondidos, mas perdê-lo quando ele descobre no que ela está envolvida, será mais doloroso do que qualquer outra sentença à sua espera.